

Organizadores

Dennis Castanheira
Nilza Barrozo Dias
Solange Coelho Vereza

(Re)construção

de Políticas de Pesquisa

Teoria e Análise Linguística



Pedro & João
editores

**(Re)construção de políticas de pesquisa:
Teoria e análise linguística**

Volume 1

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem

Coordenação-geral

Ivo da Costa do Rosário (coordenador)
Phellipe Marcel da Silva Esteves (vice-coordenador)

Coordenação de linhas de pesquisa

Linha 1 – Teoria e Análise Linguística – Luciana Sanchez Mendes
Linha 2 – Teorias do Texto, do Discurso e da Tradução – Beethoven Alvarez
Linha 3 – História, Política e Contato Linguístico – Xoán Lagares

Comissão organizadora do XIV SAPPIL & V SEPEL

Clara Bastos Faustino
Thauane Cristine Cardoso de Souza
Milena Silva dos Santos
Tainá Dias de Souza
Heraldo Alcântara de Andrade
Pedro Alexander Pinheiro da Silva
Gustavo José Pinheiro
Monique Rocha Vidal
Douglas Coelho Alves Ferreira
João Victor Lima Ferreira Dutra
Iuri Pavan Dias
Lídia Rocha Moraes

Edição dos e-books

Phellipe Marcel da Silva Esteves

Coordenação de produção dos e-books

Clara Bastos Faustino
Gustavo José Pinheiro
João Victor Lima Ferreira Dutra
Kaya Araújo Pereira

Livro financiado com recursos Capes/Proex, auxílio 1352/2023, processo
8881.844682/2023-01.



**Dennis Castanheira
Nilza Barrozo Dias
Solange Coelho Vereza
(Organizadores)**

**(Re)construção de políticas de pesquisa:
Teoria e análise linguística**

Volume 1

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Esta obra foi avaliada e aprovada por pareceristas no sistema de simples-cego.

Dennis Castanheira; Nilza Barrozo Dias; Solange Coelho Vereza [Orgs.]

(Re)construção de políticas de pesquisa: Teoria e análise linguística. Vol. 1.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 413p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1496-2 [Digital]

1. Políticas de pesquisa. 2. Análise linguística. 3. Análise do discurso. 4. Linguística. I. Título.

CDD – 410

Capa: Marcos Della Porta

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Lourdes Kaminski

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
Dennis Castanheira Nilza Barrozo Dias Solange Coelho Vereza	
PARTE 1: LÍNGUA EM USO	
UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO PREDICATIVA EM USO	13
Angelina Maganha Grigorio da Silva	
A MICROCONSTRUÇÃO [SEM FALAR]: UM OPERADOR ARGUMENTATIVO DE ACRÉSCIMO	31
Brenda da Penha de Oliveira	
CONECTORES DE FINALIDADE INSTANCIADOS PELO SUBESQUEMA [PREP [DET] N DE]connect: UMA ANÁLISE FUNCIONAL	47
Brenda da Silva Souza da Costa	
ASPECTOS PRAGMÁTICOS DA MICROCONSTRUÇÃO [SEI LÁ]_{MD}: UMA ABORDAGEM CENTRADADA NO USO	65
Cristian Matias do Nascimento Corrêa	
AS ORAÇÕES CORRELATAS CONTRASTIVAS ENCONTRADAS EM CONTEXTOS DIGITAIS	79
Érica do Socorro Barbosa Reis	
A MICROCONSTRUÇÃO CONECTORA NA TENTATIVA DE: UM ESTUDO CENTRADO NO USO	95
Gabriela Alves Conceição	

RESULTATIVIDADE É UMA CATEGORIA?	111
Hanna Ferreira da Silva	
USOS INOVADORES DE [DEVE (QUE)] EM MODALIDADE EPISTÊMICA: ESTRUTURAS PERIFÉRICAS À LUZ DA LINGUÍSTICA BASEADA NO USO	127
Jackson Douglas Schmiedek de Oliveira	
A CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE [POR ISSO]CONECTOR: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA CENTRADA NO USO	147
Mayra Laurindo Rabello	
AS RESUMPTIVAS NA NORMA CULTA CARIOCA	163
Michelle Silva dos Santos	
OS CONECTORES DE ACRÉSCIMO <i>ALÉM DE QUE</i> E <i>ALÉM QUE</i>: UM ESTUDO FUNCIONAL CENTRADO NO USO	175
Milena Silva dos Santos	
A CONSTRUÇÃO [<i>V</i>_ACONTECIMENTO<i>QUE</i>] E AS ESTRATÉGIAS PARA SUA FUNÇÃO ANUNCIADORA DE RESSALVA	191
Priscilla Hoelz Pacheco	
ANÁLISE FUNCIONAL DO CONECTOR “EM/NA BUSCA DE”: UMA VISÃO CENTRADA NO USO	207
Silvana Francisco Guedes Camilo Costa	
ANÁLISE DO CONECTOR “COM ISSO” SOB PERSPECTIVA PANCRÔNICA	225
Simone Josefa da Silva	

PARTE 2: ESTUDOS EM METÁFORA

- COVID-19 É GUERRA: UMA ANÁLISE DAS METÁFORAS BÉLICAS NAS MANCHETES DE JORNAIS BRASILEIROS E PORTUGUESES EM TEMPOS DE COVID-19** 245
Beatriz de Oliveira Alves

- METÁFORA, METALINGUAGEM E INTENCIONALIDADE: UMA ANÁLISE COGNITIVO-DISCURSIVA** 261
Leandro Leiroz Rodrigues de Azevedo

- AMOR DEMASIADO: UM ESTUDO DAS METÁFORAS CONCEPTUAIS E *FRAMES* QUE PERSPECTIVAM O AMOR COMO PATOLOGIA** 277
Marcela Fernandes dos Santos

- A FÉ, CRENÇA E RELIGIÃO: PERSPECTIVA MACHADIANA E CRISTÃ DA METÁFORA DA SEMEADURA** 293
Paulo Ricardo Pimentel Queyroi D Anna

PARTE 3: SEMÂNTICA FORMAL

- SEMÂNTICA E ENSINO: RELAÇÕES ASPECTO-TEMPORAIS NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS** 311
Érica Azevedo de Souza

- INTENSIFICADORES EXPRESSIVOS NAS LÍNGUAS NATURAIS** 327
Marcus Vinicius Ramos Vieira
Luciana Sanchez Mendes

**“A CAMA QUEBROU DO NADA!” OU “EU QUEBREI
A CAMA”: ALTERNÂNCIA DE TRANSITIVIDADE
DOS VERBOS AGENTIVOS** 343
Tainã Aparecida Rodrigues Amaro

PARTE 4: AQUISIÇÃO, ALFABETIZAÇÃO E LEITURA

**A PERCEPÇÃO DAS ILHAS SINTÁTICAS NA
AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM** 361
Adryanne dos Santos Neves Martins

**UMA INVESTIGAÇÃO PSICOLINGUÍSTICA SOBRE
A LEITURA EM TELA DE SMARTPHONE** 375
Kelly Cristine Oliveira da Cunha

**ALFABETIZAÇÃO E DISLEXIA: O ESTÁGIO DA
LEITURA EM ESPELHO** 391
Lienise Lins Silva

**INFLUÊNCIA DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS BILÍNGUES** 403
Yeneisy Quintela

PREFÁCIO

Anualmente, o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense realiza o Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-graduação, o SAPPIL, em que há a apresentação de diversos trabalhos em andamento de alunos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado. Por meio dessa iniciativa, há a possibilidade de discutir as pesquisas desenvolvidas, com a mediação de debatedores convidados e a participação de ouvintes.

Esta obra reflete as investigações científicas apresentadas na edição de 2023, que teve como tema “Estudos de linguagem: (re)construindo políticas de pesquisa”, e foi realizada de modo misto (presencial e remota) entre os dias 23 e 27 de outubro. São aqui contemplados, especificamente, os trabalhos desenvolvidos na Linha 1 – Teoria e Análise Linguística, que abarca diferentes vertentes teóricas, representando uma rica multiplicidade que se reflete nos capítulos aqui desenvolvidos.

Na parte 1, *Língua em Uso*, encontramos abordagens sobre diferentes [micro]construções: as predicativas e as correlatas contrastivas; a [SEM FALAR], como operador de acréscimo, e a *NA TENTATIVA DE* como conectora, assim como variadas formas conectoras de finalidade; temos os usos de [SEI LÁ] como marcador discursivo e os usos de [DEVE(QUE)] como modalizador preenchedor e marcador discursivo; além de uma reflexão sobre a resultatividade como uma categoria. Há, ainda, trabalhos sobre os conectores [POR ISSO], “COM ISSO”, “EM/NA BUSCA DE”, *ALÉM DE QUE* e *ALÉM QUE*, bem como uma pesquisa sobre as resumptivas na norma culta carioca e sobre a construção [V_{ACONTECIMENTO}QUE].

A parte 2 é dedicada a quatro estudos que têm como foco principal a abordagem cognitiva da metáfora. Mais especificamente, três desses trabalhos tratam de investigações de

metáforas constituídas por projeções dos domínios-fonte (de natureza mais concreta) “guerra”, “doença” e “semeadura”, para os domínios-alvo, mais abstratos, “Covid-19”, “doença mental” e “fé/religião”, respectivamente. Um quarto texto trata das práticas metalinguísticas (jogos de palavras) que têm a desconstrução da metáfora como alvo.

Na parte 3, há quatro textos da área de Semântica Formal. Sob um aporte teórico formalista, tais trabalhos são heterogêneos e focalizam o estudo do significado de modo descritivo-analítico e também voltado para o ensino. Suas perspectivas metodológicas são diversas e contemplam testes, discussões de *corpus* e propostas didáticas – como uma sequência didática, por exemplo.

Já a parte 4 apresenta trabalhos que abordam os temas “leitura”, “aquisição” e “alfabetização”. Os estudos apresentados se desenvolvem dentro de uma perspectiva psicolinguística para tratar dos seguintes tópicos: as habilidades de consciência fonológica, a importância da discriminação em espelho durante a leitura, o desempenho da leitura em tela de smartphone e, por fim, o processamento do sintagma nominal (SN) complexo, durante o período de aquisição. As metodologias adotadas são de caráter majoritariamente experimental.

Esclarecemos, com isso, que este e-book contempla pesquisas, em diferentes pontos de desenvolvimento, escritas por discentes de Mestrado e de Doutorado da Linha 1 e também por alguns dos seus orientadores. A partir de um arcabouço teórico e metodológico amplo e multifacetado, representam a heterogeneidade das investigações da Linha e o seu adequado desenvolvimento investigativo.

Desejamos a todos uma excelente leitura da obra.

Dennis Castanheira (UFF)
Nilza Barrozo Dias (UFF)
Solange Coelho Vereza (UFF)

PARTE 1
LÍNGUA EM USO

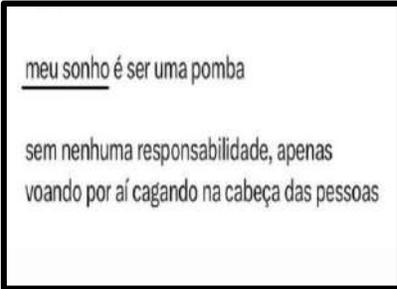
UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO PREDICATIVA EM USO

Angelina Maganha Grigorio da Silva¹

Considerações iniciais

O objetivo geral deste trabalho é analisar as orações predicativas que apresentam o esquema [X SUJEITO oracional ou sintagmático verbo *ser* [Y PREDICATIVO oracional]], conforme os exemplos apresentados a seguir:

Figura 1: Orações infinitivas e SN + oração infinitiva predicativa

Orações infinitivas sujeito e predicativo	SN sujeito verbo <i>ser</i> OR. (IN)FINITIVA predicativa
	
Fonte Instagram ²	Fonte: Instagram ³

Há pouco estudo sobre as orações predicativas, pois as gramáticas tradicionais designam uma seção muito tímida a essas orações, na parte em que tratam das orações subordinadas

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – UFF, sob orientação da Professora Nilza Barrozo Dias. E-mail:angelinamaganha@gmail.com.

² Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CrGYNS6uqxg/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==> > Acesso em: 06 fev. 2024.

³ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CvhdSO9rmSf/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==> > Acesso em: 06 fev. 2024.

substantivas, grupo em que as predicativas são alocadas na tradição gramatical (Cunha; Cintra, 2017; Bechara, 2019).

O objetivo é analisar as características estruturais e semântico-pragmáticas da construção predicativa a fim de entender as diferentes maneiras de usos dessa construção, descrevendo a forma e o significado do sujeito sintático e da oração predicativa, apontando as especificidades da conexão entre as orações.

A hipótese é a de que o escrevente elege a construção predicativa para expressar qualificação de um sujeito oracional ou sintagmático. A forma verbal de infinitivo é bastante recorrente pelo seu aspecto mais nominal.

O intuito é também verificar a disposição e a semântica dos verbos não finitos no contínuo de finitude da construção (Givón, 1989; Rosário, 2022); e o comportamento dos conectivos que podem ser considerados híbridos, por possuírem, ao mesmo tempo, a função de introduzir a função predicativa e de atribuir circunstâncias expressas pelos elementos, como *comparação*, *finalidade*, *tempo* e *assunto*.

Aporte teórico

Linguística Baseada no Uso (LBU)

A LBU abarca o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva. O Funcionalismo desempenha importante papel, ao considerar nas análises linguísticas as relações entre língua e mundo, já que a língua e o mundo não são mais vistos como entidades distintas a partir do surgimento dessa perspectiva (Rosário, 2022). Nessa seara, a semântica e a pragmática promovem uma importante associação entre discurso e gramática, enriquecendo as análises linguísticas, ao assumirem centralidade nos estudos linguísticos.

As línguas mudam com o passar do tempo e essa mudança ocorre de forma regular, portanto, é extremamente necessário que se considerem os fatores de mudança e de gradiência, conforme observado nos modelos baseados no uso.

Na LBU, os processos de domínio geral ajudam a compreender os mecanismos que são geradores das estruturas linguísticas. A reanálise é utilizada para recategorizar elementos linguísticos utilizados em novas estruturas, possibilitando novas análises; a categorização permite ao falante/escrevente estocar novas informações a partir das semelhanças com construções já conhecidas anteriormente. Essas informações novas podem ser utilizadas para atender suas necessidades comunicativas (Bybee, 2016).

A memória enriquecida é o processo que se encarrega da estocagem mental de detalhes da experiência do falante/escrevente com a língua. “A memória para formas linguísticas é representada em exemplares, construídos com base em ocorrências de experiência linguística que são consideradas idênticas” (Bybee, 2016, p. 27); a analogia permite a criação de novos enunciados a partir da experiência prévia do falante/escrevente. Vale lembrar que a analogia requer categorização: “as partes de ocorrências anteriormente produzidas podem ser segmentadas em unidades que são alinhadas e categorizadas antes que novos enunciados possam ser formados com eles” (Bybee, 2016, p. 37).

Revisão da literatura

Conexão de orações

Na tradição gramatical, há dois processos de conexão, por meio dos quais, as orações se unem formando um período composto: a coordenação e a subordinação (Cunha; Cintra, 2017; Bechara, 2019). Azeredo (2014, p. 294) menciona a (in)dependência das orações coordenadas e subordinadas como parâmetros para a classificação.

De acordo com Garcia (2010), na tradição gramatical, a subordinação engloba todas as orações que se distinguem da coordenação. Esse é o princípio da dicotomia coordenação/subordinação. Como a visão tradicional observa a relação das orações com base apenas no critério de haver ou não dependência,

sem considerar que há diferentes níveis de dependência, todas as orações que não estão numa relação de coordenação são consideradas subordinadas.

As orações predicativas

Para os gramáticos tradicionais (Cunha; Cintra, 2017; Bechara, 2019), as orações predicativas se ligam a outra oração do período composto em uma relação de subordinação, já que desempenham funções sintáticas de termos da outra oração que chamam de principal, sendo dependentes sintaticamente desta última. Para esses gramáticos, as orações predicativas são alocadas no grupo das orações subordinadas substantivas por exercerem funções sintáticas que os substantivos exercem nos períodos simples, como sujeito e predicativo do sujeito, por exemplo.

O sujeito e o predicado são termos da oração que exercem função sintático-semântica (Bechara, 2019). O autor acrescenta ainda que “Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo”, e que sintagmas adverbiais podem integrar o predicativo.

Nesta seara, Azeredo (2014) observa que, dada a versatilidade do verbo de ligação *ser*, é possível que um grupo mais variado de estruturas participe da relação sujeito-predicativo. Veja alguns dos exemplos listados pelo autor:

Estas fotografias **são** *de quando meu avô era alfaiate.*

Minha maior preocupação é *quando preciso dirigir à noite.*

‘Acho que o verdadeiro risco é *quando cessar o efeito da novidade e tudo voltar ao normal*’ [Ventura, *O Globo*, 9/7/2008]. (Azeredo, 2014, p. 316).

A contribuição de Azeredo (2014) é muito relevante para esta pesquisa que aborda construção predicativa, pois o autor também apresenta predicativos com conectores que combinam noções de comparação, tempo e finalidade.

O tratamento da conexão de orações baseado no uso

Os estudos funcionalistas advogam em favor de uma análise que considere a relação entre a forma e a função das partes que se conectam nas construções. Além da incorporação dos componentes semântico e pragmático às análises linguísticas, nos estudos funcionalistas, há o predomínio de uma visão diferenciada quanto à forma de se estabelecer o tipo de conexão de orações, pois trabalha-se com a noção de um contínuo de integração sintática (Thompson, 1984; Lehmann, 1988; Hopper; Traugott, 2003).

É necessário atentar-se ao fato de que há orações de diferentes estatutos no grupo das orações que a tradição gramatical (Cunha; Cintra, 2017; Bechara, 2019) convencionou chamar de subordinadas. Um exemplo disso são as orações adverbiais, que não expressam grau máximo de integração em outra oração, diferente do que ocorre com as orações substantivas. Nessa perspectiva, o *status* de subordinação fica reservado às orações que são mais dependentes e mais encaixadas em outra (Thompson, 1984).

Hopper e Traugott (1993) propõem pensar a conexão de orações sob o enfoque da gramaticalização. Segundo eles, as construções constituídas por duas ou mais orações devem ser distribuídas em um contínuo, pois, além da parataxe (- dependência e - encaixamento) e da hipotaxe (+ dependência e - encaixamento), há um terceiro ponto que é a subordinação (+ dependência e + encaixamento). Braga (2001) propõe repensar o tratamento dispensado às orações reduzidas, já que as hipotáticas podem ser + dependentes, porém menos encaixadas em outra oração. Por outro lado, as orações que funcionam como argumentos são + dependentes e + encaixadas em suas orações matrizes.

Abreu (1997) propõe analisar a conexão de orações com base no estabelecimento de limites e graus de prototipicidade para que se torne possível determinar o tipo de conexão das orações em português. As orações podem ser pensadas num contínuo com base nos limites e graus de prototipicidade que as direcionam para o tipo de conexão de oração que apresentam.

Por considerar essa característica que a língua apresenta de ser gradiente, a sintaxe funcional defende limites difusos entre categorias com zonas de sobreposição, conforme observado por Rosário (2022, p. 6).

De acordo com Givón (1989), o infinitivo apresenta nominalização lexical quando é empregado em posição nuclear do sintagma. Nesse caso, o infinitivo é [+ nominal], ou seja, ocupa a posição mais próxima à categoria dos nomes no contínuo. Porém, por outro lado, o infinitivo ocupa posição mais próxima à categoria dos verbos quando empregado em contextos em que apresenta a forma verbal com marcas flexionais. Deste modo, o infinitivo pessoal do português é a forma que apresenta característica plena de verbo. Já as situações de emprego do infinitivo na forma não finita exigem que se analise o contexto de uso para se determinar se eles expressam ou não eventos.

O escrevente usa as características das predicativas com sintagmas, que ele tem estocado na memória enriquecida, para reconhecer e criar a construção predicativa, de base verbal, indicando qualificação do sujeito. Mas ele pode ainda acrescentar os conectores de valor adverbial para introduzir as orações predicativas, por analogia com as predicativas com sintagmas e por reanálise dos articuladores de base semântica adverbial, quer na forma de conjunção, quer na de preposição, na função de conjunção integrante.

Metodologia

A análise dos dados se baseia em pressupostos teóricos de Modelos Baseados no Uso. O *corpus* de análise se constitui de 600 construções predicativas com verbo, *ser* flexionado na terceira pessoa do presente do indicativo, coletados do *Instagram*. A coleta ocorreu a partir do *feed*, no período de abril a novembro de 2023. O *print* foi a forma de registro escolhida.

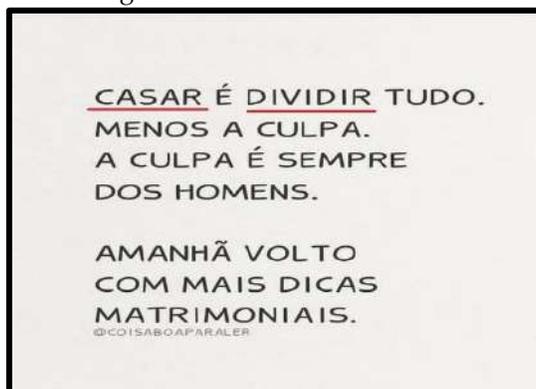
A análise abarca aspectos formais e funcionais da construção predicativa, analisando a forma do sujeito e do predicativo; a forma-função das orações; e a forma verbal infinitiva sob o viés da gradiência Givón (1989). A rede social foi escolhida pelo fato de que esses espaços de interação social também afetam a língua (Araújo, 2010; Recuero, 2016).

Análise dos dados

Nesta seção serão analisados 8 dados de uso da construção predicativa coletados para esta pesquisa. As construções podem apresentar os seguintes padrões:

(i) OR. INFINITIVA_{sujeito} verbo *ser* OR. (IN)FINITIVA_{predicativa};
(ii) SN_{sujeito} verbo *ser* OR. (IN)FINITIVA_{predicativa}; (iii) OR. INFINITIVA_{sujeito} verbo *ser* OR. (IN)FINITIVA_{predicativa} / CONECT: *como, para, quando, sobre*; e (iv) SN_{sujeito} verbo *ser* OR. (IN)FINITIVA_{predicativa} / CONECT: *como, para, quando, sobre*. A ordem de análise dos dados segue os padrões propostos acima.

Dado 1: Categoria do infinitivo: + nominal e + verbal



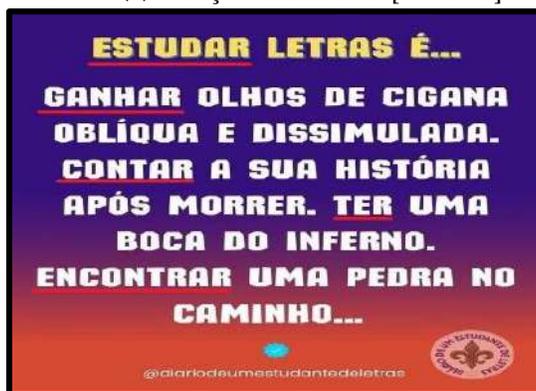
Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cq4Ib0suD6_?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==> Acesso em: 01 fev. 2024.

O processo de categorização (Bybee, 2016) permite perceber que a forma verbal infinitiva, *casar*, desempenha papel de sujeito oracional do verbo *ser*, pois funciona como sujeito oracional. Portanto, nessa construção, *casar* adquire um caráter de maior nominalidade, nos termos de Givón (1989); Rosário (2022). Observe que *casar* não foi empregado no sentido de praticar o ato de casar, não significa ir à igreja ou ao cartório e dizer “sim” diante de uma autoridade instituída do poder de declarar pessoas casadas, já que não denota a ação expressa pelo verbo quando empregado em seu sentido + verbal, porque faz referência a ser casado, a atributos de estar casado (seguindo os critérios do escrevente sobre o que significa estar/ser casado).

Já no segundo segmento da construção, a forma verbal também infinitiva, *dividir*, por outro lado, denota a ação executada pelo sujeito oracional, na perspectiva do escrevente sobre o que significa estar casado, o que o aproxima da categoria dos verbos. Em síntese, os estudos funcionalistas sobre integração de orações se ocupam da distribuição gradual das orações ao longo de um contínuo considerando que há orações que apresentam mais e menos integração sintático-semântica. Assim, a ideia de gradiência abarca toda a sintaxe funcional, não só a integração de orações, pois

até mesmo a categorização, já que um termo, a exemplo do infinitivo, pode estar mais à direita ou à esquerda quando disposto em um contínuo, isto é, pode apresentar mais aspectos verbais ou nominais. Aproxima-se de uma construção predicativa equativa.

Dado (2): Orações infinitivas [+ verbal]



Fonte: Disponível em: < https://www.instagram.com/p/Cs1P4aUL_Yh/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng== > Acesso em: 02 fev. 2024

Diferente do que ocorre no dado anterior, nesta ocorrência todas as formas infinitivas apresentam aspecto [+verbal]. A construção apresenta o sujeito oracional infinitivo, *Estudar letras*, ligado a várias orações predicativas coordenadas entre si, *ganhar olhos de cigana oblíqua e dissimulada*¹; *Contar a sua história após morrer*²; *Ter uma boca do inferno*³; *Encontrar uma pedra no caminho*⁴. Assim como o sujeito oracional, todos os predicativos apresentam núcleos oracionais em sua forma infinitiva (ganhar, contar, ter, encontrar). Exceto o verbo - *ter* - que é relacional de posse, todos os demais são verbos nocionais e foram empregados, ainda que de forma metafórica, preservando o aspecto de cada verbo. Nesta construção o sujeito oracional também exprime a noção de alguma ação que é praticada.

Dado (3): Or SN_{sujeito} + Or infinitiva _{predicativa}

**Bravura é
acordar cansado
todas as manhãs
e mesmo assim
ir lutar por uma
vida melhor.**

@motivacaoenegocios.br

Fonte: Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CvpBAQhuy--/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==> > Acesso em: 02 fev. 2024

No exemplo acima, a construção *Bravura é acordar cansado todas as manhãs e mesmo assim ir lutar por uma vida melhor* apresenta sujeito SN, *bravura*, e o predicativo, *acordar cansado todas as manhãs e mesmo assim ir lutar por uma vida melhor*. A oração com função predicativa apresenta as formas verbais infinitivas *acordar*, *ir* e *lutar*. Assim como no exemplo anterior, nota-se que o aspecto verbal é presente, já que denotam ações dos processos verbais: *acordar* - mudar do estado adormecido para o estado acordado, despertar do sono; *ir* a algum lugar onde posso estar a vida melhor; e *lutar*, que ainda que não esteja empregado em seu sentido literal (estar numa luta), denota a ação de buscar uma vida melhor.

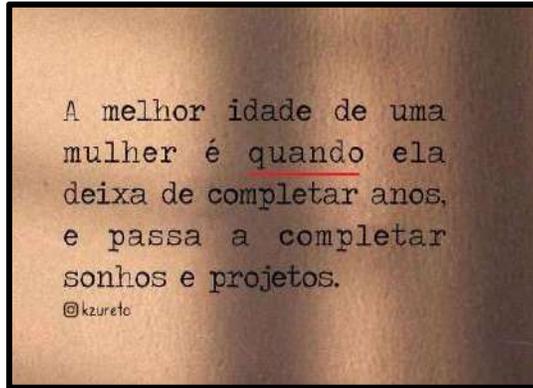
Dado (4): Predicativa desenvolvida com *que*



Fonte: Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CtU2PKlgIG7/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==>> Acesso em: 02 fev. 2024

Neste dado há uma ocorrência de construção predicativa, cuja especificidade é sua forma desenvolvida. A construção predicativa, *O problema é que as pessoas acreditam em mentiras e duvidam de verdades*, é formada pelo SN, *o problema*, em posição de sujeito sintático da construção. A oração predicativa desenvolvida, *que as pessoas acreditam em mentiras e duvidam de verdades*, apresenta as formas verbais finitas, *acreditam* e *duvidam*, flexionadas na terceira pessoa do plural no presente do modo indicativo, pois possuem como sujeito o SN, *as pessoas*. Nesta ocorrência há sujeito SN nas duas orações, o que faz com que esse grupo de dados se distinga de todos os outros grupos quanto a sua forma.

Dado (5): Predicativa com *quando*



Fonte: Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CuakJ55LyJr/?igsh=endqeTdwbtA4Y2Ny>> Acesso em: 07 jul. 2023.

No exemplo acima, a construção, *A melhor idade de uma mulher é quando ela deixa de completar anos, e passa a completar sonhos e projetos*, apresenta sujeito SN, *A melhor idade de uma mulher*, e o predicativo, *quando você amadurece e percebe que nada é mais importante do que sua paz de espírito*, cujos segmentos são ligados pelo verbo “é”. Neste dado a oração que funciona como predicativo apresenta o conector, *quando*, que expressa a ideia de tempo ao mesmo tempo em que funciona como conjunção integrante ao introduzir a oração predicativa. Essa ocorrência ocupa posição no contínuo mais ao lado dos menos prototípicos, por se tratar de uma construção predicativa, já que cumpre o papel de definir o que é *a melhor idade de uma mulher*; no entanto, o conector *quando* preserva sua característica semântica de introduzir a noção de tempo, pois indica quando se encontra a melhor idade de uma mulher que é *quando ela deixa de completar anos, e passa a completar sonhos e projetos*.

Dado (6): Predicativa com *como*



Fonte: Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CrLmzblOm0E/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng==> > Acesso em: 02 fev. 2024

Neste exemplo, a construção, *Ter uma filha é como ter uma amiga sem dinheiro, que acha que você é a amiga rica*, apresenta sujeito oracional, *Ter uma filha*, da construção e o predicativo, *como ter uma amiga sem dinheiro, que acha que você é a amiga rica*. Este dado apresenta a oração que funciona como predicativo, mas é introduzida pela partícula *como*, que expressa a ideia de comparação entre as informações apresentadas na oração subjetiva, *Ter uma filha*, e na oração predicativa, *ter uma amiga sem dinheiro*. Embora estruturalmente diferente, é possível perceber se tratar de um predicativo introduzido por *como*. É importante observar que a oração predicativa, *como ter uma amiga sem dinheiro, que acha que você é a amiga rica*, introduzida pelo conector, *como*, desempenha a função de definir o que é *ter uma filha*, além de atribuir à construção a circunstância conferida pela partícula, *como*. Isto porque o conector compara as informações *ter uma filha* a *ter uma amiga com as mesmas características*.

Dado (7): Predicativa com *sobre*



Fonte: Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/Cv71VMxgihY/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==> > Acesso em: 02 fev. 2024

Neste exemplo, a construção, *A vida é sobre fazer cada dia valer a pena*, é formada pelo sujeito SN, *A vida*, e pela oração predicativa, *sobre fazer cada dia valer a pena*, ligados pelo verbo de ligação, *é*. O conector, *sobre*, introduz a oração com função predicativa e atribui à construção a circunstância de assunto: sobre o que *a vida é*. Com esses dados menos prototípicos, percebe-se que o escrevente recategoriza as formas linguísticas existentes que tem estocada na memória e reanalisa os usos das expressões que são validadas para conceituar e introduzir assunto simultaneamente. Dados como estes, apesar de raros, ajudam a observar os novos padrões linguísticos emergentes entre os escreventes.

Dado (8): Predicativa com *para*



Fonte: Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cu5LTNjOzVM/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==>> Acesso em: 02 fev. 2024

Com este dado apresentamos a construção predicativa, *Terapia não é só para tratar suas feridas. É também para você não machucar os outros*. O SN, *Terapia*, funciona como sujeito da construção e é ligado às orações predicativas, *só para tratar suas feridas*¹, e, *É também para você não machucar os outros*, pelo verbo de ligação, [não] é. As orações predicativas são introduzidas pelo conector, *para*, que indica a finalidade de *fazer terapia*. É possível perceber que, apesar de as orações *só para tratar suas feridas*¹ e *É também para você não machucar os outros* não deixam de funcionar como predicativas, pois conceituam o sujeito da construção, *terapia*; ainda que adicione também a circunstância de finalidade que é um forte componente de significado no plano da função, isto é, *para* que serve a terapia.

Conclusão

A análise dos dados demonstrou que as formas infinitivas, mesmo que pertencendo ao grupo dos verbos, podem apresentar valor mais nominal ou verbal, dependendo do contexto de uso e da motivação do falante/escrevente (Givón, 1989; Rosário, 2022), ao se

aplicar a noção de gradiência da língua tão cara aos estudos funcionalistas.

Dados com articuladores podem ser considerados híbridos, pois é uma construção predicativa que apresenta articuladores de base semântica adverbial na forma de conjunção ou de preposição, mas funcionando como conjunção integrante, e preservam suas características intrínsecas quando empregados nas construções, *quando* (noção de tempo); *como* (comparação); *sobre* (assunto) e *para* (finalidade).

O emprego de SN funcionando como sujeito mostrou-se mais produtivo, ou seja, foi possível perceber mais variação na estrutura da construção, como modo verbal da oração predicativa e uso de articuladores nas orações predicativas. O verbo no infinitivo impessoal atribui valor mais geral à construção; enquanto que com sujeito SN o valor é mais específico, pois há o agente da ação expresso na construção.

Referências

- ABREU, A. S. Coordenação e subordinação - uma proposta de descrição gramatical. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 41, 1997.
- ARAÚJO, J. C. R. de. Transmutação de gêneros na web: a emergência do chat. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 39. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2019 [1961].
- BRAGA, M. L. Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 23-34, 2º semestre 2001, p. 23-34.

BYBEE, J. Uma perspectiva da língua baseada no uso. *In: Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed., reimp. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GIVÓN, T. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. *In: CRAIG, C. (Ed.) Noun Classes and Categorization*. New York: Academic Press, 1989.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LEFFA, V. (org.). *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. *In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.

RECUERO, R. C. Discurso mediado por computador nas redes sociais. *In: ARAÚJO, J.; ROSÁRIO, I. da C. ReVEL na Escola: Sintaxe Funcional. ReVEL*, v. 20, n. 39, 2022. Disponível em: www.revel.inf.br

THOMPSON, S. A. Subordination in formal and informal discourse. *In: SCHIFFRIN, D. (Ed.) Meaning, form, and use in context: linguistic applications*. Washington: Georgetown University Press, 1984, p. 542-558.

A MICROCONSTRUÇÃO [SEM FALAR]: UM OPERADOR ARGUMENTATIVO DE ACRÉSCIMO

Brenda da Penha de Oliveira¹

Introdução

O presente trabalho tem como objeto a microconstrução operadora argumentativa de acréscimo [*sem falar*] em uso no Português Contemporâneo:

- (1) Os fundamentos de maior impacto da chamada ‘comunicação por conteúdo’ estão na era de ouro do rádio, a partir de 1930, com as soap operas produzidas pela P&G, Lever e suas concorrentes e que entraram com toda a força no mundo da TV. # [Sem falar] em um projeto como o Guia Michelin, que popularizou os guias de viagem na França e Europa e tinha como objetivo final promover a marca e a venda de pneus. Sua primeira edição é de 1900; sim, no último ano do século XIX. Saiu com 35.000 exemplares, para uma população de cerca de 3 mil carros na França. (<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-morte-da-propaganda-e-uma-lenda-urbana/>).

A reportagem acima desmente a história de que as propagandas morrerão, comparando as diferentes estratégias utilizadas ao longo do tempo. Para argumentar, o autor lista os recursos de antigamente: i) as soap operas, e ii) o Guia Michelin. Nesses contextos, percebemos que [*sem falar*] acrescenta uma informação ao ponto apresentado.

¹ Mestranda em Estudos de Linguagem na UFF, sob orientação do Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes. Bolsista Capes. E-mail: brendapenha@id.uff.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9531-9122>

Baseados na Linguística Funcional Centrada no Uso, vertente que compatibiliza pressupostos funcionalistas e cognitivistas, pelo viés da Gramática de Construção, acreditamos que a microconstrução [*sem falar*] forme um *chunk* (Bybee, 2016), funcionando como um operador argumentativo (OA). Entendemos os OA como: “elementos linguísticos que permitem orientar nossos enunciados para determinadas conclusões” (Koch, 2016, p. 64).

Para este capítulo, objetivamos analisar a microconstrução [*sem falar*], identificar seus contextos de uso e descrever suas propriedades da forma e do sentido. Logo, nas próximas seções, apresentamos uma breve revisão da literatura sobre os elementos que compõem nosso objeto e os pressupostos teórico-metodológicos que embasam esta pesquisa. Em seguida, expomos os resultados parciais e a conclusão.

Revisão da literatura

O primeiro termo que constitui a microconstrução em estudo é a preposição *sem*. Em uma breve análise sobre a classe gramatical, observamos que essa preposição subordina um conseqüente ao antecedente com a semântica de modo e condição (Neves, 2018). Na seção sobre *Resultados parciais*, observamos os usos encontrados de [*sem falar*] com esses sentidos.

Em relação ao segundo item da construção [*sem falar*], verificamos que os verbos são a classe gramatical rica em variação, pois se combinam com morfemas para expressar ideias de tempo, modo, pessoa e número. Entretanto, reparamos que os usos são cristalizados em uma única forma, *falar*. Apoiados em Bechara (2009), entendemos a forma nominal infinitiva como equivalente a um substantivo, podendo ser pessoal ou impessoal.

Nas ocorrências como operador argumentativo, *falar* mantém sua capacidade de selecionar argumentos internos e fixa na forma impessoal. Além disso, com base em Furtado da Cunha (2004), compreendemos *falar* como um verbo *dicendi*, isto é, um verbo de enunciação com complementos indiretos.

Após a explanação sobre os itens que compõem [*sem falar*], é necessário observar o tratamento das relações aditivas nos compêndios gramaticais com o objetivo de compreender o sentido veiculado por [*sem falar*]. Em viés tradicional e funcionalista, encontramos a definição de adição como a soma de elementos da mesma natureza realizada por uma conjunção coordenativa (Rocha Lima, 2018; Bechara, 2009; Neves, 2018). Tal visão é confirmada em conjunções prototípicas, como *e* e *nem*: “O médico veio *e* telefonou mais tarde” (Rocha Lima, 2018, p. 235). Nesse exemplo, notamos que *e* une orações gramaticalmente similares. A primeira oração tem seu sentido completo e é formada por sujeito e verbo; a segunda oração também. Entretanto, vemos que o mesmo não acontece ao verificarmos ocorrências de [*sem falar*]:

(2) O Brasil tem uma das maiores e melhores aviações agrícolas do planeta. Iniciado no país em 1947, o setor é utilizado tanto no tratamento de lavouras contra pragas quanto na semeadura e aplicação de fertilizantes, [**sem falar**] no combate a incêndios florestais e até no trato de florestas e recuperação de vegetação em áreas de difícil acesso. O setor aeroagrícola está presente nas principais lavouras estratégicas do agro brasileiro, garantindo eficiência e produtividade com tecnologia de ponta, alta precisão e segurança operacional e ambiental. (<https://blogs.canalrural.uol.com.br/aviacaoagricola/2019/06/16/gasolina-escassa-tempo-acabando-e-sorte-se-esvaindo/>)

No dado (2), o [*sem falar*] é posposto à oração núcleo e utilizado para somar os benefícios da aviação agrícola no Brasil. Percebe-se que: i) a utilização no tratamento de lavouras contra pragas; ii) a semeadura e aplicação de fertilizantes; e iii) o combate a incêndios florestais e recuperação das áreas de difíceis acesso são pontos que favorecem a argumentação. No entanto, não há uma simetria entre os argumentos mencionados e o último ponto desenvolvido recebe maior atenção.

Por isso, compreendemos que a noção de adição ainda está muito atrelada à coordenação de elementos da mesma natureza.

Portanto, para fins didáticos, optamos por nos referir à ideia expressa pelo [*sem falar*] como de acréscimo, entendendo a natureza distinta entre os argumentos que relaciona e diferenciando-o dos conectores aditivos.

Por fim, após uma revisão dos trabalhos e gramáticas referentes à noção de acréscimo, à preposição *sem* e ao verbo *falar*, notamos que não há nenhum indício para essa nova função. Com isso, apoiamo-nos na LFCU para analisar e descrever os usos de [*sem falar*] como um operador argumentativo de acréscimo.

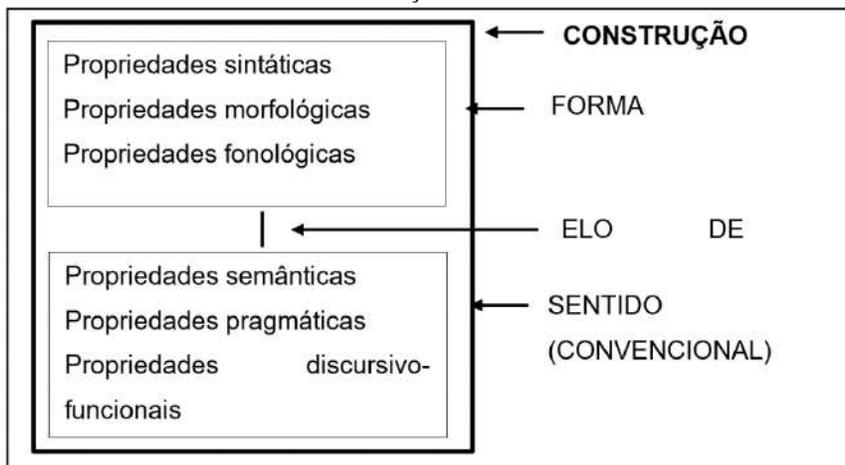
Pressupostos teórico-metodológicos

A Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante, LFCU) é uma nova fase da Linguística Funcional norte-americana com contribuições da Linguística Cognitiva, pelo viés da Gramática de Construções. Essas vertentes dialogam em diversos aspectos, como a visão holística da gramática, a rejeição à autonomia da sintaxe e a análise da língua em uso.

Apoiados na abordagem construcional, a LFCU entende que a língua possui um grande inventário de construções, o *constructicon* (*construction + lexicon*). Nesse inventário, as construções são nós interligadas por links. Além disso, a língua é concebida como um sistema adaptativo complexo (Bybee, 2016) e atrelada aos processos cognitivos de domínios gerais.

Para a LFCU, a construção é o pareamento simbólico entre forma e sentido, representado por “[F] ↔ [S]” (Traugott; Trousdale, 2021), na qual a flecha de duas cabeças indica o elo entre as propriedades e os colchetes, a convencionalização. Dessa maneira, as construções possuem aspectos da forma e do significado como esquematizado por Croft (2001), figura 1.

Figura 1: Modelo da estrutura da construção segundo a gramática de construções radical



Fonte: Croft (2001, p. 18).

Assim, ao estudar as construções, é necessário observar as propriedades da forma — sintaxe, morfologia e fonologia — e do sentido, envolvendo a semântica, a pragmática e os aspectos discursivos-funcionais, como faremos nos *Resultados parciais*.

Com base na abordagem construcional, Traugott e Trousdale (2021) consideram três fatores para as análises: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade é o nível da abstração, no qual surgem novas construções na língua. Segundo os autores, os esquemas linguísticos instanciam subesquemas e, em níveis mais baixos, microconstruções. A microconstrução [*sem falar*] é pertencente ao subesquema [*sem Vdicendi*]. Em outras palavras, é uma das microconstruções instanciadas pelo subesquema, assim como [*sem contar*], [*sem mencionar*], [*sem dizer*] e outras.

A produtividade é a segunda propriedade e está relacionada à extensibilidade da construção. Para isso, são necessárias as frequências *type* (de construção) e *token* (do construto). Observando a frequência *type*, vemos que o subesquema [*sem Vdicendi*] é altamente produtivo, já que encontramos outros verbos *dicendi* atuando junto à preposição *sem* em contexto de adição, por exemplo:

(a) 'O valor em si é caro, mas você está investindo em sua propriedade e tem toda a questão do parcelamento com taxas de juros abaixo do mercado, **sem contar** a economia na redução da conta de luz'. (<https://www.opantaneiro.com.br/noticias/governo-do-estado-incentiva-uso-de-energia-solar-nas-propriedades-da/136827/>).

Por fim, a composicionalidade, terceiro fator, corresponde à transparência entre forma e significado. Segundo Rosário e Oliveira (2016), a composicionalidade pode ser semântica ou sintática. Como veremos nos *Resultados parciais*, [sem falar] tem perda parcial da composicionalidade semântica, uma vez que *sem* não significa explicitamente a ausência de algo; e da composicionalidade sintática, já que o verbo *falar* não possui um sujeito marcado, mas continua com a característica de selecionar argumentos internos.

Além disso, para a LFCU, a língua emerge à medida que é usada, assim uma inovação é utilizada a ponto de ser convencionalizada por um grupo de falantes. Ao final do percurso de mudança, uma construção reduz sua frequência, podendo chegar à obsolescência. Nesse processo de mudança, ocorrem diversos mecanismos, dentre eles destacamos a neoanálise, automatização e o *chunking*.

Segundo Traugott e Trousdale (2021), a neoanálise é um mecanismo cognitivo responsável pelos micropassos de mudança. Em outras palavras, ela permite que, em contextos de ambiguidade, uma microconstrução seja reinterpretada por uma comunidade de falantes e ganhe novos usos.

Já de acordo com Bybee (2016), a mudança linguística está relacionada à frequência. Palavras utilizadas frequentemente juntas formam um *chunk*, isto é, uma única unidade de forma e sentido. Também pela repetição, as palavras ficam mais automatizadas, ou melhor, são produzidas com menos esforço e movimentos articulatórios e/ou cognitivos. Em [sem falar] notamos que foi constituído um novo *chunk* na língua, mais automatizado.

Um outro conceito caro a nossa pesquisa é a intersubjetividade. Segundo o funcionalismo, o falante utiliza de recursos para captar o seu ouvinte. Portanto, em uma comunicação, as palavras podem ser mais objetivas ou mais intersubjetivas, com marcadores envolvendo os interlocutores. Tantucci (2018) complementa essa visão com base na Teoria da Mente (ToM). Para o estudioso, (in)conscientemente o locutor seleciona no seu léxico palavras para atingir não só o seu interlocutor, como também o contexto inserido. Nesse sentido, o ato comunicativo é intersubjetivo, variando em intersubjetividade imediata — com um interlocutor específico — ou estendida a um interlocutor genérico.

Além disso, este trabalho fundamenta-se na Semântica Discursiva (Ducrot, 1981). Segundo esta vertente, a argumentatividade é algo inerente às línguas e os falantes recrutam certos vocábulos para orientarem na argumentação. Dessa forma, apoiamo-nos na SD para compreender o funcionamento dos operadores argumentativos.

Por último, recorremos ao conceito de desgarramento semântico de Decat (2009). Conforme a autora, há estruturas na língua que são integradas ou desgarradas à oração núcleo, de acordo com o propósito comunicativo. Acreditamos que [*sem falar*] é utilizado em estrutura desgarrada para focalizar o argumento introduzido.

Metodologicamente, optamos pela interface *NOW* do *Corpus* do Português (disponível em: www.corpusdoportugues.org/now/), por conter dados recentes da língua, entre 2012 e 2019, o que atende às necessidades de uma pesquisa sincrônica, como esta. Assim, levantamos um total de 200 ocorrências, sendo 129 dados de [*sem falar*] expressando ideia de acréscimo, 57 como usos modais e 14 como condicionais. Cabe destacar que foram descartados os dados em que [*sem falar*] era seguido da partícula *que*, visto que já é um trabalho desenvolvido por Lopes e Moura (2022).

Além disso, trata-se de uma pesquisa prioritariamente qualitativa, mas também quantitativa, cujos fatores de análise são identificar os usos nas relações de acréscimo, diferenciar a estrutura

integrada da desgarrada e descrever as propriedades formais e funcionais dessa microconstrução.

Resultados parciais

Na *Revisão da literatura* vimos os itens que compõem a microconstrução [*sem falar*]; a preposição mais o verbo de enunciação. Segundo as gramáticas tradicionais e funcionais, juntos esses elementos podem expressar ausência, negação, modo ou condição. Dentre as 200 primeiras ocorrências, encontramos 57 dados em que [*sem falar*] apresenta valor de modo e 14 em que exerce o valor de condição:

(3) Bolsonaro disse que poderia demitir Levy, **sem falar com o ministro da Economia, Paulo Guedes**, porque ele pretende indicar Marcos Pinto para a Diretoria de Mercados de Capitais do banco por ele ter atuado em governo do PT. (<https://www.diarioinduscom.com/levy-deveria-pedir-demissao-antes-de-ser-demitido-por-bolsonaro-diz-arminio-fraga/>)

(4) Também houve quem lembrou de Paulo Freire, patrono da educação brasileira e figura muito criticada pelo governo Bolsonaro. A estudante do Ifes Ana Clara Gomes colou o nome do educador na camisa. 'Não tem como *falar* de educação **sem falar** de Paulo Freire. E sendo ele uma figura que tanto incomoda o governo, então ele tem que ser lembrado', afirmou a estudante. (<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2019/05/protesto-nas-ruas-de-vitoria-reune-4-5-mil-pessoas-1014183334.html>).

Em (3) temos a notícia sobre a possível demissão de Levy, sem que seja comunicado ao então ministro da Economia. Logo, observamos que *sem* permanece com sentido de ausência e o verbo *falar* selecionando seus argumentos internos e externos. Também em (4) constatamos os usos condicionais da gramática; a condição para falar de educação é falar de Paulo Freire, um grande educador. Nessas ocorrências, verificamos que *sem e falar* são mais

composicionais semântica e sintaticamente. Além disso, ainda não temos a constituição de um *chunk*.

Entretanto, a grande maioria dos dados coletados — 129 constructos — é em contextos de adição, analisamos o uso (5):

(5) Serão muitas horas diante de brasileiros dispostos a entender seus segredos, sua dinâmica, seus ataques ao trompete, o uso tão especial da surdina e todo o seu conceito orquestral, **[sem falar]** no conhecimento *que cada um dos excelentes instrumentistas a seu lado devem passar*. Afinal, muitos estão com ele há 30 anos, desde a origem do projeto. (<https://odiario.com/variedades/764799/wynton-marsalis-vem-com-15-musicos-para-uma-serie-de-aulas-e-concertos>).

No site “Diário do Grande ABC” é noticiada a vinda de Wynton Marsalis ao Brasil. Para listar os ganhos dos brasileiros que irão ao evento, o falante utiliza o *[sem falar]*. Dessa maneira, com o show, os brasileiros entenderão: i) os seus segredos; ii) sua dinâmica; iii) seus ataques ao trompete; iii) o uso tão especial da surdina; iv) todo o seu conceito orquestral; e v) o conhecimento dos excelentes instrumentistas.

No uso (5), percebe-se que *[sem falar]* introduz mais um argumento para somar aos benefícios do evento. Contudo, essa microconstrução não realiza uma simples adição comum às orações coordenadas, tanto que ao substituir por *e*, conjunção prototípica, perde-se o peso da informação posterior (5’):

(5’) Serão muitas horas diante de brasileiros dispostos a entender seus segredos, sua dinâmica, seus ataques ao trompete, o uso tão especial da surdina e todo o seu conceito orquestral, **e** o conhecimento que cada um dos excelentes instrumentistas a seu lado devem passar.

Em (5’) já não temos o foco na informação seguinte. Logo, notamos que *[sem falar]* articula dois elementos com o intuito de focalizar o subsequente. Ducrot (1981) apresenta essa noção com a

escala argumentativa, na qual os operadores reúnem dois pontos para levar o ouvinte a mesma conclusão. Observamos o exemplo (6):

(6) Hoje vamos falar de uma casta muito famosa e bem conhecida no mundo todo, especialmente, por fazer parte de um corte (blend/ assemblage) de um vinho icônico e poderoso de nome Châteauneuf-du-Pape. Mas o interessante, que a origem desta uva não é a França, mas sim a Espanha. Na França a chamam de Mourvedre e na Espanha de Monastrell. Esta uva é cultivada, principalmente, na costa mediterrânica da Espanha, cujo clima é o maior aliado desta variedade. É nesta região que também ficam as principais praias espanholas e é um dos roteiros turísticos mais lindos da Europa. **[Sem falar]** na gastronomia, que é um show à parte! É uma uva tinta, que só teve o seu maior reconhecimento apartir² da década de 90, sendo hoje uma das mais apreciadas mundo afora pela qualidade e sabor que entregam a seus vinhos. (<https://www.jornaldeuberaba.com.br/monastrell/>).

Nesse trecho, são narradas as maravilhas da uva cultivada na costa mediterrânea da Espanha. Para destacar os pontos positivos da região, são listados: i) as praias espanholas; ii) os roteiros turísticos mais lindos da Europa; e iii) a gastronomia. Reparamos que, similar ao dado (5), neste também temos uma escala argumentativa, na qual os pontos se unem para convencer o leitor sobre as maravilhas da região. Podemos notar que (5) e (6) foram neoanalisados e se tornaram menos composicionais, dado que a semântica de ausência e o sujeito não são tão marcados.

Além disso, é possível analisar que, em (5) e (6), o *[sem falar]* passa por um processo cognitivo conhecido como *chunking* (Bybee, 2016), no qual *sem* e *falar* foram utilizados frequentemente juntos ao ponto de formar um *chunk*, isto é, um agrupamento em uma unidade de forma e de sentido. Em outras palavras, já não lemos *[sem]* *[falar]*, separadamente, como nos exemplos (3) e (4), mas agora temos um uso mais automatizado.

² SIC

Observando os fatores construcionais propostos por Traugott e Trousdale (2021), constatamos que *[sem falar]* é uma microconstrução pertencente ao subesquema *[sem Vdicendi]* com alta produtividade *type*. Também vemos que a preposição *sem* ainda guarda um pouco da ideia de subordinar termos com sentido de ausência que se soma com o verbo *falar*; este também permanece com a capacidade de selecionar argumentos internos — (5) no conhecimento e (6) na gastronomia. A persistência no sentido e na forma é prevista pelos princípios de Hopper (1991), como micropassos no processo de mudança, isto é, uma forma nova pode permanecer com traços da forma fonte.

Um outro ponto observado é que os exemplos (5) e (6) se diferenciam na forma como se estruturam em relação aos elementos anteriores, sendo (5) uma estrutura integrada e (6), desgarrada. Vejamos outros dois casos:

(7) A ação não é apenas um atestado de culpa dessa patota comandada pelo bochecha rosa Deltan Dallagnol. É, antes de tudo, CRIME de destruição de provas, penalmente designado como obstrução da Justiça, porque há uma investigação em curso sob responsabilidade da Polícia Federal, **[sem falar]** na que está sendo feita, também, pelo Conselho Nacional do Ministério Público. (<https://www.revistaforum.com.br/haddad-pergunta-a-dallagnol-por-que-mandar-apagar-uma-mensagem-que-nao-tem-nada-de-mais/>).

(8) A poluição nas lagoas da Barra da Tijuca e de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio, é um problema antigo e, segundo especialistas, o local virou uma ‘bomba-relógio ambiental’. Segundo ambientalistas, os canais estão assoreados e que ecobarreiras não funcionam. # Na Lagoa da Tijuca, na Barra, a coloração da água é bem escura. Uma mistura de água e esgoto. **[Sem falar]** do lixo: sofá e brinquedos velhos, que são encontrados em quantidade perto das margens. # O biólogo Mário Moscatelli diz que a Lagoa da Tijuca é a que está em pior situação entre as lagoas da região. (<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/06/21/poluicao-aumenta-no-sistema-lagunar-de-jacarepagua-e-biologo-alerta-para-risco-de-bomba-relogio-ambiental.ghtml>).

A notícia em (7) expõe o apagamento de provas de uma investigação sob responsabilidade da Polícia Federal. Para introduzir um novo argumento e convencer o leitor, é utilizado o *[sem falar]*. Em outras palavras, além da investigação já dita, também outra foi realizada pelo Conselho Nacional do Ministério Público. Assim como em (5), o *[sem falar]* é integrado à oração anterior, sendo posposto à oração núcleo.

Já em (8) é informada a poluição das lagoas na Zona Oeste do Rio. Para expor a precariedade dos locais, são somados dois fatores: i) a água que é uma mistura com o esgoto e ii) os lixos à margem do rio. Como no exemplo (6), temos uma estrutura desgarrada, com o objetivo de focalizar a informação subsequente.

Verificamos as duas formas coexistindo na sincronia atual, uma vez que foram encontradas 42 ocorrências integradas e 35 desgarradas. As outras 21 ocorrências são de orações em que o escopo de *[sem falar]* é o pronome *isso/isto*, como em:

(9) No caso dos estados e municípios formou-se um desses nós políticos do Brasil, um país federativo de enorme fragmentação partidária e no meio de muita polarização. Há governadores que defendem a inclusão, mas que não têm bancada, como o de Minas Gerais, por exemplo. Há governadores que querem se beneficiar da reforma, mas por razões partidárias não assumem a defesa do projeto, como os do PT. Há líderes que são contra por oposição aos seus governadores. **Isso [sem falar]** nas realidades distintas entre os 27 estados, que criaram diferenças nos regimes próprios. Por mais que o relator quisesse incluir, ele se deparou com muita divisão entre os líderes. Por fim tentava-se a solução salomônica de colocar o assunto em destaque. (<https://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/o-projeto-em-mutacao.html>).

Nessa ocorrência, é exposta a fragmentação partidária do Brasil para aprovação de projetos. Em meio a essa divisão, há o quarto ponto, essencial para o cenário político brasileiro: “as realidades distintas entre os 27 estados”. Percebemos que, assim como nos exemplos anteriores, o *[sem falar]* introduz o último argumento

importante para persuadir. Entretanto, antes o autor utiliza o pronome demonstrativo “isso” que encapsula os argumentos antecedentes e auxilia na focalização da informação nova.

Como visto até aqui, os usos de [*sem falar*] são marcados pelo envolvimento de um interlocutor, essa estratégia é conhecida pela LFCU como intersubjetividade. Em uma sequência argumentativa, o falante recruta a microconstrução para introduzir a ideia de acréscimo e atingir o interlocutor. Dessa forma, o ouvinte é colocado em destaque, visto que o objetivo principal é convencê-lo de compartilhar o ponto de vista do falante. Os casos apresentados demonstram uma intersubjetividade estendida (Tantucci, 2018), uma vez que atingem um contexto com um indivíduo genérico.

Em síntese, podemos reunir as características dessa nova microconstrução com base em Croft (2001), quadro 1.

Quadro 1: Propriedades da forma e da função de [*sem falar*]_{Operador}

Argumentativo

FORMA	Propriedades sintáticas	Formação de um <i>chunk sem + falar</i> , com a função de um operador argumentativo, ocasionando a cristalização <i>sem</i> à forma verbal que persiste na seleção de argumentos internos; atuando em estruturas integradas e desgarradas ou com escopo <i>isso/isto</i> .
	Propriedades morfológicas	Construção composta por <i>sem</i> preposição e <i>falar</i> verbo <i>dicendi</i> de primeira conjugação no infinitivo impessoal.
	Propriedades fonológicas	Unidade substantiva, mais pesada.
FUNÇÃO	Propriedades semânticas	Perda parcial do sentido de ausência e negação da preposição <i>sem</i> e ganho do sentido de acréscimo.
	Propriedades pragmáticas	Construção intersubjetiva, introduzindo o último argumento com a finalidade de convencer o interlocutor.

	Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrências predominantemente em seqüências argumentativas.
--	------------------------------------	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Nas propriedades da forma, observamos formação de um *chunk* (Bybee, 2016) com função de operador argumentativo, atuando em estruturas integradas e desgarradas ou com escopo no pronome demonstrativo *isso/isto*. No âmbito morfológico, verificamos um bloco formado pela preposição *sem* e pelo verbo *falar* na forma do infinitivo. Na fonologia, constatamos uma unidade substantiva, isto é, totalmente preenchida, mais pesada do que a conjunção prototípica de adição *e*.

Em relação às propriedades da função semanticamente há um esvaziamento do sentido de ausência e negação da preposição *sem*, compensado pelo ganho do sentido de acréscimo. Na pragmática detectamos uma construção intersubjetiva com a finalidade de convencer o interlocutor. Por fim, no âmbito discursivo-funcional, reparamos a ocorrência em seqüências argumentativas.

A respeito da tipologia, dos 129 usos com ideia de acréscimo, 101 dados foram encontrados na argumentação. Dessa forma, constatamos que [*sem falar*] como operador argumentativo introduz o último argumento da escala argumentativa.

Conclusão

Neste capítulo, analisamos a microconstrução [*sem falar*] em contextos de acréscimo na sincronia atual. Após a coleta de dados, chegamos a um total de 129 usos como operadores argumentativos. Em outras palavras, com a microconstrução articulando argumentos a fim de levar o leitor a mesma conclusão. Logo, comprovamos a hipótese de que [*sem falar*] é um novo nó na rede linguística que atua em contextos de acréscimo como um operador argumentativo; com novas propriedades de forma e sentido.

Contudo, as investigações sobre [sem falar] não estão esgotadas. Ainda há muito para estudar e desenvolver sobre esse novo operador argumentativo. Assim, uma análise mais detalhada sobre a estrutura das orações nas quais ele se apresenta será feita.

Referências

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição* (Langue, usage and cognition). Trad. de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar, syntactic theory in tipological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F. da. A transitividade de verbos dicendi. *Revista do GELNE*, [S. I.], v. 6, n. 1/2, p. 111-126, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9403>. Acesso em: 29 mai. 2023

DECAT, M. B. N. Estruturas “desgarradas” em foco: a função focalizadora de orações em sua ocorrência sem a oração-matriz, no português falado e escrito. *Abralin*, 2009.

DUCROT, O. *Provar e Dizer: linguagem e lógica*. Trad. Maria Aparecida Barbosa, Maria de Fátima Gonçalves Moreira, Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global Ed., 1981.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

KOCH, I. G. V. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

LOPES, M. G; MOURA, S. C. [SEM Vdicendi QUE]: um conector hipotático de adição do português. *Revista Percursos Linguísticos*, V. 12, n. 30, 2022, p. 235-255.

NEVES, M. H. de M. *A gramática do português relevada em textos*. São Paulo: UNESP, 2018.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 54 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023

TANTUCCI, V. *From Co-Actionality to Extended Intersubjectivity: Drawing on Language Change and Ontogenetic Development*. Applied Linguistics. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

CONECTORES DE FINALIDADE INSTANCIADOS PELO SUBESQUEMA [PREP [DET] N DE]_{conect}: UMA ANÁLISE FUNCIONAL

Brenda da Silva Souza da Costa¹

Considerações iniciais

No âmbito do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO-UFF)², o qual reúne diversos pesquisadores com interesse no tema dos conectivos e dos processos de conexão de orações no português, este trabalho, fruto de nossa pesquisa de doutorado em andamento, visa a colaborar para a construção de um panorama descritivo-analítico completo do esquema [X de]_{conect} na língua portuguesa (Rosário, 2022). Tal esquema licencia diversas microconstruções conectoras produtivas instanciadas pelos subesquemas [Adv de]_{conect} e [Prep [det] N de]_{conect}.

Nossa hipótese é que, a partir dos processos de *neoanálise* e *analogização* (Traugott; Trousdale, 2013), diversas microconstruções de valor final passam a atuar como conectores oracionais produtivos no português, instanciados pelo subesquema [Prep [det] N de]_{conect}. Nesse sentido, nosso trabalho tem interesse em contribuir com as investigações desse segundo subesquema, analisando as microconstruções de valor final por ele instanciadas.

Tendo isso em vista, salientamos que o objetivo principal deste trabalho é analisar as principais propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas das microconstruções conectoras finais *com*

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF), sob orientação do Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário. E-mail: brendassc@id.uff.br; Orcid: 0000-0001-5344-9045.

² <http://cco.sites.uff.br/>

o objetivo de, com o intuito de, com o fito de, com a finalidade de, com o fim de e com o propósito de em perspectiva pancrônica do português.

Como base teórica, utilizamos a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016), que é a vertente mais recente do Funcionalismo Clássico ou norte-americano³, associada a alguns pressupostos da Linguística Cognitiva e, principalmente, a conceitos da Gramática de Construções.

A seguir, vejamos um exemplo com uma das microconstruções finais em análise:

(1) A expressão ‘caixa 2’ consiste em prática financeira ilegal. Seria uma espécie de fraude em o fluxo de caixa, com omissões contábeis em entradas ou saídas, originando uma espécie de contabilidade paralela. Citado procedimento financeiro é usado por empresas **com o fito** de ludibriar o fisco em o pagamento de impostos, mas também tem sido mecanismo usual em o contexto eleitoral hodierno, cujo desígnio é o de não declarar os valores recebidos durante a campanha eleitoral.

(*Corpus do Português – Now, século XXI. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/o-artigo-3o-da-constituicao-federal-no-contexto-da-justica-eleitoral/>*).

Em (1), o uso do conector⁴ *com o fito de* ilustra o que chamamos de microconstrução conectora final instanciada pelo subesquema [Prep [det] N de]_{conect}. Em (1), o conector citado encabeça a oração hipotática de valor final: “*com o fito de ludibriar o fisco em o pagamento de impostos*”. Podemos perceber que os quatro elementos que formam

³ O termo Funcionalismo se popularizou nos Estados Unidos a partir da década de 1970, muito ligado ao trabalho de linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, os quais tinham em comum pesquisas cujo intuito era observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística (Cunha *et al.*, 2013, p. 23-24).

⁴ O termo *conector* é utilizado neste trabalho, com base em Langacker (1977, p. 423-424): “marcador especial que indica a natureza das conexões interoracionais”. Assim, usaremos esse termo para nos referirmos às microconstruções de valor final que atuam no plano da combinação de orações.

o conector (“com”, “o”, “fito” e “de”) perdem parte de sua composicionalidade (Traugott; Trousdale, 2013) para exercer essa função de conexão de valor final entre orações hipotáticas. Nesse caso, trata-se da finalidade do procedimento financeiro utilizado por algumas empresas, conhecido como “caixa 2”.

Ainda sobre (1), podemos perceber que o conector em estudo encabeça uma oração de valor final que aparece na posição posposta à oração núcleo. Além disso, o contexto do dado nos permite perceber uma tendência mais expositiva e não se pode deixar de notar também que a oração final traz um verbo no infinitivo (“ludibriar”). Essas características, como veremos mais detalhadamente na seção de análise, são recorrentes em nossos dados.

Em suma, após essas primeiras considerações acerca da temática em estudo, passamos à disposição estrutural deste trabalho, que está organizado da seguinte forma: na segunda seção, discutiremos os pontos mais importantes do arcabouço teórico utilizado; a terceira seção tratará da metodologia utilizada; a quarta seção será dedicada à análise dos dados, com o intuito de demonstrar alguns dos resultados da pesquisa até o momento; depois disso, na última seção, há algumas considerações finais e, por fim, as referências bibliográficas utilizadas.

Pressupostos teóricos

Como já explicitado anteriormente, este trabalho toma por base teórica a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Neste atual modelo funcionalista, ainda são considerados nas análises importantes conceitos do Funcionalismo Clássico norte-americano. No entanto, é grande a influência na LFCU de pressupostos teóricos advindos da Linguística Cognitiva (LC) e da Gramática de Construções (GC). Essa influência já se mostra, por exemplo, no caro conceito de *construção* às pesquisas recentes nesta área.

Na LFCU, a língua é concebida como uma rede de construções, sendo cada construção um pareamento de forma e significado (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2013; Bybee, 2016). Croft

(2001) detalha tal emparelhamento deixando claro que, quando se mencionam as propriedades da forma da construção, trata-se dos aspectos morfossintáticos e fonológicos; já, quando se mencionam as propriedades do significado da construção, trata-se dos aspectos pragmáticos, semânticos e discursivo-funcionais.

Nesse sentido, podemos afirmar que há um maior equilíbrio nas descrições funcionalistas atuais, uma vez que os estudos deixam de colocar como prioridade máxima as questões relativas ao significado, para considerar o todo, ou seja, as propriedades formais e funcionais que estão envolvidas no processo de *construcionalização* (formação de uma nova construção) ou no processo de *mudança construcional* (Traugott; Trousdale, 2013).

Em relação aos conceitos desenvolvidos por Traugott e Trousdale (2013), neste trabalho, selecionamos apenas alguns, que serão utilizados de forma mais específica para a análise dos dados. Destacamos, primeiramente, a noção de *composicionalidade*. Para Traugott e Trousdale (2013, p. 53), a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre a forma e o significado da construção.

É importante salientar que não compreendemos a composicionalidade de forma rígida, mas em uma espécie de *continuum*. Com base em Goldberg (2006), Rosário e Sambrana (2021, p. 221) defendem que “a composicionalidade é gradiente, de modo que as construções podem variar em diferentes níveis de opacidade”. Para Goldberg (2006, p. 5), o próprio conceito de construção⁵ prevê a composicionalidade como um ponto importante, porém, não cabe dizer que as construções precisam ser totalmente destituídas de composicionalidade. A frequência de uso também é uma prova de que aquele pareamento de forma e significado já está fixado na língua, ainda que as subpartes da

⁵ “Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes” (Goldberg, 2006, p. 5).

construção possam ser parcialmente recuperadas sintática ou semanticamente (Rosário; Sambrana, 2021, p. 221).

Além da composicionalidade, Traugott e Trousdale (2013) também destacam outras duas propriedades da construção: a *esquematicidade* e a *produtividade*. A primeira é uma propriedade que envolve abstração, isto é, os esquemas linguísticos, no nível mais abstrato, são instanciados por subesquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções (mais específicas). Já a produtividade diz respeito à “extensibilidade das construções, isto é, o grau em que elas sancionam ou restringem outras construções menos esquemáticas” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 50). A produtividade está relacionada ainda à questão da frequência, a qual pode ser entendida de duas maneiras: a frequência *type*, que se refere às microconstruções que instanciam um esquema, e a frequência *token*, que diz respeito à frequência de ocorrência de um *constructo* no *corpus*.

Ademais, um conceito de suma importância para a análise de nosso objeto é o de *neoanálise*, que pode ser compreendida como uma nova análise feita pelo usuário da língua. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 98), os falantes usam recursos existentes na língua para criar novas expressões. Isso é possível por meio do mecanismo de neoanálise, ou seja, uma construção já convencionalizada ou parte dela é usada de maneira diferente e, assim, gradativamente, vai ganhando um novo sentido, a partir de micropassos de mudança, até que esse novo sentido também se convencionalize.

Intimamente relacionado à noção de neoanálise, é o conceito de *analogização*, sendo este também muito importante para nossas análises. Com base em uma construção preexistente, o usuário faz uma correspondência, uma analogia. Trata-se de um “mecanismo ou processo de mudança que provoca correspondências de significado e forma que não existiam antes, tomando como base construções já existentes, de cunho mais concreto ou abstrato” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 38). Nessa perspectiva, a neoanálise ocorre justamente por conta do processo de analogização.

Além dos conceitos já mencionados, outra noção teórica fundamental para nossa análise é a concepção de *chunk*. Para Bybee (2016), todas as expressões convencionalizadas, de expressões pré-fabricadas a expressões idiomáticas e construções, podem ser consideradas *chunks* para fins de processamento e análise. A linguista compreende esse fenômeno como um processo de domínio geral, que se aplica também a outras habilidades cognitivas não relacionadas à linguagem.

Nessa perspectiva, em vez de acessar cada unidade separadamente e depois colocá-las em uma construção, processamos uma sequência inteira de uma só vez (Bybee, 2016, p. 91). Os *chunks* ocorrem, então, quando uma “sequência de unidades que são frequentemente usadas juntas se combinam para formar unidades mais complexas” (Bybee, 2016, p. 26).

Outra questão teórica bastante importante em nossas análises é a discussão sobre os diferentes efeitos semântico-pragmáticos advindos da posição da oração hipotática. Diversos autores funcionalistas e cognitivistas já estudaram esse tópico, tais como Chafe (1984; 1988), Thompson (1985), Givón (1993), entre outros.

Para Givón (1993), “há uma diferença funcional considerável, tanto semântica quanto pragmática, entre uma cláusula de propósito pré-posta e uma posposta”. Na perspectiva do autor, até mesmo os vínculos coesivos em relação ao discurso anterior e posterior são diferentes de acordo com a posição “pré-posta” ou “posposta”. Vejamos:

As cláusulas ADV pré-postas – assim como outras adverbiais pré-postas – desempenham sua função de ponte de coerência por ter ligações de coerência em ambas as direções, anafórica e catafórica. Seus elos anafóricos são mais difusos e globais, remontando a informações temáticas em qualquer lugar da cadeia temática, parágrafo ou mesmo episódio anterior. Seus vínculos catafóricos são estritamente locais, ancorando a cláusula ADV à cláusula principal, que então lança a nova unidade temática. As cláusulas ADV pré-postas podem, assim, ser vistas como dispositivos de reorientação temática, usados para restabelecer a coerência através de uma

fronteira temática principal. A presença consistente de um ponto anterior e de uma vírgula subsequente associada a cláusulas ADV pré-postas no texto escrito – ambas concomitantes à pausa na fala natural – é um reflexo da reorientação cognitiva que deve acompanhar a reorientação temática [...] (Givón, 1993, p. 315, tradução nossa).

Segundo o autor, as cláusulas hipotáticas pré-postas têm um escopo mais amplo, assumindo um papel de reorientação temática, importantíssimo para guiar o leitor. Essa ideia está em consonância com o que diz Chafe (1984; 1988), para quem as orações adverbiais, quando antepostas à oração núcleo, atuam como uma espécie de *guidepost*, isto é, como um guia que orienta a atenção do leitor, uma que vez que criam *frames* ou espaços mentais para a enunciação da oração nuclear, que virá em seguida.

Cabe, ainda, ressaltar que recrutaremos, em nossas análises, o conceito de *aloconstrução*. Relacionado ao conceito de *variação construcional*, definido por Hilpert (2014) como uma parte integrante do conhecimento do usuário sobre a língua, a qual faz com que ele saiba como uma construção pode variar, Perek (2015, p. 153) defende que existem construções relacionadas por aproximações de ordem semântica ou pragmática, são as *aloconstruções*, definidas como as “realizações estruturais variantes de uma construção que é parcialmente subespecificada”. Neste trabalho, compreendemos as diferentes microconstruções finais não como diferentes construções, mas como variantes da mesma construção, ou ainda, *aloconstruções*.

Por fim, a respeito do tratamento dos dados diacrônicos, salientamos que nos baseamos na taxonomia proposta por Diewald (2006). No modelo proposto pela autora, o processo de mudança linguística pode ser dividido em três estágios contextuais, como sintetizado no quadro 1.

Quadro 1: Estágios de mudança

ESTÁGIO	CONTEXTO	CARACTERÍSTICAS
<i>I - Precondições da mudança</i>	<i>Atípico</i>	<i>Implicaturas conversacionais</i>
<i>II - Desencadeamento da mudança</i>	<i>Crítico</i>	<i>Opacidade múltipla</i>
<i>III - Reorganização e diferenciação</i>	<i>Isolado</i>	<i>Itens polissêmicos</i>

Fonte: Adaptado de Diewald (2006, p. 04).

Com base na proposta da autora, no primeiro estágio, denominado *contexto atípico*, iniciam-se as precondições do processo de mudança, como inferências sugeridas (Traugott; Dasher, 2002), as quais surgem a partir das possibilidades ambíguas de interpretação, isto é, das implicaturas conversacionais. Segundo Diewald (2006, p. 04), essas implicaturas demonstram que não se trata, ainda, de algo que está explicitamente codificado nos próprios itens linguísticos, mas que já pode ser acionado pelo contexto ou pela situação pragmática, geralmente por causa de combinações incomuns.

O segundo estágio, denominado *contexto crítico*, traz o processo de desencadeamento da mudança. Nesse estágio, há opacidade múltipla, pois os dados geralmente revelam ambiguidades semânticas e estruturais, o que começa a fazer emergir algumas diferentes possibilidades interpretativas, como, por exemplo, um novo significado gramatical.

O terceiro estágio, denominado *contexto isolado*, pode ser caracterizado como a etapa de reorganização e diferenciação, uma vez que o processo de mudança está em consolidação. Nesse estágio, já é possível vislumbrar o novo sentido gramatical de maneira isolada, ou seja, separada do significado antigo, que é geralmente mais lexical. No contexto isolado, já foi efetivamente criado um novo pareamento, isto é, uma correspondência forma-significado única.

Aspectos metodológicos

A pesquisa funcionalista é centrada na análise de dados de língua em uso, ou seja, os dados são extraídos de *corpora* de língua falada e escrita retirados de situações de real interação social. Sendo assim, a respeito da metodologia adotada neste estudo, salientamos que os dados são provenientes de um conjunto de *corpora* selecionados para dar conta de todas as fatias temporais da forma mais equânime possível.

Para tanto, o *Corpus do Português* foi utilizado para a coleta de dados sincrônicos, na interface *NOW*, a qual reúne notícias publicadas entre os anos de 2012 a 2019, contabilizando mais de 1 bilhão de palavras. A coleta dos dados diacrônicos se deu em três diferentes *corpora*, dada a necessidade de um equilíbrio no número total de palavras em cada século: *Corpus do Português* (interface *Gênero/Histórico*), *Corpus Tycho Brahe* e *Corpus Vercial*.

Como fatores de análise, consideramos, por conta do necessário recorte feito neste trabalho, a sequência tipológica; a posição da oração hipotática final em relação à oração núcleo (anteposta, posposta ou intercalada); a presença de elementos intervenientes no *slot* da construção; a coocorrência de outros conectores de valor final no mesmo contexto (*aloconstruções*).

Cabe salientar ainda que esta pesquisa prioriza uma análise qualitativa dos dados, observando as minúcias dos usos linguísticos em que podemos flagrar os micropassos da mudança (Traugott; Trousdale, 2013).

Análise de dados

Nesta seção, apresentamos os principais resultados da análise dos dados, a partir dos procedimentos teóricos e metodológicos expostos anteriormente.

A seguir, vejamos o dado (2):

(2) Estes são os dois maiores portentos, que no teatro universal do Juízo verão naquele dia homens e anjos. Ali se verá o princípio do Mundo junto **com ofim**, e o fim junto com o princípio: o princípio **com o fim**, em tudo o que passou e o fim com o princípio, em tudo o que não há-de passar.

(*Corpus Vercial, século XVII id="Sermão_da_Primeira_Dominga_do_Advento_2 Prosa:sermao AV 1655 masc"*).

Analisando atentamente a ocorrência de *com o fim* no dado (2), observamos que estamos diante de um *uso normal* (Diewald, 2006), dessa sequência, a qual não tinha sido ainda neoanalisada para formar a microconstrução conectora [com o fim (de)]. Podemos notar que, nesse caso, a carga semântica dos elementos *com o* e *fim* está totalmente preservada. Inclusive, o elemento “fim” está em oposição a “princípio”. Além disso, é possível rastrear a expressão destacada de modo composicional, já que há preservação também do valor sintático de cada elemento. A título de exemplificação, podemos verificar que “com” é uma preposição que, no contexto, se conecta a “junto”. Sendo assim, concluímos que não estamos diante de um *chunk*, mas de uma sequência de palavras em um *uso normal*, original, no século XVII.

(3) Era 'sa aspiração da Universidade, que inspirava o grotesco das Fábulas. Um dos característicos mais pronunciados nas épocas de decadência literária é o género didáctico, em que a falta de sentimento procura acobertar-se **com ofim** científico; na literatura latina os poemas didácticos multiplicam-se ao passo que a ideia do belo se oblitera sob o cesarismo que aproximava Roma do Baixo Império; no século XVIII, na idade da corrupção política e do convencionalismo sentimental, repete-se o mesmo fenómeno, em que a pobre poesia vem servir as banais regras de moral, e a tecnologia das artes.

(*Corpus Vercial, século XIX id="História_do_Romantismo_em_Portugal_I Prosa:historia TB 1880 masc"*).

De maneira um pouco distinta de (2), o dado (3) revela um caso de *contexto atípico* (Diewald, 2006). Nesse dado, já é possível notar uma possível ambiguidade de *com o fim*.

É possível interpretar que *com o fim científico* é um complemento de *acobertar-se*, mas também é plausível uma leitura mais autônoma dessa sequência, ainda que bem menos evidente, uma vez que já é possível visualizar uma provável leitura conjunta de *com o fim*. Observamos também que não há, ainda, a adjunção da preposição *de* a *com o fim*. Esse caso revela então o início do processo de mudança, pois já se podem notar implicaturas que começam a delinear um quadro de ambiguidade.

Um ponto importante de ser destacado, em relação aos dados (2) e (3), é que ainda não se tratam de ocorrências oracionais, isto é, *com o fim (de)* não está em um ambiente de conexão de orações. Outro ponto em comum entre eles é que estão em sequências textuais expositivas, apenas apresentando informações. A seguir, vejamos o dado (4), em que essas características são diferentes:

(4) E esta é a razão por que o mesmo Senhor no Padre-nosso nos não ensinou a pedir nenhuma dessas coisas que vós apeteceis e pedis. Ainda que muitas delas sejam indiferentes, pedidas, porém, **com ofim** para que ordinariamente se pedem, verdadeiramente são mal. E não era razão que pedíssemos a [...].

(*Corpus Vercial, século XVII id="Sermões_Maria_Rosa_Mística Prosa:sermao AV 1686 masc"*).

O dado (4) acima revela uma ocorrência de *contexto crítico* (Diewald, 2006), uma vez que algumas diferentes possibilidades interpretativas já começam a dar indícios de que um novo significado gramatical irá emergir. Algo interessante de ser notado nesse dado é que há a justaposição de *com o fim* a outro conector, nesse caso *para que*, fazendo com que ele herde parte de suas propriedades morfossintáticas, via *metonimização*. Assim, sendo *para que* um conector canônico de finalidade, o fato de *com o fim* estar tão próximo revela que o caminho de mudança está em curso,

pois um conector cognitivamente tão claro para o falante, ao lado de *com o fim de*, pode demonstrar que a analogização já começa a ser atuante.

É importante ressaltar que, também nesse contexto, não observamos, ainda, a adjunção da preposição *de* a *com o fim*. Em comparação com (2) e (3), já observamos uma tendência mais argumentativa. Além disso, algo relevante de ser mencionado é que estamos em um contexto de integração de orações. Vemos, portanto, que há algumas características que já se mostram reveladoras do processo de mudança construcional em curso.

(5) No nosso país são, porém, frequentes 'tas faltas de lógica nas 'tradas. O almocreve havia-se separado por momentos de Henrique com ofim de encurtar distâncias, seguindo por um atalho só franqueável a gente de pé. Henrique nem desviara os olhos para o fundo vale, que se lhe abria à esquerda, velado pela densa névoa daquela atmosfera saturada de humidade, nem prestava atenção à agreste e selvática paisagem, do lado direito, toda encrespada de pinheirais nascentes e de 'pinhosas tojeiras.

(*Corpus Vercial, século XIX id="A_Morgadinha_dos_Canaviais Prosa:romance JD 1868 romantismo masc"*).

O dado (5) acima já é um exemplar do *contexto isolado* (Diewald, 2006), uma vez que já houve a criação de um novo pareamento, isto é, uma nova correspondência forma-significado. Nessa ocorrência, *com o fim de* já atua como um conector hipotático de finalidade, articulando a oração *com o fim de encurtar distâncias* à oração núcleo precedente. Assim como em (2) e (3), a sequência textual nesse caso é predominantemente expositiva.

A seguir, vejamos alguns dados mais recentes, provenientes da atual sincronia, a fim de analisar mais detidamente alguns pontos relativos aos fatores de análise:

(6) Somente nos prédios que compõem a quadra em que está localizada a Praça da Matriz, há história suficiente para chamar a região central de Porto Alegre de Centro Histórico. Entretanto,

muitas das pessoas nascidas na Capital e que circulam diariamente pelo bairro não sabe ou têm pouco conhecimento desse patrimônio que as cerca. Com o objetivo de aproximar os cidadãos dessa parte tão importante da cidade, no sábado passado foi realizada mais uma edição do projeto Caminhos da Matriz.

A iniciativa é realizada há dez anos pelo Memorial do Ministério Público com o intuito de conectar a população ao patrimônio histórico e cultural. Às 14h de sábado, dezenas de pessoas se reuniram no Monumento a Júlio de Castilhos e realizaram um passeio durante a tarde pelos memoriais do MP e do Judiciário do Rio Grande do Sul, além da Biblioteca Pública do Estado.

(*Corpus do Português- NOW, séc. XXI*).

Em (6), a oração final anteposta, introduzida por *com o objetivo de*, aponta para um “problema” (Thompson, 1985): os cidadãos de Porto Alegre conhecem pouco a parte histórica da cidade, formando uma expectativa, de forma que a “solução” seja apresentada na cláusula⁶ núcleo: uma iniciativa realizada para garantir essa aproximação. Com base em Chafe (1984; 1988), essa oração anteposta atua como uma espécie de *guidepost*, um guia que orienta a atenção do leitor, criando um *frame* a respeito da aproximação dos cidadãos com a parte histórica da cidade de Porto Alegre. Dessa forma, a oração final prepara o interlocutor para o que será enunciado na oração núcleo, logo em seguida.

Nesse caso, os elos coesivos, como ressaltou Givón (1993), são bastante difusos, já que promovem uma ponte de coerência em ambas as direções, pois, ao mesmo tempo em que se ligam anaforicamente ao contexto anterior, apontam cataforicamente para o conteúdo da oração núcleo, que virá logo adiante.

No segundo caso, a oração final posposta, introduzida por *com o intuito de* apenas traz um elemento já dado no discurso, não está alicerçada em um jogo de expectativas, mas apenas indica a

⁶ Nesta pesquisa, estamos tomando como sinônimas as palavras *oração* e *cláusula*. Reconhecemos que há divergências teóricas quanto a essas nomenclaturas, mas, dada a limitação relativa à extensão do trabalho, aqui não as diferenciaremos.

finalidade da iniciativa descrita na cláusula nuclear. O escopo, nesse caso, é muito menor: apenas a oração núcleo que veio anteriormente.

A seguir, vejamos o dado (7):

(7) [...] Na declaração de princípios, o RIR assume-se como ‘humanista, pacifista, ambientalista, europeísta e universal, **com o grande propósito**de aproximar eleitores e eleitos, através de uma real e efetiva aproximação de os políticos a os cidadãos, devolvendo a a política a sua missão de serviço público em defesa de o bem comum e defesa de a democracia ‘.

(*Corpus do Português- Now, séc. XXI*).

Em (7), “grande” é um adjetivo que qualifica o substantivo “propósito”, o que, junto da presença do artigo “o”, demonstra a composicionalidade intermediária da microconstrução, que permite a inserção de elementos intervenientes.

No entanto, esse elemento interveniente não descaracteriza a microconstrução instanciada pelo subesquema [Prep [det] N de]_{connect}, uma vez que a própria noção de esquematicidade prevê que haja variação e gradiência entre as construções que se associam na mesma rede. Assim, apesar da possibilidade de inserção de elementos extras no *slot*, como visto no dado (7), a microconstrução *com o propósito de* não deixa de ser um *chunk*, ou seja, uma unidade que é processada conjuntamente pelo falante.

Vejamos, a seguir, um último dado para análise:

(8) OP - Como tem sido a relação do ouvidor com o prefeito Juraci Magalhaes? HA - Tivemos grandes momentos de discussão, de embate de idéias e o prefeito se mostrou aberto a absorver as idéias da ouvidoria, as críticas feitas à conjuntura municipal. A relação com o prefeito tem sido bastante democrática, participativa e estamos, nesse sentido, **com o propósito de garantir respostas eficientes para a população**. Se é *para* garantirmos um serviço de qualidade, garanto que teremos o apoio do prefeito. Principalmente quem vem de um campo de pensamento marxista, de pensamento político contrário ao

sistema que está aí, é necessário trabalhar com a estrutura nessa perspectiva, de melhorar os canais de participação para que, na outra ponta, o movimento social possa manifestar também sua contribuição.

(*Corpus do Português Histórico, século XX*).

No dado (8), há algumas orações de valor final em destaque iniciadas por diferentes expedientes formais. Nos três casos, observamos que não há mudança semântica envolvida pela seleção de um ou outro conector. Dessa forma, defendemos a hipótese de que as microconstruções conectoras de valor final em estudo ocorrem na língua em um quadro de variação construcional (Hilpert, 2014) entre si e com os demais conectores mais prototípicos (*a fim de (que)*, *para (que)* etc.). Nesse panorama, o usuário seleciona uma das microconstruções conectoras (*com o fim*, *com o intuito de*, *com o propósito de*, *com o fito de*, *com a finalidade de* etc.) ou conectores mais canônicos, como *para (que)* e *a fim de (que)* para introduzir orações finais no português. Assim, por não haver diferenciações relevantes de ordem semântica ou pragmática, tratamos esses casos como ocorrências de *aloconstruções* (Perek, 2015).

Considerações finais

Neste trabalho, à luz da LFCU, analisamos algumas características morfossintáticas e semântico-pragmáticas das microconstruções conectoras finais instanciadas pelo subesquema [Prep [det] N de]_{connect}, o qual, por sua vez, é instanciado pelo esquema [X de]_{connect}.

A análise revelou que a proposta de Diewald (2006) se aplica aos dados diacrônicos, uma vez que foi possível notar o percurso de mudança distribuído entre os contextos atípico, crítico e isolado.

Além disso, o critério de análise da posição da oração final em relação à oração nuclear revelou que há diferentes efeitos semântico-pragmáticos envolvidos a depender do que for selecionado pelo usuário. Ademais, como vimos, apesar de sua

composicionalidade intermediária, que permite a inserção de elementos intervenientes no *slot*, as microconstruções finais em estudo são *chunks*, isto é, são conectores hipotáticos concebidos cognitivamente como uma única unidade.

Por fim, vimos que as microconstruções revelam um quadro de variação construcional (Hilpert, 2014) no português, isto é, são *aloconstruções*, microconstruções que pertencem a um mesmo domínio funcional. São entidades com valor semântico aproximado ou aparentado. No caso desta pesquisa, são conectores cognitivamente associados à noção de finalidade.

Referências

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CHAFE, W. K. How People use Adverbial Clauses. *Berkeley Linguistics Society*. 10, p. 437-449. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984.

CHAFE, W. L. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F. da.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X: FAPERJ, 2013, p. 13-39.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*. Düsseldorf, 2006. Disponível em: www.constructions-online.de/0009-4-6860. Acesso em: 08 set. 2023.

GIVÓN, T. *English grammar: a function-based introduction*. Vol. I. e Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: OUP, 2006.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to english*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*. Volume Especial, p. 83-101, dez. de 2016.

LANGACKER, R. W. Syntactic reanalysis. In: Li (Ed). *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas Press, 1977, p. 57–139.

PEREK, F. *Argument structure in usage-based construction grammar: Experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

ROSÁRIO, I. da C.; SAMBRANA, V. M. R. Análise funcional da construção conectora contrastiva “mas olha”. *SOLETRAS*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN, n. 41, p. 216-234, 2021.

ROSÁRIO, I. da C. Esquema [X de]conect em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. *Matraga*, v. 29, n. 56, p. 362-378, mai./ago. 2022.

THOMPSON, S. Grammar and written discourse: Initial vs. final purpose clauses in English. *Text 5 - Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse*, p. 55-84, 1985.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ASPECTOS PRAGMÁTICOS DA MICROCONSTRUÇÃO [SEI LÁ]_{MD}: UMA ABORDAGEM CENTRADADA NO USO

Cristian Matias do Nascimento Corrêa¹

Introdução

Neste capítulo, concentramos nossos esforços na investigação, descrição e análise dos aspectos funcionais da construção [sei lá], uma das mais frequentemente utilizadas como marcador discursivo no português contemporâneo do Brasil², particularmente em contextos informais ou descontraídos. Para alcançar nosso objetivo, adotamos como base teórica o Funcionalismo Linguístico Centrado no Uso, nos termos de Oliveira (2012), Oliveira e Cezario (2017), Rosário e Oliveira (2016), em consonância com as contribuições dos conceitos da abordagem construcional, conforme delineados por Goldberg (2006) e Croft, (2001).

Partimos da suposição de que a construção [sei lá] deriva de um processo de mudança construcional, que, através de micropassos de mudança linguística, como neanálise e analogização, culmina na construcionalização, formando, assim, um novo signo no *constructicon*³ da língua, ou seja, um novo pareamento de forma e função. Por meio desses micropassos, a construção, em determinados contextos de uso, passa a cumprir função de marcação discursiva, constituindo um novo nó na rede dos marcadores discursivos de base verbal-locativo do português brasileiro.

Nesse processo, ocorre uma transição do domínio lexical de seus componentes internos para o domínio procedural como uma

¹ Mestrando no programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Profa. Dra. Mariangela Rios de Oliveira. Pesquisa fomentada pela CAPES. E-mail: cristiancorrea@id.uff.br

unidade única, na qual a função de [sei lá] não pode ser simplesmente deduzida pela soma do verbo cognitivo “saber”, flexionado na primeira pessoa do presente do indicativo e do pronome locativo “lá”, mas sim pela maneira como eles se organizam internamente e se articulam, metaforicamente, nos contextos em que são instanciados. Isso ocorre visando alcançar objetivos comunicativos para além da mera referência lexical de suas partes. Referimo-nos a usos como o exemplificado abaixo:

(1) ‘Mas ser assexual não é ser doente, assexualidade não é uma doença ou um problema físico; Mais estranhamente ainda... pode até ser... se você achar, quiser, ou pensar que é conveniente... pode dizer que sua assexualidade decorre de um problema de saúde... sei lá... coisas de os hormônios... Mas bem...isso não te torna doente, não é? Para toda e qualquer circunstância em a qual você se identifica como assexual você não é doente...’ (*Corpus do Português: web/dialetos*).

Em (1), a cena comunicativa gira em torno da argumentação de um internauta em um comentário cujo tema principal é a assexualidade. O enunciador discorre sobre seus pensamentos já com certa imprecisão ou dúvida, que podemos notar através das palavras “paradoxalmente”, “contraditoriamente”; após isso, segue com a afirmação de que “ser assexual não é ser doente” e, na sequência do mesmo enunciado, se contradiz e diz que “pode até ser”, demonstrando claramente não ter certeza sobre o que fala. No enunciado, [sei lá] marca o discurso como atenuação do que está sendo comentado, na proteção de face de quem está enunciando. O locativo “lá”, neste contexto, acrescenta uma dimensão de distanciamento ou indefinição, sugerindo que a resposta à questão em pauta não está imediatamente acessível.

Pautados na abordagem construcional da gramática, sustentamos que a expressão [sei lá] constitui uma construção, no sentido de que ela envolve uma correspondência entre forma e significado, conforme discutido por Croft (2001), Goldberg (2006), Traugott e Trousdale (2013) e Rosário e Oliveira (2016). Seguindo

esse raciocínio, de acordo com a perspectiva teórica estabelecida, argumentamos que [sei lá] pode ser considerado um novo elemento na atual rede de marcadores discursivos da língua portuguesa, desempenhando funções pragmáticas distintas.

Nas seções seguintes, trataremos do arcabouço teórico balizador do presente texto e apresentaremos o *corpus* utilizado para a coleta de dados: a versão web/dialetos do *Corpus* do Português.

Em seguida trataremos especificamente da construção [sei lá] através da análise qualitativa de dados e da aplicação dos conceitos evocados. Por fim, teceremos considerações finais até o dado momento, visto que esta pesquisa faz parte de um escopo maior de trabalho para o desenvolvimento da dissertação de mestrado.

Funcionalismo Linguístico Centrado no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é uma perspectiva teórica que combina os princípios da Linguística Funcional Clássica com pressupostos da Linguística Cognitiva, especialmente sob a ótica da Gramática de Construções (Rosário; Oliveira, 2016).

Conforme destacado por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 20), a LFCU concebe a língua como "um sistema adaptativo complexo, uma estrutura fluida constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que estão em permanente emergência, a mercê de necessidades cognitivas e/ou intercomunicativas". Dessa forma, elementos mais estáveis coexistem com características dinâmicas, o que inevitavelmente envolve variação e mudança contínua, acompanhadas por ampliações semânticas, pragmáticas e categoriais. Portanto, para a LFCU, a língua é uma estrutura dinâmica, que nunca permanece completamente fixa em sua essência. É precisamente essa adaptabilidade que abre espaço para o surgimento de novas construções linguísticas de usos inovadores, tal como evidenciado na construção [sei lá].

Desenvolvida no âmbito da Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções propõe o princípio de que a linguagem é composta por pares de forma e significado, conhecidos como construções, que se organizam em uma rede interconectada (Goldberg, 2006; Langacker, 2008). Isso significa que o conhecimento linguístico dos falantes é constituído por uma rede de construções.

Dentro do contexto da abordagem construcional, Bybee (2016) caracteriza o léxico como um vasto repertório de construções, que são coletivamente criadas para atender a objetivos sociocomunicativos. A utilização dessas construções é responsável por modificar esse amplo repertório, especialmente através de expansões (Himmelman, 2004).

A perspectiva construcional reconhece que todos os níveis de análise gramatical são constituídos por construções, pareamentos de forma e função, que abrangem uma ampla variedade de unidades linguísticas, desde os menores componentes, como morfemas e palavras, até estruturas mais complexas, como expressões idiomáticas e padrões discursivos.

A abordagem construcional oferece uma perspectiva holística que conecta todos esses elementos e suas relações funcionais, contribuindo para uma compreensão mais completa da estrutura da linguagem, como exemplificado por Croft (2001), em seu elo de correspondência simbólica, que estabelece que o eixo da forma compreende características sintáticas, morfológicas e fonológicas, ao mesmo tempo em que associa propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais ao eixo do sentido. Esses dois eixos estão interligados, variando em sua integração, e o sentido construcional emerge da correspondência entre ambos. Essa composição resulta em um sentido específico que vai além da mera soma das partes individuais da construção.

Para a GC, e conseqüentemente para a LFCU, a unidade primordial da gramática é a construção. Do ponto de vista teórico, como exemplificado anteriormente, as construções são constituídas por dois aspectos: o aspecto da forma, composto por elementos sintáticos, morfológicos e fonológicos; e o aspecto do sentido, que é

formado por componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais (Traugott; Trousdale, 2013; Croft, 2001).

Há uma série de pressupostos teórico-metodológicos compartilhados entre a Linguística Funcional, a Linguística Cognitiva e, conseqüentemente, a abordagem Construcional da Gramática, incluindo a relação intrínseca entre a estrutura da língua e o uso que os falantes fazem dela em contextos reais de comunicação. Isso significa dizer que a organização gramatical é moldada pelo uso efetivo da língua (Barlow; Kemmer, 2000; Bybee, 2015 *apud* Cunha, Lacerda, 2017, p.19).

Os dados linguísticos para análise são obtidos de situações reais de fala presentes no discurso natural, e a análise é realizada por nós por meio de *corpora*. Dentro dessa perspectiva, a gramática é entendida como o conhecimento de um sistema linguístico, uma representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua. Isso significa dizer que a gramática é influenciada pelo uso em situações cotidianas de interação comunicativa.

Além disso, tais abordagens destacam que a gramática é uma estrutura holística, na qual nenhum nível é autônomo ou central. Em uma construção linguística, por exemplo, elementos como a semântica, a morfossintaxe, a fonologia e a pragmática funcionam de maneira articulada e integrada, refletindo a natureza interconectada da língua e a maneira como os falantes a utilizam para se comunicar e criar (novos) significados em contextos reais de uso.

A língua pode ser compreendida como um sistema de nós interligados por conexões. Tal concepção da linguagem reflete a compreensão de que a língua é uma rede de entidades que estão intrinsecamente interconectadas. Essa abordagem se alinha com a ideia de que a língua é um sistema de termos que dependem uns dos outros, formando uma estrutura coesa em que cada elemento contribui para o significado e a interpretação global. Portanto, a perspectiva de uma língua como um sistema de nós interdependentes está bem em sintonia com os princípios da Gramática de Construções e da Linguística Funcional Centrada no

Uso, reforçando a interconexão e a natureza dinâmica das estruturas linguísticas e cognitivas.

Dentre os conceitos abordados neste trabalho, enfatizamos o conceito de composicionalidade (Traugott; Trousdale, 2013, p. 19), o qual está relacionado ao grau de clareza entre a forma e o significado de diferentes construções. Quando uma construção é altamente composicional, isso indica que existe uma grande correspondência entre seus elementos constituintes, com pouca opacidade; ou seja, seu significado se aproxima da soma dos significados de suas partes individuais. Por outro lado, a diminuição da composicionalidade pode levar, por vezes, ao processo cognitivo de *chunking*, em que agrupamos e conceituamos unidades ou partes como um todo mais abrangente, resultando em *chunks*, como é o caso da construção aqui investigada.

Defendemos que novas construções se formam através do processo de neoanálise, que envolve uma "nova análise" de uma estrutura recém-criada (Traugott; Trousdale, 2013, p. 21). A analogia, que é um processo cognitivo inerente aos seres humanos, através do qual criamos ou formulamos algo com base em modelos já disponíveis é originador, mesmo que parcialmente, de muitos casos de mudança construcional e construcionalização.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a analogia é uma forma de neoanálise, uma vez que requer uma reinterpretação formal a partir de um modelo existente. Sendo assim, podemos deduzir que a neoanálise é um mecanismo mais amplo que engloba a analogia. Além disso, toda analogia é um caso de neoanálise, mas nem toda neoanálise é uma analogia, pois a neoanálise não necessariamente segue um padrão replicável.

Marcação discursiva e aspectos discursivo-pragmáticos

Entre a distinta conceituação dos marcadores discursivos (MD) na literatura linguística, partimos da seguinte, que consideramos contemplar a funcionalidade de [sei lá]. Nos termos de Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), os MD são:

(a) expressões invariáveis que são (b) sintaticamente independentes do seu ambiente, (c) tipicamente separados prosodicamente do resto do enunciado e (d) sua função é metatextual, relacionando uma unidade do discurso à situação do discurso, i. e., à organização de textos, à interação falante-ouvinte e/ou às atitudes do falante.

Levando em consideração de que a marcação discursiva opera no nível pragmático da língua, indo além da dimensão sintática, postulamos que [sei lá] encontra-se em processo avançado de construcionalização. A menor integridade de conteúdo e formanas subpartes verbal e locativa indica menor composicionalidade e maior esquematicidade, conforme discutido por Traugott e Trousdale (2013).

A subparte locativa, desempenhando um papel de afixoide, contribui para o sentido procedural, perspectivando a parte verbal na formação de um elemento da classe dos marcadores discursivos do português. Observemos o seguinte exemplo:

(2) Não entrarei em debate sobre o quê ou quem inspirou Cartola a escrever tão lindo,delicado, real e atemporal poema. Vou falar, sim, sobre que olhares devemos ter sobre nossos filhos e os jovens que se perdem no meio de o caminho. Devido, sei lá, diversidades de coisas. Eu tenho um casal de 10 e 13 anos, e esta música me inspirar em falar com meus filhos e sobre e as escolhas que terão quefazer a fim de evitar que sucumbam em esse mundo cruel.

No exemplo acima, o internauta comenta sobre a música “o mundo é um moinho”, de Cartola e, baseado nisso, argumenta sobre como a canção o inspira a conversar sobre o mundo com seus filhos. Na construção de sua argumentação, ele fala sobre os jovens que acabam se perdendo no caminho da vida, que é sobre o que trata a música. Na tentativa de complementar sua colocação, ele parece não saber dos motivos reais quefazem esses jovens se perderem e faz uso do marcador discursivo. Identificamos esse uso como hesitação, uma vez que, por não conseguir enumerar os motivos sobre o que tratava, arremata de uma forma genérica

“diversidade de coisas”. Sintaticamente, vemos que a construção está margeada por vírgulas, o que lhe confere caráter isolado e independente.

Nesse contexto, [sei lá] é de fato uma construção, visto que o sentido articulado não se resume a mera soma do componente verbal e do pronome locativo. Há perda composicional e conseqüente ganho esquemático, de modo que a construção [sei lá] atua contextualmente como um todo de sentido e forma que cumpre função pragmática na articulação do discurso.

Consideramos que [sei lá], cujos micropassos de mudança linguística envolvem neolálises, metaforização e analogia, é uma microconstrução do esquema maior [VLoc]_{md} (Teixeira, 2015).

Metodologia

Do ponto de vista metodológico, a abordagem da LFCU sempre se baseia em dados linguísticos reais, que são extraídos de situações autênticas de comunicação. Conforme mencionado na introdução, esta pesquisa selecionou um *corpus* sincrônico que representa o português brasileiro do século XXI, o *Corpus do Português*, em sua versão WEB/Dialetos. No total, foram selecionados os primeiros 50 dados de [sei lá] para, a partir de uma análise qualitativa, identificar os padrões de uso. Dado o caráter predominantemente qualitativo deste trabalho, esse conjunto de dados foi considerado adequado para nossa proposta, visto que a pesquisa maior, para a apresentação da dissertação de mestrado, encontra-se ainda em desenvolvimento.

Análise de dados

A constituição simbólica de [sei lá] não é o mero resultado da soma de suas partes, ou seja, não se trata do verbo cognitivo “saber” flexionado na primeira pessoa do presente do indicativo justaposto ao pronome locativo “lá”, cujo sentido “original” é circunstancial-espacial. Ao contrário, esses dois elementos são produto de

neolanálises, tanto em termos sintáticos como semânticos. Vejamos mais um dado de língua em uso para provar essa asserção.

(3) Mas que faça lembrar de o carinho, que surge, devagarinho, de a magia de a união de os corpos, de as auras... sei lá. Lembrar deo calor de as mãos, acariciando as costas a dizer: -- Estou aqui! Lembrar de o enlaçar de os braços, envolventes e seguros, afirmando: -- Estou com você!. Lembrar de a transfusão de forças, ou até de a suavidade de o momento... sei lá... Mas o que importa é a magia de este abraço! A fusão de energias, que harmoniza, integra o todo e se traduz em o cosmos, em o tempo e em o espaço... (*Corpus do Portugues: web/dialetos*).

O uso de [sei lá] no exemplo acima tem alto teor pragmático e intersubjetivo, pois o falante usa a construção para delimitar uma sequência narrativa enumerativa em ambas as instanciações: "...de a magia de a união de os corpos, de as auras...", "...de a suavidade de o momento...". Nesse contexto, o uso de [sei lá] coopera para a coesão dos sentidos negociados. Assim, as informações apresentadas inicialmente no discurso, interrompidas através do uso do marcador, não causam estranheza ao ouvinte/leitor.

O verbo "saber", nestes contextos de uso, perde seu estatuto de verbo pleno, pois não é mais o núcleo do predicado verbal. Funcionalmente, ele amplia seu significado, incorporando relações pragmático-discursivas, que são relevantes para compreender como os falantes utilizam a linguagem para expressar sua perspectiva pessoal sobre a veracidade ou o grau de comprometimento com o que estão comunicando. Sintaticamente, o verbo "saber" não mais aceita objetos diretos ou indiretos, como indica sua composição prototípica, mas sim forma um agrupamento com o pronome locativo "lá", de granularidade vasta (Batoreo, 2000). Tal agrupamento confere à construção, como unidade única de sentido, a noção de vagueza, que é traço do locativo "lá".

Em termos semânticos, o "lá" já não consiste mais em referenciar circunstancialmente um local físico, concreto, distante espacialmente daquele que fala. Ao contrário, em [sei lá], o locativo

"lá" é compreendido em sentido mais abstrato e virtual, via projeção metafórica, colaborando na construção para um sentido de vaguez e imprecisão. Assim, de um uso referencial físico-concreto, "lá" passa a ser usado em sentido virtual, atuando como afixoide. Em termos sintáticos, "lá" já não é mais um advérbio de lugar canônico, pois passa a ocorrer no contexto sem modificar um verbo ou adjetivo. Além disso, fixa sua posição ao lado do verbo e complementa seu sentido como um todo. A possível intercalação de posição das subpartes "lá sei" é um assunto a ser tratado no prosseguimento da pesquisa.

Assim posto, [sei lá] já não revela um uso totalmente composicional. Ao contrário, indica um *chunk*. Afinal, quando "sei" e "lá" coocorrem no discurso, ambos os elementos são neoanalisados e passam a funcionar como uma única unidade de forma e sentido, ou seja, uma nova construção na rede dos marcadores discursivos do português. Assim, [sei lá] já não é mais processado cognitivamente como um verbo justaposto a um pronome locativo, mas sim como uma construção marcadora discursiva que estabelece relações pragmáticas no plano discursivo.

Em termos gerais, o verbo "sei", articulado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, expressa o conhecimento ou a certeza limitada do falante em relação a algo. Já o pronome "lá" acrescenta uma dimensão de distanciamento ou indefinição, sugerindo que a resposta para a questão em pauta não está imediatamente acessível.

Assim, sem dúvida, a construção [sei lá] carrega, por efeito de persistência⁷, sentidos de usos anteriores de suas subpartes, que já atuavam semanticamente dessa maneira em contextos "originais". Conforme sustentado ao longo de nossa argumentação, é importante ressaltar que a combinação das partes individuais, ou seja, "sei" e "lá", em [sei lá] não é simplesmente uma soma de suas características sintáticas e semânticas. Cada uma dessas unidades ("sei", "lá" e "sei lá") desempenha uma função única no discurso. Além disso, é

fundamental destacar que a persistência do efeito observado em "lá" não contradiz a validade de sua classificação na construção.

Por meio da análise das 50 ocorrências levantadas, através das quais observamos os aspectos formais e funcionais de [sei lá], chegamos às seguintes propriedades construcionais: no polo da forma, a construção apresenta, como traços de propriedades sintáticas, a mobilidade relativa, tendo maior recorrência na posição medial; como traços morfológicos, atesta-se o *chunk*, de modo que a construção não permite elementos intervenientes; e como traços fonológicos, destacamos a pouca quantidade de massa fônica, mas não foi um item aprofundado. Em relação ao polo funcional, destacamos os traços semânticos na expressão de incerteza; como traços pragmáticos, salientamos os papéis de dúvida e modalização do discurso, expressos pela construção em contextos de uso específicos; e, sobre os traços discursivo-funcionais, destacamos a marcação discursiva como função proeminente.

Considerações finais

Nas seções anteriores, tecemos análises qualitativas e descrições das características construcionais de [sei lá], enfatizando sua função enquanto marcador discursivo no português brasileiro contemporâneo. Essas sequências caracterizam-se pela presença de (inter)subjetividade, conforme conceituada por Traugott e Dasher (2002), ou seja, mecanismos que induzem os interlocutores a conduzirem e partilharem trocas de significados pragmáticos, convicções e perspectivas durante a interação, influenciando reciprocamente na comunicação.

Por conta de tal caráter (inter)subjetivo, sequências tipológicas narrativas e descritivas representam o contexto favorável para a utilização frequente da construção. Esta, por sua vez, é uma estrutura gramatical, uma vez que incorpora sentido procedural, de acordo com os pressupostos de Traugott e Trousdale (2013), desempenhando um papel pragmático na linguagem. Trata-se de

uma construção complexa que possui subpartes altamente vinculadas em termos de forma e função, com perda de composicionalidade e que exhibe alto grau de esquematicidade, de modo que não admite elementos intervenientes entre suas subpartes. Essa vinculação, que forma um *chunk*, nos permite atestar a recategorização dos elementos “sei” e “lá” na formação de [sei lá].

Conforme postulamos aqui, de acordo com a perspectiva da LFCU e com base nos argumentos apresentados, podemos concluir que o marcador discursivo [sei lá] é, de fato, uma nova construção que surge de análises sintáticas e semânticas inovadoras.

Referências

BATORÉO, H. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BARLOW, M.; KEMMER, S. (Ed.). *Usage Based Models of Language*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BYBEE, J. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, A. F. da; BISPO, E.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, A. F. da (org.). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

CUNHA, A. F. da; LACERDA, P. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO,

M. M. (org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Editora da UFF, 2017.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford:Oxford University Press, 2006.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T. On the rise of discourse markers. *Researchgate*. Preprint, june, 2019, DOI: 10.13140/RG.2.2.31703.73129. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353> . Acesso em: 19 fev. 2023.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HILMMELMANN, N.; WIEMER, B. (ed.). *Whatmakes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: a basic Introduction*. New York: OUP, 2008.

OLIVEIRA, M. R. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo:Contexto, 2012, p. 133-152.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Editora da UFF, 2017.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística*, 2016, n. 60, v. 2, p. 233-259. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

TEIXEIRA, A. C. *A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, UFF, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructionalchanges*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

AS ORAÇÕES CORRELATAS CONTRASTIVAS ENCONTRADAS EM CONTEXTOS DIGITAIS

Érica do Socorro Barbosa Reis¹

Introdução

Estudar a linguagem, segundo Martelotta (2011), não é apenas analisar as estruturas particulares de uma língua, como também refletir sobre quais são os instrumentos utilizados para que haja uma comunicação entre os falantes. Portanto, elaborar este trabalho não significa apenas realizar uma investigação sobre a língua, mas sim tentar compreender sua relação com o mundo.

Com base em Diessel (2019), destacamos que as instâncias de uso linguístico carregam inerentemente uma intenção comunicativa, que é perpassada por “escolhas linguísticas” dos falantes e dos ouvintes em uma atividade interativa. Ademais, é sabido que a linguagem pode ser analisada sob diferentes níveis e olhares e, dito isso, afirmamos que o foco de nossa pesquisa configura-se no nível sintático de análise da língua, uma vez que estamos a tratar de conexão entre sentenças na organização estrutural da língua. Focalizando ainda mais nosso objeto de pesquisa, deparamo-nos com as orações correlativas, as quais já foram alvo de algumas pesquisas já postuladas na literatura da área.

Pesquisas como as de Módolo (2004) e Rosário (2012), por exemplo, as quais tiveram como principal base, Oiticica (1952) e sua *Teoria da Correlação*, já nos demonstraram o quanto esse assunto é caro aos estudos que envolvem o período composto das orações.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias, vinculada à Linha 1 (Teoria e Análise Linguística). E-mail: ericareis.reis@gmail.com

Isso nos fez buscar por tema, nos compêndios gramaticais, sobre o assunto, e atestar que as orações correlativas ainda são vistas de maneira superficial quanto às suas análises, no que se refere às gramáticas tradicionais.

Vejamos os exemplos a seguir, extraídos da rede social *Instagram*, para que possamos perceber melhor a ideia de correlação presente no terceiro parágrafo do *post* de um usuário da rede em questão:

Figura 1: Post extraído do *Instagram*

118 curtidas

pastornerd CASAR CERTO NÃO É SORTE, FAMÍLIA NÃO É LOTERIA!

No dia 12/10 fizemos 7 anos de casados!
Muitas pessoas (principalmente jovens) me perguntam sobre as certezas que tive, embora não tenhamos uma grande estrada juntos, já é "chãozinho" bom!

Resolvi listar algumas coisas que fiz (emos) ou que vivi neste tempo de namoro e preparação para o casamento, que me deram certeza e me fazem ter certeza até hoje de que estava me casando com a mulher da minha vida!

1- Não comecei a namorar pela a emoção mas sim pelo propósito - Não que não tenha me apaixonado, mas quem me mostrou a @cassia.lmsh foi o "Papai", em uma noite em que orávamos no altar, e fui orientado por Deus a convidá-la para iniciar uma célula (não nos conhecíamos).

Fonte: Acervo da rede social Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CF3CeX_jEmK/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=DBiNWFIZA. Acesso em: 26/05/2022.

Em relação ao contexto situacional da figura (1), encontramos um texto em forma e conteúdo de relato pessoal, uma vez que a escrita está em primeira pessoa gramatical e o usuário conta como foi o início do relacionamento do autor do relato, que, por interpretação, está na foto ao lado de sua esposa na comemoração dos 07 anos de união. Notemos que, na figura (1), há a ocorrência dos pares correlatos *não que não...mas* presentes na construção que compõe o terceiro parágrafo do texto. Afirmamos que sintaticamente *não que não* inicia a primeira oração que se correlaciona com a seguinte por meio da conjunção adversativa

mas, pois é como se a primeira fosse um “gatilho” para a formação da segunda, conforme as palavras de Lima-Hernandes (2014).

A partir do abordado, obtém-se como objetivo principal desta pesquisa atestar a existência das orações correlatas contrastivas a partir da observação do objeto em dados digitais extraídos do site *Instagram*. Destacam-se também alguns objetivos específicos, tais como: i) entender os contextos de uso das orações correlatas contrastivas; e ii) atentar para as motivações sintática, semântica, pragmática e discursiva que tendem a existir nos pares correlatos *não que não...mas/porém/só/só que*.

Em relação aos métodos de pesquisa, optamos pelo estudo sincrônico, uma vez que as postagens foram coletadas em recortes temporais bem próximos (período de 2 anos), na rede social *Instagram*. Nos dados, aplicamos a pesquisa qualitativa, seguida de resultados numéricos.

No que tange ao levantamento bibliográfico, fundamentamos nos pressupostos teóricos da Linguística Baseada no Uso – a qual pondera a interface funcionalismo-cognitivismo, uma vez que consideramos forma e função atuando juntas e concomitantes em uma sentença discursiva. Ademais, contamos com a *Gramática de usos* de Neves (2000), e com as pesquisas de Cunha (2001a), Neves (2021), as quais nos auxiliam em relação à negação entre outras, bem como com os estudos de Módolo (2004), Rosário (2012) e Rodrigues (2007), que dão suporte ao estudo e análise das orações correlatas.

Orações correlatas

Recorre-se, neste momento, aos estudos de orações nomeadas de correlatas, as quais, de acordo com Oiticica (1952, p. 2) são uma “floresta inexplorada”, que precisa ser desbravada pelos estudiosos da língua. Nossa pesquisa, assim, visa a contribuir, de forma significativa, com essa tarefa. Possivelmente, tal afirmação é uma das grandes justificativas para o nosso estudo, pois, dessa forma, conseguimos contribuir para descrição e análises mais

consistentes desse fenômeno linguístico. Isso também corrobora o que Rosário (2012, p. 1) nos afirma ao entender que

a correlação reúne em seu bojo uma série de estruturas muito diversificadas, o que nos levou a uma decisão fundamental: selecionar um aspecto da questão, tendo em vista a necessidade de conferir à investigação aqui proposta, de caráter essencialmente sincrônico, um tratamento aprofundado e detalhado. Com esse objetivo, portanto, para análise, selecionamos um grupo de estruturas dentro da correlação aditivas.

Castilho e Elias (2015) nomeiam o período composto de *sentenças complexas correlatas*. Eles apresentam a correlação na conexão de orações e afirmam que essas se esquivam de aspectos coordenativos ou subordinativos por não apresentarem uma conjunção, mas sim dois elementos que atuam juntos na conexão do período composto.

Vejamos nos exemplos a seguir destacado por Castilho e Elias (2015, p. 382):

(a) O aluno **não só** estuda, **como também** trabalha.

(b) **Não só** o aluno **como também** a aluna trabalham.

Os autores nos afirmam que “a primeira sentença contém um elemento gramatical negrito, a que corresponde obrigatoriamente outro elemento gramatical da segunda, igualmente negrito, sem os quais o arranjo sintático seria inaceitável”. Conforme eles asseguram exemplificando com orações agramaticais correspondentes:

(a') *O aluno não só estuda trabalha.

(b') *O aluno estuda como também trabalha (p. 382).

Com base no exposto, conseguimos atestar que nosso objeto de pesquisa se enquadra no fenômeno da correlação, pois apresenta características semelhantes quanto a possuir pares correlatos em que o item gramatical da primeira oração auxilia na escolha do item da segunda, havendo, portanto, a interdependência.

Ademais, reforçamos a teoria com o estudo de: “*Não que eu não saiba o que é normativo, mas as pessoas estão usando assim: correlações inovadoras no português brasileiro*”. A autora dessa pesquisa, Lima-Hernandes (2014), reflete sobre um estudo diacrônico da combinação de orações. Atesta, com base em exemplos sincrônicos, que os processos de subordinação e coordenação passaram por aquilo que o funcionalismo nomeia de gramaticalização, termo muito caro e discutido nesta vertente linguística.

A pesquisadora retoma os conceitos de *parataxe*, *hipotaxe* e *subordinação* discutindo e confrontando sintaticistas funcionalistas em relação a alguns olhares diferentes entre eles. No entanto, no que tange ao processo de correlação, ela direciona para refletirmos sobre a gramaticalização em orações correlatas, com foco maior nas que trazem o “mas” como par da segunda oração.

Além disso, acrescenta que “em sua acepção mais estrita, a correlação deve ser considerada um processo de raiz pragmática e cognitiva, portanto, uma estratégia discursiva” (Lima-Hernandes, 2014, p. 9). Isso pode ser observado com foco nos dois elementos que ligam as duas porções informativas, os quais a autora trata o primeiro elemento como uma espécie de gatilho em relação ao segundo, ou seja, o processo se materializa na sintaxe, mas é construído “em projeções mentais feitas pelo falante tendo em vista a bagagem pragmática de seu interlocutor e seus objetivos” (p. 9).

Ela leva em consideração novamente a complexidade dessa relação e reitera que “ainda que seja um processo complexo e econômico selecionado pelo falante, este não tem liberdade total de seleção dos itens que estabelecerão a correlação sintática” (p. 9), fazendo-nos entender que a escolha do segundo par correlato depende, de forma crucial, da seleção do primeiro.

A autora reconhece que há formas engessadas nas orações correlatas, tais como: *não só... mas, tanto...que e tão...que*, no entanto, alerta-nos para entender que é possível a alteração de um dos itens dos pares em alguns casos. Sendo assim, a correlação pode ser concebida como “uma resposta a processos discursivos, como

focalização e relevo informacional, sempre tendo em vista a interlocução” (Lima-Hernandez, 2014, p. 10).

Construção

De acordo com o modelo teórico de abordagem construcional, **construções** são entendidas como “unidades simbólicas convencionais” e independem do tamanho da porção textual.

As construções são convencionais porque são compartilhadas por um grupo de falantes. Elas são simbólicas porque são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e significado. E são unidades porque algum aspecto do signo é tão idiossincrático (Goldberg, 1995) ou tão frequente (Goldberg, 2006) que o signo é fixado como um pareamento forma-significado na mente do usuário da língua (Traugott; Trousdale, 2021, p. 25).

Bybee (2016, p. 128) assevera que todos os pesquisadores que trabalham com a ideia de que a língua é uma rede de construções, concordam que “elas são tidas desde palavras monomorfêmicas a palavras complexas, expressões idiomáticas, até configurações muito gerais como ‘construção passiva’”. Isto é, há a proposta de que tudo na língua é uma construção e que construções já existentes podem agrupar-se de determinada forma para compor outras.

É o que podemos observar reportando-nos para os dados encontrados para a análise das correlatas contrastivas, pois verificamos que os pares correlatos elencados também nos direcionam para a ideia de construção. Logo, demarcamos que trabalhamos com as seguintes construções: *não que eu não...mas*; *não que não...porém*; *não que não...só*; e *não que não...só que*. No entanto, para o presente estudo, trabalhamos somente com os pares: *não que eu não...mas*; e *não que não...porém*.

Negação: uma complexidade semântica

Vivemos em uma sociedade em que, quando não estamos afirmando algo, estamos negando, e a estrutura primária na negação, ativada pela nossa gramática universal, é a estrutura “não”. Segundo Neves (2021), a negação sempre precisa ser marcada, ao contrário da afirmação, e, além disso, vejamos que as frases negativas são menos transparentes do que as afirmativas, sob um viés semântico.

Para exemplificar, a autora nos permite observar duas orações, sendo (c) afirmativa e (d) negativa. Imaginemos o contexto a seguir:

Joana encontra Maria e fala:

(c) Eu peguei um resfriado.

(d) Eu *não* peguei um resfriado

Em (c), fica acessível constatar a transparência da assertiva e a informação não necessita de outras ou de outro conhecimento prévio para ser compreendida. Já em (d), o que podemos notar é que se trata de uma oração mais complexa, deixando o seu entendimento global prejudicado, uma vez que ela apresenta baixa informatividade. Este fato deixa o interlocutor com necessidade de outras informações para, então, ser compreendida a negativa presente em (d).

Em complemento, Ferrarezi Jr. (2019, p. 118) elenca que “do ponto de vista estrutural de uma declaração, a negação é o estabelecimento do contraditório por meio do qual um termo declarado é obrigatoriamente excluído”. O autor, para melhor ilustrar, traz os seguintes exemplos e nos faz entender que ambos não podem ser verdadeiros, partindo do princípio de que a declaração é feita do mesmo João e no mesmo mundo.

(e) João é brasileiro.

(f) João não é brasileiro.

Ferrarezi Jr. (2019, p. 118) nos chama a atenção para a negação sob outras perspectivas, ou seja, da perspectiva semântica e pragmática. O linguista defende que “No processo cotidiano da comunicação, muitas formas de negação têm natureza pragmática,

recorrem a recursos de uso (como repetir a frase declarada em tom irônico) ou mesmo extralinguísticos”, o que nos leva a lembrar, por exemplo, dos sinais com o dedo indicador, de feições agradáveis no rosto envolvendo olhos e boca (sorriso), tudo para declarar algo negativo.

O autor também declara que, sob o ponto de vista estrutural, há algumas formas linguísticas que denotam uma negação. Dentre elas, situa-nos entre as mais comuns: O uso de morfemas (anti, des); o uso de palavras de negação (não, nunca); o uso de expressões idiomáticas (nem que a vaca tussa, nem que a galinha crie dente). Além destas, fazemos o destaque de construções regionais, tais como *mas quando*, a qual já foi objeto de estudo na pesquisa de mestrado de Reis (2018).

Contraste

De acordo com a pesquisa de Corrêa e Dias (2020), a relação semântica de contraste é manifestada em contextos oracionais contrajuntivos, concessivos, e até mesmo alternativos e comparativos. Tal relação de contraste na construção em foco se apoia na **desigualdade, na quebra de expectativa**.

Nessa visão, ressaltamos que o contraste por quebra de expectativas, segundo Longhin (2002), “não decorre da incompatibilidade semântica entre orações, mas, sobretudo, de aspectos ligados ao contexto pragmático, que inclui as avaliações, as crenças e as pressuposições do falante” (p. 118).

Paralelo a tal afirmativa, é relevante apresentar também a visão sobre o conceito de contraste linguístico defendido por Longhin e Lopes-Damáio (2016, p. 150), que declara:

definimos contraste, nos moldes de Schwenter (2000), como uma noção não só linguística, mas essencialmente cognitiva, vinculada ao sistema de expectativas acerca do mundo. Nesses termos, a relação de contraste consiste na sinalização de uma incompatibilidade entre duas entidades comparáveis em alguma dimensão, o que pode se

concretizar como uma desigualdade, diferença ou refutação, que conferem aos enunciados uma função fortemente argumentativa (Ducrot, 1983; Lakoff, 1971; Schwenter, 2000, Pekarek-Doehler *et al.*, 2010). Em todo caso, a colocação em contraste se materializa por meios sintáticos, léxico-semânticos e pragmáticos, mas precisa ser licenciada por 'regras' do conhecimento de mundo. Portanto, a consideração dos contextos linguístico e pragmático-cognitivo constitui a chave para apreensão das leituras contrastivas.

No presente momento, é concebível lembrar também das orações contrajuntivas, que trazem o *mas* no segundo segmento, bem como da oração correlata contrastiva, a qual é o foco deste trabalho, cujo segundo segmento pode ser iniciada por *mas*.

As contrajuntivas são as orações em que o segundo segmento contraria as expectativas geradas no primeiro. No caso da conjunção *mas*, ela funciona como “um bloqueador de aposição” (Castilho, 2010, p. 354); o efeito de contraste resulta de uma quebra de expectativas entre os segmentos A e B, que será percebida como negação, desigualdade, contrariedade, rejeição, não realização de uma relação de causa e efeito ou curso inesperado de evento. (Pezatti; Thomazi, 2008, p. 919).

Procedimentos metodológicos

O gênero elencado para a coleta de dados foi o *post* produzido na rede social *Instagram* pelos usuários dessa rede. Houve, assim, a coleta de dados no campo digital em que, no total, até o momento, temos 63 dados. Ademais, por se tratar do recorte de uma pesquisa maior, optamos por considerar apenas 20 dados, referentes às construções *não que não...mas/porém*, para esse capítulo. Assim, os métodos elencados foram o qualitativo, aliado a um levantamento numérico, sob o viés sincrônico.

Vejam os quantitativos dos dados acima elencados no quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Quantidade de pares correlatos com duplicidade de *não*

Pares correlatos	Quantidade de dados
<i>Não que não (suj) = mas</i>	15
<i>Não que não (suj) = porém</i>	5

Fonte: Elaborado pela autora.

Análise dos dados

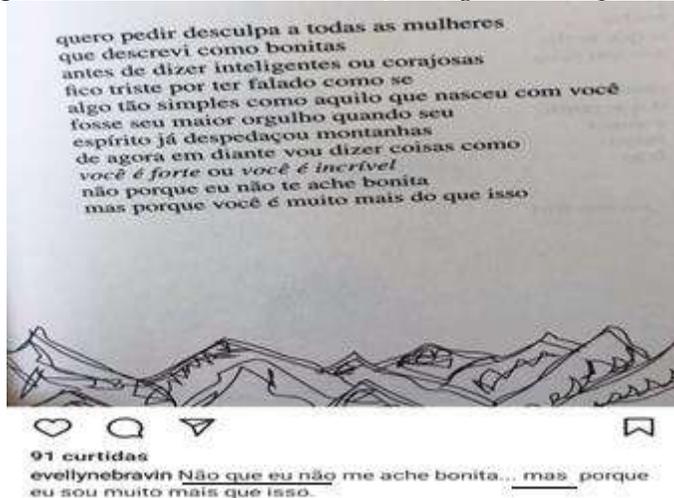
Sob o ponto de vista da análise semântica e das relações de sentido das orações contrastivas, tomamos por base, Neves (2011, p. 757), com as especificações do valor semântico de *mas*, as quais podem ser por contraposição ou por eliminação.

Começemos, portanto, pelos casos em que *não que não* se faz presente como primeiro par correlato e a conjunção *mas* como iniciando o segundo. Devemos observar também que no decorrer das análises há a categorização quanto ao tipo de contraste encontrado na segunda oração, na relação entre os dois segmentos, principalmente nas orações contrastivas mais prototípicas iniciadas por *mas*.

É válido, neste momento, informar que a maioria dos dados coletados apresentam um sujeito (eu) no primeiro correlator *não que não*, porém por não ser em todos os dados que esse sujeito aparece, optamos em evidenciá-lo entre parenteses.

- **Uso 1:** *não que (suj) não...mas*

Figura 2: Contraste na mesma direção (argumento superior)



(2)

Fonte: <https://instagram.com/evellynebravin?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Acesso em: 23/05/2022.

Ao analisarmos o exemplo (2), temos uma postagem também iniciada pela porção verbal referente ao par correlato *não que eu não*, que introduz a afirmação de que a usuária se acha bonita. Em seguida, na segunda oração, encontramos o par *mas* introduzindo sintaticamente a ideia adicional de que ela é mais do que bonita, de quem sabe que possui outras características além da beleza, ao mesmo tempo em que essa segunda oração apresenta um contraste sutil entre ser bonita e ter, além disso, outras qualidades. Isto é, temos um *contraste na mesma direção*, o qual a ideia oposta não elimina a primeira defesa presente no início do período, mas põe em destaque a informação mais forte, estabelecendo uma quebra de expectativa.

É importante notar que a postagem em texto verbal se faz apenas por uma única sequência de orações correlatas, com 91 curtidas, no entanto, vale entendermos a razão do texto e sentimentos nos direcionando ao que está descrito na foto postada. Devemos observar que se trata de um texto com pedido de desculpas às mulheres em relação à falha em não exaltar primeiro

suas qualidades mais valorativas ou internas, uma vez que a usuária parece ter entendido que todas as mulheres podem ser mais do que bonitas e que isso também deve ser exaltado e em primeiro lugar.

- *Uso 2: não que (subj) não...porém*

Figura 3: Contraste com especificidade



58 curtidas

personalhudsonguimaraes A ESPECIFICIDADE no treinamento funcional visa resgatar através de um programa de treinamento individualizado, a capacidade funcional do aluno, trazendo para o treinamento "gestos" que ele costuma fazer no dia a dia, mas para atletas já temos um ponto diferente, com esses indivíduos temos que trazer para o programa de treinamento situações reais de "jogo" não que não continue sendo específico, porém com atletas, trabalhamos mais gestos técnicos e entre outros.

(3)

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CpK5bIqsEYo/?igshid=MzRIODBiNWFIEEX>. Acesso em: 25/05/2022.

No exemplo (3), temos aparentemente as mesmas explicações do dado anterior (2), no entanto, com uma diferença estrutural na construção referente ao primeiro par correlato da construção total correlata, pois encontramos agora a construção [não que não] sem o sujeito presente sintaticamente, fato que pode nos levar a ambiguidade de sujeito, pois, em "*não que não continue sendo*

específico”, é possível entendermos o sujeito sendo o treinador ou o treino em si.

Em relação ao contexto geral do *post*, o usuário afirma que o treino funcional é específico para resgatar a capacidade funcional de todo e qualquer aluno. Em seguida segue com a afirmação de que para os atletas essa especificidade continua, mas de maneiras diferentes ao afirmar que “*trabalhamos com mais gestos técnicos e entre outros*”, ou seja, há mais uma vez o contraste seguindo uma *mesma direção*, não eliminando a ideia da primeira oração, mas *especificando-a*. Ainda podemos afirmar que há uma oposição clara entre o treino de todos os que querem treinar o modelo funcional e os atletas, pois para eles há outras formas presentes também na categoria funcional.

Considerações finais

Tendo em vista os dados elencados, verificamos que existe uma construção correlata contrastiva, em que a segunda oração, iniciada por elementos contrastivos, funciona se opondo à ideia da primeira. Dentre as orações pesquisadas, as conjunções contrastivas com maior ocorrência foram *mas* e *porém*.

Para este capítulo, a construção correlativa apresenta os pares correlativos *não que não ...mas/porém*, instanciando o Uso 1 a correlata contrastiva na *mesma direção* e o Uso 2, o contraste com *especificidade*.

Compreendemos a complexidade desse estudo, uma vez que no conjunto de trabalhos publicados podemos encontrar as correlatas: aditivas, alternativas, consecutivas e as comparativas (estas últimas aparecem no estudo de Rodrigues (2007), com o nome de proporcionais). Entretanto, uma conexão de orações dada por meio da correlação contrastivas não se faz presente nessa lista, o que configura o ineditismo da pesquisa.

Portanto, nosso objetivo principal foi defender a existência das orações correlatas contrastivas presentes em dados retirados de interação digitais, com mais ênfase em textos que se assemelham à

categoria dissertativo-argumentativa por meio de postagens de cunho pessoal, por cada usuário dos *sites* supracitados.

Referências

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Ver., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição: tradução* Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A. T.; ELIAS, V. M. *Pequena Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, A. T. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CORRÊA, K. da S.; DIAS, N. B. O valor contrajetivo de acontece que. *Confluência*, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, nº 59, p. 81-104, jul-dez. 2020.

CUNHA, M. A. F. da. Variação e mudança no domínio funcional da negação. *Revista Graguatá*, Niterói – RJ, v. 9, p. 155-170, 2000.

CUNHA, M. A. F. da. Variação e mudança das estratégias de negação. *Boletim da ABRALIN* v. 26, nº Especial - I, p. 146-149, 2001a

DIESSEL, H. *The Grammar Network: How language structure is shaped by language use*. Cambridge: University Press, 2019.

DUCROT, O. Opérateurs argumentatifs et visée argumentative. *Cahiers de linguistique française*, 05:79-108, 1983.

FERRAREZI JR., C. *Semântica*. São Paulo: Parábola, 2019. (Coleção Linguística para Ensino Superior; vol 6).

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: OUP, 2006.

LAKOFF, R. If's and's and but's about conjunction. In: FILLMORE, C.; LANGENDOEN, T. (Ed.). *Studies in linguistic semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971, p. 114-149.

LIMA-HERNANDES, M. C. Não que eu não saiba o que é normativo, mas as pessoas estão usando assim. Correlação Inovadoras no Português Brasileiro. *Revista de Letras Norte@mentos. Estudo Linguísticos, SINOP – MT*, vol. 7, nº 14, p. 18-34. Jul-Dez, 2014.

LONGHIN, S. R. *A gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, São Paulo, 2002.

LONGHIN, S. R.; LOPES-DAMÁSIO, L. R. Construções relativas com traços circunstanciais: causa, condição e contraste. *Veredas Atemática*, vol. 18, nº 2, 2016.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. Mario Eduardo Martelotta. São Paulo: Cortez, 2011, p. 48-48. (Coleção leituras introdutórias em linguagem; v. 1).

MÓDOLO, M. *Gramaticalização das conjunções correlativas no português*. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Acesso em: 21 ago. 2023.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

NEVES, M. H. M. *Projeto 4-Gramática do Português*. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/QyS10Qs9V8o?si=DUMvfjPyQ3tqA4Sf>> Acesso em: 19 out. 2021.

OITICICA, J. *Teoria da Correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

PEKAREK-DOEHLER, S. *et. al.* Configurations paratactiques et grammaire dans l'interaction. In: BÉGUÉLIN, M. J.; AVANZI, M.;

CORMINBOEUF, G. (Ed.). *La Parataxe. Tome II: Structures, marquages et autres classes de parataxes*. Berne: Peter Lang, , 2010, p. 387-340. (Collection Sciences pour la communication).

PEZATTI, E. G.; LOGHIN-THOMAZI, S. As construções coordenadas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. (org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. V. II. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

REIS, E. S. B. *Os usos do Mas quando paraense*, 82 f. Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

RODRIGUES, V. V. Correlação. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, V. V. Em foco a correlação. *Diadorim*. Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 16, dez. 2014, p. 122-139.

RODRIGUES, V. V. Uso(s) de conectores: uma abordagem funcional discursiva. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20, Especial, p. 535-560, 2018.

ROSÁRIO, I. da C. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012. 250f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal Fluminense de Letras, Instituto de Letras, Rio de Janeiro, 2012.

SCHWENTER, S. Viewpoints and polysemy: linking adversative and causal meanings of discourse markers. In: COUPER-KUHEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 257-282.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e Mudanças Construcionais*. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

A MICROCONSTRUÇÃO CONECTORA NA *TENTATIVA DE*: UM ESTUDO CENTRADO NO USO

Gabriela Alves Conceição¹

Uma introdução a respeito das cláusulas de finalidade

Este trabalho, em nível de mestrado, é um recorte da dissertação acerca da microconstrução conectora [*na tentativa de*], que ainda está em andamento. Esta pesquisa vincula-se a uma agenda de trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa CCO (Conectivos e Conexão de Orações) e ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (UFF). Em relação às pesquisas do grupo, tem-se como foco o estudo da língua com base nos pressupostos teóricos-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), especificamente na investigação dos conectores e processos de conexão de orações nas perspectivas sincrônicas e diacrônicas.

Portanto, busca-se aqui apresentar um recorte de um estudo sobre a microconstrução conectora de finalidade [*na tentativa de*], instanciada pelo subesquema [Prep [det] N de]_{connect} que, por sua vez, liga-se à rede [X de]_{connect}.

Antes de dar destaque aos conceitos-chave para a descrição da microconstrução em foco, consideramos pertinente mencionar brevemente como a tradição compreende o domínio das cláusulas de finalidade. Em compêndios tradicionais nos quais se aborda o tema de integração oracional, observamos um olhar dicotômico e, por vezes, assimétrico para definir o que é coordenação e o que é subordinação. Tais classificações baseiam-se em dados distantes do

¹ Mestranda em Estudos de Linguagem na UFF, sob orientação do Prof.º Dr.º. Ivo da Costa do Rosário. E-mail: gabrielaconceicao@id.uff.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9380-3077>

uso, com fragmentos textuais descontextualizados. Os autores mais tradicionais alicerçam-se em critérios que versam ora sobre independência sintática, ora sobre dependência sintática, além de considerarem critérios semânticos.

Quando há menção às orações adverbiais, sobretudo, às orações finais – foco desta pesquisa –, a tradição gramatical também segue a mesma lógica classificatória. No caso das orações subordinadas adverbiais de finalidade, os gramáticos (Cunha; Cintra, 2007; Bechara, 2009; Rocha Lima, 2018) são categóricos, condicionando-as a advérbios, adjuntos ou locuções conjuntivas, e tampouco mencionam o fenômeno da hipotaxe, à exceção de Bechara (2009), que faz uma rápida referência à parataxe e hipotaxe.

Sendo assim, elementos que estão à margem das gramáticas, como a microconstrução conectora [*na tentativa de*], normalmente, são inseridos no rol das locuções prepositivas ou locuções mais complexas, uma vez que, para os compêndios tradicionais, a noção semântico-pragmática para definir orações está atrelada apenas a conjunções ou conectores de finalidade considerados mais canônicos, como *para que*, *a fim de que*, *que (para que)* e *porque (para que)*.

Embora este trabalho seja essencialmente sincrônico, outro aspecto importante para a nossa pesquisa acerca da microconstrução conectora é compreensão de seus étimos, dado que consideramos, com base em uma análise preliminar, que o nome “tentativa” (do verbo “tentar”) nos auxilia na descrição e no entendimento do funcionamento do elemento que desempenha função conectora na língua. No Quadro I estão organizadas algumas acepções de *tentar* nos dicionários:

Quadro I: Acepções do verbo tentar nos dicionários

Dicionário	Tentar
<i>Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do</i>	1. Indica ação-processo.1. Com sujeito agente/causativo com complemento expresso por nome humano , significa: 1.1. pôr à prova, procurar corromper. 2.Com sujeito causativo e complemento expresso por nome humano ,

<p><i>Brasil – Francisco da Silva Borba 2ªed.</i></p>	<p>significa criar desejos em induzir, instigar. II. Indica processo, na forma pronominal com sujeito experimentador e com complemento da forma a + oração infinitiva. Significa deixar-se seduzir, apetercer vivamente alguma coisa. III. É modalizador seguido de infinitivo para indicar a modalidade da ação (tentativa). Quando o verbo principal for um verbo de ação, do tipo de fazer ou dar é comum sua omissão permanecendo apenas o auxiliar. Ocorre também com o complemento apagado: Não custava tentar</p>
<p><i>Grande Dicionário Houaiss on-line (2017).</i></p>	<p>1 <i>t.d.</i> empregar meios para conseguir (algo); diligenciar, intentar. 2 <i>t.d.</i> esforçar-se por; buscar, procurar. <i>t.d.</i> pôr em execução; empreender, realizar. 4 <i>t.d.</i> pôr em experiência; provar, testar.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

No Quadro I, notamos que as acepções do verbo “tentar” fazem referência a uma semântica de incerteza, com sentido de se aventurar ou experienciar algo, a depender do ambiente contextual. Nas definições dos dicionários, verificamos que é comum a presença de um sujeito causativo que lança mão de projeções para alcançar seus intentos, objetivos ou desejos, que podem ou não se sobrepor ao mundo físico. Além disso, essa ideia de projeção está aliada com a ideia de finalidade e o recrutamento do infinitivo (normalmente circunscrito à cláusula hipotática final), pois ambos também indicam movimento de prospecção em relação ao futuro.

Na análise do ambiente contextual e tipo textual no discurso 1 (D1) e discurso 2 (D2), encontramos as acepções do verbo (Quadro I). Ter a compreensão dessas noções permite-nos refletir acerca das manobras de convencimento que o produtor do texto assume ao construir seu projeto de dizer, especialmente no que tange à ideia

de “instigar” e “seduzir” o leitor, como pode ser verificado em *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*.

Diante dessa exposição a respeito das cláusulas finais e acepções do verbo *tentar*, vejamos no dado seguinte um exemplo da microconstrução em foco:

(01) Desde 9 de fevereiro, a barragem perdeu a garantia de estabilidade. Segundo a Vale, ela atingiu o nível três de alerta, que indica risco iminente de ruptura. A empresa notificou o Ministério Público de Minas Gerais em 16 de maio, quando o caso ganhou repercussão. # A barragem ameaçada tem 6 milhões de metroscúbicos de rejeitos. **Na tentativa de *atenuar*** a tragédia, a Vale construiu um muro e instalou telas metálicas e blocos de granito na estrutura. A cava da mina tinha água e estava desativada desde 2016. # Obras para diminuir riscos. A Vale anunciou obras na região para conter possíveis vazamentos de lama. A **intenção** da empresa é construir uma espécie de muro de contenção para reter a maior parcela de rejeitos em caso de rompimento. Apesar de ter anunciado a empreitada nessa terça-feira, as obras começaram na última quinta (23/05/2019). # A mineradora divulgou um vídeo institucional no qual minimiza a situação. Segundo a empresa, as análises do talude apontam que, em caso de ruptura, há grande possibilidade do material deslizar para dentro da cava, diminuindo a hipótese de impacto na barragem.

O dado (01) insere-se em veículo jornalístico que informa que a mineradora Vale fará medidas para reduzir e atenuar os possíveis impactos da barragem de Cocais, em Minas Gerais. Na análise dos D1 e D2, nota-se o predomínio da sequência tipológica expositiva. No D2, a oração hipotática final “*Na tentativa de atenuar a tragédia,*” encabeça um sintagma verbal (SV) “atenuar” e destaca a tomada de atitude da mineradora para resolver o problema que ela mesma causou.

Ao analisarmos a posição da cláusula, verificamos que essa está em posição anteposta, o que contribui não só para introduzir o tópico/assunto mencionado anteriormente, como também para a

sustentação da coesão discursiva. Além disso, atua como domínio de referência para aquilo que será dito na cláusula núcleo.

De acordo com os estudos de Dias (2001), as cláusulas finais realizam um movimento de prospecção para o mundo das intenções (físico ou não), o que faz com que se estabeleça o seguinte esquema: origem – trajetória – meta. Aplicando isso ao dado, encontra-se a origem (intento da mineradora para solucionar o problema); por sua vez, na trajetória, há a meta 1 e a meta 2 (construção de um muro e instalação de telas e blocos). Tal movimento prospectivo ocorre no mundo físico.

Em uma última instância, o ambiente contextual nos fornece pistas de posicionamento do produtor textual, tendo em vista que o usuário da língua recruta o vocábulo “tragédia” e faz uso de aspas duplas para deixar claro e, de certa forma, chamar a atenção para os danos causados pela Vale, ainda que a mineradora tenha proposto soluções e feito vídeos informativos.

Diante desse dado inicial, assumimos como hipótese que [*na tentativa de*] surgiu na língua por meio de processos cognitivos como *chunking*, *neoanálise* e *analogização* (Traugott; Trousdale, 2021; Bybee, 2016). Como justificativa, acreditamos que este estudo é bastante promissor e pode contribuir de forma relevante para os estudos linguísticos, principalmente para a educação linguística.

Valendo-se dessa breve introdução, o capítulo estrutura-se da seguinte forma: na seção 2, apresentamos a fundamentação teórico-metodológica do objeto; em 3.1, discutimos os dados; por fim, em 4, procedemos aos apontamentos finais deste trabalho preliminar.

Fundamentação teórica e metodologia

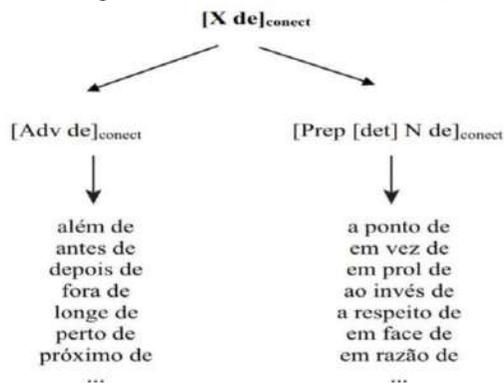
No contexto dos Estados Unidos, em 1970, o termo "Funcionalismo" ganhou ainda mais força. Em uma abordagem mais recente, a partir das contribuições da Linguística Cognitiva (LC) e da Gramática de Construções (GC), surge a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Este trabalho fundamenta-se na nova fase do Funcionalismo — na perspectiva teórica da LFCU

- em que a gramática não é compreendida como estrutura rígida ou estática. Para essa teoria, existe uma simbiose entre a gramática de uma língua e o discurso, sendo, portanto, a língua uma estrutura dinâmica, maleável e plástica. Acredita-se também no potencial do uso impactar o sistema, uma vez que os falantes moldam a gramática de acordo com as suas necessidades e os seus propósitos comunicativos. Nesse processo, verificam-se a mutação e a emergência de novas construções (Rosário; Oliveira, 2016).

No contexto de desenvolvimento da Linguística Cognitiva (LC) e refinamento das pesquisas funcionalistas, surgiu a Gramática de Construções (GC). A partir disso, as pesquisas no âmbito funcional passaram a compreender a língua como uma rede de construções sistematizada de modo hierárquico. Traugott e Trousdale (2021), ao tratarem do conceito de construção, apresentam a seguinte representação: $[[F] \leftrightarrow [S]]$, em que F representa a forma, e S, o significado.

Conforme Traugott e Trousdale (2021), há três fatores essenciais para uma análise construcional: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*. A *esquematicidade* mostra o grau de abstração de uma construção específica, representada por esquemas, subesquemas e microconstruções. A produtividade refere-se à extensibilidade de uma construção. Já a composicionalidade demonstra o grau de transparência de forma-sentido. Com base nisso, na Figura 1, está representada a rede $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$ em que *[na tentativa de]* faz parte:

Figura 1: Esquema construcional da rede [X de]_{conect}



Fonte: Rosário (2020, 2022).

Bybee (2016), no que se refere às pressões cognitivas, trata de alguns processos de domínio geral, por exemplo, *chunking*, neoanálise, analogia, entre outros. Além disso, também diferencia dois tipos de frequência: a *type* e *token*. A primeira está ligada aos usos individuais, e a segunda está relacionada à produtividade e ao número de ocorrências em um determinado *corpus*.

A composicionalidade, neoanálise, analogização e *chunking* (Traugott; Trousdale, 2021; Bybee, 2016) são importantes para esta pesquisa. Por meio da composicionalidade, identifica-se o grau de transparência entre a forma-conteúdo da construção. A neoanálise diz respeito a uma nova análise que os usuários fazem de um determinado elemento. A analogização que, por sua vez, liga-se ao eixo paradigmático, forma novos padrões construcionais com base em modelos já existentes na língua. Por fim, segundo Bybee (2016), novas unidades são processadas e lidas juntas como um bloco de forma-conteúdo facilmente acessado pela memória, funcionando, portanto, como *chunking* (em um *continuum*).

Outros estudos-chave para o trabalho são: o conceito de *camadas* (Hopper, 1991, p. 45) para demonstrar que “há coexistência de formas alternativas de expressão, decorrentes da mudança linguística, criando variabilidade”; e a definição de Dias (2001, p.138) em relação às cláusulas finais, pois estas “codificam um

movimento de uma origem para um objeto da finalidade, no mundo das intenções", estabelecendo o seguinte esquema: origem – trajetória – meta.

No que tange à *metodologia*, utilizamos como banco de dados o *Corpus* do Português interface *Now* criado pelo professor pesquisador Mark Davies, da Brigham Young University. A plataforma está disponível no seguinte link: (<www.corpusdoportugues.org/now/>). Nessa análise preliminar coletamos 145 dados da modalidade escrita em virtude do nosso interesse pelos dados empíricos do português do Brasil.

Para analisar e descrever esses dados, pautamo-nos na metodologia qualitativa e quantitativa porque acreditamos que por meio do equacionamento desses métodos podemos fazer generalizações e compreender holisticamente a microconstrução conectora (Lacerda, 2016).

Como fatores analíticos, levamos em conta nas análises: i) a *anteposição e posposição* das cláusulas; e ii) a *presença de SV e SN*. Também, na análise dos excertos, buscamos descrever o gênero e tipo textual.

Dessa forma, à guisa de sumarização, na Tabela I demonstramos uma pequena representação dos resultados encontrados até o momento:

Tabela I: Frequência de uso da microconstrução

TYPE	ANTEPOSIÇÃO	POSPOSIÇÃO	SV	SN	TOTAL
NA TENTATIVA DE	143	2	13 6	9	145

Fonte: Elaborado pela autora.

Na próxima seção, discutiremos particularidades da microconstrução conectora de finalidade.

Análise de dados

A microconstrução conectora veicula noção de finalidade e está no rol das preposições complexas ou locuções prepositivas, se consideramos o que prescreve a tradição. Para esta pesquisa, defendemos que [*na tentativa de*] localiza-se entre a parataxe e subordinação/encaixamento, com grau intermediário de integração oracional. Além disso, com maior ocorrência, introduz orações não finitas (ou reduzidas de infinitivo, como são mais conhecidas na tradição gramatical). Assim, vejamos no dado abaixo outro exemplo da microconstrução conectora:

(02) Governo vai liberar R\$ 2 bi para conclusão de obras e manutenção de rodovias # **Na tentativa de** atender demandas dos caminhoneiros, o governo vai liberar R\$2 bilhões do Orçamento do Ministério da Infraestrutura para conclusão de obras importantes e manutenção de rodovias essenciais. O ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, afirmou que o governo vai concluir a pavimentação da BR-163 até Mirituba e finalizar a rodovia na parte que depende do governo federal. Ele citou ainda a recuperação de BR-135, duplicação da BR-101 (Bahia) e BR-116 (Rio Grande do Sul). O governo não vai deixar faltar recursos, garantiu. # Segundo o ministro, o principal esforço do governo será construir uma referência de piso para o preço do frete que seja aceito por todos. Modelar preço do frete não é uma tarefa simples. O trabalho está pronto e vamos debater, afirmou.

Com base em (02), constatamos que a analogização é um processo importante para dar origem a microconstruções do esquema [X de]_{connect}, pois esse esquema serve como modelo exemplar para formar novas microconstruções como [*na tentativa de*].

No que tange à noção final, observamos no dado a existência de um movimento prospectivo para o futuro, pois as autoridades governamentais destinarão uma quantia para tentar escutar as reivindicações dos caminhoneiros. Aqui, a cláusula hipotática, "*Na tentativa de atender demandas dos caminhoneiros*" cria uma espécie de

moldura, gerando uma expectativa para o que será anunciado na cláusula núcleo.

É interessante notar, por exemplo, a presença de duas formas que indicam finalidade, o “na tentativa” e o “para”. Em perspectiva funcional, de acordo com os subprincípios de *iconicidade*², sobretudo o de *marcação*, “na tentativa de” em relação ao “para” apresenta-se como uma estrutura mais complexa cognitivamente e, portanto, mais pesada. Ademais, as duas construções representam duas formas alternativas de expressão de finalidade na sincronia, funcionando como *camadas* (Hopper, 1991).

Ao analisarmos formalmente a microconstrução conectora de finalidade, atestamos que estas se ligam normalmente a SV, isto é, estão circunscritas a orações reduzidas de infinitivo. No *corpus*, encontramos apenas nove ocorrências estabelecendo conexões com SN, como podemos ver em (03):

(03) Os Bombeiros avaliam se as buscas pelo adolescente permanecem no mesmo local em foram realizadas nesta quarta ou, por causa das correntes marítimas, devem ser realizadas em outra área. Relembre o caso # Uma família foi vítima de afogamento na manhã desta quarta-feira (16), na praia de Barra de Jangada, em Jaboatão do Guararapes, na RMR. Dois garotos nadavam no mar quando não conseguiram mais voltar à superfície. **Na tentativa de socorro**, o pai de um deles nadou até os meninos, mas acabou se afogando. Apenas uma das vítimas foi salva por pescadores que trabalhavam no local. O homem morreu e seu filho permanece desaparecido.

O dado (03) insere-se em uma notícia que informa um caso de afogamento de dois garotos e a tentativa feita pelo pai para salvar um dos meninos. Com base na semântica verbal de “tentar” e nos estudos de Dias (2001), podemos ter a compreensão de que o pai

² A *iconicidade* é definida como a “correlação natural entre forma e função, entre o código linguístico (expressão) e seu designatum (conteúdo)” (Cunha; Costa; Cezario, 2013, p. 21-22).

“arriscou-se” com objetivo de alcançar um resultado, no entanto, essa projeção não aconteceu no mundo de referência.

Em perspectiva formal, desta vez, a microconstrução conectora não encabeça uma oração não finita, mas sim uma porção não oracional. Tem-se um exemplo de fluidez categorial neste dado, pois há trânsito entre as categorias das conjunções e preposições, configurando-se aqui um uso que funciona como locução prepositiva, e não como um conector oracional.

Outro fator de análise importante é a posição das cláusulas hipotáticas. Verificamos dos dados extraídos do *corpus* uma maior ocorrência na posição anteposta. Na comparação do dado (04) com o dado (05), mostramos um uso sensivelmente distinto:

(04) [...] Segundo os militares, os veículos alugados e com placas de Belo Horizonte estavam cheios de itens contrabandeados do Paraguai que seriam vendidos em Uberlândia. Entre as mercadorias, estão eletrônicos, ferramentas e cosméticos. # Os carros trafegavam pela rodovia quando depararam com a PMR. **Na tentativa de fugir** da polícia, os motoristas fizeram retorno e entraram em uma estrada vicinal que dá acesso à BR-365. # De acordo com a PMR, foi feito um cerco e um dos carros foi apreendido. Logo em seguida, com o auxílio do helicóptero Pegasus da Polícia Militar (PM), o segundo carro foi apanhado. Um dos homens foi encontrado em um laranjal com as mercadorias

(05) [...] Foram apreendidos bloqueadores de sinal, utilizados para evitar o rastreamento da carga # Na abordagem, os criminosos confessaram que transportavam carga roubada. O caminhão-baú, que também era produto de roubo, estava com placas trocadas '**na tentativa de enganar** a polícia'. # Foram apreendidos quatro bloqueadores de sinal, utilizados para evitar o rastreamento de a carga, um aparelho celular, um caderno manuscrito, além dos 552 televisores. No interior do caminhão, também havia uma placa de carro, que a o ser pesquisada constou que era original do reboque roubado juntamente com o caminhão.

Em (04) e (05), no gênero notícia informa-se, por meio de seqüências tipológicas expositivas, roubos que aconteceram em São Paulo. Para atingir seus intentos, os criminosos tentaram fugir por outra estrada (dado 04); e enganar a polícia por meio de uma troca de placas (dado 05).

À luz da LFCU, percebemos que a microconstrução conectora forma um *chunking*, já que as partes – preposição (na), nome (tentativa) e proposição (de) – não podem ser lidas de modo separado, isto é, formam agora um bloco e pareamento de forma-sentido. Além disso, essas partes que compõem a microconstrução foram neoanalisadas de modo a desempenharem função conectora em língua portuguesa (com integração intermediária de integração oracional, pois situam-se entre a parataxe e subordinação).

De modo distinto dos dados apresentados até aqui, [*na tentativa de*] está em posição posposta. Embora não haja unanimidade em relação aos estudos da posição das cláusulas hipotáticas, apoiando-nos em estudo de Thompson (1985) e Decat (2001), podemos explicar que as cláusulas são iguais formalmente, mas, do ponto de vista funcional, têm um desempenho sutilmente distinto da cláusula anteposta (04), especialmente no que se refere à organização do discurso.

Considerações finais

Neste estudo, buscamos descrever, com base em um *corpus* sincrônico, o funcionamento da microconstrução [*na tentativa de*], que atua na língua portuguesa veiculando a noção de finalidade.

No domínio de conexão, [*na tentativa de*] normalmente liga-se a orações não finitas e/ou orações reduzidas de infinitivo. Do ponto de vista da integração oracional, o objeto está situado entre a parataxe e subordinação/encaixamento, revelando, portanto, um grau intermediário de integração oracional. É importante destacar que essa microconstrução conectora ainda é um elemento que está localizado nas margens, se levarmos em conta as prescrições normativas gramaticais.

Conforme as análises, fenômenos cognitivos como analogização, neoanálise e *chunkings* são fundamentais para se compreender o surgimento de elementos instanciados pelo subesquema [Pre [det] N de]_{connect} que, por sua vez, liga-se à rede [X de]_{connect} – postulado de Rosário (2020, 2022).

Por fim, defendemos que este trabalho em andamento é bastante relevante e produtivo para as pesquisas em perspectiva funcional, demonstrando uma possibilidade de contribuição, inclusive, para o ensino de língua na Educação Básica.

Referências

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORBA, F. S. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Unesp, 1991.

BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição* (Langue, usage and cognition). Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CORPUS DO PORTUGUÊS. Disponível em: <www.corpusdoportugues.org/>.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

CUNHA, M. A. F da.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F *et al.* (org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 21-48.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N. *et al.* (org.). *Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001, p.103-166.

DIAS, N. B. *As cláusulas de finalidade*. 2001. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

DICIONÁRIO HOUAISS. Disponível em: <www.houaiss.net/corporativo/apps/www2/v6-5/html/index.php>.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LACERDA, P. F. A. da C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. Especial, p. 83-101, dez. 2016.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 54 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

ROSÁRIO, I. da C. *Esquema [X de]conect em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso*. Projeto de pesquisa apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, 2020.

ROSÁRIO, I. da C. Esquema [X de]conect em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. *Matraga*, v. 29, n. 56, p. 362-378, mai./ago., 2022.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. On-line)*, v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

THOMPSON, S. A.; LONGRACE, R. E. Adverbial clauses. *In*: SHOPEN, T. (ed.). *Language typology and syntactic description: complex constructions*. V. II. Cambridge: Cambridge University, 1985, p. 237-269.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

RESULTATIVIDADE É UMA CATEGORIA?

Hanna Ferreira da Silva¹

Introdução

No domínio da Linguística Cognitiva, a emergência da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) iluminou a análise de construções linguísticas em diversas línguas. Observou-se que certas construções exibem comportamentos variados entre línguas, destacando-se as construções resultativas, foco deste estudo.

A concepção de resultatividade no Português do Brasil (PB) ainda é objeto de debate entre vários estudiosos, sem que haja um acordo claro. No inglês, por exemplo, as construções resultativas são bastante comuns e o conceito de resultatividade é mais consolidado. O PB, por sua vez, não aceita construções resultativas seguindo o padrão [SN-SV-(SN)-SAdj/SPrep], como ilustrado pelo exemplo em inglês *"Mary wiped the table clean"*.

No PB, entende-se a resultatividade principalmente como uma transformação de estado que se reflete na verbalização ou em locuções preposicionais. Alguns estudiosos argumentam que a resultatividade pode ser expressa por meio de construções que envolvem verbos pseudocopulativos. Contudo, este trabalho propõe uma revisão dessa concepção, argumentando que a resultatividade no PB deve ser entendida não como uma categoria linguística fixa e intrínseca, mas como um fenômeno variável, profundamente influenciado pelo contexto discursivo em que é empregado e, possivelmente, pela variabilidade individual dos falantes.

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, sob orientação do Professor Dr. Paulo Antonio Pinheiro Correa. Bolsista CAPES. E-mail: hannaferreira@id.uff.br. ORCID: 0000-0002-0368-5784.

Em vez de tratar a resultatividade como um efeito de sentido estritamente produzido por construções gramaticais predeterminadas, sugerimos que ela emerge discursivamente, moldada pela interação dinâmica entre o contexto, a intenção do falante e as nuances cognitivas individuais.

O que é resultatividade?

A resultatividade, um conceito amplamente debatido entre linguistas, especialmente aqueles que se debruçam sobre a língua inglesa, reflete a capacidade intrínseca de a linguagem de expressar o resultado final de uma ação. Esse fascínio acadêmico advém da constatação de que, enquanto algumas línguas dispõem de mecanismos claros e distintos para sinalizar essa transição de estados, outras se valem de abordagens mais sutis ou indiretas. Nota-se uma variação considerável na terminologia e conceituação da resultatividade entre os diferentes campos de estudo linguístico, o que ressalta a complexidade desse fenômeno. Pesquisadores como Goldberg (1995, 2006); Kratzer (2004) associam a resultatividade à temporalidade e aos aspectos verbais, indicando que a forma como o tempo e o aspecto são expressos pode revelar a conclusão de uma ação. Levin (1993) e Chafe (1970), por outro lado, ligam a resultatividade a morfemas específicos que marcam a transição para um estado resultante.

Contrariamente à visão de que este fenômeno constitui uma categoria léxico-gramatical única e uniforme, argumentamos que a resultatividade, particularmente no contexto do PB, se revela como um conceito intrinsecamente variável. Tal variabilidade é influenciada não apenas pelo contexto discursivo, mas também pelas diferenças individuais entre os falantes, sugerindo uma abordagem mais dinâmica e adaptável à conceptualização da resultatividade. A perspectiva ampliada de Gorlach (2004), que argumenta que a resultatividade pode ser expressa de diversas formas, além da perfectividade, ecoa essa visão ao propor que a linguagem encapsula ações, estados ou eventos tanto pelo processo

que conduz a um resultado quanto pelo resultado em si. Isso se manifesta claramente nas construções resultativas do inglês, que empregam uma ordenação sintagmática específica para enfatizar o resultado de uma ação, como em *“Mary wiped the table clean”*, em que *“wiped”* não somente descreve a ação de limpar, mas também a mudança de estado da mesa, com *“the table clean”* especificando o estado final alcançado.

Esta complexidade do significado resultativo, que transcende a simples soma de seus componentes linguísticos, é profundamente impactada pela variabilidade na expressão da resultatividade observada no PB. A análise de Jackendoff (1997) e Goralch (2004) sobre a influência da estrutura construcional na organização semântica e a investigação de Talmy (2000) sobre as diferenças na codificação do movimento entre línguas de enquadramento verbal, como o PB, e línguas de enquadramento de satélite, como o inglês, ilustram a divisão fundamental na estrutura linguística que afeta a expressão da resultatividade. Nesse contexto, o PB, ao enfatizar a direção do movimento explicitamente nos verbos, reflete uma abordagem singular à resultatividade moldada por uma interação complexa entre o contexto, a cognição individual dos falantes e a estrutura linguística, desafiando a noção de uma categorização rígida e uniforme.

Mudança de estado e resultatividade: distinção de conceitos

A mudança de estado é um conceito abrangente que descreve a transição de um sujeito ou objeto de um estado inicial para um estado medial ou final diferente, resultando em uma alteração nas suas propriedades ou condições. Essa mudança pode ser física, como a transformação de líquido para sólido, ou metafórica, como a mudança de opinião de uma pessoa. Por exemplo, na frase *“O lago congelou durante a noite”*, observamos uma mudança física do estado líquido para sólido. Em um contexto metafórico, a frase *“Ele se esquentou na discussão”* ilustra uma mudança de estado emocional ou psicológico.

A resultatividade, especificamente, se concentra na expressão de um resultado concreto alcançado pela ação. É uma construção que não apenas sinaliza a ocorrência de uma ação, mas também enfatiza o estado final específico resultante dessa ação. Diferentemente da mudança de estado, que pode ser implícita, a resultatividade é marcada pela presença de um resultado explícito. Por exemplo, “O chef cozinhou o frango até ficar suculento” não apenas indica que o frango foi cozido, mas também que o resultado específico da ação de cozinhar foi um frango suculento. Outro exemplo pode ser “O jardineiro regou as plantas até que elas revivessem”, mostrando não apenas a ação de regar, mas que essa ação resultou na revitalização das plantas.

Contudo, é crucial reconhecer que, no contexto do PB, a conceptualização e expressão da resultatividade pode ser intrinsecamente variável, refletindo a complexidade do pensamento humano e a flexibilidade da linguagem. Essa variabilidade é significativamente influenciada pelo contexto discursivo em que a resultatividade é empregada e, possivelmente, pela variabilidade individual dos falantes. Assim, enquanto “A porta abriu com o vento” exemplifica uma mudança de estado ocorrida de maneira passiva, “Ele chutou a bola até que ela furasse” ilustra a resultatividade através de uma ação intencional que alcança um resultado específico. Esta diferenciação não apenas sublinha as implicações profundas para a análise de estruturas verbais, mas também realça como a expressão da resultatividade no PB pode variar se adaptando ao contexto e refletindo a individualidade do falante.

Portanto, ao explorar a distinção entre mudança de estado e resultatividade, ganhamos *insights* valiosos sobre a natureza da ação humana, sobre a construção da causalidade e como esses conceitos são linguisticamente codificados de maneiras que podem variar significativamente em diferentes contextos e culturas. A resultatividade, com sua ênfase explícita no resultado, evidencia o papel ativo do agente e sua intenção, enquanto a mudança de estado pode acontecer sem uma intervenção direta, destacando processos

naturais ou involuntários. Esse entendimento ampliado revela a riqueza e a complexidade da expressão humana, demonstrando como a linguagem molda nossa percepção de eventos e ações de maneira dinâmica e adaptável.

Fundamentação teórica

A Linguística Cognitiva (LC) oferece uma abordagem revolucionária para entender como a linguagem funciona, rejeitando a ideia de que a língua opera de forma isolada do resto da cognição humana. Ela propõe que as experiências sensoriais e motoras dos indivíduos – como ver, ouvir, tocar, movimentar-se no espaço, e manipular objetos – desempenham um papel crucial na formação dos conceitos linguísticos. Isso significa que a linguagem é vista como emergente das interações cotidianas com o mundo ao nosso redor, refletindo a maneira como percebemos e interagimos com nossa realidade.

Um aspecto fundamental dessa abordagem é a ideia de que não apenas concebemos a linguagem através de nossas experiências corporais, mas também que os processos cognitivos gerais são essenciais na modelagem das estruturas linguísticas. Assim, a LC vê a linguagem como intrinsecamente ligada à cognição geral, argumentando que compreender como usamos a linguagem envolve explorar como organizamos e processamos informações em uma ampla gama de contextos.

A GCBU se ergue como uma extensão natural da LC, com o objetivo de explicar a competência linguística dos falantes. Ela é baseada em três premissas interligadas que oferecem uma nova maneira de entender a estrutura e o uso da linguagem:

1. Unidades simbólicas e pareamentos forma-função: A GCBU argumenta que a linguagem é composta de unidades simbólicas, ou construções, que são pareamentos de formas linguísticas e seus significados ou funções correspondentes. Essas construções variam em complexidade, desde morfemas individuais até frases

completas ou padrões discursivos, e são convencionalizadas dentro de uma comunidade de falantes.

2. Rede de construções: As construções não existem isoladamente. Ao invés disso, elas estão interconectadas em uma rede complexa que reflete as relações semânticas e funcionais entre elas. Essa rede permite aos falantes produzir e compreender uma vasta gama de enunciados, aplicando e adaptando construções conhecidas para novos contextos.

3. Integração e compatibilidade gramatical: Para que um enunciado seja considerado aceitável dentro de uma comunidade linguística, as construções utilizadas devem ser gramaticalmente compatíveis entre si, conforme as convenções daquela comunidade. Isso implica que a competência linguística envolve não apenas o conhecimento das construções em si, mas também a habilidade de as integrar de maneira coerente e contextualmente apropriada.

No contexto do PB, a investigação da resultatividade através da LC e da GCBU permite uma análise detalhada de como as construções resultativas são formadas, utilizadas e compreendidas pelos falantes. Este enfoque destaca a importância das experiências sensorio-motoras e dos processos cognitivos na interpretação de construções que expressam mudanças de estado ou resultados específicos de ações. Ao examinar as construções resultativas no PB, podemos explorar como essas expressões refletem a interação dinâmica entre a forma linguística, o significado e a cognição geral, ilustrando a aplicabilidade dos princípios da LC e da GCBU na análise linguística contemporânea.

A noção de categoria de Lakoff e a resultatividade

George Lakoff, um pioneiro na LC, introduziu uma perspectiva revolucionária sobre a categorização de conceitos e experiências em nossa cognição. Segundo Lakoff (1987), longe de serem entidades estáticas e bem delimitadas, as categorias são fluidas, constantemente moldadas por nossas experiências

sensoriais e interações cotidianas. Essa abordagem contrasta com a visão tradicional que enxerga as categorias como conjuntos definidos por características comuns estritas, sugerindo, em vez disso, que elas se organizam em torno de protótipos ou exemplos centrais que exemplificam melhor uma determinada categoria, ao mesmo tempo que permitem uma gama de variações e sobreposições.

Utilizando a lente da categorização baseada em protótipos de Lakoff (1987), podemos reavaliar o conceito de resultatividade na linguagem de uma forma que se reconhece sua natureza intrinsecamente flexível e dinâmica. Ao invés de tratar a resultatividade como uma categoria rígida, com fronteiras imutáveis, essa perspectiva nos encoraja a ver diferentes manifestações de resultatividade como parte de um espectro contínuo. Isso nos permite captar uma visão com mais nuances de como ações e seus resultados são representados na linguagem, reconhecendo desde os casos que se alinham claramente ao protótipo de resultatividade até aqueles que se situam nas margens desta definição.

Nesse panorama, a resultatividade no PB pode ser vista como uma categoria que abrange uma diversidade de expressões, refletindo tanto o contexto no qual é empregada quanto as peculiaridades individuais dos falantes. Exemplos paradigmáticos, como “pintar a parede de branco”, que demonstra claramente a ação alcançando um resultado específico, coexistem com outras expressões que, embora talvez menos diretamente ligadas à ideia central de resultar em um estado específico, são igualmente válidas dentro da vastidão da expressão linguística. Essa concepção ampliada permite uma análise mais inclusiva e flexível de construções resultativas, abarcando um leque mais amplo de expressões e reconhecendo a variabilidade com que os falantes conceptualizam e articulam a relação entre ações e resultados.

Adotar a visão de que a resultatividade constitui uma categoria linguística inspirada no conceito de prototipicidade de Lakoff (1987) traz implicações profundas para os estudos em LC e

GCBU. Isso não apenas enriquece nossa compreensão das funcionalidades das construções resultativas em distintas línguas, mas também destaca a importância de apreciar a variabilidade com que essas construções são percebidas e processadas pelos falantes nativos. Ao reconhecer a resultatividade como uma categoria baseada em protótipos, caracterizada pela sua adaptabilidade e sensibilidade ao contexto e à individualidade, promovemos uma abordagem linguística que valoriza a diversidade de expressões e a complexidade inerente ao fenômeno da resultatividade.

Metodologia

A metodologia adotada neste estudo envolveu a análise detalhada de construções linguísticas específicas presentes no PB, com foco particular na expressão de resultatividade. Para tanto, recorreu-se ao corpus on-line “PORTUGUÊS NOW”², uma rica base de dados composta por uma ampla variedade de textos autênticos em língua portuguesa, abrangendo diversos gêneros textuais e contextos de uso. A seleção de exemplos foi conduzida mediante uma pesquisa criteriosa dentro desse corpus, sendo utilizados palavras-chave e filtros específicos para identificar instâncias de uso da preposição “até” seguida de verbos no infinitivo, visando ilustrar sua capacidade de expressar resultatividade. Cada exemplo extraído foi analisado com o intuito de compreender como a construção “até + verbo no infinitivo” contribui para a manifestação de um sentido de conclusão ou alcance de um resultado final. O procedimento metodológico permitiu não apenas a identificação de padrões de uso dentro do corpus, mas também a avaliação da prevalência e da variabilidade dessa construção linguística no PB contemporâneo. Devido às limitações de espaço neste artigo, a investigação sobre as construções [até que X], embora inicialmente considerada, não foi incluída no processo de análise e redação deste trabalho.

² <https://www.corpusdoportugues.org/now/>

Além da análise de exemplos extraídos do “PORTUGUÊS NOW”, esta pesquisa também adotou uma abordagem metodológica complementar por meio de um estudo de revisão da literatura. Tal revisão teve como foco principal aprofundar a compreensão sobre a noção de resultatividade, conforme discutido nos trabalhos de Leite (2006), Ribeiro (2007), Santos (2012), e Paomanes e Oliveira (2013). Essa etapa metodológica envolveu uma análise criteriosa dos conceitos, metodologias e conclusões apresentadas por esses autores, com o objetivo de estabelecer um marco teórico sólido que informasse e enriquecesse nossa análise dos dados linguísticos. A interação entre a revisão da literatura e a análise do corpus possui o intuito de melhor apresentar as manifestações de resultatividade e facilitar a identificação de lacunas no conhecimento já produzido na área.

Entendimentos de estudos anteriores

A exploração da resultatividade no PB revela um terreno fértil para análise, como demonstrado por Leite (2006), que identifica uma tendência linguística marcante para a internalização da resultatividade em construções verbais. Exemplos como “João despedaçou o vidro” iluminam a predominância de uma resultatividade interna, onde a mudança de estado é intrínseca ao verbo, contrastando com construções que exemplificam a resultatividade externa, tais como “João quebrou o vidro em pedaços”. Essa última forma, aparentemente menos frequente, sugere uma predileção da língua por expressões que integram a ação e seu resultado de maneira direta, destacando a flexibilidade do PB em moldar a expressão da resultatividade de acordo com as nuances semânticas e as intenções comunicativas do falante.

Dentro desse espectro de expressões resultativas, Ribeiro (2007) aprofunda a discussão ao se debruçar sobre o verbo “ficar”, revelando sua capacidade de expressar resultatividade de duas maneiras distintas: uma refletindo o resultado de uma ação precedente (“Andréia perdeu a chave do carro e ficou

desesperada”), e outra indicando uma transformação direta (“ficou desesperada”). Essa análise sublinha a adaptabilidade do PB em comunicar estados resultantes, com o verbo “ficar” funcionando como um ponto de convergência entre a ação e seu desfecho.

Avançando nessa linha de investigação, Paomanes e Oliveira (2013) exploram o verbo “virar”, observando sua congruência com padrões resultativos, particularmente quando antecede substantivos que adquirem função adjetiva (“Um quadrado virou um barquinho”). Tal construção não apenas sugere uma semântica de transformação, mas também enfatiza o resultado explícito, demonstrando outra dimensão da versatilidade do PB na expressão da resultatividade.

Além disso, Santos (2012) introduz uma perspectiva ecológica à resultatividade, considerando a natureza tanto como agente quanto como paciente em construções resultativas. A análise do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, ilumina como a natureza pode ser retratada como causadora em verbos transitivos (“As vacas povoariam o curral”) ou experienciar a mudança em verbos intransitivos (“O gado aumentava”), ampliando o escopo de nossa compreensão da resultatividade para incluir a interação com o mundo natural.

A contribuição desses autores compõe um panorama comparativo que destaca não apenas a flexibilidade, mas também a profundidade semântica da expressão resultativa no PB. Ao enquadrar essas observações através da lente das categorias baseadas em protótipos propostas por Lakoff (1987), emerge uma compreensão de que a resultatividade no PB não se confina a um conjunto fixo de expressões. Em vez disso, ela abarca um espectro amplo, desde construções que exemplificam diretamente a mudança de estado, consideradas prototípicas, até aquelas que se aproximam das margens da categoria, refletindo a interação complexa entre a estrutura linguística, a cognição humana e as variações individuais e contextuais.

Assim, a análise detalhada da resultatividade no PB, considerando as contribuições de Leite (2006); Ribeiro (2007);

Santos (2012); Paomanes e Oliveira (2013); Costa (2021) enriquece significativamente nossa compreensão da categoria linguística da resultatividade. Reconhecer a resultatividade como uma categoria flexível, moldada pela interação dinâmica entre o contexto discursivo, as intenções dos falantes e as peculiaridades individuais, sublinha a importância de abordagens que valorizam a diversidade e a complexidade inerentes à expressão da mudança de estado e dos resultados nas línguas. Este entendimento ampliado não apenas desafia visões mais estáticas da linguagem, mas também abre novas avenidas para investigar como a resultatividade é conceptualizada e articulada no PB e além, refletindo a rica tapeçaria de interações humanas com o mundo através da linguagem.

Novas possibilidades de construções resultativas

Na análise do *corpus* do “PORTUGUÊS NOW”, uma particularidade notável surgiu quanto ao uso da preposição “até” seguida de um verbo no infinitivo. Essa construção, frequentemente empregada no PB, parece carregar uma dimensão de resultatividade, sugerindo que uma ação foi levada até a sua conclusão. A preposição “até” nesse caso transmite a noção de que um evento ou ação progrediu até alcançar um “ponto final” determinado, enfatizando assim um resultado final específico. Tal uso aponta para uma camada adicional na maneira como a resultatividade pode ser expressa no PB, adicionando-a à rica tapeçaria de estruturas que servem para comunicar o alcance de um estado ou a conclusão de um processo.

Para aprofundar esta discussão, selecionei uma série de exemplos pertinentes do *corpus* que exemplificam essa estrutura linguística. Eles serão analisados e discutidos a fim de elucidar como a preposição “até”, em conjunto com o infinitivo, desempenha um papel na manifestação de resultatividade, contribuindo assim para a nossa compreensão das nuances expressivas do PB. Observe:

Exemplo 1: ‘Massa: em um recipiente, dissolva o caldo de legumes em meia xícara (chá) de água morna. Junte o fermento e misture bem para dissolvê-lo. Adicione o ovo e o azeite, mexa **até ficar homogêneo**, e adicione a farinha de trigo. Misture, transfira para uma bancada e sove a massa, incorporando bem todos os ingredientes, até que se solte facilmente das mãos. Cubra e deixe descansar por 30 minutos ou até dobrar de volume’. (<https://diario.gaucho.clicrbs.com.br/entretenimento/noticia/2017/11/confira-duas-dicas-de-lanches-gostosos-para-o-feriado-9996473.html>).

No trecho destacado acima, a expressão “até ficar homogêneo” é empregada para indicar que se deve mexer todos os ingredientes de modo que todos atinjam um “resultado final” homogêneo.

Analisando linguisticamente, o “até” atua como uma preposição que marca a extensão do processo até a obtenção de um resultado desejado. O verbo “ficar”, no infinitivo, juntamente com a preposição “até”, transmite a ideia de finalidade e término. O adjetivo “homogêneo” indica a característica que a massa deve ter depois que todos os ingredientes citados forem misturados.

Portanto, a expressão “até ficar homogêneo” encapsula uma resultatividade, pois não apenas descreve a ação de ficar homogêneo, mas também enfatiza o resultado exitoso dessa ação, ou seja, a completa uniformidade dos ingredientes.

Exemplo 2: ‘A vítima gritou por socorro e vizinhos saíram em defesa dela. O suspeito foi capturado e espancado com pauladas, socos e pontapés até ficar desacordado’. (<https://contilnetnoticias.com.br/2017/07/suspeito-de-estuprar-idosa-em-porto-velho-e-hos-pitalizado-apos-levar-surra-de-populares/>).

No trecho apresentado, a parte “até ficar desacordado” descreve o momento em que o indivíduo, após ser capturado e espancado, atinge o ponto de inconsciência por estar desacordado. A preposição “até” marca a continuidade da narrativa até o ponto crítico em que ocorre uma mudança drástica: o indivíduo encontra-se desacordado. Neste contexto, o uso da voz passiva em “foi

capturado e espancado” é uma maneira de indicar que uma terceira pessoa praticou a ação de capturar e espancar o suspeito até o momento em que ele passou de “consciente” para “inconsciente”, “desacordado”.

Do ponto de vista da resultatividade, a frase “até ficar desacordado” pode ser interpretada como uma construção que expressa uma mudança de estado. O estado inicial do sujeito era de estar “consciente” — implicando um certo nível de segurança ou boa saúde — e o estado final é o resultado de ter sido espancado com pauladas, socos e pontapés, que implica uma alteração negativa desse estado devido ao incidente subsequente.

Exemplo 3: ‘Por outro lado, para amenizar, surge nas redes sociais um vídeo que viraliza. Ele mostra uma cena incomum. No mesmo Rio de Janeiro, um homem negro, alto, munido de duas caixas plásticas, com elas construindo uma ponte para que uma senhora atravessasse em segurança a rua inundada. A cada passo, a gentileza, a mão auxiliando que a senhora fosse pulando de uma a outra até chegar segura ao outro lado. Também foram segundos; mas estes mudaram para melhor a vida do guardador de carros, viúvo, com um filho pequeno. Sua generosidade ganhou o mundo e ele ganhou uma vida nova, uma casa, vinda de uma vaquinha organizada pela internet, e por alguém que em outro segundo pensou como poderia ajudar’. (<https://marligo.wordpress.com/tag/generosidade/>).

Assim, “até ficar desacordado” contribui para a expressão resultativa no texto, enfatizando o contraste entre o estado anterior de saúde do indivíduo e o estado conseqüente após o espancamento. O uso desta construção também evoca um sentimento de abrupta e inesperada mudança de circunstâncias, reforçando a gravidade da situação descrita e o impacto físico que tal evento tem sobre o suspeito.

A expressão “até chegar segura” refere-se ao estado no qual a senhora deveria chegar, “segura”, partindo de um lado da rua inundada para chegar do lado oposto da mesma rua, com a ajuda

de duas caixas plásticas e de gentileza da oferta de mãos para garantir sua travessia segura.

Interpretando a frase em termos de resultatividade, a expressão “até chegar segura” ilustra claramente a mudança de espaço, de um lado para a rua, e o modo como esse deslocamento deveria ser feito de modo que a senhora chegasse em segurança ao seu destino. Essa transformação resulta diretamente do início da ação de se mover a partir de um ponto A ação finaliza quando a senhora chega ao ponto B em um estado específico: segura.

Concluindo esta seção, a preposição “até”, seguida de um verbo no infinitivo, emerge como uma ferramenta linguística multifacetada no PB, capaz de conferir uma camada adicional de significado resultativo às frases.

Conclusão

Este estudo explorou a complexidade e a variabilidade da resultatividade no PB, revelando como este fenômeno transcende a noção tradicional de categorias linguísticas fixas e rígidas. Através da análise das contribuições de autores como Leite (2006), Ribeiro (2007), Santos (2012), foi possível ilustrar a rica diversidade de expressões resultativas na língua, que variam não apenas em função do contexto discursivo, mas também refletem as nuances individuais dos falantes. A adoção da perspectiva de categorização baseada em protótipos, proposta por Lakoff (1987), permitiu uma compreensão mais matizada da resultatividade, enfatizando sua natureza fluida e adaptável.

Os achados deste trabalho destacam a importância de abordagens linguísticas que reconhecem a flexibilidade e a dinâmica das categorias, especialmente em contextos variáveis como os encontrados no PB. Ao considerar a resultatividade não como uma categoria gramatical estrita, mas como um fenômeno moldado pela interação entre estruturas linguísticas, cognição e contexto, ampliamos nossa capacidade de entender e apreciar a complexidade da expressão humana.

Em suma, este estudo reforça a visão de que a linguagem é um sistema vivo, em constante evolução, que se adapta e se molda às necessidades comunicativas de seus usuários. A resultatividade no PB, com sua variedade de expressões e sua sensibilidade ao contexto e à individualidade, serve como um poderoso lembrete da capacidade adaptativa da linguagem.

Referências

CHAFE, W. *Meaning and the Structure of Language*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1970.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.

BYBEE, J. Usage-based grammar and second language acquisition. In: ROBINSON, P.; ELLIS, N (Ed.). *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*, p. 216-236. New York and London: Routledge, 2008.

COSTA, V. C. Correlações entre um padrão construcional e usos metafóricos e literais do verbo construir. *Domínios de Linguagem*, v. 15, n. 4, p. 903–931, 2021.

GOLDBERG, A. *Constructions*. A construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.

GORLACH, M. *Phrasal constructions and resultativeness in English: a sign-oriented analysis*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to english*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

JACKENDOFF, R. Twistin" the night away. *Language*, v. 73, n. 3, p. 534–559, 1997.

KRATZER, A. Building resultatives. In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. (Ed.). *The Unaccusativity Puzzle: Explorations of the Syntax-Lexicon Interface*. Oxford University Press, 2004.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LEITE, M. A. *Resultatividade: um estudo das construções resultativas em português*. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 2006.

LEVIN, B. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. University of Chicago Press, 1993.

PAOMANES, R.; OLIVEIRA, P. F. Construções resultativas: a semântica de resultado no verbo “virar”. *Alumni*, v. 1, n. 1, 2013.

RIBEIRO, R. M. P. *Construções gramaticais: uma análise das resultativas do português com o verbo ficar*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2007.

SANTOS, C. B. Uma natureza participativa: a função sujeito em construções resultativas de Vidas Secas. *Anais do XVI CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. Vol. II: Typology and process in concept structuring. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

USOS INOVADORES DE [DEVE (QUE)] EM MODALIDADE EPISTÊMICA: ESTRUTURAS PERIFÉRICAS À LUZ DA LINGUÍSTICA BASEADA NO USO

Jackson Dougla Schmiedek de Oliveira

Considerações iniciais

O presente trabalho investiga novos usos periféricos de [deve (que)], epistêmico na origem, em contextos rearranjados. Esses novos usos se apresentam polifuncionais, com estruturas e funções não prototípicas, as quais fogem à categoria do verbo auxiliar/modal *dever* em modalidade epistêmica.

Não há registro de pesquisas sobre os novos usos de [deve (que)] aqui a serem investigados. O que se vê é apenas análises sobre a sintaticidade de modais e auxiliares (Scarduelli, 2011; Dall'Aglio-Hattner, 1996). Com base nisso, tentamos articular aspectos formais e funcionais do fenômeno à luz da Linguística Baseada no Uso – LBU – *Usage-Based Linguistics* (Diessel, 2019; Bybee, 2016; Hilpert, 2014). O objetivo é mostrar como [deve (que)], epistêmico no domínio-fonte¹, tem tomado características mais subjetivas e discursivas, apresentando manifestações não prototípicas à sua categoria como o (i) recrutamento² do elemento juntor *que*, formando um *chunk*, [deve que]; (ii) usos de [deve (que)] como um advérbio com mais força operando em outro nível, aqui denominado *modalizador preenchedor*; (iii) perda de traços de predicação e tempo-modo, o que leva [deve (que)] a se manifestar sempre em terceira pessoa do singular

¹ Entende-se por “domínio-fonte” a acepção prototípica da modalidade do verbo *dever* adotada aqui, isto é, a modalidade epistêmica.

² Vânia Sambrana (2021), em sua tese intitulada *Construcionalização de Marcadores Discursivos Formados por “Olhar” e “Ver” no Português*, utiliza o termo “recrutamento” para indicar que elementos de certa categoria cooptam itens de elementos de outras categorias.

presente (não desinência); (iv) extensa mobilidade na estrutura, o que confere a [deve (que)] um uso mais adverbial; (iv) status análogo ao de marcador discursivo quando em posição final na sequência sintática, [deve]_{MD}.

Para tanto, tentamos descrever as propriedades da forma e do conteúdo de [deve (que)], utilizando a representação de Croft (2001). Listamos sete (7) padrões assim elencados: 1) [deve (que)] + elemento no futuro; (2) [deve (que)] + elemento no presente; (3) [deve (que)] + elemento no passado; (4) [deve + gerúndio]; (5) [deve + porque]; e (6) [deve]posição final ([deve]_{MD}). Abaixo, indicamos exemplos dos padrões (4) e (6), respectivamente.

Figura 1



Fonte: Disponível em: <https://twitter.com/_anagomeees/status/1575670127064125440?t=xmnn1VCVaCrh1KEXYbsZSw&s=08> Acesso em: 11 out. 2022.

Figura 2



Fonte: Disponível em: <<https://twitter.com/bbrunagarcia/status/1581375514521915392?t=9tGDKHcWql7RUI-0cXVQ5A&s=08>> Acesso em: 17 out. 2022.

Na Figura (1), há um uso inovador e curioso. Nesse dado, parece haver um caso de substituição de infinitivo. No entanto, o escrevente usa [deve] para incidir sobre o verbo volitivo *querendo*. Percebemos que se pode retirar [deve] sintaticamente (*Bonner querendo se matar*), mas não discursivamente. Também notamos que o escrevente utiliza o gerúndio, pois [deve] atua epistemicamente sobre ele, isto é, o indivíduo não quer projetar, como quando se utiliza o infinitivo (*Bonner deve querer*), mas sim colocar em destaque a informação em curso, pois o gerúndio enfatiza tal ação. Aqui, [deve] parece ser usado para preencher, epistemicamente, a estrutura. A modalidade permanece e se acopla às formas verbais já existentes na língua. Denominamos o movimento de [deve] em preencher esse tipo de estrutura como um *modalizador preenchedor*. O dado de número (2) é um dos mais caros para o estudo do fenômeno, pois o uso se apresenta como o mais marginal tocante à estrutura dos auxiliares e verbos modais. [deve]_{MD} apresenta um deslocamento não prototípico, posicionando-se ao final da oração. Além disso, podemos, sintaticamente, retirar [deve]_{MD}. O uso se torna mais simples pelo fato de se evitar uma estrutura mais complexa de locução de pretérito (*Eu devo ter nascido ontem*). Ainda, a semântica de [deve]_{MD} é ampliada, trazendo e/ou reforçando tom de ironia da oração.

O presente trabalho se divide em cinco seções a começar por estas considerações iniciais. Após, temos a revisão de literatura, a fundamentação teórica e procedimentos metodológicos, resultados, considerações finais e, por fim, referências.

Revisão da literatura

Nesta seção, falamos a respeito de conceitos imprescindíveis à nossa pesquisa. Abordamos acerca da modalidade, restringindo-nos aos estudos sobre *dever* epistêmico. Também abordamos questões tocantes à categoria dos marcadores discursivos (MD), visto que o objeto de pesquisa tem tomado características análogas a de um MD.

A modalidade, num sentido mais generalizado, fala da atitude do falante quanto a uma dada proposição. O indivíduo marca seu discurso utilizando a modalização. Neto (2006) ressalta que a modalidade constitui o modo como o falante expressa o seu julgamento e o seu comprometimento com o conteúdo proposicional do que enuncia. Scarduelli (2011), por sua vez, diz que a modalidade não é proposicional, ou seja, ela não interfere na proposição, apenas a avalia, já que é uma atitude do falante. Este último postulado é importante para esta análise, pois serve de apoio para reforçar o que vem ocorrendo com os novos usos de [deve (que)] e como ele tem tomado um caráter mais discursivo na língua.

De acordo com Dias (2013, p. 85), a modalidade epistêmica “está associada à possibilidade e à necessidade da verdade da proposição, o que envolve conhecimento e crença”. Para a autora, a modalidade epistêmica, pode se situar ou não no eixo dos participantes, ligar-se ao conhecimento, manifestando-se no extremo da certeza, precisão, e no campo da não-certeza, imprecisão (Dias, 2013, p. 88).

Heisler (2014), citando Givón (1995 *apud* Oliveira; Santos, 2008, p. 5) apresenta que:

O termo ‘epistêmico’, assim como epistemologia, deriva do grego. A modalidade epistêmica codifica o conhecimento, a crença do falante sobre o conteúdo das proposições enunciadas, indicando o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição: certeza da realização do fato à suposição de uma ocorrência provável, possível ou mesmo improvável. Como está inserida no âmbito do *irrealis*, a modalidade epistêmica envolve um significado intrínseco de incerteza epistêmica, por apresentar baixa certeza ou baixa probabilidade em relação à ocorrência dos fatos.

Embora haja exceções, Gonçalves (2002, p. 72) ressalta que a “evidência mais clara da natureza subjetiva da modalidade epistêmica é o fato de os modais mais relevantes ocorrerem sempre no tempo presente, uma vez que o julgamento feito pelo falante ocorre simultaneamente ao ato de fala”. Aderimos tal pensamento

à nossa pesquisa, uma vez que a forma em que [deve (que)] se manifesta nos diferentes padrões de uso é sempre a forma de terceira pessoa do singular presente (deve).

Resende e Silva (2016) apontam para o fato, o qual Pontes (1973) esclarece que, para classificar verbos como auxiliares, estes devem possuir características que se assemelham ao verbo *ter*, auxiliar prototípico para a autora. Para nossa pesquisa, é imprescindível elencar as características de dever epistêmico uma vez que os padrões de uso estabelecem novos arranjos sintáticos. Os articulistas, então, elencam os principais quesitos que o verbo auxiliar/modal precisa ter:

- i) Possuir posição fixa na sequência verbal;
- ii) Não apresentar flexão do particípio;
- iii) Não alterar sua posição na passagem da voz ativa para a passiva;
- iv) Possuir unicidade sintática;
- v) Não receber escopo de um adjunto como unidades independentes;
- vi) Não interferir nas restrições de seleção semântica do verbo;
- vii) Não formar imperativo.

Além desses quesitos, Resende e Silva (2016) ressaltam que o verbo *dever* abarca algumas características. Em relação à configuração sintática, têm-se

- i) Não apresentar restrição seletiva em relação ao sujeito (aparente);
- ii) Ocorrer com verbos impessoais;
- iii) Não exigir vinculação entre o tempo em que figura o verbo *dever* epistêmico e o infinitivo que dele depende.

Dever é um verbo anômalo, isto é, não possui todas as desinências de número, pessoa e tempo; não compreende o pretérito perfeito, por exemplo (Resende; Silva, 2016). Em Resende (2013), apresentam-se, com mais abrangência, os requisitos para *dever*, elencados por Pontes (1973):

- i) Não admitir construções introduzidas pela conjunção integrante que, promovendo construção agramatical;

- ii) Ocorrer antes de ter-do e estar-ndo;
- iii) Não apresentar restrição seletiva em relação ao sujeito (aparente), como indicam;
- iv) Ocorrer com verbos impessoais;
- v) Ocorrer em sentenças passivas;
- vi) Não haver vinculação entre o tempo em que figura o verbo dever e o infinitivo que dele depende;
- vii) Comportar a dupla negação (mas não há diferença de significado).

A respeito dos MDs, estes são elementos que se movimentam em prol das questões do discurso. Eles estão fora da estrutura sintática, são invariáveis, tem prosódia própria. Os MDs podem iniciar orações, mediar e articular orações. Teixeira (2015), citando Macedo e Silva (1996, p.13), afirma que há dificuldade em definir os MDs, pois "qualquer partícula ou expressão que ajuda a arranjar aquilo que se quer dizer seria um marcador discursivo". Para Schiffrin (1987a, p. 328), os MDs têm funções primárias e depois se estendem para a organização do texto e a vinculação comunicacional. Para a autora, eles podem ter algumas condições que os indicam pertencer a essa categoria: i) sintaticamente destacável; ii) posição inicial; iii) alcance de contornos prosódicos; iv) operação em níveis locais e globais; v) operação em diferentes planos de discurso (Schiffrin 1987a, p. 328). Risso (2006) também elenca algumas características e variáveis quanto aos MDs. São variáveis em um *continuum* e apresentam:

- i) Padrão de recorrência;
- ii) Articulação de segmentos do discurso;
- iii) Orientação da interação;
- iv) Relação com o conteúdo proposicional;
- v) Transparência semântica;
- vi) Apresentação formal;
- vii) Relação sintática com a estrutura gramatical da oração;
- viii) Demarcação prosódica;
- ix) Autonomia comunicativa;
- x) Massa fônica.

Na próxima seção, traçamos os conceitos fundamentais utilizados como base teórica e metodológica.

Fundamentação teórica e procedimentos metodológicos

Como já mencionado, este trabalho tem como aporte teórico a Linguística Baseada no Uso a qual pode ser entendida como uma abordagem teórico-metodológica que abarca pressupostos tanto da Linguística Funcional (LF) como da Linguística Cognitiva (LC), especialmente com os postulados da Gramática de Construções (Goldberg, 1995; Croft, 2001). A LBU, então, é resultado da união dessas duas escolas (Cunha; Bispo; Silva, 2013). Por se tratar de uma abordagem baseada no uso, consideram-se as experiências dos indivíduos, as quais são pautadas por processos do domínio cognitivo e podem moldar as estruturas da língua (Diessel, 2017; Bybee, 2016). Esses processos cognitivos estruturam a língua, remodelando-a num todo organizacional, com suas categorias emergentes e com construções que são mudadas pelo uso, pois “a linguagem possui mecanismos que operam sempre quando a língua está sendo usada, tais como habilidade para categorizar informações da experiência e de fazer inferências” (Oliveira, 2018, p. 9).

Um conceito muito explorado nessa abordagem teórica é a Gramaticalização. Trata-se de um processo por qual um lexema ou item lexical passa tomando status gramatical; isto é, uma palavra, por exemplo, pode ter ganhos nos diversos níveis gramaticais - novas propriedades morfológicas, sintáticas, semânticas -, compreender uma forma fixa na estrutura ou simplesmente desaparecer. Tal criação de novos morfemas gramaticais - itens e estruturas - se origina no processo de gramaticalização (Bybee, 2016).

De acordo com Bybee (2016), há alguns processos cognitivos de formação de estrutura linguística. A memória enriquecida trata da estocagem mental de detalhes com a experiência da língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados. *Chunking* (agrupamento) fala de sequências repetidas de palavras

ou morfemas que são acessadas como uma única unidade; isto é, sequências de unidades são usadas juntas e se combinam para formar unidades mais complexas. Este é o caso do uso de *que* junto a *deve* [deve que]. Na analogia, enunciados novos são baseados em enunciados de experiência prévia. A categorização se dá quando a similaridade de sintagmas e palavras é reconhecida e associada a representações estocadas. Por último, a associação transmodal fornece um elo entre forma e significado, considerando a capacidade para fazer associações transmodais.

Metodicamente, este trabalho se constitui de dados do *Twitter* (X), compreendendo o período de maio a dezembro de 2022. Coletamos 100 dados que se dividem nos padrões elencados nas considerações iniciais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa sincrônica, centrada na investigação dos novos usos de [deve (que)], em situações de escrita que simulam falas reais no português brasileiro contemporâneo. Assim, observamos, por exemplo, alguns aspectos: alta mobilidade na sentença (entre fronteiras ou não; início e também em fim de oração); encabeçamento de orações (prótase prepara apódose); forma fixa de terceira pessoa singular presente [deve]; recrutamento de elemento jantor *que*, não prototípico na categoria, formando *chunk* [deve que]; ampliação no sentido, apresentando valor semântico de ironia; e preenchimento epistêmico dos enunciados.

Resultados

O uso inovador de [deve (que)] segue um caminho mais funcional, subjetivo e discursivo. Não podemos tratar esse uso como uma locução ou ler [deve (que)] como um verbo modal ou auxiliar, uma vez que não se admite alguns requisitos como possuir posição fixa na cláusula, não apresentar flexão do particípio, não admitir conjunção *que*. O que observamos é um uso inovador do elemento, o qual foge à categoria das abordagens linguísticas.

Em análise, temos o padrão (1) [*deve (que)*] + elemento no futuro:

Figura 3



Fonte: Disponível em: <https://twitter.com/BOLSOBARBA1/status/1233859213719474176> /. Acesso em: 04 out 2022.

Neste dado, temos um uso diferente das características prototípicas do verbo dever em modalidade epistêmica. O arranjo apresenta o elemento juntor *que* e a forma de futuro sintético do verbo ficar. Já consideramos que o uso pode ou não recrutar a conjunção *que*. A estrutura é complexa na tradição gramatical, apresentando locução (*Devemos ficar sabendo*). Nesse novo uso, o escrevente infere a proposição, epistemicamente, a partir de evidência, isto é, a evidência de que o Brasil é lento em tudo e de que as pessoas já estariam infectadas pelo Coronavírus. Também notamos que há ponto continuativo na sentença; o escrevente inicia a oração com a estrutura [deve (que)], porém esta oração é uma espécie de resultado da anterior. Neste caso, o uso encabeça a outra parte da oração, apontando para frente, focalizando, epistemicamente o evento subsequente, que se caracteriza por uma função de conclusão, ao mesmo tempo em que retoma a proposição da oração anterior. Vale lembrar que o uso também se manifesta com futuro analítico (*[Deve (que)] vai chover mais tarde*, por exemplo).

No próximo dado, padrão 2, [*deve (que)*] + elemento no presente, apresentamos um uso sem o acionamento do elemento juntor *que*.

Figura 4

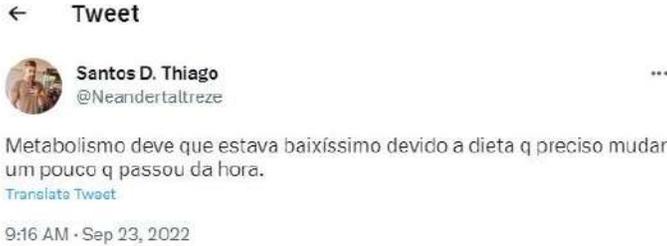


Fonte: Disponível em: https://twitter.com/Pachecodafmg/status/1526402022873960448?t=g_-lgUrhLwLAjsYGX_a4ZQ&s=08/. Acesso em: 20 out 2022.

Este arranjo apresenta a construção [estar com + predicativo]. Há um acionamento de ironia/deboche. Ironia é uma figura de linguagem entendida como o processo por meio do qual se diz o contrário do que se quer dar a entender. Castilho (2014, p. 134) afirma que as figuras são os meios de “frasear” a expressão. Ainda, para reforçar o uso da ironia, o escrevente utiliza emoji, que de certa forma, traz teor jocoso e irônico à proposição. O verbo *estar* é flexionado em terceira pessoa do presente, reforçando que o uso de [deve (que)] não pode ser mais lido como um caso de locução. Além disso, o uso encabeça a oração. A incidência recai sobre o evento, pois [deve] focaliza esse evento, modalizando-o epistemicamente.

Esta próxima ocorrência, padrão 3, [*deve (que)*] + *elemento no passado*, encerra as ocorrências que podem ou não recrutar a conjunção *que* em seus arranjos. Estes dados sinalizam que o uso não se trata de locução, como já dito, e tem certa preferência por se manifestar em posição inicial na oração, encabeçando esta.

Figura 5



Fonte: Disponível em: <https://twitter.com/Neandertaltreze/status/1573285158807302144/>. Acesso em: 25 set 2022.

Nesta ocorrência, vemos um uso entre sujeito e verbo. Há recrutamento de *que* e a manifestação da cópula se apresenta em pretérito imperfeito. Também há preferência por evitar uma estrutura mais complexa (*metabolismo devia estar baixíssimo*). Isso pode reforçar a ideia a respeito da defectividade do epistêmico dever. A abordagem de Resende (2013) é que “há mais formas anômalas” para dever. O epistêmico não forma imperativo e sua morfologia verbal de pretérito imperfeito não indica necessariamente pretérito imperfeito, mas futuro (o que seria normal para dever). Essa anomalia pode também se reforçar com o fato de que dever não possui formas para o pretérito perfeito, manifestando-se apenas com desinências do presente e pretérito perfeito. O que vemos, então, é o acionamento de [deve (que)] junto a formas já existentes na língua.

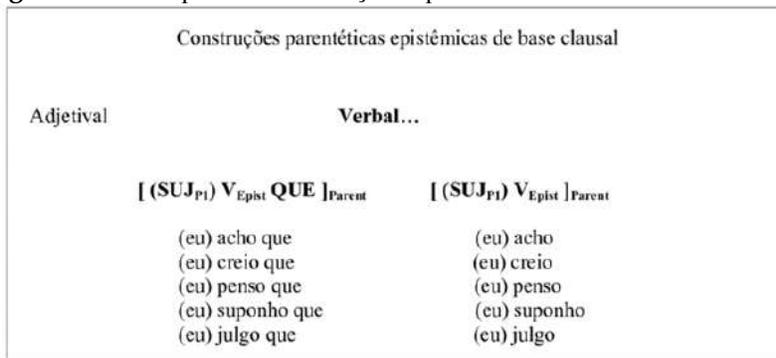
Recrutamento da conjunção *que*

Resende (2013) afirma que uma das propriedades do epistêmico dever é não admitir construções introduzidas pela conjunção integrante *que*, promovendo construção agramatical. As ocorrências, no entanto, expandem essa visão uma vez que o uso recruta tal elemento. Além disso, essa não é a única característica expandida no novo uso. Resende e Silva (2016) elencam ainda mais características das propriedades de dever: i) possuir posição fixa na

sequência verbal; ii) não apresentar flexão do particípio; e iii) ocorrer antes de *ter-do* e *estar-ndo*. O que vemos, a partir dos dados, é um uso mais marginal, não prototípico às propriedades elencadas. Notamos que [deve] não tem uma posição fixa (a partir dos padrões desta análise) e pode ocorrer antes de diferentes formas verbais, não constituindo, assim, caso de locução verbal. Isso demonstra que tal elemento pode ser lido como produto de gramaticalização.

Além dessas propriedades, hipotetizamos que o recrutamento de *que se* constitui caso de analogização, categorização, *chunking* ([deve que]) (Bybee, 2010; 2016), além de mecanismos metonímicos e metafóricos. Consideramos que o elemento juncor *que* foi recrutado da categoria dos parentéticos epistêmicos. Carvalho (2017) afirma haver uma hierarquia construcional das epistêmicas de base clausal verbal. Essa hierarquia diz respeito ao que a autora denomina verbos parentéticos epistêmicos. Verbos do domínio epistêmico como *achar*, *crer*, *pensar*, *supor*, *julgar* são elementos que já se manifestam com *que* em sua categoria. Vejamos:

Figura 6: Hierarquia de construções epistêmicas de base clausal verbal



Fonte: Adaptação de Carvalho (2017).

Com um grau altíssimo de similaridade com o subesquema dos parentéticos, proposto por Carvalho (2017), (SUJ_{P1}) V_{Epist} QUE]_{Parent}, isto é, a permanência da origem do domínio-fonte, a epistemicidade, e a complementização de *que*, já existente no

esquema, [deve] recruta o elemento juntor *que*. Assim, [deve que] parece ter passado por um processo de base metonímica e metafórica (*chunking*), analogização e categorização. Devido à frequência e proximidade dos traços dos verbos parentéticos epistêmicos *achar, crer, pensar, supor, jogar* (epistemicidade) e própria complementização da conjunção integrante *que* desses verbos, é que o recrutamento é acionado. Deste modo, [deve que] agora é conceptualizado como uma única unidade, um *chunk*.

Para dar prosseguimento às análises, apresentamos os padrões (4) [*deve + gerúndio*], (5) [*deve + porque*] e (6) [*deve*]posição final ([*deve*]_{MD}), respectivamente. O padrão (4) indica que o indivíduo tem como objetivo cumprir seu propósito comunicativo, colocando em destaque a informação em curso. Em outras palavras, ele utiliza o gerúndio (e não o infinitivo), pois a intenção não é projetar o que enuncia, mas sim, incidir sobre a ação em curso.

Figura 7



Fonte: Disponível em: < <https://twitter.com/marimelon16/status/1570076947555782658> >. Acesso em: 11 out. 2022.

Nesta ocorrência, há o que denominamos um uso com função de *modalizador preenchedor*. Neste caso, [deve] parece ser acionado pelo indivíduo para preencher, de maneira epistêmica, a proposição. Dizemos de maneira epistêmica, pois o valor da modalidade epistêmica permanece no uso. Este passa a acionar as formas de gerúndio, sem apresentar formas compostas, pois é o gerúndio que marca a ideia de tempo progressivo, isto é, ele marca morfológica e semanticamente a ação em curso. Na figura (7),

[deve] pode ser retirado de maneira que não cause prejuízo algum ao enunciado: *eu fazendo ativação no meu abdômen e a galera achando que tô sugando a barriga até morrer*. Parece que o indivíduo quer mesmo se manter afastado da proposição. Ele pretende manter seu descomprometimento ante a proposição e se utiliza de um *modalizador preenchedor*.

A próxima ocorrência é o padrão (5) [*deve + porque*]. Este uso parece também se comportar como um *modalizador preenchedor* o qual é acionado para modalizar o motivo, e isto por meio do *chunk* [*deve porque*]. Vejamos a figura (7):

Figura 8



Fonte: Disponível em: <https://twitter.com/artu_____/status/1566971284734582784> Acesso em: 10 out. 2022.

Esta ocorrência, em níveis de sentido, pode ter uma leitura do tipo: *Desculpa ser assim, mas tenho dependência emocional, carência e síndrome de abandono*. Neste caso, não é possível retirar [deve] do arranjo, formando, assim, um *chunk* com *porque*. Parece haver um contraste por justificativa, já que a conjunção *porque* aponta para a justificativa de o indivíduo ser dessa maneira. Assim, acreditamos que [deve] é acionado para modalizar, epistemicamente, o motivo - *porque*, produzindo valor semântico de adversidade por justificativa (Pacheco; Dias (no prelo). Acreditamos que, neste uso, [deve] também tem função de *modalizador preenchedor* pois ele é acionado para preencher epistemicamente a proposição.

O último padrão, padrão (6) [*deve*]posição final ([*deve*]_{MD}), é o que consideramos ser caso de marcação discursiva. Este uso, caro à pesquisa, é tido como o mais marginal que encontramos dada a sua

característica estrutural e independência sintática (Heine, Kaltenbock; Kuteva (2019). Bybee (2016) afirma que quanto maior a frequência de uma palavra complexa [ou construção, aqui estendida] em relação à base modal, maior a probabilidade de que ela seja acessada sem uma ativação da base. MD também têm tal característica, isto é, não precisa, necessariamente, estar encaixado na sentença. Além da ordenação ao final da oração [deve]_{MD} é por vezes, acionado para trazer certa ironia/deboche ao enunciado. Vejamos dois casos:

Figura 9



Fonte: Disponível em: <https://twitter.com/DVD_arcanjo93/status/1431444470046892035?t=J95dUkKOyCh02FETgO0nw&s=08> Acesso em: 17 out. 2022.

Figura 10



Disponível em: <<https://twitter.com/bbrunagarcia/status/1581375514521915392?t=9tGDKHcWql7RUI-0cXVQ5A&s=08>>. Acesso em: 17 out. 2022.

O que vemos nessas ocorrências é que o grau de epistemicidade está opaco e fraco, tendendo para uma marcação

que exprime mais incerteza. Há aqui uma abertura para novos significados que fogem ao domínio-fonte da epistemicidade. A semântica de [deve]_{MD} se expande, trazendo, agora, traços da figura de linguagem ironia. Na figura 9, há a presença de mecanismos do texto em mídia digital, que são *emojis*. O uso desses *emojis* reforçam ainda mais os valores de ironia. O uso parece se tratar de um rebatimento a um enunciado não explícito em que o indivíduo não tem a pretensão de concordar com tal enunciado. Neste caso, *sou maluco deve* equivale a *não sou maluco*. Além disso, a oração está totalmente rearranjada quando considerada a tradição gramatical (*Devo ser maluco*). Assim, [deve]_{MD} é acionado para rebatimento e para trazer leitura de valor semântico de ironia.

Semelhantemente, na figura 10, o uso é acionado para reforçar a ideia de ironia. Parece que há certa preferência de ordenação de [deve]_{MD} ao final da oração para causar esse efeito semântico. Nessa ocorrência, há também uso de marcação de riso (kkkkkk), reforçando semântica de ironia. Em ambos os casos, [deve]_{MD} pode ser retirado sintaticamente, já que as declarações já evocam ironia; porém, pragmaticamente, não pode ser retirado, pois o uso é acionado para reforçar a figura de linguagem.

Considerações finais

O uso inovador de [deve (que)] segue um caminho mais funcional, subjetivo e discursivo. Não podemos tratar esse uso como uma locução ou ler [deve (que)] como um verbo modal ou auxiliar, uma vez que não se admite alguns requisitos como possuir posição fixa na cláusula, como vimos no padrão (6), não apresentar flexão do particípio, não admitir conjunção *que*, como nos padrões (1), (2) e (3). O que observamos é um uso inovador do elemento, o qual foge à categoria das abordagens linguísticas. Notamos uma interação mais discursiva do elemento nas estruturas e seu uso pode ser lido como um marcador discursivo. [deve]_{MD}, para nós, é o uso mais marginal das características prototípicas do epistêmico dever; o uso é ordenado para o fim da cláusula, semelhante a um

MD. Também há neste uso, uma semântica ampliada como reforço da figura de linguagem ironia nas proposições.

Percebemos também que há uma formação de *chunking* [deve] + elemento juntor *que*, [deve que]. Dizemos que o recrutamento de *que* no uso se deu por processos cognitivos de domínio geral como analogia, categorização, *chunking* como também mecanismos metafóricos e metonímicos. Devido à similaridade da categoria dos parentéticos epistêmicos, isto é, a própria epistemicidade desses elementos e o uso prototípico de *que* dessa categoria, [deve] recrutou *que* e, agora passa a ser conceptualizado como uma única unidade, um *chunk*, [deve que].

Consideramos também que algumas manifestações do uso podem ser lidas como um tipo de *modalizador preenchedor*. O uso se liga às formas de gerúndio (e não de infinitivo) e é acionado para incidir sobre a ação em curso. Ainda, o uso se liga à conjunção *porque*, formando, parece, um *chunk* cuja função é a de *modalizador preenchedor*, isto é, o uso é acionado para preencher e modalizar epistemicamente o motivo.

Referências

BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição* (Language, usage and cognition). Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. *The study of language change*. In: BYBEE, J. *Language Change*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2015.

CARVALHO, C. dos S. De cláusulas matrizes a construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem construcional. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 27, n. 55, p. 17-41, 2017.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1 ed. 3º reimp. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar, syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013, p. 12-39.

DALL'AGLIO H.; MATTOS, M. Uma análise funcional da modalidade epistêmica. *Alfa: Revista de Linguística*, 1996.

DIAS, N. B. A marca da (inter) subjetividade na sentença complexa subjetiva. *Confluência*, p. 83-106, 2013.

DIESSEL, H. Usage-based Linguistics. In: ARONOFF, M. (org.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2017. Disponível em: http://www.personal.uni-jena.de/~x4diho/Usage_based_linguistics.pdf

GIVÓN, T. *Funcionalismo e gramática*. Publicação John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, S. C. L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil. I*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T. On the rise of discourse markers. *Researchgate*. Preprint, june, 2019, DOI: 10.13140/RG.2.2.31703.73129. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>. Acesso em: 19 fev 2023.

HEISLER, D. *O Estudo da modalidade Epistêmica e Deôntica dos verbos modais 'poder' e 'dever' com complemento infinitivo*. Universidade Federal da fronteira Sul. 2014. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/689>> Acesso em: 15 fev. 2023.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh:Edinburgh University Press, 2014.

MACEDO, A. T.; SILVA, G. M. de O. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais In: MACEDO, A. T.;

RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996, p. 11-50.

NETO, F. M. *A manifestação da modalidade epistêmica em narrativas orais*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - Ceará, 2006.

NEVES, M. H. de M.; CAMPOS, C. de; PAL, D. C. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2011.

OLIVEIRA, R. P. de; SANTOS, A. L. P. dos. O que há de diferente entre ‘pode’ e ‘podia’? *Anais do CELSUL*, 2008. Disponível em: <http://www.academia.edu/1319198/O_que_ha_de_diferente_entr_e_podee_podia>.

OLIVEIRA, S. da S. de. *Construcionalização/mudanças construcionais de porém, contudo e todavia: um estudo panorâmico à luz dos modelos baseados no uso*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) -Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

PACHECO, P. H.; Dias, N. B. The [Vacontecimento QUE] construction and the connection of unequal statements in Portuguese: the caveat as a discursive attitude. *SciELO Preprints*, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7787>> Acesso em: 15 fev. 2023.

PONTES, E. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

RESENDE, M. S. *Os verbos modais epistêmicos no português brasileiro: uma interface sintaxe-semântica*. 2013, 77p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Portugêas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

RESENDE, M. S.; SILVA, M. C. F. A sintaxe dos verbos modais: um panorama de abordagens. *Let. & Idei.*, João Pessoa, PB., v. 1, n. 1, p. 86 – 100, 2016.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M.; URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015, p. 427-496.

SAMBRANA, V. R. M. *Construcionalização de marcadores discursivos formados por olhar e ver no português*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil 2021.

SANTOS, R. de C. S. Twitter como exemplo do gênero textual microblog. Encontro Nacional de Hipertexto E Tecnologias Educacionais. *Anais* v. 4, p. 1-15, 2011.

SCARDUELLI, J. A. *'Deve' e 'devia': os limites da significação*. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SCHIFFRIN, D. *Marcadores de discurso*. Imprensa da Universidade de Cambridge, 1987.

TEIXEIRA, A. C. M. *A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil, 2015.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ZAGO, G. de S. O Twitter como suporte para produção e difusão de conteúdos jornalísticos. *Ciberlegenda*, n. 21, 2009.

A CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE [POR ISSO]_{CONECTOR}: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA CENTRADA NO USO

Mayra Laurindo Rabello¹

Introdução

O presente capítulo integra uma pesquisa mais ampla, desenvolvida a nível de mestrado, que investiga a construção conectora conclusiva [por isso] em perspectiva pancrônica. Com o propósito de investigar os usos atuais da construção na língua portuguesa e de reconstituir sua trajetória de mudança ao longo do tempo, esta pesquisa toma por base os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, doravante LFCU. Desse modo, assumimos a concepção de língua como um inventário de construções, que, por sua vez, são definidas como pareamentos simbólicos de forma e significado (Goldberg, 1995), e compreendemos que uma descrição adequada de [por isso]_{conector} deve partir da análise de ocorrências retiradas de situações reais de comunicação.

Nesse sentido, este capítulo apresenta a análise qualiquantitativa de 993 ocorrências de [por isso], coletadas do século XIII ao século XXI, que permitem traçar a trajetória de mudança percorrida pela construção, partindo de seu uso original, como um termo oracional, até alcançar o uso como conector. Como uma análise sincrônica desse objeto já foi apresentada em Lopes e Rabello (2022), o presente capítulo tem como objetivo central descrever a trajetória diacrônica de [por isso]_{conector} de acordo com o

¹ Mestranda em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, sob orientação do Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes. Bolsista pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: mayra_laurindo@id.uff.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8463-4593>.

cline contextual proposto por Diewald (2006). Para isso, o trabalho está dividido em 5 seções: uma breve seção apresentando o estado da literatura sobre o objeto analisado; uma seção apresentando os pressupostos teórico-metodológicos da LFCU que orientam a pesquisa; em sequência, apresentamos a seção de análise dos dados, com a exposição dos resultados, e, para finalizar, as considerações finais, seguidas das referências.

Revisão de literatura

A construção [por isso] apresenta tratamento diferenciado na literatura. Enquanto algumas gramáticas concordam que o elemento é uma conjunção conclusiva de orações coordenadas (Rocha Lima, 2011; Cunha; Cintra, 2017), outras divergem quanto à própria existência das orações coordenadas conclusivas. É o que vemos em Bechara (2019) e Neves (2011), que propõem que o elemento seria mais bem alocado no rol dos advérbios devido a sua mobilidade posicional e capacidade de articulação com outras conjunções. Assim, esses advérbios são capazes de atuar na ligação de orações porque, segundo Neves (2011) e Castilho (2014), passam por um processo de gramaticalização que permite que se aproximem das conjunções.

Mira Mateus *et al.* (2003) apontam que os conectores conclusivos veiculam uma relação de causa-efeito, em que o termo afetado pelo conector² exprime uma consequência ou um efeito resultante da situação reportada. Especificamente sobre a construção [por isso], as autoras colocam a construção entre os conectores que exprimem o valor de inferência, que é um tipo de conexão em que a situação descrita em uma das unidades conectadas é inferível a partir da(s) descrita(s) na(s) unidade(s)

² Faz-se importante destacar que distinguimos o termo conector do termo conectivo, tal como proposto em Souza (2008). A distinção se faz necessária porque, segundo Souza (2008), conectivo tende a se restringir às conjunções, às preposições e aos pronomes relativos, enquanto conector abriga uma categoria mais ampla, que admite elementos de diversas naturezas.

anterior(es). Nesse sentido, a(s) primeira(s) unidade(s) passam a ser consideradas como a razão ou o argumento que permite o desenvolvimento da unidade seguinte.

Ao adotar a concepção de [por isso]_{conector} como um advérbio, Lopes e Rabello (2022) realizam uma descrição sincrônica de [por isso]_{conector}, em que descrevem como a construção atua como um conector de diferentes unidades discursivas³, sendo capaz de vincular os valores semântico-pragmáticos de conclusão, consequência e elaboração, correspondentes aos domínios da causalidade (Sweetser, 1990). Os autores apresentam dados que evidenciam como a construção pode atuar no nível intraperíodo, conectando orações de um mesmo período, e nos níveis interperíodo e interparágrafo, conectando períodos ou parágrafos de um mesmo texto. O presente capítulo toma Lopes e Rabello (2022) como base para observar a trajetória diacrônica de [por isso]_{conector}.

Pressupostos teórico-metodológicos

Neste trabalho, partimos dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso⁴, umas das abordagens contemporâneas dos estudos funcionalistas. A LFCU surge a partir do diálogo entre o Funcionalismo norte-americano e a Linguística Cognitiva, em especial a Gramática de Construções, com o objetivo de estudar conjuntamente a gramática e o discurso. Entre muitos de seus princípios básicos, essa abordagem defende que a estrutura da língua surge a partir do uso cotidiano em situações reais de comunicação, de modo que o estudo sobre os fatos linguísticos deve tomar como base as funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas executadas em

³ Neste trabalho, chamaremos a unidade discursiva que antecede o uso do conector de D1 e a unidade discursiva que segue o uso do conector de D2.

⁴ (Cunha; Bispo; Silva, 2013; Bybee, 2016; Traugott; Trousdale, 2021), entre outros.

diferentes contextos linguísticos, sem desconsiderar a situação extralinguística (Cunha; Bispo; Silva, 2013).

Nessa perspectiva, a LFCU adota uma abordagem construcional de gramática e considera as línguas enquanto inventários de construções, essas compreendidos como pareamentos simbólicos de forma e sentido (Goldberg, 1995). Em suas postulações, a LFCU considera que a mudança linguística é um processo natural e constante da língua, de modo que novas construções estão sempre emergindo. Para uma apreciação adequada da mudança, os estudos em LFCU defendem que a combinação entre sincronia e a diacronia é a mais adequada, propondo, então, uma perspectiva pancrônica. Tal defesa parte da compreensão de que a sincronia e a diacronia precisam ser vistas como um todo integrado. Nesse sentido, a sincronia é tida como fundamental para a descrição do estado atual das línguas naturais, enquanto a diacronia é tomada como cara para reconstituir as trajetórias de mudança das construções de uma língua ao longo do tempo (Bybee, (2016 [2010])). Desse modo, combinar essas abordagens em uma perspectiva pancrônica possibilita compreender e descrever a mudança de forma adequada.

O presente capítulo parte da perspectiva sincrônica apresentada em Lopes e Rabello (2022) para investigar a trajetória diacrônica de [por isso]_{conector}. A partir disso, a construcionalização é um dos principais conceitos que guiam este trabalho. A construcionalização consiste no processo de “[...] criação de (combinações de) signos com forma_{nova}-significado_{Novo}” (Traugott; Trousdale, 2021 [2013], p. 58). Tal processo permite perceber como novas construções surgem a partir de construções já existentes ao longo do tempo e em função das pressões de uso.

Além disso, os conceitos de inferência sugerida, metonímia e neoanálise também se mostram relevantes. Desse modo, a inferência sugerida é utilizada para se referir às implicaturas conversacionais que podem ativar mudanças no significado (Traugott; Trousdale, 2021). Assim, elas atuam na negociação de sentido em uma situação comunicativa, de modo que o falante

sugere uma interpretação, que pode ser interpretada pelo ouvinte de forma igual ou distinta. Sobre o conceito de metonímia, Cunha, Bispo e Silva (2013) explicam que a LFCU a entende como um processo cognitivo pelo qual uma entidade fornece acesso a outra, ambas pertencentes ao mesmo domínio conceitual. As projeções metonímicas, desse modo, são importantes para possibilitar a transferência das propriedades semânticas de uma construção para outra durante o processo de neoanálise. A neoanálise, por sua vez, consiste em uma terminologia apresentada por Traugott e Trousdale (2021) para representar a nova interpretação dada a uma construção em mudança, essa nova interpretação é o processo que favorece à convencionalização de um novo pareamento de forma e significado.

Tais processos são alguns dos que atuam no surgimento de [por isso]_{conector}, mas, para compreender os diferentes contextos envolvidos na construcionalização do elemento, é importante conhecer a proposta de Diewald (2006). O *cline* contextual proposto pela autora estabelece que uma construção passa por três estágios de mudança: I. Pré-condições de gramaticalização; II. Desencadeamento da gramaticalização; III. Reorganização e diferenciação.

No primeiro estágio, temos as pré-condições de gramaticalização⁵ que possibilitam atribuir novo sentido a uma determinada construção. O estágio é associado ao contexto atípico e apresenta as primeiras mudanças no uso, ou seja, as implicaturas conversacionais que contribuirão para a convencionalização da mudança. No segundo estágio, associado ao contexto crítico, ocorre o efetivo acionamento da gramaticalização. Tal contexto é caracterizado por ambiguidade estrutural e semântica, abarcando mais de um significado e função possíveis para a construção. Em seguida, no terceiro estágio, associado ao contexto isolado, temos a

⁵ Apesar de Diewald (2006) adotar a perspectiva de gramaticalização, o *cline* proposto por ela se mostra aplicável à trabalhos guiados pela perspectiva de construcionalização.

consolidação da gramaticalização, ou seja, a mudança se convencionalizou. Nesse estágio, o elemento consiste em um novo pareamento forma e significado e seu uso é conceptualizado como distinto do uso original.

Além da LFCU, os estudos pragmáticos também contribuem para este trabalho, especificamente a pesquisa de Sweetser (1990) sobre os domínios da causalidade. A autora propõe que as relações de causalidade estão organizadas em três domínios: do conteúdo; epistêmico e interacional. Como Lopes e Rabello (2022) descrevem, os valores semântico-pragmáticos vinculados por [por isso]_{conector} estão respectivamente relacionados aos domínios da causalidade proposto pela autora. Nesse sentido, o valor de consequência exprime uma relação de causa-consequência que se estabelece no mundo real (domínio do conteúdo), o valor de conclusão apresenta uma conclusão desenvolvida por raciocínio inferencial do falante (domínio epistêmico), e o valor de elaboração desenvolve uma explicação dentro do mundo discursivo (domínio interacional).

Em relação à metodologia adotada na pesquisa, a formação do *corpus* da pesquisa foi feita a partir de três bases de dados, o *Corpus Informatizado do Português Medieval*, o *Corpus Vercial* e o *Corpus do Português*, das quais coletamos 993 ocorrências. Após o descarte de 74 ocorrências incompletas, a análise dos dados utilizou o método misto (Lacerda, 2016), combinando as abordagens quantitativa e qualitativa, para apreciar adequadamente as 919 ocorrências restantes.

Como o presente capítulo parte da análise diacrônica, cujo principal intuito é reconstituir a trajetória de construcionalização da construção, os principais fatores de análise foram a identificação do estágio de mudança, de acordo com Diewald (2006), e a distinção de uso como conector e como termo oracional. A partir disso, outros aspectos foram avaliados, tais como: posição, vinculação ao subordinador, valores semântico-pragmáticos presentes no uso como conector, pontuação, justaposição a outros conectores, entre outros.

Análise de dados

Os dados coletados possibilitaram traçar a trajetória diacrônica de [por isso]_{conector} a partir do século XIII até o século XXI. A Tabela 1 apresenta o quantitativo dos dados recuperados.

Tabela 1: Trajetória diacrônica de [por isso]

Século	Contexto Típico	Contexto atípico	Contexto crítico	Contexto isolado	Total por século
XIII	-	2	3	1	6
XIV	11	24	67	18	120
XV	3	11	29	16	59
XVI	48	46	88	6	188
XVII	4	11	70	65	150
XVIII	4	10	8	15	37
XIX	33	25	61	17	136
XX	26	21	59	33	139
XXI	10	7	11	56	84
Total por contexto	139	157	396	227	919

Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar de não ser o foco de sua pesquisa, Diewald (2006) admite que há um momento anterior à mudança, no qual a construção estaria no uso original. Esse momento foi chamado aqui de contexto típico, em que observamos a construção antes das alterações que influenciam a mudança. Os dados indicam que o uso original de [por isso] é na função de termo oracional, como um complemento verbal ou como um adjunto adverbial, de modo que ele está vinculado sintática e semanticamente a um elemento subordinador – geralmente verbo – e posicionado à direita deste subordinador. Vejamos uma ocorrência.

(01) [...] alembrou-se o maldito do porvedor de embirrar com a minha Maria, e de querer por força revistá-la, dezendo que ela era esta e aquela, e que em sua casa non se via senon intrar e sair embuçados de noute e de dia, e que ela non era mais grave que as oitras, e que a lei havia de ser obedecida, e oitros muntos despropósetos desta ugalha. Ao que ela le respondeu que crescesse pra ela, se queria ver como ela le revistava tamém os miolos com a fouce, e mais que le non **levava** nenhuns seis vinténs **por isso**.⁶

Em (01), *por isso* atua como um adjunto adverbial de causa, especificando o sentido do verbo *levava*. A construção está posicionada à direita do verbo, sendo este o único elemento com o qual a construção apresenta vínculo sintático-semântico. Nessa ocorrência, nota-se que o elemento ocupa a posição prevista para os adjuntos adverbiais, após o verbo e seu complemento, tal como prevê a estrutura argumental mais comum em língua portuguesa: verbo + complemento + acessório.

As primeiras alterações são observadas no contexto atípico, mas, diferente do que propõe Diewald (2006), elas são de caráter sintático. Nesse primeiro estágio de mudança, o elemento apresenta mudanças de posição, sendo alocado à esquerda do subordinador e apresentando afastamento dele, como na ocorrência abaixo.

(02) E quantos predestinados estão no céu dando eternas graças a Deus porque os não despa-charam! Dois destes predestinados não despachados, eram os dois apóstolos do nosso Evangelho, que **por isso** lhes **disse** Cristo que não sabiam o que pediam.⁷

Em (02), *por isso*, ainda na função de adjunto adverbial, especifica o sentido do verbo *dizer*. A construção deixa de ser utilizada na posição comum para os termos acessórios e essa mudança, segundo a análise defendida neste trabalho, pode

⁶ *Corpus Vercial*, Século XV.

⁷ *Corpus Vercial*, Século XVII.

permitir que o ouvinte comece a compreender os elementos como desassociados. Com base no princípio de iconicidade da LFCU, defendemos que o afastamento dos elementos na estrutura da oração pode contribuir para o afastamento cognitivo. Nesse sentido, a alteração de posição é compreendida como um dos fatores que contribui para o afrouxamento do vínculo sintático e semântico entre [por isso] e subordinador, ou seja, é uma das inferências que permitirão a neoanálise da construção.

O processo de construcionalização – ou de gramaticalização na perspectiva adotada por (Diewald, 2006) – é efetivamente iniciado apenas no segundo estágio de mudança, denominado de contexto crítico. Para o contexto crítico do objeto aqui analisado, observamos que, juntamente com a mudança de posição iniciada no estágio anterior, é a justaposição de [por isso] a outros conectores que possibilita que o elemento adquira a função conectora. Vejamos uma ocorrência.

(03) Não se trata de pequenos erros; são vidas de seres humanos e suas histórias que se revelam alteradas em julgamentos fora das regras constitucionais, legais e éticas. Todos sabem que um juiz deve ser imparcial e **por isso** não pode se juntar com uma das partes para prejudicar a outra parte.⁸

Em (03), notamos que o *por isso* já estabelece o valor semântico-pragmático de conclusão entre as unidades discursivas. Conforme a estrutura definida em Lopes e Rabello (2022) para a construção nesse valor, percebemos que há uma premissa explícita na D1 *Todos sabem que um juiz deve ser imparcial*, que evoca um conhecimento externo e permite desenvolver a premissa implícita de que algum juiz deve ter infringido regras de imparcialidade. Assim, a conclusão expressa na D2 *e por isso não pode se juntar com uma das partes para prejudicar a outra parte* exibe um processo inferencial desenvolvido pelo falante.

⁸ *Corpus Now*, Século XXI.

No entanto, apesar de *por isso* já se encontrar no contexto conector, ele não é o elemento responsável pela conexão, é a conjunção aditiva *e* que realiza a conexão entre as unidades. Desse modo, enquanto o *e* é utilizado para vincular as unidades discursivas, nossas D1 e D2, *por isso* é utilizado apenas para marcar o valor de conclusão. Com a alta frequência de uso de *por isso* justaposto a outros conectores associada a seu posicionamento à esquerda, a construção passa a assumir as propriedades conectivas desses outros conectores *e*, conseqüentemente, a ser entendida também como um elemento conector. Em termos funcionalistas, a mudança de posição e a relação de contigüidade entre *por isso* e os conectores são as inferências que possibilitam que a construção seja neoanalisada, por meio de metonimização, como um conector.

No contexto crítico, observamos os valores semântico-pragmáticos de conseqüência, conclusão e elaboração em ocorrências de [por isso] associado a outros conectores, mas é apenas no contexto isolado que o elemento passa a atuar como um conector conclusivo autônomo. Observemos três ocorrências.

(04) Para María Marroquín, a vida em El Salvador se tornou intolerável depois que membros de uma gangue que extorquia dinheiro mataram vários comerciantes no mercado onde trabalhava. Ela também passou a temer pela vida do filho de 27 anos, David, depois que um primo foi sequestrado e desapareceu sem deixar rastros.

Por isso, no ano passado, aos 52 anos, ela decidiu sair do país. A diferença é que, ao contrário dos muitos conterrâneos que tomaram a mesma decisão difícil, ela preferiu atravessar o Atlântico, rumo à Europa, em vez de se juntar aos milhares que estão seguindo a pé para o norte, na esperança de chegar aos EUA e obter asilo ali.⁹

(05) Este rey dom Garcia era muy piadoso e muy fra~co e, quanto podya aver, dava aos cavaleiros e escudeiros. E muytas vezes andava, com suas gentes a pee e suas avarcas calçadas, lidando e

⁹ *Corpus Now*, Século XXI.

guerreando, assy como fezera seu padre. E, por que husava e-na guerra muyto amehude as avarcas, **por esso** lhe chamaron do-Garcia Avarca, do nome de seu padre, dom Sancho Avarca.¹⁰

(06) Segundo o tenente Pedro Reis, são observados todos os aspectos legais quanto ao tema, incluindo a parte de regulação, que envolve órgãos como ANATEL, ANAC e Força Aérea.

‘A segurança de voo é um fator muito importante. **Por isso**, dedicamos uma semana inteira para o treinamento’.¹¹

Nas ocorrências acima, defendemos que [por isso] é utilizado como um conector autônomo porque não está justaposição a outros conectores. A partir disso, definimos que o padrão de uso no contexto isolado é: [por isso] usado como um conector independente; apresentando maior autonomia sintática e semântica, visto que não está diretamente relacionado a um subordinador; posicionado à esquerda de uma unidade discursiva, iniciando orações, períodos ou parágrafos; e promovendo coesão híbrida¹², retomando orações, períodos ou parágrafos enquanto permite a progressão do texto

Em (04), temos o valor de consequência, em que um fato anterior gera um fato posterior. Assim, o *por isso* é utilizado para demonstrar que a saída de Maria de seu país é um fato resultante da violência, representada por dois fatos apresentados antes: a morte em seu local de trabalho e o sequestro de seu primo. Em (05), temos o valor de conclusão, em que duas premissas possibilitam o desenvolvimento de uma conclusão. Assim, a D1 traz a premissa explícita de que o Rei Dom Garcia, tal como fazia seu pai Dom Sancho Avarca, costumava andar a pé, calçado em sandálias e com seu povo, essa informação permite desenvolver a premissa

¹⁰ *Corpus* Informatizado do Português Medieval, Século XIV.

¹¹ *Corpus* Now, Século XXI.

¹² LOPES, M. G.; MOURA, S. C. As construções conectoras [com isso] e [como se não bastasse] na promoção da coesão híbrida: um estudo centrado no uso. *Revista Soletras*, n. 41, p. 189-215, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.ue.rj.br/index.php/soletras/article/view/55575>. Acesso em: 24 nov. 2021.

implícita de que esses dois personagens apresentam características em comum. Desse modo, ambas as premissas embasam a conclusão apresentada na D2, que informa que o Rei Dom Garcia foi chamado de Avarca em semelhança ao seu pai. Por fim, em (06), temos o valor de exemplificação, que é um dos valores abarcados na macrocategoria de elaboração. A macrocategoria, segundo Lopes e Rabello (2022), abarca valores em que a unidade introduzida pelo [por isso] é utilizada para elaborar uma asserção anterior, com intuito de expandir, reforçar ou exemplificar a informação exposta. Na ocorrência, vemos que o enunciador cita o tempo de treinamento como exemplo da afirmação apresentada na D1 *A segurança de voo é um fator muito importante*.

Sobre a autonomia sintática e semântica, acreditamos que, devido a sua natureza adverbial, [por isso]_{conector} sempre refletirá certa vinculação a um subordinador. No entanto, essa vinculação é opaca no contexto isolado, de modo que a construção está sempre posicionada antes do elemento que seria o seu subordinador e, frequentemente, é afastada dele por outros elementos. Nas ocorrências acima, por exemplo, [por isso] é separado da locução *decidiu sair* por sete termos em (04), é separado de *chamaron* por um termo em (05), e é separado de *dedicamos* por uma vírgula em (06).

Já em relação ao posicionamento da construção, observamos que a construção no contexto isolado pode atuar em nível intraperíodo, relacionando orações, como na ocorrência (05), em nível interperíodo, relacionando períodos, como na ocorrência (06), ou no nível interparágrafo, relacionando parágrafos, como na ocorrência (04). Em todas, a construção é capaz de promover coesão híbrida, como defendem Lopes e Rabello (2022), visto que é capaz de retomar uma porção textual e introduzir outra. Em (04) a construção retoma todo o parágrafo anterior e introduz um novo parágrafo, em (05) a construção retoma três orações anteriores, enquanto introduz uma nova oração, e em (06) a construção retoma um período anterior, enquanto introduz um novo período.

Considerações finais

Com base na análise de 993 ocorrências de [por isso], o presente trabalho buscou analisar a trajetória diacrônica de mudança da construção no período entre o século XIII e o século XXI. A partir da orientação da LFCU, a pesquisa descreveu como a construção parte de usos como termo oracional e sofre alterações que permitem sua mudança para conector.

No primeiro estágio de mudança, conseguimos observar que a construção demonstra alteração na posição, passando a ocupar a posição à esquerda do subordinador, que favorece o afrouxamento da vinculação sintática e semântica entre os elementos. Com o efetivo acionamento da construcionalização no contexto crítico, observamos que [por isso] é caracterizado pelo posicionamento à esquerda do subordinador, por apresentar afrouxamento sintático e semântico desse subordinador e, sobretudo, pela justaposição a outros conectores, o que permite que a construção herde propriedades desses conectores. Desse modo, a construção apresenta alta variedade sintática e semântica nesse segundo estágio de mudança.

Em seguida, no terceiro estágio de mudança, compreendemos que um contexto isolado é conceptualizado para o uso de [por isso] como conector, no qual o usuário compreende o uso como conector como distinto do uso como termo oracional. Assim, no contexto isolado, [por isso] é caracterizado por: ser utilizado como um conector independente, não necessitando de outros conectores como no contexto crítico; por iniciar uma unidade discursiva, que pode ser uma oração, um período ou um parágrafo; por apresentar mais autonomia sintática e semântica, visto que ele não depende mais de um subordinador; e por promover coesão híbrida, atuando conjuntamente na introdução e retomada de unidades discursivas no texto.

Além da reconstituição da trajetória de mudança, a presente pesquisa também permite supor que a construcionalização de [por isso] teve início antes do século XIII. Essa hipótese parte do

fato de que a construção apresenta baixa frequência de uso original na diacronia, com apenas 139 ocorrências no contexto típico. O registro de ocorrências no contexto crítico e isolado já no século XIII também guiam para a possibilidade de que a mudança tenha iniciado em sincronias anteriores, provavelmente ainda na língua latina. Logicamente, a confirmação dessa hipótese carece de outras pesquisas.

Por fim, a alta produtividade de ocorrências no contexto crítico e sua permanência no século XXI sugerem que [por isso] permanece sofrendo mudanças pós-construcionais. A permanência do segundo estágio de mudança vai, inicialmente, contra a proposta de Diewald (2006), mas é totalmente aceitável dentro dos limites da LFCU, visto que a língua está sempre mudando devido às pressões de uso. Dessa forma, a presença de alguns usos específicos no contexto crítico, como [nem por isso], [por isso que], [por isso mesmo], entre outros, sugerem que, provavelmente, outras construções surgiram do [por isso]. Portanto, o presente capítulo contribui com a análise dos aspectos presentes no uso dessa construção, mas não os esgota, deixando espaço para investigações futuras.

Referências

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 39 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In:*

CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013, p. 13-39.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, SV1-9, 2006. Disponível em: <https://constructions.journals.hhu.de/article/view/443>. Acesso em: 09 abr. 2023.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. Especial, p. 83-101, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v1n1a5440>. Acesso em: 05 abr. 2023.

LIMA, C. H. R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOPES, M. G.; RABELLO, M. L. Propriedades coesivas e semântico-pragmáticas do conector complexo por isso no português brasileiro contemporâneo. *Signótica*, Goiânia, v. 34, e72812, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sig.v34.72812>. Acesso em: 05 abr. 2023.

MATEUS, M. H. M. *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 5 ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2023.

SOUZA, T. B. *Conectivos coordenativos portugueses: por um estudo do sentido no universo textual*. 2008. Dissertação (Mestrado em

Estudo de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2008.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Peking: Peking University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

AS RESUMPTIVAS NA NORMA CULTA CARIOCA

Michelle Silva dos Santos¹

Introdução

A busca pela compreensão da linguagem humana é algo que atravessa séculos. A partir de diferentes bases teóricas, muitos são os fenômenos linguísticos que vêm sendo objeto de estudos, dentre os quais se destacam as estratégias de relativização. Acerca desse fenômeno no português brasileiro, as primeiras contribuições foram dadas por Mollica (1977, 2003) e Tarallo (1983, 1994, 1996), cujos trabalhos serão apresentados na primeira seção deste capítulo.

No que tange às diferentes perspectivas teóricas utilizadas em estudos linguísticos, será apresentada, neste capítulo, a Sociolinguística Variacionista, que fundamenta teórica e metodologicamente a presente análise. Conhecida também como Sociolinguística Laboviana, em referência ao seu principal expoente, William Labov, esse ramo da Linguística surgiu na década de 60 e se ocupa do estudo da variação e mudança linguística.

Dentre as robustas contribuições desse linguista norte-americano, pode-se destacar o método *estudo em tempo real de curta duração* (Labov, 1994), por meio do qual é possível desenvolver dois tipos de análise: o *estudo de painel* e o *estudo de tendências*. O *estudo de painel*, que foi utilizado no presente trabalho, permite comparar o comportamento linguístico dos mesmos indivíduos em dois pontos do tempo, geralmente com um intervalo aproximado de vinte anos.

É importante destacar que, dentre as diferentes estratégias de relativização encontradas no português brasileiro, este capítulo focaliza a estratégia não padrão resumptiva na *norma urbana culta*

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, sob orientação do Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti. Bolsista CAPES. E-mail: santosmichelle@id.uff.br

da cidade do Rio de Janeiro. Para isso, são utilizadas amostras de fala (Diálogos entre Informante e Documentador - DID) do *corpus* do Projeto *Norma Linguística Urbana Culta* (NURC-RJ), das décadas de 70 e 90.

Acerca da estruturação deste capítulo, além desta introdução, ele é composto por quatro seções: a revisão da literatura, a fundamentação teórico-metodológica, os resultados da análise e as considerações finais.

As resumptivas em análises variacionistas no português brasileiro

Tarallo (1983), em sua tese de doutoramento, realizou um estudo acerca das orações relativas no português brasileiro, no qual foram identificadas quatro estratégias de relativização: relativa com lacuna, relativa padrão, estratégia com pronome lembrete e relativa cortadora. Para ilustrar cada uma delas, seguem, respectivamente, exemplos extraídos do *corpus* do NURC-RJ, que está sendo utilizado na realização do presente estudo.

(1) *A minha saúde... posso considerar excelente. **O próprio médico que me atende** tem confirmado isso.*

(2) *Na época não, **na época em que eu era jovem**, escolas de samba, qualquer cidadão poderia até assistir porque era em plena Presidente Vargas.*

(3) *Ela é adorável, adorável, cheia de árvores, é, com bancos, aqueles bancos de madeira mesmo sabe, com chafariz no meio, [...] então é **uma praça que ela ainda não decaiu**, entendeu, porque tem muito aposentado.*

(4) *Você sabe que eu tô tendo essa experiência? **Nessa rua que eu moro atualmente**, eles construíram uma série de prédios novos, com essas varandinhas que tão na moda.*

Considerada um tipo de relativa padrão não preposicionada, a relativa com lacuna, exemplificada em (1), recebe essa denominação por apresentar uma lacuna na posição original do sintagma -QU. Ocorre nas posições de sujeito, objeto direto e predicativo do sujeito. Quando envolve as posições sintáticas mais

baixas (objeto indireto, oblíquo e genitivo), a norma padrão preceitua o emprego de *pied-piping*, conforme o exemplo (2). Nesse caso, trata-se, especificamente, de relativa padrão em posição preposicionada. A estratégia com pronome lembrete, exemplificada em (3), é um tipo de relativa não padrão em que há a retomada do antecedente por meio de um pronome cópia. Essa estratégia é também denominada *copiadora* ou *resumptiva*. A estratégia cortadora, exemplificada em (4), é também uma estratégia não padrão que consiste na omissão da preposição antes do pronome relativo em construções cuja função sintática requer a presença dessa partícula.

Em seu estudo, Tarallo (1983, p. 90-93), com base em uma amostra de fala vernácula, composta por quarenta indivíduos da cidade de São Paulo, distribuídos em duas faixas etárias, sexo, classes sociais e em dois níveis de formalidade, constatou, entre outros resultados, que a estratégia resumptiva foi rejeitada pelas classes média e alta, sobretudo pela última. O autor também observou os fatores gramaticais que influenciam no uso do pronome cópia. São eles: a função sintática, com as funções mais baixas, principalmente GEN (9/17 - 53%) e OI (16/76 - 21%), mostrando-se mais favoráveis ao emprego da partícula; os traços semânticos [+ humano], singular, indefinido (para OI e oblíquos); a posição da relativa [+ distante], o tipo não restritivo. Além disso, Tarallo (1983) identificou o predomínio da estratégia cortadora em todas as posições sintáticas, exceto na posição de genitivo, na qual a estratégia resumptiva obteve uma frequência superior (53% de resumptiva; 41% de cortadora e 6% de padrão).

Mollica (1977), em estudo realizado com estudantes do Projeto Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) da cidade do Rio de Janeiro, observou a presença/ausência do pronome cópia em orações relativas na modalidade falada do português. Embora a autora tivesse a expectativa de que a variante resumptiva fosse a mais frequente, dado o nível de escolaridade dos falantes, os resultados indicaram uma predileção pela estratégia cortadora,

também considerada uma estratégia não padrão do português brasileiro.

Em trabalho posterior, com base em amostras de fala das décadas de 1980 e 2000, constituídas por meio do *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua* (PEUL), do qual participaram falantes da área metropolitana do Rio de Janeiro, com um a doze anos de escolaridade, Mollica (2003) realizou um *estudo em tempo real*, no qual foi observado que a estratégia resumptiva, em sintagmas preposicionados, foi utilizada apenas por indivíduos com menos anos de escolaridade. Em relação aos falantes mais escolarizados, a autora verificou que essa construção é utilizada apenas na posição de sujeito e em sintagmas em que o referente relativizado apresenta o traço [+ humano] e [+distante], ou seja, o emprego dessa estratégia pelos mais escolarizados teria a função específica de recuperar um referente que se encontra em posição mais distante do relativizador.

Fundamentação teórico-metodológica

Este trabalho está alicerçado na Sociolinguística Variacionista, ramo da Linguística que, por meio do estudo sistemático de fenômenos linguísticos variáveis, busca compreender os processos de variação e mudança que ocorrem na língua ininterruptamente. Com início na década de 60, também é conhecida como Sociolinguística Laboviana, uma referência ao seu principal representante: William Labov. Por meio do ensaio *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*, Weinreich, Labov e Herzog (2006) conseguiram sistematizar todos os princípios que norteiam essa teoria. Para os autores, a variação é inerente às línguas e pode derivar de fatores presentes na estrutura da língua, bem como de fatores que permeiam a estrutura da *comunidade de fala*. Desse modo, a partir da análise sistemática de variáveis linguísticas e sociais, seria possível compreender os fenômenos linguísticos variáveis, assim como possíveis tendências de mudança linguística.

É importante destacar que, em uma pesquisa sociolinguística, o foco do pesquisador não está apenas no indivíduo, mas, principalmente, na *comunidade de fala*, que, segundo Labov (2008[1972], p. 188) “não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Nessa perspectiva, para a realização de um estudo nesses moldes, os informantes precisam atender aos requisitos previamente definidos que compõem uma dada comunidade de fala. Nas análises variacionistas, as variáveis sociais mais comumente observadas têm sido faixa etária, escolaridade e sexo.

Com vistas ao estudo da mudança linguística, contemplando indivíduo e comunidade, Labov (1994) propôs o *estudo em tempo real de curta duração*, por meio do qual é possível realizar dois tipos de análise: *painel* e *tendência*. Com o intuito de observar a continuidade ou descontinuidade do comportamento linguístico do indivíduo, o *estudo de painel* realiza uma comparação a partir de dados de fala dos mesmos informantes, coletados em dois pontos do tempo. O *estudo de tendência*, por sua vez, tem o propósito de verificar a direcionalidade do sistema na comunidade de fala como um todo. Para isso, o estudo diacrônico é realizado com base em amostras aleatórias de uma mesma comunidade de fala, também coletadas em dois pontos do tempo. Para a presente análise, foi realizado o *estudo de painel*.

Acerca das variáveis sociais, foram controladas, neste estudo, *faixa etária* e *sexo*, as quais foram definidas na composição do *corpus* do Projeto NURC. No que tange aos aspectos linguísticos, foram observadas as seguintes variáveis: função sintática do pronome relativo; preposição realizada ou não; natureza da oração; tipo da oração; adjacência ao antecedente; posição da oração relativa no período; conectivo que introduz a oração; valor semântico do antecedente e encaixamento da posição de relativização.

Para a realização deste *estudo de painel*, foram utilizados 22 inquéritos de Diálogos entre Informante e Documentador (11 inquéritos da amostra de 70 e 11 inquéritos da amostra de recontato

de 90), do Projeto NURC-RJ. Acerca da escolaridade, todos os informantes possuem nível superior completo. Com base nesses 22 inquéritos, foram identificadas 15 ocorrências de orações relativas resumptivas, cujo detalhamento será apresentado na seção seguinte. O processamento quantitativo dos dados foi realizado por meio do programa Gold Varb X (Guy; Zilles, 2007).

Resultados

Foi realizado um *estudo de painel* das estratégias de relativização na *norma urbana culta* da cidade do Rio de Janeiro, a partir de amostras de fala das décadas de 70 e 90, extraídas do *corpus* do Projeto NURC-RJ. A tabela abaixo traz um panorama geral, com os percentuais de cada estratégia nos dois períodos. Entretanto, como o foco do presente trabalho é apenas o uso da estratégia não padrão resumptiva na fala carioca, as demais estratégias não serão aqui detalhadas.

Tabela 1: Estratégias de relativização no português oral culto do Rio de Janeiro nas décadas de 1970 e 1990 (Estudo de painel)

Estratégia	Década de 70		Década de 90	
	Nº de Oc./Total	Frequência	Nº de Oc./Total	Frequência
Lacuna	647/794	81,5%	482/620	77,7%
Cortadora	80/794	10,1%	74/620	11,9%
Padrão	59/794	7,4%	57/620	9,2%
Resumptiva	8/794	1,0%	7/620	1,1%

Fonte: Elaborado pela autora.

Como se pode notar, as resumptivas apresentaram baixa frequência de uso entre os falantes cultos da cidade do Rio de Janeiro, com apenas 1% e 1,1% nas décadas de 70 e 90, respectivamente. Esses resultados apontam para a marginalização dessa estratégia na norma culta carioca, bem como vão ao encontro dos estudos desenvolvidos por Tarallo (1983, 1994, 1996) e por

Mollica (1977, 2003), que observaram o quanto essa estratégia carrega um estigma social.

A seguir, serão elencadas as quinze ocorrências encontradas no período estudado, das quais oito fazem parte da amostra de 70 e sete são provenientes da amostra de 90.

(5) *E era introduzida **uma gravata**, que o prendedor da gravata eram tiras do mesmo tecido do, da, da camisa... (DID/70)*

(6) *Tinha **a famosa tamarino**, que as suas folhas sujavam a roupa e a lavadeira ficava chorando, desesperada. (DID/90)*

(7) *Então tem máquina de costura... tem **um armário** que ele guarda linha, dedal, essas coisas... tesoura, retalho... (DID/70)*

(8) *É, tinha, quer dizer, tô falando tinha, porque eu já tô saindo dele, tinha, mas assim, tudo muito, vamos dizer assim, mixuruca né, vamos dizer assim, uma, uma, gíria bem antiga né, mixuruca, mas, por exemplo, é porque tinha assim, tinha **um playground**, que na verdade as crianças quase não ficavam nele. (DID/90)*

(9) *Eu me lembro, eu tinha **uma colega** que desde cedo ela era obrigada a deixar o filho ou com a babá ou até o, quando, o filho um pouco mais crescido, às vezes ele vinha do colégio ficava sozinho no apartamento... (DID/70)*

(10) *Eu tenho **um amigo médico** que ele estava preparando pra aquele congresso de ... um trabalho pra aquele congresso de cardiologia... (DID/90)*

(11) *Confeitaria Colombo tem, a, a **a Colombo**, que, por acaso, ontem, eu fui lá com uma amiga minha, pra ir tomar um chá na Colombo. (DID/90)*

(12) *Tem **uns pufes**, sabe, que a gente quando vai visitá-lo senta ali... (DID/70)*

(13) *Formava **um banquinho** que as pessoas ficavam sentadas ali batendo papo. (DID/70)*

(14) *... ferro de engomar, aqueles secadores, quer dizer... só **um lugar** que toda roupa é tratada ali. (DID/70)*

(15) *Então é **aquele negócio** que, que, que funciona, que você não tem isso mais nos Estados Unidos. (DID/70)*

(16) *Se eu estiver **num elevador** que ele pare entre dois andares eu tenho que me vi... violentar pra não gritar. (DID/70)*

(17) *Ela é adorável, adorável, cheia de árvores, é, com bancos aqueles bancos de madeira mesmo sabe, com chafariz no meio, sabe um chafariz até assim meio metido, sabe assim, com ares de um monumento, mas uma coisa, e,*

*aqueles brinquedinhos de criança, então é **uma praça que ela ainda não decaiu**, entendeu, porque tem muito aposentado. (DID/90)*

*(18) Bom é um jeito que, que vai acompanhando não só a moda, mas também o próprio amadurecimento né... É **uma pessoa que, por exemplo, quando nós nos conhecemos, ela curtia a moda da época, que era mini-saia.** (DID/90)*

*(19) Havia outras grandes casas quer dizer, a rua São Clemente era a mais residencial, salvo no início da Praia de Botafogo até o Colégio Jacobina na rua Bambina, eram **pequenos sobrados que alguns ainda existem hoje.** (DID/90).*

Conforme a literatura tem apontado, as posições mais encaixadas seriam favorecedoras da estratégia resumptiva, o que se verifica, efetivamente, nas ocorrências (05) e (06), em que há relativas de genitivo. A ocorrência (06), além de ser uma relativa de genitivo, também apresenta uma construção existencial. Os estudos vêm demonstrando que as construções existenciais também favorecem o emprego dessa estratégia não padrão, como pode ser observado em (06), (07), (08), (09), (10), (11) e (12). Em (11), (12), (13) e (14), há orações resumptivas em que o antecedente é retomado por meio das partículas locativas *lá* e *ali*. Em (15), por sua vez, o antecedente é retomado pelo pronome demonstrativo *isso*.

Conquanto inúmeros trabalhos já tenham demonstrado que as posições mais encaixadas favoreçam a estratégia resumptiva, foi verificado, nas amostras analisadas, um expressivo percentual de relativas resumptivas de sujeito, como pode ser comprovado, por exemplo, por meio das ocorrências (16), (17), (18) e (19). Do total das quinze ocorrências de resumptivas, sete (46,6%) se encaixam nessa posição de relativização, o que indica que o nível de encaixamento não seja o único fator determinante para o emprego dessa estratégia. Além das construções existenciais, foi observado que orações construídas a partir de *verbo ser + antecedente* também favorecem as resumptivas de sujeito, como se verifica em (17), (18) e (19). Ainda sobre a ocorrência (19), importa salientar que ela é bastante atípica, uma vez que a retomada do antecedente *pequenos*

sobrados se dá por meio do pronome *alguns*, que realiza uma espécie de restrição dentro da relativa.

No que tange ao fator *faixa etária*, as resumptivas, na década de 70, são predominantes na faixa etária 1, enquanto, na década de 90, a preponderância ocorre na faixa 2. Os resultados referentes a essa variável podem ser conferidos na tabela 2, que se encontra a seguir.

Tabela 2: Relativas resumptivas no português oral culto do Rio de Janeiro nas décadas de 1970 e 1990, segundo a faixa etária (Estudo de painel)

Faixa etária	Década de 70		Década de 90	
	Nº de Oc./Total	Frequência	Nº de Oc./Total	Frequência
1	5/359	1,4%	-	-
2	1/251	0,5%	5/267	1,9%
3	2/184	1,1%	1/204	0,5%
4	-	-	1/149	0,7%
TOTAL	8/794	1%	7/620	1,1%

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme demonstrado na tabela acima, na década de 70, a estratégia resumptiva apresentou frequência de 1,4% entre os falantes da faixa etária 1. Esse percentual caiu para 0,5% entre os falantes da faixa 2, e tornou a se elevar na faixa 3, com frequência de 1,1%. Passando para a década de 90, a frequência registrada entre os falantes da faixa etária 2 foi de 1,9%. Vale lembrar que esses falantes da faixa 2 em 90 são os mesmos indivíduos da faixa 1 em 70, já que se trata de uma amostra de recontato. Sobre as frequências das faixas 3 e 4 na década de 90, elas foram de 0,5% e 0,7%, respectivamente. Portanto, de modo geral, é possível entender que os resumptivos são empregados, sobretudo, pelos falantes mais jovens.

Além disso, dos onze informantes que compõem as amostras, somente quatro não empregaram a estratégia resumptiva em nenhuma das duas décadas. Os outros sete utilizaram em um dos

dois períodos ou nos dois, como é o caso de dois informantes (DID 11 e DID 96), que integravam a faixa etária 1 na década de 70 e mantiveram o uso dessa estratégia na passagem para a faixa etária 2, na década de 90.

Por meio do *estudo de tendência* (Labov, 1994), que ainda se encontra em andamento, será possível compreender se o emprego da resumptiva tende a se elevar, embora essa estratégia seja ainda bastante marginal na fala culta carioca.

Considerações finais

Este capítulo é fruto de um *estudo de painel* (Labov, 1994) das estratégias de relativização na *norma urbana culta* da cidade do Rio de Janeiro. No presente trabalho, buscou-se evidenciar, especificamente, o emprego da estratégia resumptiva, que a literatura vem apontando como uma construção socialmente estigmatizada. Para isso, foram utilizados 22 inquéritos do tipo DID (Diálogos entre Informante e Documentador) do *corpus* do Projeto NURC-RJ, das décadas de 70 e 90.

A partir dessas amostras, foram identificadas 15 ocorrências de orações relativas resumptivas: 8 na década de 70 e 7 na década de 90. Entre os fatores que favorecem o emprego dessa estratégia, há de se destacar as construções existenciais, presentes em 7 das 15 ocorrências. Além disso, as orações resumptivas em posição de sujeito também apresentaram um resultado bastante expressivo. No que tange à variável social *faixa etária*, os resultados apontam que a estratégia resumptiva é mais frequente entre os falantes mais jovens.

Os resultados do *estudo de painel* aqui apresentados são parte de uma análise variacionista mais abrangente, que ainda se encontra em desenvolvimento. Nela, pretende-se traçar um panorama acerca do emprego das estratégias de relativização pelos falantes cultos cariocas desde a década de 70 até a atualidade. Espera-se que esse estudo diacrônico possibilite uma maior compreensão dos rumos desse fenômeno linguístico na norma culta da cidade do Rio de Janeiro.

Referências

- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1. Internal Factors. Cambridge: Blackwell, 1994.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOLLICA, M. C. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.
- MOLLICA, M. C. Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade da Pensilvânia, Pensilvânia.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1994.
- TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém de d'além-mar no final do século XIX. In: KATO, M.; ROBERTS, I. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p. 69-105.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad. M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

OS CONECTORES DE ACRÉSCIMO *ALÉM DE QUE* E *ALÉM QUE*: UM ESTUDO FUNCIONAL CENTRADO NO USO

Milena Silva dos Santos ¹

Objeto de pesquisa

Esta pesquisa objetiva investigar as microconstruções conectoras de acréscimo *além de que* e *além que*. Em análise de *corpus*, encontramos essas partículas instanciando orações hipotáticas, ora pospostas normalmente (com vírgula), ora desgarradas (Decat, 1992; Rodrigues, 2021). Quanto aos verbos das orações, identificamos a ocorrência de verbos não finitos (no infinitivo) e de verbos finitos (flexionados). Essa especificidade mostrou-se cara para nossas análises, pois, em trabalhos anteriores, analisamos o conector *além de*, o qual introduz apenas verbos no infinitivo. Dessa forma, mapeamos, na língua em uso, conectores que estendem as redes [X de]_{connect} (Rosário, 2022) e [X que]_{connect} (Arena, 2015). A partir dessas hipóteses preliminares e dos dados mapeados, identificamos quatro construções, que constituem nossos objetos de investigação: [Além de que V^{inf}]_{connect}, [Além de que V^{flex}]_{connect}, [Além que V^{inf}]_{connect} e [Além que V^{flex}]_{connect}. Quanto ao processo sintático veiculado, temos a hipotaxe.

Segundo Halliday (2004), a hipotaxe é análoga ao que a GT nomeia de orações subordinadas adverbiais. Elas apresentam certa dependência em relação à oração matriz. Contudo, perspectivas funcionalistas propõem que existe, na verdade, um *continuum* de integração, de modo que as hipotáticas (ou adverbiais) são menos dependentes do que as encaixadas (as subordinadas substantivas e

¹ Mestranda em estudos de linguagem (FAPERJ/UFF), com perspectiva de conclusão do curso em 2024, sob orientação do Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário. E-mail: milenasilva@id.uff.br; Orcid: 0000-0003-2587-7645.

relativas apositivas). É nesse ínterim que enquadrámos as orações com *além de que* e *além que*. Ou seja, estes são conectores que introduzem orações hipotáticas, pois dependem, de forma não integrada, da sua matriz. Além disso, dentro dos estudos em hipotaxe, autores como Decat (1993) e Rodrigues (2021) nos chamam atenção para as desgarradas. Estas consistem em orações hipotáticas separadas por ponto final, isto é, os falantes/escreventes separam essas estruturas para que elas sejam processadas de forma independente e para focalizar a informação contida nelas.

Vejamos alguns dados desses *types*:

(1) Ainda mais digo, em outros empregos denominados ‘normais’ em grandes empresas por vós referidas também só é referida a remuneração em a segunda entrevista, e trabalhar apenas a a comissão faz com que o empenho seja maior, **além de que existem consequências para quem não actue com ética em o terreno**. Acho feio falar sem conhecimento de causa. Expresso apenas a minha mera opinião.

(Fonte: <http://www.precariosinflexiveis.org/?p=1673>. Acesso em: 7 set. 2023).

(2) Notas: em a receita não tinha escrito sal, mas eu utilizei, um tiquinho, **além que polvilhei um pouco de pimenta Cayenne moída em a altura**. Ah, e já sabem o meu forno é turbo, o que o meu bacalhau saiu um pouco dourado demais, mas em sabor fantástico...

(Fonte: http://cozinharcomosanjos.blogspot.com/2012_11_01_archivo.html. Acesso em: 7 set. 2023).

Em (1), temos um exemplo da construção [Além de que $V_{inf}^{connect}$]. Nesse caso, o *além de que* instancia orações cujo verbo está no infinitivo. O período *além de que ter um par de sapatilhas específico para o ginásio facilita em a hora de preparar o saco para o treino* encontra-se posposto à porção textual com a qual se relaciona, característica atestada em todos os *types* dessa construção. Além disso, notamos que esse padrão apresenta o *além de que* instanciando períodos com oração subjetiva + sua matriz. Ou seja, no dado em análise, a oração

ter um par de sapatilhas específico para o ginásio constitui o sujeito da oração matriz *facilita em a hora de preparar o saco para o treino*. Tal vicissitude demonstrou que o conector *além de que* pode conectar não apenas orações, mas também períodos. Por último, em (2), o conector *além que* introduz verbo flexionado: *polvilhei*. Nesse exemplo, temos a hipotaxe em posposição, de modo que a oração em destaque traz uma adição à porção textual que vem antes na cadeia discursiva.

Outro ponto caro à nossa pesquisa é o processo de formação desses conectores, pois, em pesquisas anteriores, debruçamo-nos sobre o *além de*, mapeando suas características sintáticas e semântico-pragmáticas. Ao nos depararmos com *além de que* e *além que*, observamos características da rede [X de]_{connect}, na qual *além de* está alocado, e aspectos da rede [X que]_{connect}. Por isso, hipotetizamos que os nossos objetos advêm da expansão dessas duas redes, as quais se encontram para formar, especialmente, o *além de que*.

Objetivos

- Mapear as características formais e funcionais dos conectores *além de que* e *além que*;
- Analisar os dados de hipotáticas pospostas e desgarradas;
- Investigar as implicaturas da posposição nos dados;
- Identificar, na sincronia, o processo de formação dos conectores;
- Aplicar às análises o modelo de construcionalidade.

Procedimentos teórico-metodológicos

Como base para as investigações, buscamos o apoio teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), a qual consiste no casamento teórico entre Linguística Funcional Clássica (LF) e Linguística Cognitiva (LC). Os principais teóricos dessa teoria linguística são Croft (2001), Bybee (2016), Rosário e Oliveira (2016) e Traugott e Trousdale (2013). Para essa vertente, a língua

deve ser analisada de forma holística, de modo que há simbiose entre discurso e gramática.

Para abordagem construcional da gramática, a língua consiste em um conjunto de construções mapeadas em rede, nas quais coexistem nós e elos. Entendemos por construção o pareamento entre forma e significado, de modo que ambos se impactam mutuamente. Dessa maneira, a sintaxe não consiste em abstrações isentas de significado próprio, como supunham os formalistas. Pelo contrário, em diversas construções, a razão de ser da forma advém de motivações semântico-pragmática. Em outras palavras, advogamos que itens com significados mais concretos, como os advérbios, podem, gradualmente, adquirir opacidade e, com isso, constituírem novos conectores da língua portuguesa. De fato, essa mudança ocorreu com os juntores do *além*: *além de*, *além de que* e *além que*.

Bybee (2016) salienta que as construções podem, via automatização, se tornar *chunks*, por meio do processo *chunking*. Em síntese, o *chunking* ocorre em função da repetição e da memória dos usuários. Ou seja, à medida em que os escreventes/falantes utilizam uma determinada estrutura, mais suas subpartes se atrelam. Nesse sentido, são interpretadas como uma forma só, tornando-se um *chunk*. Diante disso, advogamos que *além de que* e *além que* são *chunks* de acréscimo, uma vez que são utilizados como formas únicas e as suas subpartes apresentam significativa opacidade.

Para que uma estrutura se torne um *chunk*, dois processos cognitivos de domínio geral são acionados, quais sejam: neoanálise e analogia. Em primeiro lugar, a neoanálise, para Bybee (2016), Traugott e Trousdale (2013), colabora para mudanças na estrutura, ocorridas via metonimização e não abruptamente como postulam alguns estudiosos. A mudança dá-se de maneira gradual, em micropassos. A neoanálise ocorre no eixo sintagmático, atuando na nova interpretação das construções. É esse um dos mecanismos mais atuantes na formação de novos conectores da língua (Rosário, 2022), uma vez que possibilita uma nova leitura para o *além que*, o

qual passa a ser interpretado como um *conector* que liga duas porções discursivas.

A analogia, por sua vez, atua no eixo paradigmático, possibilitando a criação de novas microconstruções baseadas em esquemas já existentes na língua. A frequência de sequências específicas na língua favorece ocorrências analógicas, dado que os falantes têm a capacidade cognitiva de estocar na mente especificidades, como sintagmas e demais construções (Bybee, 2016, p. 27). Esse fator é atribuído ao conceito de memória enriquecida, a qual possibilita que os usuários armazenem exemplares (construções) em sua cognição. Com isso, por meio de analogias a construções pré-existentes, é possível que a criação de enunciados novos seja efetivada.

No que toca à metodologia, também nos baseamos nos princípios da LFCU, para a qual é preciso dispor de dados extraídos do uso para executar as análises. Dito isso, nossa pesquisa adota o método misto, a partir do qual a produtividade das ocorrências é aferida quantitativamente e qualitativamente. Ou seja, em nível sincrônico, coletamos ocorrências do uso e não só quantificamos, como também descrevemos seus padrões formais e funcionais. Nesse ínterim, utilizamos o *corpus* do português, desenvolvido por Mark Davies e disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>. Esse *corpus* contém bilhões de palavras de textos extraídos de revistas, jornais e blogs. A tabela a seguir sintetiza a frequência *token* de cada *type*:

Tabela 1: Frequência *token* dos *types* analisados

Types	Tokens	%
[Além de que V^{inf}]_{conect}	14	8%
[Além de que V^{flex}]_{conect}	100	57,5%
[Além que V^{inf}]_{conect}	16	9,2%

[Além que V ^{flex}] _{connect}	44	25,3%
Total	174	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme demonstra a Tabela 1, analisamos 174 ocorrências no total, de maneira que separamos os dados de acordo com o padrão apresentado. Vale destacar que o nosso intuito inicial era coletar 100 dados de cada *type*. Todavia, a maioria não apresentou essa frequência mínima como conector. Em muitos dados o *além* era advérbio e o *que* pronome relativo. Esses dados foram descartados para o trabalho atual. O *além de que* seguido de verbos não finitos apresentou uma produtividade de 8%, com 14 dados. Semelhantemente, *além que* diante de verbos no infinitivo também não se mostrou tão recorrente, totalizando 16 dados. De fato, notamos que esses conectores costumam aparecer com mais frequência diante de verbos flexionados, pois os *types* construcionais [Além de que V^{flex}]_{connect} e [Além que V^{flex}]_{connect} foram os mais produtivos quantitativamente: 100 e 44 sucessivamente. Dessa maneira, utilizamos esse quantitativo para descrever os dados quanto ao comportamento sintático e quanto ao valor semântico-pragmático veiculado.

Resultados finais

Para evidenciar os nossos principais resultados, separamos esta seção em duas partes. Na primeira (letra a), analisaremos alguns padrões das quatro construções mapeadas com *além de que* e *além que*. Vale ressaltar a existência de outros constructos, porém, para sintetizarmos, explicitaremos os principais. Em seguida (letra b), explicamos o processo de formação dos conectores, a fim de embasarmos a hipótese de mudança. Nessa parte, aplicamos o conceito de construcionalidade (Rosário; Lopes, 2022, 2023), segundo o qual é possível atestar a

mudança linguística em nível sincrônico. Dito isso, vamos à análise dos constructos.

A) Análise de dados dos conectores *além de que* e *além que*

Como assinalado na seção em que expusemos nosso objeto, mapeamos quatro padrões construcionais no corpus: [Além de que V^{inf}]_{conect}, [Além de que V^{flex}]_{conect}, [Além que V^{inf}]_{conect} e [Além que V^{flex}]_{conect}. A amostra de dados apontou para variedade sintática dessas construções, pois elas admitem não só a hipotaxe canônica, nos termos de Halliday (2004), mas também a hipotática desgarrada (Decat, 1992; Rodrigues, 2021). Além disso, notamos significativa recorrência da posposição nos dados, favorecendo o seu valor acrescentativo semelhante a adendos, ou seja, informações acessórias processadas posteriormente na cadeia informacional. Consideramos esses fatores, aqui, descrevemos alguns dados a fim de evidenciar tais aspectos. O primeiro de que trataremos diz respeito à primeira construção evidenciada linhas acima, aquela em que *além de que* segue verbo no infinitivo. Vejamos:

(3) Não tenho, por ora, nada mais a dizer, falarei apenas com as autoridades competentes, se me quiserem ouvir, mas saliento desde já que um cenário de demissão não é por mim equacionável, muito menos justificável, **além de que desistir não faz parte de a minha forma de estar em a vida**. Apesar disso, coloquei o meu cargo a a disposição de a administração, admitindo que não contestarei a decisão que a mesma vier a tomar ", disse o responsável a o Correio de a Manhã.

(Fonte: <https://mag.sapo.pt/tv/atualidade-tv/artigos/diretor-de-informacao-da-rtp-poe-lugar-a-disposicao-depois-de-polemica-com-posts-sobre-ronaldo>. Acesso em: 10 jan. 2024).

No dado anterior, o falante recruta o *além de que* no período *desistir não faz parte de a minha forma de estar em a vida*. Nesse caso, o verbo no infinitivo “desistir” exprime o sujeito da oração “não faz parte de a minha forma de estar em a vida”, mostrando a função

do conector de instanciar porções textuais acima da oração. Esse padrão apresentou uma produtividade de 14 ocorrências, como assinala a tabela 1, o que aponta para automatização (Bybee, 2016) desse uso. Vale destacar, ainda, a posição do período: a posposição. Nestes dados, a margem direita foi a única em que se atestou o uso desse padrão, geralmente após a vírgula. Quanto à função, nota-se a inclusão de uma informação adicional, que reforça a posição do falante, com valor acrescentativo. Por fim, essas são as principais características desse type. Em segundo lugar, vejamos dois constructos do padrão [Além de que V^{flex}]_{connect}:

(4) As mudanças que vai encontrar em o mural de o Facebook A ordem de os posts apresentados em o feed de notícias de o Facebook nem sempre se compreende, **além de que há novidades recentes**. A rede social apresenta as mudanças e explica as opções. Para os mais de 1.100 milhões de utilizadores de o Facebook, o feed de notícias transformou-se em a janela preferida de acesso a o quotidiano de os seus amigos e conhecidos, mas também em o principal recurso para ficarem a par de a atualidade.
(Fonte: <http://www.techzone24.com/montra-tek-as-mudancas-que-vai-encontrar-no-mural-do-facebook/>. Acesso em: 13 jan. 2024).

(5) O problema é que o hack envolve hardware, o que torna ele teoricamente ‘incorrígível’ por software. Por outro lado, esta mesma vantagem é sua maior dificuldade: ainda não existe como executar o hack via software exclusivamente, ou seja, não há uso prático hoje. **Além de que é necessário, em o estado atual, ter um outro sistema operacional instalado (Linux para Cell) para executar o hack**, funcionalidade esta que já foi removida de os novos consoles Slim.
(Fonte: <http://www.selectgame.com.br/o-ps3-foi-hackeado-o-que-isso-significa/>. Acesso em: 13 jan. 2024).

Na ocorrência (4), o *além de que* introduz oração hipotática posposta à sua matriz, como ocorre no dado (3). Vale frisar que a incidência da posposição favorece a hipótese de que a função pragmática basilar desse conector é a de acréscimo, ou adendo. Decat (1993) propõe que a posposição favorece esse valor

acrescentativo, bem como o valor de focalização. O conector *além de que* introduz um verbo impessoal (há), haja vista sua capacidade de ampliar o escopo oracional, não sendo necessários, somente, verbos no infinitivo. Dentro da oração, dessa forma, o usuário da língua inclui uma informação satélite, que é o fato de *haver novidades recentes no facebook*. Como se trata de uma ideia acessória, é coerente sua vinda ao final, fazendo valer o subprincípio de iconicidade da ordenação linear, segundo o qual informações mais relevantes para o escrevente/falante tendem a ser processadas primeiro, de modo que as informações acessórias vêm por último.

Na ocorrência (5), por sua vez, o conector aparece desgarrado da porção textual com a qual se relaciona, instanciado pelo verbo “ser”, flexionado. O contexto de uso é a execução de um hack, para utilização do qual, nas palavras do usuário, “é necessário em o estado atual, ter um outro sistema operacional instalado”. Nesse constructo, então, o conector *além de que* aparece desgarrado da construção textual anterior, constituindo uma nova unidade de informação (Chafe, 1984), para a qual se aponta a focalização. Destaca-se, por último, o processo sintático atestado no período seguinte ao conectivo: oração principal – *é necessário* – seguida de oração subjetiva – *ter um outro sistema operacional instalado*. Esse padrão parece ser apropriado pela inclusão do que aos conectores consubstanciados por *além* (*além de que* e *além que*). Analisemos, em última instância, os constructos do conector *além que*:

(6) Tanto que, quando passou em o curso, ela afirma que ficou muito emocionada. ‘Foi uma luta muito grande para mim’, relata. # Karen afirma que, **além que ter muitos gastos para conseguir realizar seu sonho, ela também passava as madrugadas acordada estudando**. Ela ia dormir a as cinco de a manhã para acordar depois de duas horas e ir para o curso.

(Fonte: <https://www.revistaforum.com.br/jovem-negra-e-comissaria-de-bordo-conheca-a-historia-de-karen-christine/>. Acesso em: 13 jan. 2023).

No dado anterior, temos o *além que* seguido de verbo no infinitivo, constituindo um dos padrões visualizados em *corpus*. O exemplo (6) apresenta uma entrevista que trata dos desafios de Karen para conseguir a realização de seu sonho: trabalhar com aviação. Logo de início, o interlocutor traz à tona os percalços pelos quais a entrevistada passou para conseguir o trabalho desejado. Então, o texto centra-se nesses acontecimentos. Em seguida, as afirmações de Karen são expostas: “Karen afirma que, além que ter muitos gastos para conseguir realizar seu sonho, ela também passava as madrugadas acordada estudando. Ela ia dormir a as cinco de a manhã para acordar depois de duas horas e ir para o curso. Além disso, ela tinha que conciliar isso com o emprego de vendedora”. Nota-se o momento que o *além que* é recrutado: em um contexto no qual a soma das dificuldades enfrentadas por ela entra em cena.

Quanto à natureza sintática, o *além que*, em (6), aparece em períodos semelhantes aos que apresentam o *além de* (Rosário; Santos, 2020, 2022), tal qual uma oração hipotática de extensão (*além que* ter muitos gastos para conseguir realizar seu sonho) que, no caso, está intercalada, porém, ainda assim, serve de guia para informação subsequente, como acontece nas orações antepostas. A porção adverbial, nesse caso, orienta nossa leitura para a porção textual *ela também passava as madrugadas acordada estudando*, a qual consiste na oração principal. De maneira similar ao *além de*, portanto, nesse dado, a informação aditiva não se encontra na cláusula adverbial, servindo esta de guia para a oração que veicula o valor de extensão. Portanto, nesse constructo, reiteramos que o *além que* veicula a noção de extensão.

(7) Quanto a base queria te perguntar se em vc ele não fica mto seca, pq eu tenho essa comum também para a pele oleosa e dá a impressão que em mim ela marca mto sabe?! Tipo, casquinhas, alguma parte que a pele te a descamando, além que parece que ela seca mtoooo rápido, então tem lugar que fica com acúmulo de produto e acaba não ficando um acabamento bonito...

(Fonte: <http://eaibeleza.com/make/mary-kay-matte-wear-liquid-foundation/>. Acesso em:14 jan. 2023).

O dado (7) apresenta o *além que* seguido de verbo flexionado. Nessa ocorrência, o enfoque é a base testada por uma *influencer*, ato que é comentado por certa seguidora. Inicialmente, ela destaca que adora os conteúdos da “Kah” e, durante a explanação, diz querer tirar algumas dúvidas com a influenciadora. Assim, pergunta se a base não fica seca nela, de maneira que justifica essa indagação a partir de algumas informações, quais sejam: “dá a impressão que em mim ela marca mto sabe?! Tipo, casquinhas, alguma parte que a pele te a descamando, **além que** parece que ela seca mtoooo rápido”. Novamente, a oração com *além que* inclui a informação processada por último na hierarquia de ideias, tendo o papel de apêndice. Por último, vejamos a ocorrência (8):

(8)A capa é bem simples e magnifica. Bem suave e digna. Gostaria de ler esse livro, achei interessante ter conhecimentos historicos, o fato de ser o nome de a espada tambem, achei bem legal!! O único livro que li que se passa em a Espanha foi Marina, de o Záfon, que por sinal eu amo. Acho que Barcelona é único destino por lá que me desperta curiosidade. Mas eu sou antes de td uma curiosa, e quem sabe esse não me desperta mais vontade de conhecer a Espanha, já que meus avós são de lá. **Além que é fantasia neh S2!**
(Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em: 08 mar. 2023).

No constructo (8), observa-se a construção *além que* seguida do verbo “ser” flexionado na 3ª pessoa do singular. O contexto de uso se refere a um livro de fantasia. O escrevente ressalta, de início, seu interesse por essa leitura, em virtude de, na obra, haver fatos históricos acerca da Espanha. Destaca, ainda, sua curiosidade por conhecer Barcelona e tem esperança de que, com a leitura do livro, talvez tenha mais interesse em conhecer o país. Após todas essas explanações, recruta o *além que* na seguinte oração: “além que é fantasia neh S2!”. Aqui, o usuário deseja colocar em destaque uma

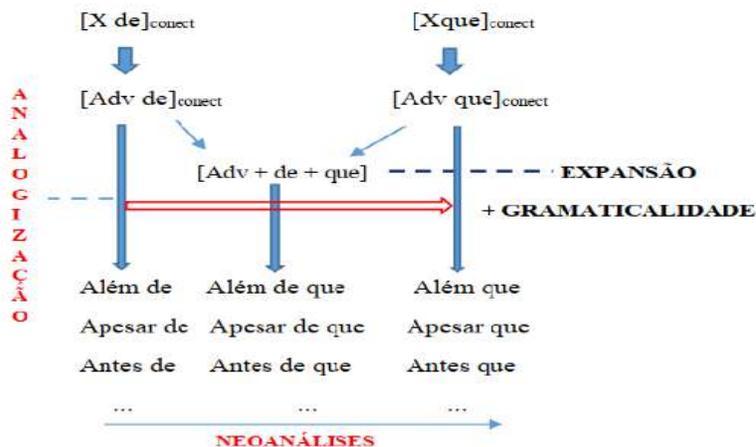
característica do livro, qual seja, o seu gênero. Adiciona às inúmeras razões que deu para realizar essa leitura a característica fantasiosa da obra, a qual, para o escrevente é de suma relevância. O valor acrescentativo, nesse caso, fica explícito.

Sintaticamente, o desgarramento sempre ocorre à margem direita, geralmente fazendo referência à oração ou à porção textual anterior. No caso do dado (8), a oração *além que é fantasia neh S2!* remete não apenas ao período anterior, mas a toda cadeia discursiva à esquerda. A característica de ser fantasia refere-se ao livro, o qual consiste no assunto central desde o primeiro período destacado. Então, a oração hipotática tem como “matriz discursiva” todo um raciocínio construído para que se possa chegar até ela, o que, inclusive, reforça a sua característica desgarrada.

B) Processo de formação dos conectores *além de que* e *além que*

O modelo de construcionalidade (Rosário; Lopes, 2022, 2023) permite que analisemos o percurso de mudança de estruturas na sincronia. Com base nele, então, hipotetizamos que os os conectores *além de que* e *além que* sofrem os seguinte processo:

Esquema 1: Processo de formação dos conectores *além de que* e *além que*



Fonte: Elaborado pela autora.

O esquema anterior reforça os mecanismos envolvidos na relação entre as redes [X de]_{connect} e [X que]_{connect}. No eixo paradigmático, a analogização atua nas duas redes. Ambas licenciam *slots* que podem ser preenchidos por advérbios, configurando a relação tipo 1, *top-down* de construcionalidade, em que estruturas mais esquemáticas são base para microconstruções. Temos, assim, duas construções mais esquemáticas do tipo A: [X de]_{connect} e [Xque]_{connect}. Elas oportunizam as construções [Adv de]_{connect} e [Adv que]_{connect}, que têm uma classe gramatical definida para o *slot* (advérbio). Dão origem, depois disso, às microconstruções licenciadas por esses padrões: *além de*, *apesar de*, *antes de*, *além que*, *apesar que*, *antes que*, etc. Por meio dessas explanações, atestamos a aplicação da construcionalidade de tipo 1, mapeada em nível sincrônico.

No eixo sintagmático, apresentamos a neoanálise. Por meio desta, hipotetizamos que essas microconstruções, ao ser utilizadas rotineiramente, são reinterpretadas. Essas recategorizações ocorrem dentro de um contínuo, que sai de usos mais concretos para usos mais abstratos. Esse processo costuma ocorrer processualmente, entretanto, em nossos dados, encontramos evidências significativas de neoanálises na sincronia. Assim, temos mais uma evidência de construcionalidade. Outro postulado relevante é ilustrado no meio do esquema em análise: a expansão (Himmelmann, 2004) da rede [Xde]_{connect}. Apresentamos o encontro de duas estruturas produtivas para formação de conectores, por meio das ocorrências *além de que*, *apesar de que*, *antes de que* etc.

Diante do exposto, temos na língua portuguesa novos conectores de acréscimo, quais sejam *além de que* e *além que*. Eles exibem forte relação com o conector *além de*, porém, apresentam vicissitudes específicas, como a recorrência da posposição e a possibilidade de instanciarem orações desgarradas. Para além disso, notamos os diversos processos envolvidos nessas microconstruções, como analogia e neoanálise, por meio da aplicação do modelo de

construcionalidade. Com base nisso, de certo, este trabalho apresenta uma contribuição importante para os estudos em conexão de orações.

Referências

ARENA, A. B. *Construcionalização do conector daí que em perspectiva funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015.

BYBEE, J. *Língua, Uso e Cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CHAFE, W. How people use adverbial clauses. *In: Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 437-449, 1984.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DECAT, M. B. N. *Leite com manga morre: da hipotaxe adverbial no português em uso*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua). São Paulo, LAEL/PUC. v. 287, 1993.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Great Britain: Hodder Arnold, 2004.

HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticalization: oppositive or orthogonal? *In: BISANG, W. et al. (Ed.). What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

LOPES, M. G.; ROSÁRIO, I. da C. O papel da automatização e da intersubjetivização na análise da mudança linguística: novas reflexões para a abordagem da construcionalidade. *In: OLIVEIRA,*

- M. R.; LOPES, M. G. (org.). *Funcionalismo Linguístico: interfaces*. 1 ed. Campinas - SP: Pontes, 2023, v. 1, p. 81-114.
- RODRIGUES, V. V. *Cláusulas sem núcleo em português: desgarramento ou insubordinação?* São Paulo: Blucher, 2021.
- ROSÁRIO, I. da C. Esquema [X de] conect em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. *Matraga*, v. 29, n. 56, p. 362-378, mai./ago. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/62105>.
- ROSÁRIO, I. da C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Soletras*, v. 37, n. 1, p. 83-102, 2019.
- ROSÁRIO, I. da C.; SANTOS, M. S. Construções hipotáticas oracionais aditivas de extensão. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista - BA, v. 18, p. 45-64, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/download/6099/4945>
- ROSÁRIO, I. da C.; SANTOS, M. S. Chunks aditivos de extensão: uma análise funcional centrada no uso. *Revista Odisseia, [S. l.]*, v. 7, n. Especial, p. 87-108, 2022. DOI: 10.21680/19832435.2022v7n.Especial ID26125. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/26125>. Acesso em: 14 set. 2022.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford, Oxford University Press, 2013.

A CONSTRUÇÃO [V_{acontecimento}QUE] E AS ESTRATÉGIAS PARA SUA FUNÇÃO ANUNCIADORA DE RESSALVA

Priscilla Hoelz Pacheco¹

Introdução

A partir da perspectiva do estudo da língua em situações comunicativas e situadas, este trabalho verifica de que modo a construção [V_{acontecimento}QUE], instanciada pelas microconstruções *acontece que*, *ocorre que* e *sucedee que*, funciona como conector contrastivo e instrumento de uma estratégia argumentativa de focalização e de convencimento do interlocutor. Nosso interesse está não apenas no valor contrastivo que envolve o uso da construção em estudo, mas principalmente em seus aspectos pragmáticos. Os novos usos de *acontece que*, *ocorre que* e *sucedee que* acabam por combinar o aspecto semântico contrastivo e o aspecto pragmático focalizador, podendo conferir efeito de sentido de ressalva aos segmentos introduzidos pelas referidas construções.

Assim, neste estudo, destacam-se as propostas de conexão oracional que abarcam as noções de conexão interfrasal (Neves, 1984, 2006), considerando o valor semântico adversativo. Neste momento, trata-se, ainda, do fenômeno pragmático da quebra de expectativa e do fenômeno da ressalva, que contribuem para compreender a preferência dos falantes pelo uso da construção [V_{acontecimento}QUE] ao adicionar segmentos contrastivos (Lakoff, 1971; Longhin, 2003). Na sequência, abordam-se estudos atinentes ao tempo linguístico e ao tempo verbal, com destaque especial ao tempo verbal presente, no modo indicativo, que corresponde à

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem, pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof. Dr. Nilza Barrozo Dias. E-mail: priscillapacheco@id.uff.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1367-4114>.

conjugação dos verbos em *acontece que*, *ocorre que* e *sucedê que*. Também se apresenta, ainda que de modo breve, noções aspectuais de concepção da realidade (Abraçado, 2021; Azeredo, 2018; Castilho, 2016; Langaker, 1991; Travaglia, 2016), que auxiliam a compreender como o objeto deste estudo funciona como parte de estratégias argumentativas de convencimento.

Na sequência, após apresentar os procedimentos metodológicos utilizados para este estudo, levando em consideração tanto os critérios de seleção quanto o método de análise dos dados, seguimos para a análise em si. Nela, verifica-se a relação entre a conexão entre segmentos, a focalização da informação introduzida e o tipo de estabelecimento de contraste, isto é, se realizado por oposição semântica ou quebra de expectativa, destacando-se as especificidades pragmáticas verificadas considerando a leitura de informação como irrefutável e o efeito de sentido de ressalva. Por fim, apresentam-se as considerações finais, em que se avaliam os resultados verificados.

O fenômeno da ressalva: contribuições de aspectos formais e semântico-pragmáticos

A preferência pelo uso de membros menos prototípicos em determinados contextos, de maneira geral, está intimamente relacionada a questões pragmáticas. Sabe-se que falantes que fazem uso de construções inovadoras, como é o caso de [V_{acontecimento}QUE], são agentes com intenção, que visam munir-se de todos os recursos necessários para que seus propósitos sejam atingidos. Ao fazer uso de uma dada construção em situações específicas e rodeadas por inferências e ambiguidades, esses falantes garantem expressividade para fins de argumentação.

Em nossa pesquisa, para além das especificações semânticas encontradas, verificou-se que [V_{acontecimento}QUE] realça a informação por ela introduzida, fazendo com que essa informação apresente superioridade argumentativa em relação ao segmento precedente. Assim, funciona como um importante recurso de organização da

informação e de estruturação da argumentação, do mesmo modo que aponta Neves (2011), em relação às propriedades da conjunção *mas*, membro exemplar da categoria dos conectores contrastivos.

Em especial, nos casos em que há quebra de expectativa, essa informação focalizada desconsidera totalmente ou parcialmente o que foi estabelecido antes, ao mesmo tempo em que realça um detalhe que altera o rumo da argumentação que se constrói. Essa propriedade semântico-pragmática de estabelecer contraste entre dois segmentos, envolvendo cancelamento de pressuposição e focalização de um detalhe fundamental para argumentação é o que chamamos de ressalva.

É interessante destacar como a quebra de expectativa, importantíssima para a ressalva, apresenta-se nos dados a partir de uma combinação entre aspectos formais e semântico-pragmáticos. Como será possível verificar na seção de análise de dados, identificou-se em nosso *corpus* que [V_{acontecimento}QUE] conecta, prioritariamente, segmentos. Isto é, a construção aparece em posição inicial, logo após um ponto indicador de final de frase. De acordo com Neves (2006), na perspectiva de conexão entre segmentos, há uma imprevisibilidade quanto a um encerramento que não se realiza. O acréscimo de informação que indica esse não encerramento salienta a habilidade do falante em interferir no discurso a fim de capturar a atenção de seu interlocutor. Segundo Neves (2006), essa imprevisibilidade acarreta um efeito de quebra de expectativa. Assim, para além de também ser considerada valor básico das relações semânticas contrastivas da língua (Neves 2011), a quebra de expectativa também seria inerente ao estatuto de coordenação entre segmentos.

Desse modo, esse aspecto referente à forma fortalece o valor semântico contrastivo encontrado para a construção em estudo. Ademais, por causar efeito de quebra de expectativa e gerar o que Neves (2006) chama de “pausa dramática”, esse aspecto formal também reforça a focalização da informação introduzida. Por esse destaque, o trecho iniciado por [V_{acontecimento}QUE] é colocado ainda

em maior posição de desigualdade em relação ao seu segmento precedente.

No que se refere ao campo semântico, em estudo sobre o papel de conectivos do inglês que estabelecem relações adversativas e concessivas e apresentam quebra de expectativa, Van Dijk (1977) concluiu que esses conectivos podem (i) sinalizar circunstâncias em que as propriedades e os cursos dos eventos contrariam as expectativas normais; (ii) indicar estados ou eventos inesperados ou indesejados; e (iii) expressar a não satisfação de condições possíveis, prováveis ou necessárias.

Lakoff (1971) também já havia elaborado um estudo sobre o conectivo *mas* (*but*), membro exemplar e prototípico da categoria dos conectores contrastivos, identificando dois valores básicos distintos: (i) *mas* de oposição semântica, e (ii) *mas* de quebra de expectativa. No primeiro caso, dois segmentos de igual estatuto conflitam no discurso, enquanto no segundo caso há recuperação de informações pressupostas e cancelamentos parciais ou totais de pressuposições pragmáticas.

Veremos na seção de análise que, ao aplicar aos dados verificados neste trabalho o que dizem Lakoff (1971) e Van Dijk (1977), quanto à quebra de expectativa, a teoria se adequa a quase todas as especificações semânticas encontradas para a construção em estudo, com exceção da especificação semântica que classificamos como contraste simples. Em relação a esta última, a análise de dados vai ao encontro da teoria de Lakoff (1971), no que se refere ao valor de oposição semântica que, não necessariamente, opõe dois aspectos claramente antônimos, mas sim dois aspectos que, em um determinado contexto, apresentam-se como conflitantes. Dessa maneira, há, na base desse contraste, uma comparação, ainda que implícita, para que, assim, destaque-se a oposição entre ambos os segmentos.

Nesse sentido, a ressalva se estabelece como um fenômeno que coloca em contraste dois segmentos, envolvendo cancelamento de pressuposição (e, portanto, quebra de expectativa) e focalização de um detalhe fundamental que altera o rumo da argumentação.

Assim, a ressalva assume a validade de uma determinada afirmação geral, mas também a coloca em posição de contestação, a partir da inserção de um detalhe que orienta para uma dada conclusão.

Ela pode, portanto, ser tomada como uma estratégia do falante de mostrar-se aberto à posição do interlocutor, entretanto, intensificando sua própria posição. Em nossa análise, verificou-se que a ressalva se materializa como uma atitude discursiva do falante de assumir uma postura crítica diante de uma informação anterior que ele mesmo trouxe ao discurso. Assim, em um mesmo contexto, o falante assume duas vozes distintas: após introduzir ao discurso um evento, uma segunda voz assume um tom crítico, contestando o que foi apresentado. Essa contestação, com maior peso argumentativo, acarreta, então, uma ruptura e uma mudança no direcionamento da argumentação.

A contribuição do tempo linguístico e do tempo verbal

Conforme salienta Azeredo (2018), o ponto de referência da atividade discursiva é o momento da enunciação.

A pessoa que fala — ou escreve — comanda, por assim dizer, a atividade discursiva, normalmente transformando-a — ou colaborando para transformá-la — numa complexa rede de atos de significação que têm no *eu*, no *aqui* e no *agora* do discurso seus pontos de referência. A representação do tempo como categoria da linguagem verbal é parte dessa atividade discursiva, que tem no momento da enunciação (ME) seu ponto de referência principal (Azeredo, 2018, p. 228).

No entanto, os fatos e as ideias expressos podem ser anteriores, simultâneos ou posteriores a esse momento. A relação entre o momento de enunciação e o tempo dos acontecimentos narrados é chamada de dêixis.

O tempo assim compreendido [...] organiza-se em torno do ponto dêitico da enunciação que designa o ponto temporal e espacial em

que o falante está situado no momento de fala (T_0). Aos acontecimentos linguísticos que ocorrem no momento em que o falante produz o enunciado atribuímos o tempo presente. Por conseguinte, os outros tempos subdividem-se, conforme a localização que têm com o presente, em: passado (que situa acontecimentos linguísticos antes do momento em que se fala), e o futuro (que situa os acontecimentos linguísticos depois do momento em que se fala) (Marçalo; Lima-Hernandez, 2010, p. 7, *apud* Abraçado, 2020, p. 25).

Dos três tempos verbais básicos, presente, passado e futuro, interessa-nos neste estudo o tempo presente. De acordo com Abraçado (2021), o presente do indicativo representa a realidade factual. Ele apresenta o evento como não concluído, “situando-o num intervalo de tempo do qual faz parte o próprio momento da enunciação [...]. O presente é o único tempo que expressa situações e propriedades permanentes, de validade ilimitada, como as verdades científicas, as crenças, os dogmas e os provérbios” (Azeredo, 2018, p. 395).

No mesmo sentido, Castilho (2016) afirma que o presente do indicativo apresenta três subtipos: (i) presente real, que indica simultaneidade com o momento de fala; (ii) presente metafórico; e (iii) presente atemporal, que abarca o também chamado de presente gnômico, dos ditados populares e das verdades eternas.

O uso do presente como atemporal em muito se assemelha ao efeito de sentido percebido nos dados de nosso *corpus* de estudo. Parece-nos que os conectores formados a partir de verbos de acontecimento — *acontece que*, *ocorre que* e *sucedo que* — são utilizados como instrumento de uma estratégia de apresentar argumentos que sejam tomados como verdadeiros e universais. Cabe destacar que, para Castilho (2016), verbos como *acontecer* e *ocorrer* compõem matrizes apresentacionais, as quais introduzem no discurso um estado de coisas sobre o qual o texto passará a tratar. Como exprimem um novo estado de coisas de modo que o falante possa se retirar do discurso, contribuem para estabelecer o que está sendo dito como um fato dado e certo, gerando um efeito

de sentido de verdade atemporal. Assim, o falante coloca seus argumentos em uma posição de não refutação.

O aspecto verbal também pode influenciar a conceptualização do tempo linguístico, tendo em vista que indica as modalidades de duração do evento — se momentâneo, duradouro, inacabado, acabado, repetido (Brandão, 1963 *apud* Azeredo, 2018, p. 229). Desse modo, o aspecto se refere à estrutura interna de um evento, que pode ser caracterizado, basicamente, em dois tipos: eventos passíveis de uma realização que exija etapas e eventos que apresentam uma realização momentânea.

Travaglia (2016) propõe um quadro aspectual para o português, em que destaca que a combinação de diferentes situações com uma mesma flexão temporal pode resultar na expressão de diferentes aspectos. Dentre uma vasta lista que abarca noções aspectuais e não aspectuais, o autor cita o aspecto *indeterminado*.

O indeterminado apresenta a situação como tendo duração contínua ilimitada. [...] ilimitado aqui não significa infinito, mas antes sem limites conhecidos ou perceptíveis, ainda que intuitivamente. [...]. As situações expressas em frases com aspecto indeterminado são atemporais ou antes onitemporais, já que são tomadas como elementos ‘universalizados’, válidos para todo o tempo, que o falante torna válidos para o momento presente através de sua enunciação, mesmo que a situação não esteja ocorrendo no momento da fala. [...] O tempo sugerido é tanto o passado quanto o futuro e hipoteticamente o presente, isto é, a frase é onitemporal (Travaglia, 2016, p. 87).

Caracterizado pelas funções de apresentar verdades eternas ou tidas como tais (que podem ser científicas, de experiência de vida, provérbios ou afirmações de caráter geral) e tipificar seres ou coisas, o aspecto indeterminado converge com as classificações indicadas acima quanto ao tempo presente, principalmente no que diz respeito ao presente atemporal.

Na seção de análise, os dados serão verificados de modo a examinar o efeito de sentido gerado a partir das noções de presente atemporal e, ainda, de aspecto indeterminado, vislumbradas pelos usos do subesquema [V_{acontecimento}QUE] como conector de enunciados contrastivos.

Metodologia

O *corpus* deste estudo é composto por pronunciamentos de senadores, a partir de pesquisa no acervo institucional do Senado Federal. A busca foi realizada pela inserção de palavra-chave entre aspas, a fim de que fossem retornados dados apenas nas formas específicas desejadas (*acontece que*, *ocorre que* e *sucede que*). Foi aplicado um filtro temporal, selecionando dados dos anos 2018 e 2019. Dessa maneira, nosso *corpus* é constituído por 76 dados com registros de *acontece que*, 66 dados com *ocorre que* e três dados com ocorrências de *sucede que*. A análise foi realizada partindo do princípio que as microconstruções decorrentes de [V_{acontecimento}QUE] funcionam como *chunks* conectores.

Com abordagem sincrônica e de caráter qualitativo, a análise a seguir visa verificar as características formais, semânticas e pragmáticas que contribuem para a emergência da ressalva. Assim, analisa-se a conexão entre segmentos e seus efeitos, o tipo de estabelecimento de contraste, isto é, se realizado por oposição semântica ou quebra de expectativa, e de que maneira o uso do tempo presente do modo indicativo permite que a informação seja tomada como um fato dado e certo, fortalecendo não apenas a ressalva, mas a estratégia de convencimento do falante junto a seu interlocutor.

Análise de dados

O primeiro ponto a ser destacado na análise dos dados é o da posição de [V_{acontecimento}QUE] na conexão de segmentos. Em enunciados em que funcionam como conectores, *acontece que*, *ocorre*

que e *sucede que* geralmente ocupam a posição inicial da sentença, aparecendo logo após o ponto indicador de final de frase.

Tal aspecto formal colabora para a construção de efeito de sentido de focalização da informação subsequente, tendo em vista que, a partir desse uso, acontece o que Neves (2006) chama de “pausa dramática”. Com essa estratégia, o usuário da língua redireciona a atenção do falante para a informação a ser introduzida, fazendo uso de um efeito de quebra expectativa a partir da surpresa de existir uma sequência argumentativa para um segmento até então finalizado por ponto final. Vejamos:

(1) Temos a Lei 9.605, de 1998, a Lei de Crimes Ambientais, que, em sua redação atual, já prevê detenção de três meses a um ano para quem comete maus-tratos a animais e, definitivamente, funciona, pois são diversos relatos de apreensões de pessoas que causam maus-tratos a animais. **Ocorre que** esta Casa aprovou, em dezembro passado, o PLS 470, de 2018, que eleva essa pena de detenção de três meses a um ano para a pena de um a quatro anos de reclusão e multa, que pode ser de um a mil salários mínimos (Senador Telmário Mota, PROS, em 12/08/2019).

No exemplo acima, o senador Telmário Motta trata da existência da Lei de Crimes Ambientais que, em sua opinião, é eficaz para punir maus tratos a animais. Ele usa a assertiva para estabelecer isso como um fato. Desse modo, o início de um novo segmento, dando sequência a essa informação, já é inesperado. Essa surpresa, por conseguinte, gera o efeito de destaque à informação nova que será introduzida. Assim, a forma em que o enunciado é construído trava estreita relação com o sentido interpretado: a informação nova de que há um novo projeto de lei aprovado sobre uma temática sobre a qual já existe uma lei em vigor, e que funciona, já chega aos olhos e ouvidos do leitor como uma espécie de inconveniência que precisa ser observada com atenção.

No que se refere a aspectos semântico-pragmáticos, o senador inicialmente expõe a existência da Lei de Crimes Ambientais em vigor, que prevê detenção de três meses a um ano para o crime em

questão, atestando seu pleno funcionamento. Como exposto anteriormente, verbos como *ocorrer* são considerados apresentacionais, isto é, introduzem o estado de coisas sobre o qual será tratado. A partir desse enunciado introduzido por *ocorre que*, o falante ressalta a aprovação de um projeto de lei que visa a elevar a pena estabelecida pela lei já mencionada.

Desse modo, ambos os segmentos têm como traço em comum a punição para quem comete maus-tratos a animais. A desigualdade se estabelece, portanto, nas diferentes penas previstas pela Lei de Crimes Ambientais em vigor e pelo projeto de lei aprovado em dezembro de 2018. Assim, a partir desta leitura, não há cancelamento de pressuposição, mas a comparação entre dois instrumentos legais, o que caracteriza um contraste por oposição. Embora haja focalização da informação acrescentada, a oposição simples de segmentos não causa efeito de sentido de ressalva. Ademais, não é verificada a adoção de um tom crítico por parte falante diante dessa informação, diferentemente do que é verificado no trecho a seguir:

(2) O orçamento é sempre de um ano para o outro. E, nessa estimativa da receita, previu-se, no orçamento que está em vigor, um crescimento da economia de 2,5%. *Sucede que* até o presente momento – e já estamos perto do meio do ano –, o crescimento foi de pífio 1%. Isso significa que, se não contingenciar, o Governo vai cometer crime de responsabilidade fiscal. Contingenciar, repito, não é cortar. Contingenciar é adiar uma despesa para fazê-la depois. Normalmente, isso é feito no primeiro semestre de qualquer governo (Roberto Rocha, PSDB, em 17/05/2019).

Inicialmente, o senador explica como é feito o orçamento e traz a informação do quanto se previu de crescimento da economia para o ano. No enunciado introduzido por *sucede que*, Roberto Rocha apresenta índices de privação ou insuficiência, com dados numéricos que delimitam essa expectativa de crescimento da economia. Embora o trecho também possa ser interpretado como oposição semântica entre o que foi previsto e o que de fato se

concretizou, as características de quebra de expectativa que permeiam a fala e a delimitação em relação ao período temporal e aos índices percentuais são muito mais fortes.

Não apenas o curso dos eventos contraria as expectativas estabelecidas na previsão, apresentando um efeito indesejado, conforme apontado por Van Dijk (1977), como também não expressa a satisfação de condições necessárias para que, até o fim do ano, haja o crescimento esperado. Assim, é verificado no trecho restrição do tipo temporal, tendo em vista que, apesar de a previsão englobar o ano inteiro, há a indicação de que se está na metade do período, e também restrição percentual, uma vez que, dos 2,5% esperados, atingiu-se apenas 1%.

No que tange à recuperação da informação pressuposta, infere-se que, mesmo que não obrigatoriamente uma previsão seja cumprida, sempre existe a probabilidade de sua concretização. Com a retomada do léxico *crescimento*, o segmento introduzido por *sucede que* cancela a pressuposição de que a previsão quanto a esse crescimento foi ou será concretizada. Esse segmento tem forte carga avaliativa, explicitada pelo adjetivo *pífio*, que escancara o ponto de vista do falante e, portanto, seu tom crítico diante dessa informação. A ressalva, assim, se revela. Todo o trecho é seguido de um outro segmento que visa justificar a posição do senador, o que sustenta sua argumentação.

Em ambos os exemplos acima, o presente do indicativo é verificado prioritariamente apenas na flexão dos verbos que compõem as próprias microconstruções. Os trechos são rodeados de adjuntos adverbiais e também de outros verbos que localizam os eventos, principalmente, no passado. Assim, os fatos se apresentam como consolidados justamente por já terem acontecido, diferentemente da noção atemporal, que caracteriza o evento como uma verdade universal. Em nossa pesquisa, essas especificidades ainda estão em processo de análise, mas trabalha-se com a hipótese de que, em trechos permeados por adjuntos adverbiais de tempo, [V_{acontecimento}QUE] talvez ainda não seja uma construção conectora

convencionalizada, mas esteja em um estágio anterior, ainda convivendo com ambiguidades e implicaturas.

No entanto, a mesma situação não se realiza no exemplo abaixo. Nele, além de *ocorrer*, que compõe a microconstrução, estar flexionado no presente do indicativo, praticamente todos os verbos do entorno discursivo estão também flexionados no referido tempo verbal:

(3) É uma falácia, portanto, quando se advoga a tese de que o rombo é enorme. *Ocorre que* os governos não adotam políticas competentes para um ajuste fiscal consequente, que exige, certamente, também uma reforma tributária inteligente, no modelo novo e progressivo, que possa tributar mais no consumo do que na renda. Essas reformas de grande profundidade não são realizadas pelos governos – coloco no plural, porque elas não se realizam nos últimos mandatos (Senador Álvaro Dias, Podemos, em 24/04/2019).

Para contextualizar, em seu pronunciamento, em momento anterior ao excerto acima, o senador Álvaro Dias traça um panorama sobre a situação da previdência no Brasil, em que traz dados quanto ao seu déficit, mas também apresenta valores referentes a desonerações e às chamadas desvinculações dos recursos da União (DRU). De acordo com a Agência Senado (2022)², DRU é “um mecanismo que permite ao governo federal usar livremente 20% de todos os tributos federais vinculados por lei a fundos ou despesas”. Sua principal fonte de recursos são as contribuições sociais.

Desse modo, a partir dos dados apresentados, o senador avalia como falsa a tese de que o rombo previdenciário é enorme. Por meio do uso de *ocorre que*, o falante focaliza o que ele considera como a verdadeira causa do déficit previdenciário: a não adoção, por parte dos governos, de políticas competentes para um ajuste fiscal consequente. Dessa forma, o *ocorre que* é utilizado para

² Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/dru>. Acesso em: 10 dez. 2022.

introduzir o motivo, na visão do senador, da real causa do rombo e, conseqüentemente, de ser falsa a tese de que o rombo é enorme.

Se é uma falácia advogar a tese que o rombo é enorme, podemos pressupor, portanto, que o rombo não é tão grande assim. O cancelamento dessa pressuposição vem em forma de sustentação da argumentação, que apresenta argumentos que vão em direção independente ao que se está colocado no primeiro trecho.

Vale ressaltar o cuidado do falante na elaboração da argumentação: ao citar *os governos*, ele se retira do discurso, mesmo que, enquanto senador, participe também ativamente de qualquer ação que envolva o ajuste fiscal. O escamoteamento de sua face trava relação com a adoção de uma postura crítica em relação ao conteúdo apresentado. Ademais, ele também faz uso do presente do indicativo para estabelecer sua fala como uma verdade absoluta. O tempo presente confere efeito de sentido à situação apresentada como de duração ilimitada, ou seja, atemporal, permitindo que o interlocutor tome aquele enunciado como algo não passível de refutação.

Assim, identifica-se que, em convergência com o tempo presente de *acontece, ocorre e sucede*, nos casos em que os verbos do entorno discursivo seguem esse mesmo tempo verbal, gera-se claro efeito de sentido de verdade universal para os argumentos apresentados, o que favorece o escamoteamento da face do falante.

Ademais, também foi verificado que o efeito de ressalva emerge a partir do contraste entre dois segmentos, envolvendo quebra de expectativa, com cancelamento de pressuposição, e focalização de um detalhe fundamental para a sequência da argumentação. A partir desses aspectos, a ressalva emerge como uma atitude discursiva do falante de assumir uma postura crítica diante de uma informação anterior que ele mesmo trouxe ao discurso.

Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se discutir o uso de construções do tipo [V_{acontecimento}QUE] como conectoras de enunciados contrastivos, tanto ao realizar oposição semântica quanto para acarretar quebra

de expectativa. Em construções do tipo [V_{acontecimento}QUE], V é um *slot* preenchido pelos verbos de acontecimento *acontecer, ocorrer e suceder* (Gonçalves; Sousa; Casseb-Galvão, 2008), flexionados na terceira pessoa do singular do presente do indicativo e seguidos pela partícula *que*.

Tendo em vista que esta pesquisa ainda está em andamento, investigou-se as diferenças entre o uso da construção para opor semanticamente duas informações e seu uso como parte de uma atitude discursiva do falante de marcar efeito de sentido de ressalva, a partir da quebra de expectativa. Ademais, também se buscou avaliar até que ponto o fato de a construção ser instanciada por microconstruções em que os verbos estão conjugados no tempo presente do modo indicativo afeta a leitura da informação introduzida como uma verdade absoluta e, portanto, irrefutável.

Os resultados preliminares indicaram que [V_{acontecimento}QUE] funciona como conector de segmentos contrastivos na língua portuguesa e instrumento anunciador de ressalva no discurso. Ao optar por fazer uso das microconstruções *acontece que, ocorre que e sucede que* para unir segmentos contrastivos e, em especial, causar efeito de quebra de expectativa, o falante adota uma posição crítica diante da informação apresentada anteriormente, assumindo a atitude discursiva da ressalva. Essa postura crítica pode, ainda, ser apresentada a partir de uma estratégia que escamoteia sua face e proporciona a leitura da informação introduzida como uma verdade irrefutável e universal.

Referências

ABRAÇADO, M. J. *O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal*. São Paulo: Contexto. 2020.

ABRAÇADO, M. J. Tempo verbal, modo verbal e a concepção da realidade em português. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. 01-17, 2021.

AZEREDO, J.C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 4 ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

CASTILHO, A. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

GONÇALVES, S. C.; SOUSA, G. C. de; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: ILARI, R.; NEVES, M.H.M. *Gramática do português culto falado no Brasil*. V.2. Classe de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 1021-1084.

LAKOFF, R. Ifs And's and But's about conjunction. In: FILLMORE, C., LANGENDOEN, D. (Eds.) *Studies in linguistic semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971, p. 114-149.

LONGHIN, S.R. *A gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2003.

NEVES, M. H. M. O coordenador interfrasal mas - invariância e variantes. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, São Paulo, v. 28, p. 21-42, 1984.

NEVES, M. H. M. O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do Português. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, São Paulo, v. 29, p. 59-65, 1985.

NEVES, M. H. M. Conectar significados. Ou: A formação de enunciados complexos. In: *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 223-269.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5 ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

VAN DIJK, T.A. *Text and context*. London and New York: Longman, 1977.

ANÁLISE FUNCIONAL DO CONECTOR “EM/NA BUSCA DE”: UMA VISÃO CENTRADA NO USO

Silvana Francisco Guedes Camilo Costa¹

Considerações Iniciais

Esta pesquisa é parte do projeto que tem a finalidade de mapear e descrever a rede [X de]_{conect}, investigada por Rosário (2022), que está vinculada à agenda do Grupo Conectores e Conexão de Orações (CCO). Teoricamente, o capítulo filia-se aos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), perspectiva que entende língua como uma rede de construções organizadas hierarquicamente (Traugott; Trousdale, 2021), cuja unidade básica é a construção, identificada pelo pareamento forma-função Goldberg (2016).

O Grupo CCO dedica-se à descrição e análise do esquema [X de]_{conect} que instancia, até o momento, dois subesquemas: o [Adv de]_{conect} e o [Prep [det] N de]_{conect}, esta investigação dedica atenção ao segundo subesquema. Dito isso, vejamos um dado inicial que foi extraído da plataforma *Corpus* do Português e que constitui o *corpus* em análise:

(1) E já chegamos em 12 de junho de 2019, Dia dos Namorados. Mas quando o assunto é namorado ou namorada, a internet ganha a busca pelas lindas frases, desejando um feliz dia.

Com o crescimento do número de pessoas conectadas nas redes sociais, surgiu uma nova alternativa para parabenizar, é o caso das frases, seja no status do WhatsApp, Facebook ou Instagram. Quem

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (Posling/UFF), bolsista CAPES, sob orientação do Prof. Dr Ivo da Costa do Rosário (UFF). Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: sfrancisco@id.uff.br; Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-3162-5130>.

nunca aproveitou o Google para pesquisar sobre frases, seja frases de aniversário até o Dia dos Namorados. Nossa reportagem preparou uma série de frases **em busca de contribuir** com os leitores do Portal Canaã.

(Fonte: <https://portalcanaa.com.br/entretenimento/frases-lindas-do-dia-dos-namorados-para-enviar-pelo-whatsapp-ou-facebook/>).

Ao analisar o dado (01), um exemplar da modalidade escrita do português da atual sincronia, verifica-se uma ilustração do que denominamos de construção final instanciada pelo subesquema [Prep [det] N de]_{connect} (Rosário, 2015). Observamos que os quatro elementos componentes (preposição “em” + substantivo deverbal “busca” + preposição “de”) perdem parte de sua composicionalidade (Traugott; Trousdale, 2021), a fim de formar o conector *em busca de*, que expressa a noção de finalidade. Portanto, a oração hipotática não finita que está posposta à oração matriz foi introduzida pelo conector *em busca de* a fim de expressar que “contribuir com os leitores” corresponde a finalidade de a equipe de reportagem do Portal Canaã ter preparado uma série de frases.

O objetivo principal desta pesquisa é descrever e analisar as características morfossintáticas e semântico-discursivas da microconstrução de valor final *em/na busca de* ensejada pelo subesquema [Prep [det] N de]_{connect}. O objetivo apresentado justifica-se no fato de esta pesquisa ser uma tentativa de contribuição ao desenvolvimento dos estudos funcionalistas acerca dos processos de conexão de orações, especialmente no que diz respeito aos conectores não canônicos de finalidade, que atuam na ligação de orações não finitas.

Este capítulo organiza-se da seguinte maneira: Considerações iniciais, apresentamos a Revisão da literatura; em seguida, a Fundamentação teórica, na qual discorreremos a respeito de alguns pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso; os Pressupostos metodológicos; a Análise de dados, e, por fim, as Considerações finais.

Revisão da literatura

Ao analisar textos reais escritos na contemporaneidade, mais especificamente no século XXI, verifica-se diversas possibilidades para a expressão da ideia de finalidade, uma delas é o uso do conector *em/na busca de*. Segundo argumenta Bybee (2016), a mudança linguística ocorre no uso da língua e, ou seja, as estruturas surgem, evoluem, ganham novos e diferentes sentidos a depender das necessidades comunicativas da comunidade linguística.

Ao observar o dado (01), notamos que os elementos *em, a, busca e de*, têm sido interpretados como um conector que encabeça orações hipotáticas não finitas de finalidade, mesmo que este uso não esteja referendado pela Gramática Tradicional (doravante GT). Por este motivo, neste capítulo, revisaremos o modo como algumas das nossas principais GT's têm abordado os conceitos de: articulação de orações e o tratamento dado a finalidade.

Neste primeiro momento, consultaremos os entendimentos expressos em algumas gramáticas de linha tradicional, são elas: Rocha Lima (1999), Cunha e Cintra (2001), Brito (2003) e Bechara (2010), a fim de mapear à maneira como as orações subordinadas adverbiais finais são descritas e conceituadas por elas, em seguida, verificaremos gramáticas de orientação funcionalista.

Rocha Lima (1999), em *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, assume a coordenação e a subordinação como as duas únicas estruturas típicas possíveis de constituir um período (p. 321). Na subordinação há uma oração principal que traz presa em si uma oração dependente, esta, por sua vez, representa desdobramentos dos vários termos da oração principal (p.324). O autor define oração subordinada adverbial final como aquela que funciona como adjunto adverbial de outras orações (1999, p.406). Em suas palavras, ela traz no rosto uma das conjunções *para que, a fim de que e que* (com o sentido de *para que*) e verbo no subjuntivo (p. 352); já na reduzida, a oração vai para o infinitivo precedido de *para, a fim de e por*. Não é feita qualquer

referência à forma justaposta no âmbito da oração subordinada adverbial final.

Cunha e Cintra (2001), em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, vão na mesma direção dos gramáticos já revistos e, também, admitem haver apenas dois processos de relação de orações: a coordenação e a subordinação. Segundo os autores, a oração subordinada adverbial funciona como um adjunto adverbial, e as orações subordinadas adverbiais finais são introduzidas por conjunções subordinativas (*para que, porque e que*) que expressam a noção de finalidade (p. 604).

Em Brito (2003), na *Gramática da Língua Portuguesa*, há referência a somente dois processos de relação de orações: a subordinação e a coordenação. Todavia, a autora faz importantes considerações a respeito da mobilidade das orações, dentre eles, destacamos o seguinte: as orações subordinadas adverbiais são constituintes sintáticos capazes de ocuparem diferentes posições na frase (p.698). As subordinadas adverbiais podem vir posicionados antes, no final ou no meio da matriz, no entanto, essa propriedade pode acarretar modificações em certos argumentos. Ao falar mais detidamente das adverbiais finais, Brito (2013, p. 715) destaca que estas são orações que exprimem uma relação de dependência semântica, no entanto, numa oração final, o nexos de condição-consequência nem sempre tem a ver diretamente com o conteúdo de ambas, mas tal relação é formulada pelo próprio locutor. A cientista explica que é próprio das orações adverbiais finais o caráter volitivo e intencional. Quanto aos conectores finais, a autora esclarece que quando a oração final é formada pelo verbo num tempo finito ela é encabeçada por *para que, a fim de que, que* (= *para que*), mas ocorre *para* e *a fim de* quando a oração final tem o verbo infinitivo flexionado ou não flexionado.

Bechara (2010), em *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, também cita subordinação e coordenação como o que denomina de fenômenos de estruturação das camadas, no entanto, diferente dos demais gramáticos tradicionais, afirma que entende que deve haver oposição entre o estatuto de orações dependentes e

independentes, e não subordinação e coordenação. O estudioso faz uso das nomenclaturas hipotaxe e parataxe. Segundo o gramático, na hipotaxe, uma oração independente é transposta ao *status* de membro sintático da denominada oração principal. Segundo Bechara (2010), as orações subordinadas adverbiais finais exercem função própria de advérbio ou locução adverbial, porém o gramático destaca que estas orações são substituíveis apenas por locuções adverbiais, e não por advérbios (p. 348), e que estas locuções adverbiais são formadas por substantivo e grupo nominal equivalentes introduzidos pela preposição *para*.

Com base nas gramáticas analisadas, é possível constatar que a maioria dos gramáticos adotam a dicotomia “subordinação” e “coordenação” para pensar o processo de relação de orações. Em todos as gramáticas de viés tradicional que consultamos, as orações subordinadas adverbiais finais são compreendidas como aquelas que cumprem a função de adjunto adverbial e são introduzidas por conjunções subordinativas que expressam a noção de finalidade. O quadro a seguir ilustra o levantamento feito:

Quadro I: Orações subordinadas adverbiais finais nas gramáticas tradicionais

Gramáticos	Definição de Oração Subordinada Adverbial (Final)	Elementos subordinantes
Rocha Lima (1999)	“... funciona como adjunto adverbial de outras orações...” (p. 406).	“... <i>para que, a fim de que e que</i> (com o sentido de <i>para que</i>) e verbo no subjuntivo (p.352); já na reduzida, a oração vai para o infinitivo precedido de <i>para, a fim de e por...</i> ”
Cunha; Cintra (2001)	“...funciona como um adjunto adverbial, [...] são introduzidas por conjunções subordinativas que	<i>para que, porque e que</i> (p. 604).

	expressam a noção de finalidade” (p. 604).	
Brito (2003)	“...são orações que exprimem uma relação de dependência semântica [...] de carácter volitivo e intencional [...] e os enunciados podem assumir valores factual, hipotético e contrafactual quando construídos com orações finais...” (p. 715).	“... <i>para</i> e <i>a fim de</i> quando a oração final tem o verbo infinitivo flexionado ou não flexionado...” (p. 717).
Bechara (2010)	“... exerce função própria de advérbio ou locução adverbial, pode ser substituída por locuções adverbiais, mas não por advérbios” (p. 348).	... locuções adverbiais formadas por substantivo e grupo nominal equivalentes introduzidos pela preposição <i>para</i> (p. 348).

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao fazer uma minuciosa leitura do quadro acima, depreende-se que, de um modo geral, os estudiosos orientam seus entendimentos às seguintes definições de orações adverbiais finais: i) funcionam como adjuntos adverbiais e ii) exprimem a noção de finalidade. A proposta de Brito é a que mais avança, pois, ao dizer que as adverbiais finais possuem um carácter intencional, ela remete à defesa da funcionalista Maria Lobo (2013), que argumenta que a maioria das orações adverbiais finais de eventos exigem que exista na oração principal um argumento dotado de intencionalidade. Quanto aos conectores que encabeçam as orações finais, os gramáticos são unânimes na referência ao prototípico “para” e à locução “a fim de”.

A seguir, discutiremos sobre quais têm sido as leituras que pesquisadores que adotam o viés funcionalista de língua fazem das tradicionais orações subordinadas adverbiais finais.

Segundo Neves (2018, p.15), o Funcionalismo entende a gramática como suscetível às pressões do uso. Por esta pesquisa estar sendo respaldada numa compreensão funcionalista da língua, é imprescindível verificarmos como o tema conexão de orações é tratado nas gramáticas de orientação funcionalista. Portanto, a seguir, discorreremos sobre os entendimentos Lobo (2013), Neves (2018), Castilho (2016).

Lobo (2013) dedica uma sessão que aborda a classificação sintática das adverbiais e as divide em duas subclasses: a das i) orações adverbiais periféricas e a das ii) orações adverbiais integradas. As adverbiais integradas manifestam maior ligação prosódica e estrutural com a oração principal e, também, compatibilidade com processos de focalização, as orações finais de evento estão neste grupo.

Quanto aos conectores que expressam um valor de finalidade, Lobo (2013) diz que são majoritariamente formados por uma preposição seguida de um constituinte nominal (p. 2011), e que para as finais é fundamental que haja na principal um argumento dotado de intencionalidade, porque na oração final de evento a situação descrita na oração principal é comumente interpretada como tendo sido realizada vislumbrando um objetivo pré-determinado.

Neves (2018), em *“A Gramática do Português Revelada em Textos”*, diz que as adverbiais podem figurar em diferentes posições. A autora explica que *“a ordem não altera o significado básico da relação”* (p. 1009), mas, se observado o enfoque comunicativo, i) *“a oração final anteposta frequentemente comporta uma interpretação ligada à informação dada, conhecida”* (p. 1009), mas, também, pode ter sido deslocada para favorecer a focalização, e ii) *“a posposição geralmente comporta uma interpretação mais ligada à transmissão de nova informação”* (p.1010) e o foco está na finalidade.

Castilho (2016) propõe que as orações subordinadas adverbiais são mais adequadamente descritas quando vistas como *“combinação de cláusulas”* (p. 374). E, por fim, ao que se refere às

orações subordinadas adverbiais finais, o pesquisador esclarece que “elas só se constroem com o a) subjuntivo ou com o b) infinitivo preposicionado por *para*” (2016, p. 377). A afirmação é demonstrada com os seguintes exemplos: a) Vestiu-se bem *para que* todos **notassem**; b) Vestiu-se bem *para ser* notada por todos.

Castilho (2016) conclui elencando as conjunções *para que, a fim de que, para + infinito* como introdutoras das orações adverbiais finais, e, para definir tais orações, ele recorre a Bechara (1992, 1999, p. 501), que diz que “as adverbiais finais expressam a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento contido na sentença matriz” (p. 377).

Quadro II: Orações Subord. Adv. Finais nas gramáticas funcionalista

Gramático/ Linguísta	Definição de Oração Subordinada Adverbial (Final)	Elementos subordinantes (conectores)
Lobo (2013)	“as orações finais podem ser divididas em dois grupos (final de evento e final de enunciação) ...” (p. 2011). As finais de evento descrevem a finalidade de uma determinada ação e as orações finais de enunciação seriam aquelas que “indicam a finalidade de um ato de fala” (p. 2013). Para as finais é fundamental que haja na principal um argumento dotado de intencionalidade.	<i>para</i> (que), <i>a fim de</i> (que), <i>com o fim de</i> , dentre outros.
Neves (2018)	“expressa um fim a atingir a partir do que está proposto em outra oração, ou seja, na oração principal...” (p. 1006).	“não existe em Português uma conjunção subordinada adverbial final, apenas locuções conjuntivas” (p. 1010),

		sendo elas: <i>para que</i> (a mais usual) e <i>a fim de que</i> (a menos usual).
Castilho (2016)	“as adverbiais finais expressam a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento contido na sentença matriz”.	“ <i>para que, a fim de que, para + infinito</i> ” (p. 377).

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro II é uma tentativa de sintetizar os entendimentos que teóricos de viés funcionalista têm a respeito das orações subordinadas adverbiais finais. A expressão da intencionalidade contida na oração matriz e a mobilidade são dois pontos que chamam a atenção.

Na próxima seção procederemos à apresentação dos pressupostos teóricos da LFCU, teoria que respalda esta pesquisa.

Fundamentação teórica

Para a operacionalização desta pesquisa serão mobilizados alguns conceitos que caracterizam a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), são eles: *neanálise*, *analogização*, (Traugott; Trousdale, 2021), *chunking* (Bybee, 2016), e, considerando que esta é análise construcional, trataremos também dos conceitos: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade* (Traugott; Trousdale, 2021).

A *neanálise* diz respeito aos micropassos na mudança construcional (Traugott; Trousdale, 2021, p. 36), ou seja, à medida que uma construção que já existe vai gradualmente sendo interpretada de uma maneira diferente pelos usuários de uma língua e novos usos e sentidos são atribuídos a ela, pode-se dizer que ocorreu uma *neanálise* da construção. Esse conceito utilizado pelos autores é baseado na proposta de Langacker (1977, p. 58), que defende que a reanálise se tratava de uma “mudança na

estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve nenhuma modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação superficial” (Traugott; Trousdale, 2021, p. 36); *analogização*, é um processo de mudança que toma como base construções já existentes, de cunho mais concreto ou abstrato, e que provoca o surgimento de novas correspondências de significado e forma (Traugott; Trousdale, 2021, p. 38), ou seja, quando o usuário da língua serve-se da microconstrução *na busca de* para introduzir orações não-finitas usadas na intenção de comunicar finalidade, estamos diante de um caso de *analogização*, pois a microconstrução *em busca de* foi instanciada pelo padrão subesquemático [Prep [det] N de]_{connect}, que serviu como um modelo virtual e abstrato para a formação do conector. Outro fenômeno que colabora para a emergência de novos usos no sistema linguístico é o *Chunking*, um processo cognitivo de organização de memória (Bybee, 2016) que consiste em reunir *chunks* e, ao longo do tempo, fundi-los em uma unidade maior a fim de reproduzi-los recursivamente. Neste sentido, é possível dizer que a sequência *em/a + busca + de*, apesar de resguardar relativa compossibilidade, é um exemplar dessa fusão, ou seja, é uma unidade de sentido.

Na análise construcional são considerados também os conceitos de *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade* (Traugott; Trousdale, 2021) visto serem fatores fundamentalmente importantes para a perspectiva. O conceito de *esquematicidade* diz respeito aos graus especificidade dos esquemas linguísticos, ou seja, quão abstratos são. Os esquemas são abstrações que perpassam conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua como sendo estritamente relacionadas na rede construcional (Traugott; Trousdale, 2021), e são instanciados por subesquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções; *produtividade* refere-se à extensibilidade de um esquema a fim de recrutar microconstruções menos esquemáticas, bem como as sanções e restrições da construção; com o conceito de *composicionalidade* discute-se o grau de transparência semântica e/ou

sintática que se dá entre a forma e o significado da construção. Frente ao apresentado, no tocante ao objeto sob análise, o *chunking em/na busca de* é uma microconstrução submetida à hierarquia esquema > subesquema > microconstrução, que é representada da seguinte maneira: Rede [X de]_{connect} > [Prep [det] N de]_{connect}. > *na busca de*.

Na seção seguinte, será discutida a metodologia que estamos empregando para a análise dos dados coletados até o momento.

Pressupostos metodológicos

Nossa análise de dados compatibiliza-se com o método misto. Segundo Lacerda (2016, p. 85), o método misto é o “equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa”. Ou seja, a primeira refere-se à interpretação das ocorrências, a segunda à identificação da produtividade das construções. Portanto, ainda de acordo com Lacerda (2016, p. 88), a análise de natureza quantitativa, quando aliada à análise qualitativa, pode contribuir para a compreensão de como as inovações que emergem no fluxo da interação se regularizam na língua. Diante do exposto, o emprego do método quantitativo visa assegurar a análise daquilo que for de caráter mensurável da microconstrução *em busca de*, já o método qualitativo é aplicado com o intuito de respaldar a análise de seus aspectos semânticos, discursivos, pragmáticos e cognitivos implicados na organização morfossintática.

Na próxima seção, apresentamos algumas descrições, análises e interpretações já encaminhadas, bem como alguns contextos de uso do conector *na busca de*.

Análise de dados

Esta seção é dedicada à apresentação de alguns resultados obtidos a partir da descrição e análise da microconstrução conectora de finalidade *na busca de*. A fim de cumprir com o intento proposto, tomamos como base um *corpus* composto pela

modalidade escrita, com textos do gênero notícia disponíveis na *internet*, foram coletados 140 dados na plataforma *Corpus do Português*, interface *NOW (News on the web)*, que abrange a sincronia atual dos usos do português (2012-2019).

Dos dados coletados, 100 são com ocorrências de *em busca de* e outros 40 com a ocorrência de *na busca de*. A pesquisa está em desenvolvimento, e, por isso, não conseguimos ainda perceber se há algum contexto que favoreça a decisão pelo uso de uma em detrimento da outra forma. No entanto, de acordo com Rosa e Oliveira (2020, p. 24), a competição pelo uso é motivada pelas condições contextuais e são elas que configuram as interações. Ou seja, se a língua manifesta variabilidade, as propriedades em que ocorrem os usos selecionam a melhor alternativa aos propósitos comunicativos. Sendo assim, uma das etapas futuras será observar esta questão. Para este momento, desconsideramos a existência de alguma distinção no uso de *na busca de* e *em busca de*.

Ao controlar o ambiente, verificou-se a predominância do conector *em busca de* na posição posposta à cláusula núcleo. Segundo Dias (2001), a posposição é a ordem não marcada da cláusula hipotática de finalidade, ou seja, é a mais frequente na língua.

Tabela I: Frequência de uso da microconstrução conectora de finalidade *em/na busca de*

<i>Type</i>	anteposição	posposição	medial
em busca de	12	66	7

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao considerar que o discurso é criativo (Traugott, 2021) e emerge à medida que o falante o produz, é possível verificar que o uso do conector *na busca de* tem sido recrutado para expressar a ideia de finalidade. Bybee (2016) defende que a analogia é o mecanismo primário de criatividade morfossintática. Portanto, é possível dizer que a microconstrução *em/na busca de* tem sido recrutada como uma estratégia do falante para a expressão da ideia

de um movimento com vista a uma determinada finalidade, seja um movimento no mundo real ou no mundo das ideias, conforme é possível atestar nos exemplos a seguir:

(02) O Instagram está o tempo todo implementando novos recursos **em busca de melhorar a experiência dos usuários**. Filtros, stickers e GIFs, por exemplo, não estiveram sempre presentes na plataforma e ainda são constantemente atualizados. Muitas vezes, no entanto, uma parcela das pessoas demora para receber as novidades — fora as funções indisponíveis no Brasil, como osticker de música. (Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2019/01/sete-funcoes-odiadas-do-instagram.ghtml>).

(03) #O que acontece após a segunda condenação de Lula? Entenda a situação do ex-presidente#

O Povo Online conversou com Cândido Albuquerque, diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará (UFC), **em busca de elucidar as questões em torno da situação de Lula**. Sobre o cumprimento das penas, Cândido explicou que a expectativa é que as penas sejam somadas.

‘São penas homogêneas, ou seja, são duas penas de 12 anos de prisão. Quando transitar em julgado, ele vai cumprir primeiro uma e depois a outra. É um processo muito comum’, elucidou.

(Fonte: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2019/02/30106-o-que-acontece-apos-a-segunda-condenacao-de-lula--entenda-a-situacao-do-ex-presidente.html>).

(04) #Para impulsionar criação de contas, Corinthians e BMG farão comerciais e campanhas com torcedores#

Corinthians e BMG iniciaram em 2019 uma parceria para alavancarem em conjunto a criação de contas de torcedores do clube alvinegro. **Em busca de impulsionar e gerar novos membros**, o clube e o banco começarão a produzir comerciais para a televisão.

A meta inicial é conseguir gerar a abertura de 200 mil novas contas. Caso o número seja alcançado, de acordo com Andrés Sanchez, o mandatário fará uma surpresa ao torcedor.

Ainda sem bater a meta, no entanto, mas sem divulgar os números oficiais, o objetivo da campanha é justamente gerar mais conhecimento da ação.

(Fonte: <https://www.meutimao.com.br/noticias-do-corinthians/318252/para-impulsionar-criacao-de-contas-corinthians-e-bmg-farao-comerciais-e-campanhas-com-torcedores>).

Atesta-se nos dados (02), (03) e (04), que as orações que veiculam a noção de finalidade estão introduzidas por uma microconstrução conectora, e, desta maneira, configurando uma possibilidade diversa da reiterada pelas GT's. Nos três casos são utilizadas não a preposição “para”, mas a microconstrução *em busca de*. Cabe destacar que o exemplário é formado por textos reais escritos na contemporaneidade, no século XXI. Em um primeiro momento, vê-se um caso de mudança linguística no atendimento das necessidades comunicativas da comunidade linguística. Nesta direção, vê-se nos dados supracitados que os falantes têm lançado mão do conector *na busca de* com a finalidade de satisfazer tais necessidades.

No dado (02), pode-se dizer que a oração hipotática não finita é encetada por um conector que surge na língua por meio do *analogização* (Traugott; Trousdale, 2021), um mecanismo de mudança que resulta em pareamentos de significado e forma que não existiam antes, ou seja, o falante utiliza-se de pensamento analógico e recruta a microconstrução *na busca de*, que é instanciada pela Rede [X de]_{connect}.

Quanto ao dado (03), é possível pensá-lo a partir do mecanismo de mudança *neoanálise* (Traugott; Trousdale, 2021), porque com o tempo a construção *em busca de* vem adquirindo um novo significado, o de conector oracional que introduz orações que veiculam o valor de finalidade.

No dado (04), observa-se que há a concorrência da preposição para o prototípico conector usado na expressão da noção de finalidade com o conector *em busca de*. No título da notícia, o escrevente faz uso de “para impulsionar”, mas no corpo da notícia,

talvez para não precisar repetir a preposição, ele faz uso da construção “na busca de impulsionar”. O dado (4) ilustra a convencionalização (Traugott; Trousdale, 2021), ou seja, pode-se dizer que está ocorrendo a integração de uma inovação em nossa tradição escrita.

Em termos funcionais, observa-se que o valor semântico de finalidade é comum aos três exemplos e que em todas as orações matrizes ocorre um sujeito agentivo dotado de intencionalidade: em (01), a empresa Instagram está implementando novos recursos em seu aplicativo com a intenção de melhorar a experiência dos usuários; em (02), O Povo conversou com a finalidade de elucidar questões; e, em (03), o clube e o banco começarão a produzir para impulsionar e gerar novos membros.

Considerações finais

Neste capítulo, pretendeu-se apresentar um breve panorama da pesquisa que estamos desenvolvendo acerca da microconstrução conectora de finalidade *na busca de*, instanciada pelo esquema da Rede [X de]_{conect} e pelo seu subesquema [Prep [det]N de]_{conect}. São notações ainda introdutórias.

Dedicamo-nos a discorrer sobre o tratamento que as gramáticas de diferentes perspectivas teóricas dão às orações subordinadas adverbiais finais, ou as orações hipotáticas de finalidade, segundo defende Neves (2018, p. 1001); quais conjunções introduzem tais cláusulas, a posição destas cláusulas em relação à matriz e verificamos em distintos dicionários as definições do substantivo deverbal “busca”. Ao que se refere ao aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, buscou-se articular os conceitos de *analogização*, *neoanálise*, *chunking*, *composicionalidade*, *esquematicidade* e *produtividade*.

Diante dessa introdutória análise, é possível afirmar que, apesar de o conector *na busca de* ser desconsiderado pelos compêndios dos estudos linguísticos de perspectiva tradicional, o seu uso tem se convencionalizado, ou seja, os falantes têm

recorrido à microconstrução como uma estratégia para expressar a noção de finalidade, conforme verificou-se no *corpus* consultado, e, portanto, pode-se dizer que, ainda que considerado marginal, *na busca de* é um elemento procedural que faz parte da gramática do português e está instanciada pela Rede [X de]_{connect}.

Referências

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, J. *Mudança linguística*. Petrópolis: Vozes, 2020. Trad. Marcos Bagno.

BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição* (Langue, usage and cognition). Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

DIAS, N. B. *As cláusulas de finalidade*. 2001. 175p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1591146/>. Acesso em: 06 jul. 2023.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. esp., p. 83-10, 2016.

NEVES, M. H. M. *A Gramática do Português revelada em textos*. São Paulo: Unesp, 2018.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 54 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

ROSÁRIO, I. da C. do. Esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. *Matraga*, v. 29, n. 56, p. 362-378, mai./ago. 2022.

ROSARIO, I. da C. do (org.). Linguística centrada no uso: teoria e método. Rio de Janeiro: *Lamparina*; FAPERJ, 2015, p. 36-50.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

ANÁLISE DO CONECTOR “COM ISSO” SOB PERSPECTIVA PANCRÔNICA

Simone Josefa da Silva¹

Considerações iniciais

Sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – o presente trabalho visa a descrever a trajetória de construcionalização do conector “com isso”, bem como seus usos em perspectiva pancrônica. O estudo integra um projeto de pesquisa mais amplo intitulado *Relações coesivas e semânticas das construções conectoras [PREP isso]connect à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso* (Lopes, 2019). O objeto “com isso”, no âmbito da conexão veicula os valores semânticos de tempo, consequência, conclusão e elaboração, sentidos esses em geral não contemplados na literatura linguística.

Tendo em vista a escassez de estudos que abordem o objeto “com isso” no âmbito da conexão, cabe pontuar algumas especificidades constatadas em pesquisa realizada no mestrado (Silva, 2022), sob abordagem sincrônica, a saber: a construção conectora [com isso] apresenta polifuncionalidade e polissemia, uma vez que pode atuar na função de sequenciador, sinalizando o sentido de tempo e na função de conector, veiculando relações lógico-semânticas e discursivo-argumentativas (consequência, conclusão, elaboração); promove o elo entre porções textuais de extensão variada (oração, período, parágrafo); exerce dupla função coesiva, coesão híbrida nos termos de Lopes e Moura (2021) – o

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (Teoria e Análise Linguística), pela Universidade Federal Fluminense (UFF), sob orientação do Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes. Bolsista CAPES. E-mail: simonejs@id.uff.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7856-711X>.

elemento *com* auxilia na progressão textual², ou seja, na sequenciação, e o elemento *isso*, na referenciação, atuando como um encapsulador, isto é, como um elemento que sumariza conteúdo precedente do texto. Vejamos duas ocorrências como ilustração a fim de observarmos tais propriedades:

1) Venceu o prazo que foi dado para a administração anterior. **Com isso**, o prefeito e eu nos reunimos com o Juiz do Trabalho para tratarmos desse assunto. Estamos em um período de transição política. Na reunião, ele (Juiz) nos passou várias recomendações que iremos cumprir de pronto, iniciando imediatamente. (Disponível em: <http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2017/03/prazo-dado-pela-justica-vence-e-fiacao-eletrica-de-hospital-na-recebe-reparos.html>. Acesso em: 10 jun. 2023).

2) Lado outro, o uso desordenado do mandado de segurança poderá aumentar potencialmente os procedimentos em trâmite nos tribunais de Justiça, sendo ineficaz a medida adotada pelo legislador, eis que os remédios constitucionais têm prioridade de tramitação em relação a outros procedimentos.

Com isso, outras alternativas foram sugeridas pela doutrina, como, por exemplo, a elaboração de um rol exauriente, tese levantada por Neves [6], na qual o legislador deveria ter criado um rol legal de todas as hipóteses de não cabimento do recurso, de forma que as decisões excluídas seriam atacadas por agravo de instrumento. (Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-jun-30/opinioao-agravo-instrumento-rol-taxativoextensivo-ou-mitigado>. Acesso em: 16 jun. 2023).

² Em Silva (2022), é apenas abordada a coesão sequenciadora promovida pela preposição *com*, atualmente, com base em Lopes (2022a, p. 153), atenta-se também para a referenciação estabelecida por este elemento. Ao analisar uma determinada ocorrência da construção [por isso], de valor consecutivo, objeto análogo à [com isso], o autor salienta que “*por* estabelece um movimento tanto de retrospectção – já que aponta para segmento prévio de texto, com o qual estabelece uma relação de causa –, quanto de prospecção – uma vez que estabelece uma relação de consequência com a oração subsequente”.

Em (1), “com isso” cumpre a função de sequenciador, sinalizando o sentido de tempo, uma vez que sequencia fatos temporalmente encadeados - venceu o prazo, depois disso, houve reunião para tratar do assunto. Na ocorrência, “com isso” promove conexão entre períodos e encapsula o período precedente (trecho sublinhado). Em (2), verifica-se que o objeto investigado indica o valor de consequência entre os parágrafos que conecta, atuando, nesse caso, na função de conector. O parágrafo que antecede seu uso apresenta uma causa - o uso desordenado do mandado de segurança poderá aumentar os procedimentos em trâmite nos tribunais de Justiça sendo ineficaz a medida adotada pelo legislador; o que sucede, uma consequência - outras medidas foram sugeridas pela doutrina. A coesão híbrida promovida pelos componentes da construção pode ser observada nos dados (1) e (2), a preposição *com* promove coesão sequencial, fazendo o texto progredir, também atua na referenciação estabelecendo com o conteúdo anterior os sentidos de tempo em (1) e consequência em (2), já o pronome demonstrativo *isso* promove coesão referencial, encapsulando a porção textual precedente, mais precisamente período e parágrafo, nessa ordem.

Na pesquisa em curso, a hipótese inicial é de que “com isso” na função conectora advém da função adverbial. A partir do uso do objeto em foco na função de adjunto adverbial e por meio da mobilidade característica desta função, verifica-se, com base nos dados empiricamente levantados, o deslocamento de “com isso” para margem esquerda dos termos a que se referem, possibilitando, desse modo, menor vinculação com os elementos subordinadores, aumento de autonomia e veiculação de novos sentidos. Assim sendo, as etapas de mudança relacionam-se aos distintos posicionamentos sintáticos do objeto “com isso” observados nas ocorrências analisadas, quais sejam: posposição a termo regente; anteposição a termo regente; anteposição a termo regente e adjunção a elemento conector; margem esquerda de orações, períodos ou parágrafos.

Em se tratando dos valores semânticos assumidos por “com isso” na esfera da conexão, conjecturamos que os primeiros usos conectores veiculam o sentido de tempo em conformidade com a teoria funcionalista, para a qual os sentidos abstratos são oriundos de sentidos mais concretos (Heine; Claudi; Hünnemeyer, 1991).

Para a descrição do caminho percorrido pelo objeto investigado, tomamos por base os contextos de mudança propostos por Diewald (2006) – atípico, crítico e isolado, além do contexto típico (ou fonte), considerado pela autora como originador da mudança. Tais conceitos serão melhor detalhados na seção que segue, a qual dedica-se à apresentação da fundamentação teórica em que se pauta a pesquisa e à explicitação da metodologia adotada. Posteriormente são evidenciadas a análise de dados, as considerações finais e as referências citadas neste texto.

Pressupostos teórico-metodológicos

Esta pesquisa apoia-se nos fundamentos teóricos da LFCU, praticada por Traugott e Trousdale, 2021 [2013]; Oliveira e Rosário, 2016; Lopes, 2022b, entre outros. Tal perspectiva resulta da interlocução entre o Funcionalismo Norte-Americano e a Linguística Cognitiva, sobretudo no que se refere à Gramática de Construções. As pesquisas, nesta vertente teórica, são realizadas essencialmente a partir de dados reais de fala e/ou de escrita em situações efetivas de interação comunicativa com base no entendimento de que a língua é moldada no uso. Lopes (2022a, p. 134), ao abordar a distinção entre a LFCU e outras vertentes funcionalistas, declara:

Em linhas gerais, o que diferencia a LFCU de outras abordagens funcionalistas é o fato de ela buscar suas generalizações linguísticas a partir de um modelo construcional de análise, em que a língua é compreendida como um inventário de construções, isto é, de pareamentos de forma e significado – [[FORMA] ← →

[SIGNIFICADO]] –, em que tanto os aspectos da forma quanto do significado assumem relevância equivalente (Croft, 2001).

Conforme evidenciado por Lopes (2022a), as construções são entendidas como pareamentos de forma e significado. O polo da forma compõe-se de propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas e o polo do significado, de propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Na abordagem construcional, parte-se do pressuposto de que as construções são organizadas em uma rede dinâmica e hierarquizada, composta por nós interconectados por elos. Segundo Traugott e Trousdale (2021 [2013]), a mudança que afeta um dos eixos de uma construção, seja o da forma ou o do significado, é denominada mudança construcional, já a mudança que afeta os dois polos, resultando na criação de um novo pareamento forma-significado, é denominada construcionalização.

Três parâmetros são fundamentais na classificação das construções e relevantes no que diz respeito à mudança linguística: a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. Sobre tais conceitos, Rosário e Oliveira (2016) apontam:

Esses conceitos vêm sendo utilizados por Langacker (2005) e podem ser alinhados da seguinte forma: *esquematicidade* diz respeito a *escopo construcional* (o grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção); *produtividade* com *vitalidade construcional* (com que frequência novas instâncias podem ser geradas por um esquema construcional), e *composicionalidade* com *alinhamento construcional* (em que medida um esquema construcional é criado de maneira previsível ou não a partir de seus componentes). (Rosário; Oliveira, 2016, p. 244).

Os parâmetros mencionados são reconfigurados nos processos de mudança linguística, de acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013]), na construcionalização observa-se aumento de produtividade e de esquematicidade e redução de composicionalidade.

Este trabalho, com o fito de descrever a rota de construcionalização do conector “com isso”, apoia-se no *cline* contextual postulado por Diewald (2006). Na visão da autora, a mudança dos elementos linguísticos ocorre em três estágios: contexto atípico, contexto crítico e contexto isolado, conforme explicitado no quadro a seguir:

Quadro 1: *Cline* contextual proposto por Diewald (2006)

<i>Estágio</i>	<i>Contexto</i>	<i>Significado / Função</i>
I pré-condições de gramaticalização	contexto atípico	implicaturas conversacionais
II desencadeamento da gramaticalização	contexto crítico	opacidade múltipla
III reorganização e diferenciação	contexto isolado	polissêmico /heterossêmico

Fonte: Adaptado de Diewald (2006, p. 4).

O primeiro estágio de mudança diz respeito ao contexto atípico, fase em que se observa ambiguidade de natureza pragmático-discursiva a partir de implicaturas conversacionais. Nesse contexto, o ouvinte atribui um novo sentido a determinada construção, baseando-se no que entende ser a intenção do enunciador ao empregá-la. O contexto crítico, segundo estágio de mudança, corresponde à fase em que se observa além da ambiguidade de sentido, nova análise ao nível da estrutura, o que permite novas interpretações. Considera-se esta etapa a desencadeadora do processo de gramaticalização, ou construcionalização, consoante a perspectiva teórica adotada – LFCU. No terceiro estágio, contexto isolado, a construcionalização é consolidada, atestando-se a fixação de um novo uso. Desse modo, o novo sentido é isolado do sentido mais lexical.

Diewald (2006) reconhece, para além do que se apresenta no Quadro (1), um contexto originador da mudança, denominado típico ou fonte, o qual contempla os elementos linguísticos menos subjetivos, mais lexicais. Associam-se, neste trabalho, os distintos

posicionamentos sintáticos do objeto “com isso” ao *cline* contextual proposto por Diewald (2006), desse modo, temos: posposição a termo regente – contexto típico; anteposição a termo regente – contexto atípico; anteposição a termo regente e justaposição a conector canônico – contexto crítico; objeto posicionado à margem esquerda de orações, períodos e parágrafos sem adjunção a elemento conector (função conectora) – contexto isolado.

Sobre os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, destaca-se que os dados empíricos sincrônicos foram coletados do *Corpus NOW*, do *site Corpus do Português*, os diacrônicos, dos *corpora Tycho Brahe* e *Vercial*, acessados pelo *site Linguateca.pt*, totalizando 453 ocorrências. No primeiro, extraímos as cem primeiras ocorrências dada a extensão do *corpus*, nos demais, coletamos os dados em sua totalidade. Após o descarte dos dados duplicados e das ocorrências em que “com isso” cumpre função diferente da adverbial e da conectora (ex. objeto direto, complemento nominal e complemento circunstancial)³, a pesquisa toma por base o total de 229 ocorrências da sequência “com isso”.

Adota-se análise quantitativa e qualitativa (Lacerda, 2016; Lopes, 2022b) para interpretação dos dados e generalizações a partir da frequência dos usos. Dentre os fatores de análise observados no trabalho em desenvolvimento, pode-se mencionar: posição sintática do objeto “com isso” na unidade discursiva; presença de conector canônico justaposto a “com isso”; classificação do contexto de mudança com base no postulado de Diewald (2006); identificação do valor semântico assumido na função de conector.

³ Tais funções foram descartadas com base no entendimento de que o percurso de mudança para a função conectora de “com isso” parte da função adverbial deste objeto.

Análise de dados

Conforme enunciado, conjectura-se neste trabalho que “com isso” na função adverbial passou por mudanças no decorrer do tempo que corroboraram sua atuação na função conectora. Tais mudanças dizem respeito a um rearranjo sintático do objeto em foco. Nesta seção, evidenciamos a análise de algumas ocorrências considerando o *cline* contextual proposto por Diewald (2006), a começar pelo contexto típico, o qual abarca o uso que antecede a mudança.

Contexto típico

O contexto típico representa a fase em que os elementos linguísticos são mais lexicais, mais composicionais. Nesse estágio, “com isso” posiciona-se à direita do verbo ao qual se refere, seguindo a ordem direta reconhecida na gramática – sujeito / verbo / complemento. Desse modo, encontra-se mais vinculado com o termo subordinador. Vejamos ocorrências pertencentes a esse contexto como ilustração:

3) Recebi sete cartas vossas de 26 e de 29 e de derradeiro de maio passado, as seis delas escritas por vossa mão, e em uma delas algumas partes em cifra, e a outra por Manuel de Moura; e por elas me destes conta de todo o que até então tinheis feito e passado, e assim compridamente que recebi **com isso** muito prazer. (*Tycho Brahe* – século XVI - DJoao3-Cartas,_D_João_III-46259).

4) ‘-- E não receia as consequências dessa afronta à minha honra? ‘-- Não, senhor. ‘- Estou em sua casa...’ - Que quer dizer **com isso**? ‘- Não quero dizer nada... Encontraremos...’ (*Vercial* – século XIX – ‘A_Filha_do_Arcediágo Prosa: romance CCB 1854 romantismo masc’).

Em (3) e (4) “com isso” está posicionado imediatamente após seu subordinador, os verbos “recebi” e “dizer”, respectivamente,

cumprindo a função de adjunto adverbial. Assim, o objeto apresenta-se mais vinculado sintática e semanticamente ao elemento que ele modifica, tratando-se de um uso mais canônico no que diz respeito à ordem dos constituintes (sujeito/verbo/termo acessório). Segundo o subprincípio da proximidade (ou integração), “os conceitos mais integrados no plano cognitivo se apresentam com maior grau de ligação morfossintática” (Cunha; Bispo, 2013, p. 62), ou seja, a proximidade dos conteúdos está diretamente relacionada à integração cognitiva. Defendemos que esse uso mais amalgamado dá origem aos outros contextos em que “com isso” se apresenta à margem esquerda do termo subordinador. A vinculação se torna mais frouxa à medida que o objeto investigado se distancia do elemento a que se refere.

Contexto atípico

No contexto atípico, “com isso” se antepõe ao termo subordinador, ocupando a margem esquerda desse elemento. Possivelmente, esta ordem se dá em função de uma estratégia do enunciador de focalizar a informação que considera mais relevante. Há nesse estágio menor vinculação sintática e semântica entre “com isso” e o elemento a que se refere se comparado ao contexto típico, tendo em vista que o rompimento da ordem natural dos constituintes (sujeito/verbo/complemento) torna o elo mais frouxo. Embora Diewald (2006) aponte que nesse estágio se observa ambiguidade semântica, não se verificam usos ambíguos nas ocorrências analisadas de “com isso”. Consideramos que a anteposição do objeto investigado ao termo regente corresponde ao contexto atípico a partir do entendimento de que essa etapa corrobora para o seu posterior uso no âmbito da conexão. Trata-se de um contexto pouco frequente com base nos dados levantados, não sendo identificado nos séculos XV, XVII e XXI. Vejamos duas ocorrências pertencentes a esse contexto:

5) Deixou conde dAtouguia e nam quis ser regedor deixou rendas, fidalguia, honras, privança, valia, por servir Nosso Senhor; e quem bem quiser olhar he muito pouco deixar por Deos quanto caa se alcança pois ha bem aventuraça **com isso** pode alcançar (*Vercial*–século XVI –‘Livro_das_Obras Prosa:historia GR 1545 masc’).

6) Hei-de mostrar-lhe outra, depois, que o Sr. Marquês se dignou escrever-me. - Eu não me persuado que o senhor tivesse relações com meu pai... - Quer **com isso** dizer-me que mintos... Vejo que v. Ex^a é teimoso por índole, e não por educação... (*Vercial* – século XIX – ‘Mistérios_de_Lisboa_I Prosa:romance CCB 1854 romantismo masc’).

Em (05), “com isso” posiciona-se à margem esquerda da locução verbal “pode alcançar”, expressão a qual se refere. O enunciador discorre sobre algumas renúncias, como rendas, honras, fidalguia, feitas por um Frei em prol de servir a Deus, asseverando, na sequência, que se privar de tais coisas por Deus é pouco, pois a bem-aventurança com isso pode alcançar. O enunciador, por meio da anteposição, dá relevo ao meio pelo qual se pode alcançar a bem-aventurança e não a possibilidade de alcançá-la. Em (06), verifica-se “com isso” anteposto ao verbo dizer, termo regente. O foco do enunciador recai sobre o meio pelo qual algo é dito, a ação de dizer, por sua vez, é posta em segundo plano. De acordo com o princípio de ordenação linear “informações mais relevantes tendem a ocupar posição inicial na cadeia sintática” (Oliveira, 2022, p. 75). A vinculação ao elemento subordinador em termos sintáticos e semânticos no contexto atípico é maior que o nível de vinculação observado no contexto que segue, denominado crítico.

Contexto crítico

O contexto crítico, segundo Diewald (2006), é caracterizado por mudança semântica e mudança ao nível da estrutura. Nesse estágio, “com isso” além de se antepor ao termo subordinador, se adjunge a um conector. Assumimos que a constante adjunção a elementos conectores contribui para que o objeto em foco passe a

exercer tal função. Assim, por meio de processos metonímicos, “com isso” herda traços dos conectores que acompanham. O objeto sob análise apresenta funções difusas nessa fase, uma vez, que embora atue como adjunto adverbial, observa-se nuances da função conectora. Seguem ocorrências como ilustração:

7) Quando o papa Pio Quinto quis fazer liga com alguns cristãos contra o grão-turco Selim Segundo, que vitorioso com a conquista de Chipre ameaçava Itália, e os mais reinos da cristandade, escreveu a El-rei Dom Sebastião, pedindo-lhe entrasse na liga, porque **com isso** só tinha grande esperança do bom sucesso pelo valor dos portugueses, e prática militar que tinham da guerra dos turcos; e para mover a El-rei, o advertia ser notório o zelo que sua majestade tinha de dilatar a fé [...] (*Tycho Brahe, AntBra-Monarchia Lusitana-21718 – XVI*).

8) O ministro disse ainda esperar que o ‘investimento privado chinês possa de facto ajudar a alavancar a nossa economia, a desenvolver infraestruturas e **com isso** criar condições’. (*Corpus Now – século XXI*. Disponível em: <https://ptjornal.com/angola-quer-mais-investimento-privado-e-diversificacao-no-comercio-com-a-china-ministro-do-comercio-451548>. Acesso em: 26 out. 2023).

Em (07), temos um dado pertencente ao século XVI, em que “com isso” justapõe-se à conjunção “porque”, posicionando-se à margem esquerda do elemento subordinador, o verbo “ter” - **porque com isso** só tinha grande esperança. O objeto sob análise aproxima-se da posição de conector, mas ainda sem autonomia e com traços mais adverbiais, apresentando funções difusas. Em (08), “com isso” adjunge-se à conjunção aditiva “e” sinalizando, juntamente com esta, valor consecutivo entre a unidade discursiva anterior e a posterior a seu uso. Como causa temos a expectativa de determinado ministro de que o investimento privado chinês possa ajudar a alavancar a economia, a desenvolver infraestruturas, como consequência, a criação de condições. A vinculação entre “com isso” e o termo regente, nesses casos, é mais frouxa. Convém

destacar que, dentre os elementos de conexão aos quais “com isso” se justapõe, a conjunção aditiva “e” é mais frequente.

Feitas as considerações sobre o contexto crítico, o qual é considerado o desencadeador do processo de mudança, apresentamos, na sequência, o estágio em que se atesta a fixação de um novo uso, o contexto isolado.

Contexto isolado

O contexto isolado corresponde à fase em que a criação de um novo pareamento forma-significado é consolidada. Nesse estágio, “com isso” assume a função de conector, posicionando-se à margem esquerda de orações, períodos e parágrafos sem se justapor a elemento de conexão, apresentando, desse modo, maior autonomia. O objeto sob análise passa a se referir a uma porção textual mais ampla e não somente a um item ou expressão. Na função de conector, sinaliza, entre as unidades de informação que antecedem e sucedem seu uso, os sentidos de tempo e consequência, já evidenciados na introdução deste capítulo, e de conclusão e elaboração, ilustrados nas ocorrências que seguem:

9) Coitada de mi, a mi se tornam todas as culpas. Mas os homens que desprezam os conselhos de suas mulheres caem nestes erros, como se elas nam tivessem razão como eles; então aos erros das coitadas nam há desculpas, os seus tem trinta mil. Minhas contas eram boas, fazia-o por tais respeitos. Quem havia de cuidar se me isso a mi parecera? **Com isso** passam e querem que as mulheres nam tenham juízo nem entendimento, e que nam vejam o que vem, e que nam entendam [137] o que entendem. (*Tycho Brahe* -século XVI - AntFer-Teatro, _Antônio_Ferreira-52709).

10) "Há já alguns anos que nos dedicamos a reabilitar imóveis históricos que estavam degradados, dando-lhes uma nova utilização e uma nova vida. **Com isso**, queremos contribuir para manter a nossa história e valorizar o nosso património, porque o futuro do turismo e do país dependem disso, do que nos diferencia. (*Corpus*

Now – século XXI. Disponível em: <https://www.oturismo.pt/hoteis/40734-vila-gale-abre-mais-um-collection-hotel-em-elvas.html>. Acesso em: 27 set. 2023).

Em (09), verifica-se que “com isso” se apresenta no início de um período, retomando períodos anteriores. No excerto, determinada personagem evidencia seu ponto de vista sobre a diferença de tratamento dos homens em relação aos erros que cometem e aos erros cometidos por suas mulheres. Na unidade discursiva que antecede o uso de “com isso”, a personagem aponta que para as mulheres recai a culpa dos erros, enquanto para os erros dos homens há inúmeras desculpas, em seguida, posterior ao uso do objeto em foco, menciona que com isso passam, e querem que as mulheres não tenham juízo, nem entendimento, e que não vejam o que veem, e que não entendam o que entendem. Considera-se que o conector nesse caso veicula valor conclusivo por corresponder à perspectiva do enunciador sobre algo observado no mundo em conformidade com a modalidade epistêmica postulada por Sweetser (1990). Assumimos, tal como feito em Silva (2022), com base em Marques e Pezzati (2015), que o sentido conclusivo envolve uma premissa implícita. Infere-se no trecho em questão que os homens consideram os erros das mulheres maiores que os deles e que não valorizam as suas percepções.

Em (10), o período encabeçado pelo conector “com isso” indica o valor de elaboração entre as unidades discursivas que conecta, uma vez que traz uma justificativa para a ação de reabilitar imóveis históricos, asseverada no período precedente. Adotamos o termo elaboração com base em Halliday (2004, p. 396)⁴, para quem, no nível de articulação denominado parataxe de expansão por elaboração, uma cláusula elabora o significado de outra, especificando-a ou descrevendo-a melhor. Na função de conector

⁴ In **elaboration**, one clause elaborates on the meaning of another by further specifying or describing it (Halliday, 2004, p. 396).

elaborativo, não se observa introdução de conteúdo de natureza nova, mas a continuidade do assunto tratado em forma de justificativa, esclarecimento ou exemplificação. Apresentados os estágios percorridos por “com isso” no caminho de mudança para a função conectora, vejamos a seguir tabela com a produtividade dos dados por contexto:

Tabela 1: Produtividade dos dados por contexto

	Contexto típico	Contexto atípico	Contexto crítico	Contexto isolado
XV	-	-	-	-
XVI	12	2	10	3
XVII	3	-	19	2
XVIII	4	2	2	2
XIX	64	2	16	8
XX	2	1	5	-
XXI	5	-	6	59
Total:	90	7	58	74
				Total geral: 229

Fonte: Elabora

Como se pode observar na Tabela (1), o contexto atípico é pouco frequente. Quando anteposto ao termo regente, em geral, “com isso” é atraído por um elemento conector (contexto crítico). No século XXI, observa-se aumento significativo da função conectora (contexto isolado), nenhuma ocorrência pertencente ao contexto atípico e baixa frequência do contexto crítico, como se o falante passasse a reservar a anteposição de “com isso” à função de conector. Os primeiros usos conectores de “com isso” datam do século XVI, duas ocorrências sinalizam o sentido de tempo e uma, aqui apresentada como ocorrência (09), veicula sentido de conclusão.

Considerações finais

A partir da análise das ocorrências ao longo dos séculos, conclui-se que o objeto “com isso”, na função de adjunto adverbial passa por um um rearranjo sintático que favorece seu uso em uma

nova função, a de conector, bem como a manifestação de novos sentidos. Os distintos posicionamentos sintáticos flagrados nas ocorrências investigadas, associados ao *cline* contextual de Diewald (2006), nos apontam um caminho de mudança que vai da maior vinculação do objeto ao termo regente (contexto típico) a uma vinculação mais frouxa com os constituintes (contexto isolado), passando por um nível mediano de vinculação (contextos atípico e crítico). Até o século XX, a função adverbial é predominante. No século XXI observa-se aumento considerável da função conectora e baixa frequência do objeto “com isso” na função de adjunto adverbial, o que representa um indício da convencionalização de “com isso” na função de conector. Prossegue-se na investigação a fim de refinar as análises, descrever com propriedade a rota de mudança e aprofundar o estudo dos contextos e dos sentidos veiculados pelo objeto em foco, verificando, entre outros fatores, se o sentido de tempo é, de fato, fonte para os demais.

Referências

CROFT, W. *Radical Construction Grammar, syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*. Düsseldorf, 2006. Disponível em: <www.constructions-online.de/0009-4-6860>. Acesso em: 26 abr. 2023.

CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do GELNE*, Natal/RN, v. 15 Número Especial, vol 15, n.1/2, p. 53-78, 2013.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at Work. The Nature of Generalization in Language*. New York: Oxford University Press, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. Ed. Londres: Hodder Arnold, 2004.

HEINE, B; CLAUDI, U; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, p. 83-101, 2016.

LOPES, M. G. Relações Coesivas e semânticas das construções conectoras [PREP isso]conect à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. 2019, 29 f. *Projeto de Pesquisa*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense.

LOPES, M. G. A construção [Xprep isso] no português. In: HAN, L; DEFENDI, C. L.; XAVIER, L. G; LIMA-HERANDES; M. C.; VICENTE, R. B.; ZHANG, X. *Cognição, Língua, Cultura e Tradução*. Um diálogo sem fronteiras e interdisciplinar. Macau: Universidade Politécnica de Macau, 2022a, p. 126-155.

LOPES, M. G. Procedimentos metodológicos na análise de dados sincrônicos. In: ROSÁRIO, I. da C. (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: EDUFF, 2022b, p. 201-232.

LOPES, M. G.; MOURA, S. C. As construções conectoras [com isso] e [como se não bastasse (x)] na promoção da coesão híbrida: um estudo centrado no uso. *Soletas: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN*, nº 41, jan. – jun., p. 189-215, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletas/article/view/55575>. Acesso em: 25 abr. 2023.

MARQUES, N. B. N. & PEZATTI, E. G. *A relação conclusiva na língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência* [Recurso eletrônico]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

OLIVEIRA, M. R. Arbitrariedade e iconicidade. (Inter)subjetividade. Metáfora e metonímia. In: ROSÁRIO, I. da C. (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: EDUFF, 2022, p. 69-94.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. On-line)*, v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>. Acesso em: 25 set. 2023.

SILVA, S. J. *Relações coesivas e valores semânticos da construção conectora [com isso] à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2022. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2022).

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Peking: Peking University, 1990.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais (Constructionalization and constructional changes)*. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021 [2013].

PARTE 2
ESTUDOS EM METÁFORA

COVID-19 É GUERRA: UMA ANÁLISE DAS METÁFORAS BÉLICAS NAS MANCHETES DE JORNAIS BRASILEIROS E PORTUGUESES EM TEMPOS DE COVID-19

Beatriz de Oliveira Alves¹

Introdução

Com o surgimento da pandemia do coronavírus, os veículos de comunicação passaram a se ocupar da divulgação dos eventos relacionados a essa enfermidade. Diante da relevância e da urgência dessa divulgação, as notícias foram essenciais para orientar a população. Em uma primeira leitura, especialmente, das manchetes publicadas, observou-se que o cenário da doença era apresentado a partir de uma perspectiva bélica, evocada por meio do uso da metáfora de GUERRA.

Essa associação entre doença e guerra na linguagem ocorre porque o significado se dá através das bases cognitivas do ser humano, o que faz com que a comunicação seja partilhada social e cognitivamente. É nesse universo que as metáforas conceptuais e os *frames* são acionados e utilizados para tratar do cenário pandêmico.

Relação entre linguística cultural e linguística cognitiva

A Linguística Cultural entende que a linguagem humana é vista e compreendida como “um sistema fundamentado globalmente na cultura e na vida social, determinando a

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof. Dra. Solange Coelho Vereza. Bolsista CNPq. E-mail: bia_olives@yahoo.com.br; Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-1295-6499>.

comunicação intra e intercultural” (Batoréo, 2015, p. 6). Essa ciência investiga as relações possíveis entre linguagem e cultura, considerando que a língua passa por uma construção humana, se relaciona e faz parte da cultura de um povo e que, em função dessas conexões, pode-se facilmente construir a tríade pensamento - língua - cultura, apresentada por Ferrarezi e Basso (2013), em *Semântica, semânticas*, conforme Figura 1.

Figura 1: Semântica Cultural



Fonte: Ferrarezi e Basso (2013, p. 75).

Na representação acima, pode-se verificar que o pensamento e a cultura influenciam a língua:

[...] a língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressão adequadas em todas situações imagináveis. [...] Trata-se de uma relação indissociável, uma interinfluência: nosso pensamento, nossa cultura já estabelecida e a língua que falamos (Ferrarezi; Basso, 2013, p. 75).

Com base no exposto, pode-se dizer que a Linguística Cultural envolve uma concepção de mundo para além da língua em si. As experiências, a cognição, a relação entre o indivíduo e o social são pontos importantes para se entender o funcionamento da linguagem, uma vez que “a língua faz parte da cultura e a cultura faz parte da língua. As duas são inseparáveis” (Janda, 2008, p. 1).

A Linguística Cognitiva (doravante LC), por sua vez, se baseia na interrelação entre as formas linguísticas e os aspectos sociocognitivos da linguagem:

A Linguística Cognitiva adota uma perspectiva não modular, que prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, bem como a interação entre módulos da linguagem, mais especificamente entre estrutura linguística e conteúdo conceptual. [...] A Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é medida pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado (Ferrari, 2011, p. 14).

Assim, a LC rompe com a perspectiva modular da mente proposta pelo gerativismo e constrói a relação entre linguagem e cognição, que promove a conexão entre o conhecimento e a experiência humana no mundo. Fica claro, portanto, que essa ciência pode ser vista como uma área de conhecimento que aborda a linguagem como parte integrante da cognição humana, que, por sua vez, é situada, ou seja, corporificada e socioculturalmente amparada.

Entendendo que a LC está interligada ao campo da Linguística Cultural, pode-se inferir que o viés cognitivo é um meio bastante importante e facilitador na compreensão das línguas em sua base experientialista, visto que:

[...] a Linguística Cognitiva reconhece o conhecimento experiential, linguístico e cultural que rendem uma abordagem coerente em que o estudo dos fenômenos linguísticos é de fato o estudo dos fenômenos culturais, pois os dois são inseparáveis (Janda, 2008, p. 3).

A teoria da metáfora conceptual

A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) foi introduzida por Lakoff e Johnson (1980, 2002), na obra seminal *Metaphors we live by*. Nessa obra, os autores lançam e desenvolvem a visão de que a

metáfora não seria apenas uma figura de linguagem, um recurso estilístico, mas uma forma de conceptualizar a experiência humana, estando “infiltrada na vida e na linguagem cotidiana” (Lakoff; Johnson, 1980 [2002], p. 45).

Lakoff e Johnson (1980 [2002]) defendem a ideia de que o sistema conceptual não rege apenas o pensamento, mas, também, as ações por ele amparadas cognitivamente. A metáfora, de natureza experiencialista, seria parte importante desse sistema conceptual, segundo Lakoff e Johnson 1980 [2002],

A metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras. [...] Pelo contrário, os processos do pensamento são em grande parte metafóricos. Isso é o que queremos dizer quando afirmamos que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. As metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual de cada um de nós. Assim, quando falarmos sobre metáforas, tais como DISCUSSÃO É GUERRA, deverá ser entendido que metáfora significa conceito metafórico (Lakoff; Johnson, 2002, p. 48).

Logo, na metáfora conceptual, a conceptualização da experiência se dá por meio de projeções de aspectos do domínio-fonte para o domínio-alvo, o que permite compreender que os elementos são mapeados do nível mais concreto para o mais abstrato. Esse processo se daria no âmbito do pensamento, e as expressões linguísticas metafóricas seriam instanciações de metáforas conceptuais subjacentes.

Segundo a TMC, a metáfora conceptual é estruturada através das experiências humanas, ou seja, considera-se, com base nos estudos de Lakoff e Johnson (2002, p. 48), a maneira de “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”, por meio do mapeamento ou cruzamento entre domínios.

“COVID-19 É GUERRA”

Como mencionado anteriormente, a metáfora conceptual é estruturada por meio das experiências humanas (tanto físicas quanto culturais) e sua compreensão se dá pelos mapeamentos entre domínios. No que diz respeito aos mapeamentos que emergem do domínio-fonte GUERRA, Carvalho (2010) afirma que:

As etapas da guerra caracterizam os momentos e processos de armação bélicos para uma disputa que se arma com o propósito de vencer o inimigo. [...] durante esse período passou a ser conceptualizado e explicitamente referido como um ‘ato de guerra’, através da presença de marcas linguísticas que propiciam implicações da metáfora [...] O ACONTECIMENTO / EVENTO “X” É UM ATO DE GUERRA, é central na construção de um enquadramento conceptual de guerra. Essa metáfora desencadeia na população do Estado um sentimento de união entre seus cidadãos e dirigentes caracterizados pelo efeito de persuasão que esse tropo nos traz (Carvalho, 2010, p. 11).

Portanto, neste estudo, será considerado o domínio fonte GUERRA e o domínio alvo “doença - COVID-19”.

Quadro 1: Mapeamentos de “COVID-19 É GUERRA”

Domínio-fonte GUERRA	Domínio-alvo COVID 19
Soldados/combatentes	Profissionais de saúde
Perdedores/vencedores	População em geral
Inimigo	Covid-19
Batalha	Combate à pandemia/à doença
Vitória na guerra	Recuperação da doença/término da pandemia
armas	Vacinas; máscaras; práticas sanitárias
Baixas de guerra	Óbitos
Estratégias de guerra	Isolamento; práticas higienização; hospitalização

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Vereza (2020, p. 69).

Os mapeamentos acima demonstram que a metáfora COVID-19 É GUERRA é estruturada a partir da metáfora conceptual DOENÇA É GUERRA. Isso ocorre devido à experiência que as pessoas possuem em relação à compreensão do sentido de guerra; por exemplo, assim como soldados lutam pelos interesses da sua nação, os médicos buscam diversas alternativas para lutar contra a doença. A população, por sua vez, pode sair vitoriosa, ou não, dessa guerra, uma vez que a COVID-19 foi fatal para muitos.

Além disso, estratégias são desenvolvidas para findar uma guerra e, no contexto da COVID-19, o incentivo à vacinação pode ser considerado uma forma de ajudar a diminuir o número de mortes provocadas pela doença. Segundo Vereza (2020, p. 62):

Quando a epidemia se espalha e atinge o mundo como um todo, tornando-se uma pandemia, a guerra adquire dimensão global e todas as nações, cada qual com suas estratégias, armas e recursos, passam a lutar contra um único inimigo.

Dessa forma, as experiências humanas com GUERRA são mapeadas para o domínio da DOENÇA, gerando uma maneira de se pensar, de se falar e até mesmo de agir (Lakoff; Johnson, 1980, 2002) sobre doenças em geral e, mais especificamente, sobre a COVID 19. De acordo com Janda (2008, p. 3):

O reconhecimento do papel penetrante da metáfora também fortalece o vínculo entre língua e cultura, uma vez que ambas utilizam a metáfora para elaborar conteúdo. A inclusão do conhecimento 'extralinguístico' nas categorias linguísticas integra a língua e a cultura ao reconhecer que o conhecimento cultural está realmente embutido nas categorias linguísticas. [...] A linguística Cognitiva nos encoraja a focar nos valores específicos da linguagem e seus paralelos específicos da cultura.

Cognição e modelos culturais no combate à Covid-19

Os modelos culturais tratam de modo geral da relação existente entre linguagem, cultura e cognição; e sua base teórica teve grandes contribuições. Segundo Feltes (2018), uma delas foi desenvolvida por Bennardo e Munck (2014, p. 194):

Modelos culturais são representações ou configurações mentais de conteúdo cultural minimamente saliente, compartilhadas por membros de uma cultura, as quais funcionam no sentido de dar sentido e interpretar inputs sensoriais, assim como produzir e dar formas a comportamentos intencionais e comunicativos. [...] Modelos culturais são utilizados para ler intenções, atitudes, emoções e contexto social. [...] são tipicamente flexíveis e fluidos.

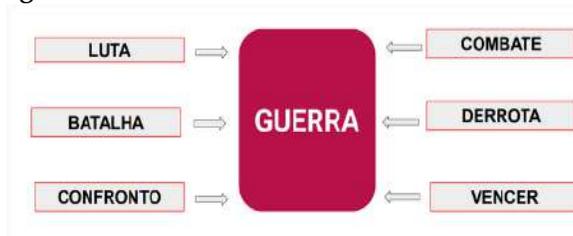
Já D'Andrade (1987, p. 112) define modelo cultural como: “um esquema cognitivo que é intersubjetivamente compartilhado por um grupo social”, e Strauss (2014), ao concordar, irá ao encontro do pensamento de D'Andrade, pois compreende modelos culturais através da noção de esquemas.

Para a antropóloga, esquemas culturais derivam de experiências compartilhadas, aprendidas; do que é experienciado pessoalmente por vários membros de um grupo ou daquilo que é comunicado entre eles. Esses esquemas são modelos locais de como operam os mundos natural, sobrenatural, interpessoal e sociopolítico mais amplos (Feltes, 2018, p. 196).

Dessa maneira, entende-se que os modelos culturais organizam o pensamento e o conhecimento cultural adquirido e compartilhado nas interações e nas experiências entre as pessoas. Assim, os processos cognitivos permitem que o ser humano seja capaz de interpretar percepções e situações, de compreender o comportamento comunicacional e as ações provenientes de sua ativação na memória; e, dessa forma, conseguir reestruturar o significado do uso na linguagem.

Portanto, a interface entre os aspectos cognitivos e os modelos culturais permite que haja a construção e o contato entre as culturas que podem ser associadas e entendidas com o uso das metáforas e com o acionamento dos *frames*², que permitem essa relação de sentido.

Figura 2: Possíveis frames em COVID-19 É GUERRA



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Análise preliminar de manchetes

(1) Guerra da vacina



Fonte: Site *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-16/guerra-da-vacina-se-acirra-e-butantan-cobra-cota-de-sao-paulo-antes-de-entregar-doses-coronavac-a-ministerio-da-saude.html>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Na manchete (1), publicada pelo jornal *El País* edição Brasil, em 15/01/2021, identifica-se a disputa conturbada no esquema vacinal, que prejudicou a população devido ao atraso do envio de doses para a vacinação de todos. Na notícia em questão, o governo

² “Um frame é qualquer sistema de conceitos relacionados de tal maneira que, para entender qualquer um deles, é preciso entender a estrutura que os comporta como um todo” (Fillmore, 1977, p. 11).

de São Paulo cobrou a entrega das doses de vacina do Butantan, enquanto o Instituto informou que só passaria as doses quando fosse informada a quantidade que ficaria em estoque no Estado. Com isso, se instaurou uma “briga” entre o governo estadual e o Butantan, que atrasou a vacinação; e, devido à falta de logística, nessa “guerra da vacina”, a população foi a parte mais prejudicada.

(2) “Guerra Fria” das vacinas da Covid-19



Fonte: Site Público. Disponível em: www.publico.pt/2020/11/11/ciencia/noticia/vacin-as-covid19-estao-chegar-comeca-guerra-fria-1938862. Acesso em: 23 ago. 2021.

Na manchete (2), retirada do jornal português *Público*, publicado em 11/11/2020, o termo “guerra das vacinas” foi utilizado como comparação direta ao momento histórico e marcante que o mundo conheceu - a Guerra Fria. Esse evento foi conhecido como um grande conflito ocorrido durante a segunda metade do século XX, responsável pela polarização do mundo e pela tensão entre Estados Unidos da América e União Soviética, em uma disputa geopolítica que impactou o mundo de diversas maneiras. Ao caracterizar e comparar a “guerra das vacinas” como uma “guerra fria”, a manchete demonstra que a maneira metaforizada de abordar a situação relaciona a briga geopolítica da época da Guerra Fria com o cenário da Covid-19. O elemento comum parece ser o fato de que a produção e a comercialização das vacinas, que deveria ter sido uma ocasião de responsabilidade e de ajuda a todas as pessoas, tornou-se um momento em que interesses políticos, ideológicos e pessoais de alguns governantes foram privilegiados.

(3) Líder da luta contra a Covid-19

Líder da luta contra a Covid-19 nos EUA e crítico de Trump, Anthony Fauci deixará de ser assessor de Biden

Fonte: Site G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/08/22/lider-da-luta-contr-a-covid-19-nos-eua-e-critico-de-trump-anthony-fauci-deixara-de-ser-assessor-de-biden.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Na manchete (3), publicada pelo G1 em 22/08/2022, o uso metafórico da expressão “líder da luta contra a Covid-19” caracteriza o médico que ganhou destaque no período da Covid-19. Anthony Fauci ficou conhecido no período da pandemia como um importante nome na ciência e principal autoridade dos EUA, no âmbito da saúde, para o enfrentamento do coronavírus. Ele confrontou diretamente o presidente à época, Donald Trump, nos primeiros anos da pandemia, quando Trump negava os pedidos médicos acerca das medidas de proteção como forma de combate à Covid-19.

(4) Glória Menezes vence batalha contra a Covid-19

Início • Intervalo • Ator Glória Menezes vence batalha contra a Covid-19 e recebe alta médica

Atriz Glória Menezes vence batalha contra a Covid-19 e recebe alta médica

Adriell Arvelino 16 de agosto de 2021 Deixe um comentário Compartilhar



Internada desde 6 de agosto para tratamento contra a Covid-19, a atriz Glória Menezes, 86 anos, recebeu alta nesta segunda-feira (16). Foram dez dias sob cuidados médicos. O seu estado de saúde não foi agravado pela doença.

Já o marido, o ator Tarcísio Meira, não resistiu às complicações decorrentes da Covid-19 e morreu, aos 85 anos, na última quinta (12). O artista estava em tratamento no Hospital Albert Einstein, em São Paulo.

Anúncio fechado pela CJITEO

Cancelar este anúncio

Ad choices

Fonte: Site *Jornal Cidade*. Disponível em: <https://www.jornalcidade.net/rc/atriz-gloria-menezes-vence-batalha-contr-a-covid-19-e-recebe-alta-medica/188037/>.

Acesso em: 23 ago. 2021.

A publicação brasileira, feita pelo *Jornal Cidade* em 16/08/2021, noticiou que a atriz Glória Menezes havia sido internada após contrair a doença. Depois de um tempo, teve alta médica e ficou curada, ou seja, Glória conseguiu sair vitoriosa dessa batalha, diferentemente do seu marido, o ator Tarcísio Meira, que infelizmente teve complicações decorrentes da doença e faleceu (uma “baixa” na guerra contra a COVID-19).

(5) Vacinação e o confronto político

CORONAVÍRUS

Covid-19: no Brasil, a vacinação é só mais um capítulo do confronto político

Bolsonaro chegou a festejar a suspensão dos testes clínicos e afirmou que não irá vacinar-se. Agora, entrou numa corrida contra o governador de São Paulo pela vacina, e por VOTOS.

João Ruela Ribeiro

13 de Janeiro de 2021, 7:00

Receber alertas

Fonte: Site *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/01/13/mundo/noticia/covid19-brasil-vacinacao-so-capitulo-confronto-politico-1946027>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Na manchete (5), publicada pelo jornal português *Público*, em 09/05/2020, o conceito de batalha é visto por uma ótica preocupante, pois demonstra que, mesmo com a chegada da vacina, o momento foi marcado por brigas políticas que afetaram a população de forma negativa. Ou seja, na guerra contra COVID-19, houve também outro tipo de confronto: o político.

(6) Como combater o inimigo?



Como combater o inimigo epidémico invisível e vencer? | Coronavírus

31 de mar. de 2020 ... Em destaque. Aborto · EUA · Saúde · Guerra na Ucrânia · Covid-19 · Exames nacionais 2022 · Opinião · Podcasts · Investigação PÚBLICO.

Fonte: Site *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/31/ciencia/noticia/combater-inimigo-epidemico-invisivel-vencer-1910227>. Acesso em: 23 ago. 2021.

No cenário de “combate à Covid-19”, temos a manchete (6), publicada também pelo jornal português *Público*, postado em 31/03/2020. Aqui é possível observar que o uso metafórico se dá através de uma pergunta que permite que o leitor, ao se deparar com a indagação, seja capaz de encontrar meios e formas para enfrentar a doença e de sair dela de maneira positiva, ou seja, vencendo a guerra contra a doença.

(7) Vacina para derrotar pandemia

CORONAVÍRUS

Covid-19: OMS alerta que “vacina por si só não será suficiente” para derrotar pandemia

A chegada de uma vacina não vai significar o fim da luta contra o vírus: “Irá, se tudo correr bem, reduzir o número de mortes e fazer com que os sistemas de saúde consigam enfrentar [a doença], mas o vírus ainda tem muito espaço de manobra”, alerta Tedros Adhanom Ghebreyesus.

Luta o PÚBLICO

16 de Novembro de 2020, 15:23

Receber alertas

Fonte: Site *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/11/16/ciencia/noticia/covid19-oms-alerta-vacina-so-nao-sera-suficiente-derrotar-pandemia-1939406>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Nesta publicação, feita pelo jornal português *Público* em 16/11/2020, é possível compreender que a chegada da vacina não seria suficiente para acabar com a doença, mesmo representando um grande e importante aparato para a redução de mortes pela Covid-19. Assim, o termo metaforizado no final da manchete, “derrotar pandemia”, refere-se à finalização da doença, ainda que não em sua totalidade, pois a chegada da vacina representaria uma forma de diminuição de casos e de redução de óbitos, mas não o fim da doença.

Considerações finais

A base cultural e cognitiva que rege este estudo, junto com o corpus escolhido, resulta em uma pesquisa que investiga os discursos circulantes, refletidos em forma de manchetes jornalísticas, que caracterizaram um momento marcadamente difícil da história. Através das breves análises feitas, foi possível verificar que as metáforas são importantes recursos linguístico-cognitivos que participam das múltiplas interações que fazem parte do cotidiano das pessoas.

As metáforas que foram analisadas permitem compreender como a mente humana é ativada e como ela é capaz de promover a interpretação comunicativa entre falantes de diferentes culturas, em função exatamente de terem sido construídas a partir de aspectos de cognição social. Ao tratar a língua como um sistema adaptativo complexo (Bybee, 2010), entende-se que ela própria sofre negociações e renegociações relacionadas ao grupo cultural. Da mesma forma, ao se tratar da cognição cultural como um fator de relação nessa compreensão, pode-se visualizar a língua como um evento dinâmico e capaz de promover a interação entre grupos diferentes, demonstrando a existência da relação entre aspectos culturais e cognitivos. Essa relação acontece porque os processos cognitivos e culturais são estimulados, permitindo à mente humana raciocinar através das analogias criadas. Essas analogias possibilitam ao indivíduo associar o contexto de guerra à pandemia

da Covid-19, visto que, vivenciada em todo o mundo, ela se configurou como uma circunstância que trouxe o medo, a insegurança e a busca por alternativas que pudessem acabar com o vírus.

Verifica-se, então, que a observação da relação entre o *corpus* escolhido, os *frames* encontrados, as Linguísticas Cultural e Cognitiva e as metáforas relacionadas à guerra para falar da COVID-19 joga luz sobre o papel da cognição social/cultural como um importante mecanismo para a conceptualização do combate contra a COVID-19 como uma guerra.

Referências

ARVOLEA, A. Atriz Glória Menezes vence batalha contra a Covid-19 e recebe alta médica. *Jornal Cidade*, Rio Claro, 2021. Não paginado. Disponível em: <https://www.jornalcidade.net/rc/atriz-gloria-menezes-vence-batalha-contr-a-covid-19-e-recebe-alta-medica/188037/> . Acesso em: 23 ago. 2021.

BARATA, C. Agora que as vacinas da covid-19 estão a chegar, começa a “Guerra Fria”. *Público*, Lisboa, 2020. Não paginado. Disponível em: www.publico.pt/2020/11/11/ciencia/noticia/vacinas-covid19-estao-chegar-comeca-guerra-fria-1938862 . Acesso em: 23 ago. 2021.

BATORÉO, H. Competência metafórica e a Linguística Cultural: exemplo de conceptualização das emoções em chinês e na cultura ocidental. *Revista Investigação*, Franca, v. 28, n. 2, p. 1-28, 2015.

BENNARDO, G.; MUNCK, V. C. *Cultural models: genesis, methods, and experiences*. New York: Oxford University Press, 2014.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CARVALHO, S. N. Metáfora e saúde: uma guerra metafórica na luta contra um Estado em epidemia. *Vernaculum*, Petrópolis, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2010.

COVID-19: OMS alerta que “vacina por si só não será suficiente” para derrotar pandemia. *Público*, Lisboa, 2020. Não paginado. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/11/16/ciencia/noticia/covid19-oms-alerta-vacina-so-nao-sera-suficiente-derrotar-pandemia-1939406> . Acesso em: 23 ago. 2021.

D’ANDRADE, R. A folk model of the mind. In: HOLLAND, D.; QUINN, N. *Cultural models in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 112-148.

FELTES, H. P. M. Modelos Culturais: teoria, estudos e métodos. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 18, n. 1, p. 193-213, 2018.

FERRAREZI, C. J.; BASSO, R. *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2020.

FILLMORE, C. J. Scenes and frames semantics. In: ZAMPOLLI, A. (ed.). *Linguistic structures processing*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1977, p. 55-82.

G1. GLOBO. Líder da luta contra a Covid-19 nos EUA e crítico de Trump, Anthony Fauci deixará de ser assessor de Biden. *G1*, Rio de Janeiro, 2022. Não paginado. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/08/22/lider-da-luta-contra-a-covid-19-nos-eua-e-critico-de-trump-anthony-fauci-deixara-de-ser-assessor-de-biden.ghtml> . Acesso em: 23 ago. 2021.

JANDA, L. From cognitive linguistics to cultural linguistics. *Slovo a mysl / Word & Sense*, Praha, v. 8, p. 48-68, 2008.

LAKOFF, G.; JOHNSON M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

PIRES, B. Guerra da vacina se acirra, e Butantan cobra cota de São Paulo antes de entregar doses da Coronavac. *El País*, São Paulo, 2021. Não paginado. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-16/guerra-da-vacina-se-acirra-e-butantan-cobra-cota-de-sao-paulo-antes-de-entregar-doses-coronavac-a-ministerio-da-saude.html> . Acesso em: 23 ago. 2021.

RIBEIRO, J. R. Covid-19: no Brasil, a vacinação é só mais um capítulo do confronto político. *Público*, Lisboa, 2021. Não paginado. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/01/13/mundo/noticia/covid19-brasil-vacinacao-so-capitulo-confronto-politico-1946027> . Acesso em: 23 ago. 2021.

ROZHNOVA, G.; NOGUEIRA, J.; FERREIRA, P. Como combater o inimigo epidémico invisível e vencer? *Público*, Lisboa, 2020. Não paginado. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/31/ciencia/noticia/combater-inimigo-epidemico-invisivel-vencer-1910227> . Acesso em: 23 ago. 2021.

STRAUSS, C. Language and culture in cognitive anthropology. In: SHARIFIAN, F. (ed.). *The Routledge handbook of language and culture*. New York: Routledge, 2014. p. 386-400.

VEREZA, S. A metáfora na linha de frente: mapeamentos de guerra na conceptualização da pandemia de covid-19. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 69, p. 52-89, 2020.

METÁFORA, METALINGUAGEM E INTENCIONALIDADE: UMA ANÁLISE COGNITIVO-DISCURSIVA

Leandro Leiroz Rodrigues de Azevedo¹

Introdução

Em minha tese de doutorado (em andamento), abordo os recursos que visam a ressaltar o caráter metafórico (ou metaforicidade) das expressões metafóricas. Entre os recursos mais empregados, encontram-se os jogos de palavras – os quais, muitas vezes, se apoiam em metáforas. Um tipo específico de jogo de palavras consiste em empregar as expressões metafóricas de modo literal em uma ação metalinguística supostamente deliberada. Ao fazer um uso metalinguístico de seu idioma, o falante demonstra uma habilidade de olhar analiticamente para a língua em uso.

Neste artigo, defendo a ideia de que o falante, ao ser exposto a análises metalinguísticas – sobretudo na escola –, torna-se mais apto a usar a metalinguagem de forma mais complexa – o que não significa que indivíduos pouco ou não escolarizados não consigam empregar jogos de palavras em seu discurso. Mostro, ainda, a forma como a metáfora é apresentada aos alunos do Ensino Médio e aos alunos de língua estrangeira (LE). Abordo, por fim, as noções de metáfora segundo o conhecimento enciclopédico e de acordo com a gramática tradicional, além de suas implicações para o uso da metáfora no discurso.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, bolsista da CAPES, sob a orientação da Profa. Dra. Solange Coelho Vereza. Email: leandroleiroz@id.uff.br

A metáfora no cotidiano

A metáfora consiste em um importante recurso linguístico empregado com uma frequência muito maior do que pressupõe o senso comum. Se, de um lado, existe uma visão tradicional da metáfora, que a entende apenas como uma ferramenta estilística usada para adornar textos – sobretudo os literários –, de outro lado, tem-se a visão cognitivista da metáfora, que a compreende como uma marca linguística ou evidência de um pensamento metafórico. Assim, pode-se afirmar, seguindo os postulados da linguística cognitiva – principalmente os de Lakoff e Johnson (1980) –, que o pensamento humano se organiza, em parte, por meio de metáforas – às quais chamamos metáforas conceituais. A partir do pensamento metafórico, surgem na fala as chamadas expressões metafóricas, que são, portanto, materializações de algo abstrato que existe no plano da cognição.

O reforço da metaforicidade e sua intencionalidade

Um uso peculiar da metáfora é aquele em que o falante emprega uma determinada expressão metafórica conhecida (isto é, partilhada entre os falantes e já enraizada na língua) de tal modo a realçar, deliberadamente ou não, sua metaforicidade. Chamo a esse fenômeno de *reforço da metaforicidade*.

A título de exemplo, observe-se o pôster reproduzido na imagem acima, no qual se vê uma campanha elaborada pela MetrôRio visando à conscientização dos passageiros quanto à importância de não estimular o comércio ambulante nos vagões. No cartaz, lê-se: “Não **compre essa ideia**. É proibido comércio ambulante no metrô” (grifo meu).

Figura 1: Cartaz de concessionária afixado em vagão de metrô



Fonte: Arquivo pessoal.

A expressão metafórica “comprar uma ideia” é amplamente usada na língua portuguesa falada no Brasil, e isso pode ser facilmente verificado em bancos de dados on-line como o Corpus do Português². Trata-se de uma expressão de rigidez média – isto é, que permite ao falante, com certas restrições, conjugar, flexionar ou deslocar os itens lexicais que a compõem. Assim, encontram-se no *corpus* não somente “comprar uma ideia”, mas inúmeras variações, tais como “comprou **uma** ideia”, “comprou **a** ideia”, “comprei **aquela** ideia”, “compre **essa** ideia” etc. – sendo algumas dessas variações mais frequentes e produtivas que outras.

No caso do cartaz do metrô, o uso de “comprar essa ideia” é metafórico. No entanto, é difícil pensar que não houve, durante a elaboração do pôster, uma escolha linguística minuciosa. Afinal, o verbo “comprar” pertence ao mesmo campo semântico de “comércio ambulante”. O sentido literal de “comércio”, ao ser colocado ao lado de “comprar essa ideia”, faz com que a metafóricidade da expressão seja imediatamente realçada. Trata-se, portanto, de um tipo específico de *jogo de palavras* – uma ação metalingüística deliberada.

² <https://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em 30 jan. 2024.

Segundo Thaler (2016), “o jogo de palavras como ação é um comportamento proposital. Pode-se argumentar que as ações também podem ser não intencionais, por ex. (involuntariamente) ferir alguém, mas a ação de brincar implica que a pessoa que joga está ciente da ação”³ (tradução minha).

Seguindo essa linha de raciocínio, não restam dúvidas de que o cartaz fez um uso intencional da expressão metafórica. Fica evidente a intenção do sujeito de brincar com as palavras, mas não se sabe até que ponto esse sujeito teve consciência de que estava brincando com o binômio *literal/metafórico*. Em outras palavras, fica claro que o sujeito teve capacidade de usar seu próprio idioma de forma metalinguística, e de que fez isso de maneira proposital, mas não se sabe se ele tem total ciência dos mecanismos aos quais ele mesmo recorreu ao fazer seu jogo de palavras.

No exemplo apresentado, a expressão analisada (“comprar essa ideia”) é, no contexto, metafórica. Há outros casos, porém, em que o falante atribui à expressão metafórica um caráter literal – o que, surpreendentemente, acentua a metaforicidade da expressão. A esse tipo específico de reforço de metaforicidade chamarei *literalização da metáfora*. A título de exemplo, tome-se o seguinte caso: um canal do *YouTube* veiculou a seguinte notícia: “Mulher é morta a tiros pelo marido após reclamar da temperatura do ar-condicionado”. Na seção de comentários do vídeo, lê-se a seguinte mensagem de um usuário: “Clima esquentou!”. Percebe-se que a intenção do autor do comentário foi, provavelmente, fazer uma piada com base na notícia. Para isso, ele fez uso de uma expressão metafórica já enraizada na língua (“clima esquentou”), atribuindo-lhe um sentido literal que, por sua vez, reforça a ideia de que a expressão usada era, a princípio, metafórica.

É importante destacar que a linha entre o literal e o metafórico é muito tênue. Segundo Vereza (2007), “O conceito de *sentido literal*

³ No original: “Wordplay as an action is purposeful behavior. It can be argued that actions can also be unintentional, e.g. (unintentionally) wounding someone, but the action of playing implies that the playing person is aware of the action”.

é bastante polêmico nos debates em diversas áreas da linguística, na filosofia e nas ciências humanas em geral”. Assim, ao usar o termo *literalização da metáfora*, refiro-me especificamente aos casos em que as expressões metafóricas já enraizadas na língua ganham um sentido diferente do convencionalizado, deixando de funcionar como uma unidade metafórica, e passando a ser agrupamentos de palavras com sentidos literais.

Metodologia

A hipótese desta pesquisa é a de que haveria um esforço deliberado da parte do falante quando este reforça o caráter metafórico de uma expressão metafórica (incluindo os casos em que ele desempenha atos de literalização de metáfora), o que corroboraria os estudos de alguns teóricos dos jogos de palavras, tais como Verena Thaler e Esme Winter-Froemel. Assim, busco em diversos *corpora* o fenômeno que aqui chamo de *reforço da metaforicidade*, e, em seguida, analiso qualitativamente as ocorrências encontradas.

Suponho, também, que a exposição formal ao estudo da metáfora oferece ao falante, importante ferramenta para o uso metalinguístico do idioma – o que corroboraria o caráter deliberado do fenômeno aqui observado. Assim, analiso alguns capítulos de materiais didáticos dedicados ao ensino da metáfora, com o objetivo de verificar, na medida do possível, se existe uma conexão entre o ato de *olhar* para a língua consciente e analiticamente (através do estudo formal) e o ato de *usar* a língua de modo metalinguístico por meio de jogos de palavras que incluem metáforas.

A metáfora ensinada na escola e suas implicações nos jogos de palavras

Para que uma metáfora seja reforçada deliberadamente pelo falante, supõe-se que esse falante tenha alguma consciência metalinguística. Os jogos de palavras são, antes de mais nada, uma

forma que o falante encontra de manipular sua própria língua em um jogo de construção, desconstrução e reconstrução de sentidos. Segundo Thaler (2016), “o jogo de palavras, num sentido mais amplo, pode ser definido como a ação de brincar com um material linguístico (ou o resultado dele) que se baseia numa combinação de unidades linguísticas que são semelhantes na forma, mas não têm significados diferentes”⁴ (tradução minha).

Pode-se afirmar que é na escola que fazemos, geralmente, nossos primeiros usos metalinguísticos da língua materna. Um desses usos é precisamente o momento em que temos o primeiro contato com o conceito de metáfora, abordado formalmente nas disciplinas de Língua Portuguesa, Redação ou Literatura. E parece que esse conceito de metáfora – o aprendido na escola – nos acompanha, enquanto cidadãos, ao longo de nossas vidas. Assim, a escola teria um papel importantíssimo no que tange às capacidades metalinguísticas de um falante.

Em linhas gerais, a metáfora é apresentada aos alunos como uma figura de linguagem que funciona como uma espécie de comparação implícita, na qual não ocorre uso de palavras ou expressões comparativas (“como”, “que nem”, “igual a”, “parecido a”, “semelhante a” etc.).

Na tabela a seguir, transcrevem-se alguns excertos de obras destinadas ao Ensino Médio. Neles, é possível perceber que a metáfora é vista como um recurso que pode ser ativado ou desativado segundo a vontade do falante.

Tabela 1: Conceitos de metáfora em materiais didáticos do Ensino Médio

Obra	Conceito de metáfora
<i>Veredas da Palavra</i> (Ática)	“A metáfora consiste [...] numa comparação abreviada, implícita, sem o uso de expressões comparativas. Nela, a relação se dá por meio de

⁴ No original: “Wordplay in a broader sense can be defined as the action of playing with linguistic material (or the result thereof) that is based on a combination of linguistic units which are similar in form but do not have different meanings.”

	uma semelhança, geralmente implícita, entre possíveis sentidos de cada uma das palavras ou expressões [...]”.
<i>Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso</i> (Saraiva)	“Metáfora é um recurso de expressão que consiste no emprego de uma palavra no lugar de outra, em decorrência de uma comparação subentendida”.
<i>Português: Trilhas e Tramas</i> (Leya)	“Metáfora [...] é uma figura de linguagem construída a partir de uma comparação entre termos e ideias semelhantes, mas sem o uso de termos comparativos”.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir das obras citadas.

Uma característica importante do conceito de metáfora apresentado aos alunos de Ensino Médio é que ele parece restringir-se, em muitos materiais didáticos, a modelos em que ocorre verbo de ligação (com predominância de orações predicativas), como “O mar é a vida” ou “Amor é fogo que arde sem se ver” (Camões).

Ainda a respeito da abordagem da metáfora em materiais voltados para o Ensino Médio, vale apontar para o fato de outras figuras de linguagem serem apresentadas à parte, como se não fossem, também, metafóricas. É o caso da prosopopeia (ou personificação) e da hipérbole, vistas como recursos não metafóricos.

Apesar de enxergarem a metáfora sob uma ótica tradicional, é inegável que os materiais analisados oferecem ao estudante bastantes oportunidades de olhar para a sua própria língua materna de forma analítica. É de se supor que a natureza desse tipo de ensino seja capaz de formar cidadãos capazes de refletir não apenas sobre as mensagens que eles veiculam, mas também sobre a *forma* como veiculam tais mensagens – o que representa uma habilidade indispensável no que tange ao uso metalinguístico do idioma.

A metáfora nos materiais didáticos de LE

Os materiais didáticos de LE também abordam, certas vezes, o conceito de metáfora. Apesar de não costumarem mostrar explicitamente o que é uma metáfora, diversos materiais de ensino de língua estrangeira propõem, em algum momento, atividades em que algum conhecimento do termo se faz necessário.

Em um livro da coleção *English File*, da Oxford University Press, encontra-se o seguinte exercício: “Em pares, observem as palavras e expressões destacadas, e reescrevam-nas com suas próprias palavras. Quais delas são exemplos de a) metáforas, b) linguagem tipicamente usada para reportar pesquisas científicas?”⁵

A atividade propõe que o aluno classifique determinados itens lexicais em duas categorias: de um lado, os metafóricos; de outro, aqueles usados em textos científicos. Em nenhum momento a atividade aponta para a possibilidade de a linguagem acadêmica fazer uso de metáforas – ou seja, subentende-se que as expressões linguísticas são uma coisa ou outra, mas não ambas ao mesmo tempo. Apesar disso, não restam dúvidas de que a atividade proposta contribui para que o aluno pense analiticamente sobre o idioma estudado, possibilitando-lhe desenvolver habilidades metalinguísticas essenciais para o domínio de jogos de palavras. É interessante, também, observar que muitos materiais didáticos de LE apresentam vocabulário com alta metaforicidade exatamente da mesma forma que apresentam itens lexicais mais literais. Além disso, muitas vezes ensina-se ao aluno um uso metafórico de determinado termo antes mesmo de ensinar-lhe um uso literal – o que faz com que uma mesma palavra possa representar, para um falante nativo, uma metáfora viva, enquanto representa, para o estudante estrangeiro, uma palavra de sentido literal. Assim, nesse tipo de abordagem, uma expressão como *couch potato* pode ser

⁵ No texto original: “In pairs, look at the highlighted words and phrases in the paragraphs, and rephrase them in your own words. Which are examples of a) metaphors, b) language typically used in reporting research?” (Tradução minha)

ensinada como se fosse algo literal, significando “pessoa que passa muito tempo assistindo à televisão”, ignorando-se os sentidos literais de *couch* (“sofá”) e *potato* (“batata”) e, subsequentemente, provocando um *apagamento da metáfora*.

Figura 2: Explicação de *tough cookie* em material didático de LE



Fonte: *Evolve 4*, Oxford University Press.

Na imagem acima, vê-se a reprodução de um quadro encontrado no material didático intitulado *Evolve*, produzido pela Oxford University Press. Nele, encontra-se uma explicação da expressão metafórica *tough cookie*, traduzida a seguir: “Uma pessoa é um *tough cookie* quando ela não pode ser facilmente ferida física ou emocionalmente. Não se preocupe com a Rachel. Ela é um verdadeiro *tough cookie*”. A expressão em questão pode ser traduzida ao pé da letra como “biscoito duro”. O que se quer mapear do biscoito é a sua dureza, que representa a resistência física ou emocional de uma pessoa. O material didático não faz referência alguma ao sentido literal de *tough cookie*, provocando um apagamento da metáfora.

Vale dizer que o cenário descrito acima, em que a metáfora é apagada, parece ser o mais frequente. Em contrapartida, há materiais que fazem o oposto, ressaltando, sobretudo através de recursos visuais, o aspecto metafórico dos itens lexicais ensinados. Veja-se um exemplo na figura a seguir:

Figura 3: Explicação de *vivir como un rajá* em material didático de LE



Fonte: Cursos de Idioma Globo – Espanhol.

Na reprodução acima, vê-se uma ilustração referente à expressão idiomática *vivir como un rajá* (“viver como um marajá”). Para um falante nativo de espanhol, tal expressão (assim como tantas outras) evoca um *frame* que, provavelmente, seria ignorado pelo aluno estrangeiro, não fosse o auxílio da ilustração presente no material didático. Tal abordagem opta, portanto, pelo não apagamento da metaforicidade daquilo que é ensinado. O que o material faz aqui é, na verdade, uma literalização da metáfora que resulta em um reforço da metaforicidade.

Sejam adotantes da abordagem em que a metaforicidade da expressão é apagada, sejam adotantes daquela em que a metaforicidade é evocada através de diversos recursos (tais como ilustrações), os materiais didáticos de língua estrangeira deveriam, pelo menos em teoria, ensinar expressões de origem metafórica, já que tal conteúdo está previsto no Quadro Comum de Referência Europeu (documento do Conselho da Europa que rege todas as ações concernentes ao ensino e à aprendizagem de línguas estrangeiras). Segundo o Quadro (p. 159), a competência lexical

Consiste no conhecimento e na capacidade de utilizar o vocabulário de uma língua e compreende elementos lexicais e gramaticais.

Os elementos lexicais incluem:

a) expressões fixas, constituídas por várias palavras, usadas e aprendidas como conjuntos. As expressões fixas incluem:

- expressões feitas, que compreendem:
 - indicadores das funções linguísticas [...], tais como as saudações: *Bom dia. Como está?*, etc.;
 - provérbios, etc. [...];
 - os arcaísmos: *e tão asinha foi* (depressa); *ele está prestes a conseguir isso* (quase).
- expressões idiomáticas, com frequência:
 - metáforas cristalizadas e semanticamente opacas, p. ex.: *Foi sol de pouca dura* (= não durou muito tempo); *Ele bateu a bota* (= morreu)

O conceito de metáfora no conhecimento enciclopédico

Entende-se por conhecimento enciclopédico todo o saber compartilhado pelos integrantes de uma sociedade. A expressão refere-se explicitamente às enciclopédias, mas estende-se a saberes oriundos praticamente de quaisquer fontes. A metáfora no conhecimento enciclopédico assemelha-se muito àquela abordada na escola, constituindo uma figura de linguagem usada para comparar dois elementos, mas sem que se faça uso de qualquer palavra ou expressão comparativa.

Uma diferença entre a metáfora no conhecimento enciclopédico e a ensinada na escola é a extensão de uso do termo. Enquanto esta é limitada quase sempre aos empregos literários das expressões metafóricas, a primeira se aplica a uma quantidade incontável de situações. No conhecimento enciclopédico, a metáfora é, basicamente, um sinônimo de “símbolo, representação”, e é essa definição que parece integrar os mais variados veículos de comunicação atuais – enciclopédias, dicionários, revistas etc.

Segundo a breve definição encontrada na Wikipedia (enciclopédia on-line escrita de maneira colaborativa), metáfora “é uma figura de linguagem que produz sentidos figurados por meio

de comparações. Também é um recurso expressivo”⁶. Tal definição está bastante próxima daquela encontrada nos livros didáticos.

De acordo com o dicionário do *Google* (cujos verbetes são alimentados pela Oxford Languages), metáfora é uma palavra do jargão da estilística e da linguística que remonta ao século XIV e designa “um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança (p.ex., ele tem uma vontade de ferro, para designar uma vontade forte, como o ferro)”⁷. Percebe-se que, nesta acepção, os objetos dos quais se fala através da metáfora não são meramente comparados, posto que o primeiro designa (simboliza, representa) o segundo. Nota-se ainda que, nesta definição, fala-se de uma semelhança entre objetos que é inerente a esses próprios objetos, em vez de ser criada pelo falante.

O dicionário *Priberam*, por sua vez, explica a metáfora como uma “figura de retórica em que a significação habitual de uma palavra é substituída por outra, só aplicável por comparação subentendida”⁸. Assim como no dicionário do *Google*, entende-se que os objetos confrontados na metáfora se substituem mutuamente, em vez de serem apenas comparados. Pesquisando-se o termo “metáfora” no *Corpus* do Português, verifica-se que praticamente todas as ocorrências listadas têm as acepções supracitadas.

Substituindo-se a palavra “metáfora” por termos como “símbolo”, “representação”, “emblema”, “figura”, “retrato” etc., as frases encontradas no *Corpus* parecem manter seu sentido, sem que se percebam alterações significativas. Pode-se pensar, inclusive, que a palavra “metáfora” (mas não seus sinônimos) é empregada, no uso comum, principalmente porque elas formam *collocations* com as palavras ao seu redor em expressões como “metáfora **de** algo” e “metáfora **para** algo”.

⁶ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Met%C3%A1fora> Acesso em: 20 set. 2023.

⁷ <https://www.google.com.br/> Acesso em: 20 set. de 2023.

⁸ <https://dicionario.priberam.org/met%C3%A1fora> Acesso: em 20 set. de 2023.

O conceito de metáfora na gramática tradicional

Na gramática tradicional e, por extensão, em trabalhos de linguística geral, o conceito de metáfora é muito semelhante àquele que se ensina na escola. Uma novidade, neste contexto, é o acréscimo do binômio *concreto/abstrato* à definição – isto é, a metáfora não é vista, nesta acepção, como uma mera comparação de dois objetos, mas como uma comparação em que um dos objetos é concreto (ou mais concreto) e outro é abstrato (ou mais abstrato).

O verbete “metáfora” do Dicionário de Linguística da Editora Cultrix registra o seguinte:

Em gramática tradicional, a *metáfora* consiste no emprego de uma palavra concreta para exprimir uma noção abstrata, na ausência de todo elemento que introduz formalmente uma comparação; por extensão, a metáfora é o emprego de todo termo substituído por um outro que lhe é assimilado após a supressão das palavras que introduzem a comparação (*como*, por exemplo): originariamente, *estou ardendo de amor* continha uma metáfora do primeiro tipo, e *esta mulher é uma pérola*, uma do segundo. Quando introduz várias aproximações sucessivas, a metáfora é *seguida*, como em *essa mulher estende as redes de seus encantos para apanhar a caça dos ingênuos*; ao contrário, ela é *contrastante* ou *quebrada* quando aproxima noções incompatíveis, como em *O carro do Estado navega num vulcão*. A metáfora desempenha um grande papel na criação léxica; muitos sentidos figurados são apenas metáforas gastas (p. 381-382).

Além da presença do binômio *concreto/abstrato*, o conceito de metáfora na gramática tradicional prevê, como se pode constatar no verbete acima transcrito, a possibilidade de uso de apenas um dos elementos da comparação (o concreto), ficando o outro (abstrato) subentendido. Enquanto isso, no contexto escolar, ambos os elementos da comparação costumam aparecer em todos (ou quase todos) os exemplos analisados. Observe-se o contraste entre as seguintes ocorrências:

(1) *o mar é a vida*: exemplo retirado de material escolar, em que aparecem dois elementos – *mar* e *vida* – são comparados sem que se usem palavras comparativas;

(2) *estou ardendo de amor*: exemplo retirado de material acadêmico, em que se menciona apenas um elemento da comparação – o mais concreto (relacionado ao corpo), *arder* –, representando o elemento mais abstrato, que, apesar de não mencionado, poderia ser entendido como “experienciar algo com intensidade”.

A partir do que foi exposto, percebe-se que o conceito de metáfora está presente no cotidiano de todos nós – seja por meio da escola, seja pelo conhecimento enciclopédico, seja pela gramática tradicional e, por extensão, pela linguística. Ter acesso à noção de metáfora – seja de forma reducionista, como nos materiais didáticos; ou de maneira hipercomplexa, como na linguística cognitiva, provavelmente contribui para a formação linguística de qualquer indivíduo, proporcionando-lhe ferramentas que muito lhe serão úteis em seus discursos metalinguísticos, os quais podem incluir jogos de palavras com metáforas.

Conclusões parciais

Este trabalho faz distinção entre dois usos comuns da metáfora: 1) o uso mais frequente, em que o falante recorre a expressões metafóricas enraizadas na língua, muitas vezes sem dar-se conta da metaforicidade das expressões empregadas; 2) os jogos de palavras nos quais as expressões metafóricas são usadas de um modo peculiar, tendo sua metaforicidade ressaltada. É a este segundo uso que damos especial atenção.

Supõe-se que, ao reforçar a metaforicidade daquilo que diz, o falante demonstra ter uma forte consciência linguística. Supõe-se também que as instituições de ensino e, conseqüentemente, os materiais didáticos, têm um papel extremamente importante na formação linguística e metalinguística de um cidadão.

Ao analisarem-se alguns materiais didáticos elaborados para o Ensino Médio, constatou-se que eles apresentam a metáfora como: a) uma figura de linguagem; b) um recurso literário; c) uma espécie de comparação em que não há elementos comparativos explícitos; d) uma estrutura que geralmente apresenta verbo de ligação; e) um fenômeno isolado, sem ligação com outras figuras de linguagem (como a prosopopeia e a hipérbole).

Os materiais de LE, por sua vez, abordam a metáfora com menos frequência do que aqueles de língua materna, mas também oferecem ao aluno várias oportunidades de analisar a língua e de compreender e usar a metalinguagem.

O conhecimento enciclopédico de metáfora, por sua vez, engloba não apenas o conceito de metáfora ensinado na escola, mas também a metáfora como “símbolo”, “representação”, “emblema”, “figura”, “retrato” etc., indo além das expressões linguísticas.

A noção de metáfora para a gramática tradicional, por fim, pouco difere da supracitada, com o acréscimo do binômio *concreto/abstrato* à definição.

Independentemente do nível de escolaridade do falante e da noção de metáfora com a qual ele teve contato em sua formação, é de se esperar que ele recorra, pelo menos esporadicamente, aos jogos de palavras com metáforas. Certas vezes, o falante associa uma expressão linguística a outras mais literais, ressaltando o caráter metafórico da primeira. Outras vezes, o falante emprega uma expressão metafórica de modo a dar-lhe um sentido literal, em um fenômeno que chamo *literalização da metáfora* e que resulta em um *reforço da metaforicidade*.

É de se supor que haja, sim, um uso deliberado da metáfora ou da sua literalização em jogos de palavras, posto que estes só são possíveis graças à consciência linguística do falante. Se não há jogo de palavra sem metalinguagem, é altamente provável que os jogos de palavras que envolvem metáforas sejam igualmente deliberados. Resta saber até que ponto pode um indivíduo estar consciente das próprias estratégias metalinguísticas adotadas em seus jogos de palavras. Futuras pesquisas sobre o uso deliberado

da metáfora, bem como minha própria pesquisa em andamento, muito poderão contribuir para a compreensão da cognição humana e das relações entre língua em uso e cognição.

Referências

CEREJA, W. *et al.* *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* – Volume 1 (Manual do Professor). São Paulo: Saraiva, 2016, p. 108.

CLANDFIELD, L. *et al.* *Evolve 2*. Cambridge: Cambridge, 2019.

CURSOS de idiomas Globo – *Espanhol top level* – Volume 1. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1996, p. 36.

DUBOIS, J. *et al.* *Dicionário de linguística*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

HERNANDES, R. *et al.* *Veredas da palavra* – Volume 1 (Manual do Professor). São Paulo: Ática, 2016, p. 56.

JOHNSON, M.; LAKOFF, G. *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press, 1980.

LATHAM-KOENIG, C. *et al.* *English file – advanced plus*. 4 ed. Oxford: Oxford, 2020, p.36.

QUADRO europeu comum de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação. Conselho da Europa, 2001.

SETTE, M. das G. L. *et al.* *Português: trilhas e tramas* – Volume 1 (Manual do Professor). 2 ed. São Paulo: Leya, 2016, p. 43.

THALER, V. *Varieties of Wordplay: crossing languages to play with words: multidisciplinary perspectives*. Boston: De Gruyter, 2016, p. 47-62. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110465600-003>. Acesso em: 31 jan. 2024.

VEREZA, S. C. *Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguagem*. Niterói: EdUFF, 2007

AMOR DEMASIADO: UM ESTUDO DAS METÁFORAS CONCEPTUAIS QUE PERSPECTIVAM O AMOR COMO PATOLOGIA

Marcela Fernandes dos Santos¹

Introdução

Este trabalho se propõe a realizar um aprofundamento da minha dissertação de mestrado, uma vez que a pesquisa se mostrou bastante produtiva quanto à emergência de metáforas, ao abordar um tema com potencial para ser explorado mais detalhadamente. A pesquisa busca investigar o conceito de amor no discurso sobre o “amor romântico”, a partir de metáforas conceptuais que se instanciam na língua por meio de expressões linguísticas metafóricas. Com base no *corpus* da dissertação, apresentamos o modo como metáforas conceptuais (Lakoff; Johnson, 1980) estruturam o modelo cognitivo idealizado (Lakoff, 1987) de AMOR ROMÂNTICO. Por conseguinte, desenvolvemos um quadro do MCI² geral de AMOR, a partir da identificação dos MCI metafóricos e das metáforas conceptuais que o constituem.

A investigação do MCI de AMOR demonstrou maior frequência do domínio conceptual DOENÇA, além da alta recorrência de duas metáforas que serviram como base para grande parte das conceptualizações de AMOR: UNIDADE DE DUAS

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Profa. Dra. Solange Coelho Vereza. Pesquisa fomentada pelo CNPq.

² MCI ou Modelo Cognitivo Idealizado é o termo usado pela Linguística Cognitiva, sendo introduzido por Lakoff (1987) para descrever as representações cognitivas - ou conceptualizações - da realidade. O processo de idealização provém do fato de essas representações não serem necessariamente um reflexo da própria realidade.

PARTES COMPLEMENTARES e FORÇA FÍSICA. Como detalharemos mais adiante, essas metáforas apresentam a ideia de amor como um elo: a primeira estrutura o amor como um elo eterno, e a segunda, como um elo que é capaz de tracionar dois corpos distantes. Tais ideias apresentam a outra face do amor romântico que, quando em demasia, reflete-se na linguagem como uma forma exagerada de se referir à pessoa amada. Entender o amor como algo complementar à nossa existência, ou como uma força que não se pode controlar, excede o sentimento ardoroso ou passional; na verdade, revela valores negativos que podem ser associados a uma condição chamada codependência afetiva (Beattie, 2010, p. 45). É sobre essa hipótese que esta pesquisa se debruça, a de que o MCI de AMOR, que retrata nossa língua e nossa cultura, é estruturado por duas metáforas conceptuais (UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES e FORÇA FÍSICA), que estruturam um discurso fortemente atravessado por aspectos negativos que podem estar associados ao que podemos chamar de amor patológico.

O foco do estudo recairá sobre aspectos do conceito do “amor patológico”, em especial. Para isso, analisamos o modo como esse conceito é criado e compreendido, a partir de mecanismos metafóricos que estruturam o pensamento e a linguagem, um dos princípios centrais da Linguística Cognitiva (doravante, LC) — o de que o nosso pensamento é corporificado e, assim, conceptualizamos conceitos abstratos primordialmente através de metáforas. Ou seja, estruturamos o nosso conhecimento sobre domínios mais abstratos a partir de como experienciamos domínios mais concretos, principalmente os que têm como base nossas experiências corpóreas. A escolha por traçar esse caminho teórico deve-se ao fato de que o estudo das emoções e suas instanciações na linguagem, em primeiro lugar, prioriza o modo como fenômenos emocionais são estruturados sociocognitivamente, o que irá estabelecer o modo pelo qual os experienciamos, como atribuímos sentidos a eles e como nos comportamos ao lidarmos com tais fenômenos. E, em segundo lugar, ao fato de que a metáfora

conceptual é sociocognitivamente compartilhada e, em grande parte, inconsciente.

A orientação metodológica deste estudo será, de modo geral, de base qualitativa; tal método se destaca por ser muito utilizado nas investigações na área da LC, uma vez que possibilita o uso da abordagem analítica de caráter interpretativista no que diz respeito à seleção e à discussão dos dados. A pesquisa segue a base teórica de dois conceitos inseridos no paradigma da LC, mais especificamente no da Semântica Cognitiva — os conceitos de Metáfora Conceptual e de *Frame*.

A partir do exposto, é importante investigar, com base nos aportes teóricos de viés cognitivista, as metáforas conceptuais atualizadas por diferentes expressões linguísticas presentes na língua e na cultura brasileiras e seus possíveis desdobramentos para a estruturação do conceito “amor romântico”. Para tanto, textos de diferentes gêneros serão analisados, tendo em comum a linguagem metafórica como processo norteador da construção de sentidos.

O caminho da pesquisa seguirá a direção do principal postulado da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), qual seja, o de que as metáforas operam no nível do pensamento em nosso sistema conceptual, e não somente na linguagem em si; e são instanciadas na linguagem por meio de expressões linguísticas metafóricas. Desse modo, as metáforas funcionam como um recurso que nos possibilita conhecer, construir, produzir e dar sentido à nossa experiência e aos conceitos culturais que emergem da nossa relação com o mundo.

Amor como uma possível patologia

Segundo as definições iniciais oferecidas por três dicionários de língua portuguesa on-line (*Oxford*³, *Aurélio*⁴ e *Michaelis*⁵), o amor

³ Fonte: <https://www.google.com/search?q=amor+significado>

⁴ Fonte: <https://www.dicio.com.br/amor/>

⁵ Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/amor/>

vem sendo vivenciado, percebido e sentido, como: a) afeto e companheirismo e/ou b) paixão e desejo sexual; acrescidos ou não de um sentimento ardoroso ou passional. Embora os dicionários nos ofereçam essas definições, em uma parte considerável do discurso sobre o amor romântico, não se encontram os sentidos de afeto e o de companheirismo, e/ou o de paixão e o de desejo sexual. Os dados coletados mostraram aspectos negativos evocados quando se fala sobre AMOR, como os veiculados em canções românticas, como em: *“O amor da minha vida só em pensar na dor que sua ausência traz estremeço”, “Antes de desistir do amor tenta o meu, por favor. Se não servir ‘cê joga fora”, “É que eu te amo e falo na sua cara, se tirar você de mim não sobra nada”, “O cara que pensa em você toda hora, que conta os segundos se você demora, que está todo o tempo querendo te ver porque já não sabe ficar sem você”*. De certa forma, o discurso presente nessas músicas aponta para um amor avassalador, possessivo (pela objetificação do outro) e dependente.

A partir de uma breve análise da língua em uso, com base em dados fornecidos pelo *website Corpus do Português*⁶, determinados usos do item lexical “amor” perspectivizam o sentido ardoroso e passional mais do que o sentimento de afeto e de companheirismo, como indica a figura 1:

Figura 1: Linhas de concordância entre “vida” e “amor”

A	B	C	Amor: # Seja honesto, seja direto em a vida e em o amor. Não faça joguinhos sem sentido com a pessoa que você gosta, que ela
A	B	C	de setembro a 22 de outubro Amor: # Na vida e em o amor, a dignidade nunca deve ser perdida. Não aceite quem quer que seja para
A	B	C	que podem ser realmente difíceis de se encaixar em sua ampla vida social. Um amor sincero sempre merece uma explicação. # Dinheiro & Trabalho: É muito provável
A	B	C	# Publicidade # Amor: Qualquer preconceito em relação a a vida e a o amor impedirá que você desfrute de a realidade. Livre-se de idéias absurdas e impostas por
A	B	C	outubro # Publicidade # Amor: Você exige muita de a vida e de o amor, mas você não dá o mesmo em troca. Você tem que modificar completamente
A	B	C	público, mas acima de tudo também uma ode a a vida, a o amor e a a humanidade", disse a produtora Marion Guth. # No sábado
A	B	C	se não for louco por ti. # Você é minha vida, história e amor. Eu nunca vou te abandonar, porque eu te amo! # De:
A	B	C	a o Divino Espírito Santo é tudo. Representa a minha vida e o meu amor por isso ", disse, emocionada. # Há registros de que a folia
A	B	C	teve dúvidas em afirmar que encontrou a mulher de a sua vida. # Um amor correspondido, até porque para Tatiana, afirma, foi de as melhores coisas que
A	B	C	ideais de pureza de seu imã e as tentações de a vida. Como o amor por a vida pode vencer seu desejo de matar alguém? Elenco: Idir Ben

Fonte: www.corpusdoportugues.org

⁶ Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>

Nas dez primeiras linhas de concordância que aparecem na pesquisa, podemos ver o amor sendo associado a aspectos negativos descritos em comportamentos nocivos: *“Você exige muito da vida e do amor, mas nunca dá nada em troca”*, egocentrismo; *“Você é minha vida [...] nunca vou te abandonar”*, dependência emocional; *“Não faça joguinhos com a pessoa que você gosta...”*, manipulação; *“Dignidade nunca deve ser perdida, não aceite quem quer que seja...”*, negociação de valores morais. Esse tipo de discurso parece ter se ancorado, cognitivamente e discursivamente, em nosso sistema conceptual e/ou inconsciente cognitivo, de modo que, com essa naturalização, já não percebemos como a linguagem revela aspectos psicopatológicos relacionados à codependência afetiva.

Assim, as manifestações do sentido ardoroso e passional do amor, também sugerido pelo dicionário, presente no cancionário romântico brasileiro e nos dados da pesquisa realizada no Corpus do Português, permitem afirmar que a linguagem metafórica referente ao amor é, muitas vezes, carregada de aspectos ligados a emoções prejudiciais. Dessa forma, o amor parece ser conceptualizado muito mais como uma emoção que atua negativamente sobre o nosso comportamento e, por isso, nos acostumamos a viver *“com a dependência afetiva à nossa volta, a aceitamos, a permitimos e patrocinamos”* (Riso, 2010).

Adotamos o termo *“amor demasiado”* para manifestações discursivas em que o amor tenha sido relacionado a fatores negativos baseados na submissão, na possessividade, na passividade, na dependência etc., os quais constituem o *frame AMOR PATOLÓGICO*. Tal forma de amar vem sendo associada a doenças psicopatológicas, como o amor patológico que é marcado pela dependência emocional. Fromm (2001, p.41) explica que a busca pela fusão interpessoal é motivada pelo desejo do homem de viver em sociedade, de se relacionar com o outro na tentativa de fugir da separação e do isolamento; entretanto, a não realização dessa ação levaria o indivíduo à loucura e à destruição de si mesmo ou a de outros; é o que o autor chama de formas imaturas de amor. Desse modo, a imaturidade gerada pela forma passiva da união simbiótica

possui como principal característica a dependência psíquica e a submissão (masoquismo, num termo clínico), em que o indivíduo projeta sua vida na do outro e, assim, renuncia à sua independência e da capacidade de tomar decisões. Assim, a manifestação “exagerada” de amor revela aspectos que podem ser associados à definição desse sentimento como patologia.

Mesmo que os aspectos “demasiados” do amor sejam comuns na vivência cotidiana de algumas pessoas, gerando comportamentos compulsivos, não chegam a ser associados à um processo de patologização, na maioria das vezes. Quando essa associação acontece, esses comportamentos passam a configurar um quadro patológico relacionado a outros transtornos mentais. Desde meados dos anos de 1960, muitos estudos já consideram a hipótese do amor como patologia, porém não se pode chamá-lo de transtorno porque ele ainda não consta no DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (American Psychiatric Association, 2014). Ainda assim, a forma imatura com que muitas pessoas lidam com o amor se reflete no discurso sobre esse sentimento, tanto em veículos que reproduzem o senso comum quanto em pesquisas da área de saúde mental, e isso permite que se levante a hipótese de o amor ser conceptualizado como doença. De acordo com Subby (1984), o termo codependência pode ser definido como:

uma condição emocional, psicológica e comportamental que se desenvolve como resultado da exposição prolongada de um indivíduo a — e a prática de — um conjunto de regras opressivas que evitam a manifestação aberta de sentimentos e a discussão direta de problemas pessoais e interpessoais (Subby 1984 *apud* Beattie, 2010, p.45).

É o que podemos ver em trechos do texto escrito por Kalina Amaro intitulado “Relato da Ana, uma mulher que ama demais” no blog pessoal:

[...] Meu Deus, como eu era feliz! Nunca fui tão amada, tão admirada! Ele era o meu amor, meu melhor amigo, a pessoa que eu contava

para tudo. Enfim a minha alma gêmea. [...] Ele disse que jamais me deixaria. [...] comecei a perceber a sua frieza e suas distâncias. Não me levava mais para sair. Não conversava mais comigo. Chegava em casa apenas para dormir e muitas vezes alcoolizado. Me disseram esse relacionamento acabou, muito embora eu não acredite. Durante 20 anos vivi com uma pessoa que pensava conhecer. [...] Eu quero me curar e acho que estou dando o primeiro passo, na medida em que tomei consciência que ele não serve para mim, que ele não me oferece nada de produtivo, a não ser dor, abandono, solidão, humilhação e desprezo. Sei que nada tenho a perder e que o meu grande amor do passado não existe mais. [...] essa é minha linda história de amor que chegou nessa situação e não consigo me desligar dele. E ele, sabedor desse meu amor doentio (*sic*), a cada dia que passa me despreza ainda mais... (Amaro, s.d).

Pessoas com essa condição tendem, segundo Beattie (2010, p.61), a buscar a felicidade em outra pessoa; a procurar o amor em pessoas incapazes de sentir amor; a igualar o amor ao sentimento de dor; a acreditar que precisam mais das pessoas do que elas demonstram precisar delas, entre outras crenças. No caso do relato de Ana, mesmo após longos anos de sofrimento, ela ainda demonstra acreditar que viveu uma linda história de amor, com base na crença de amor eterno expressa no texto por meio de marcas linguísticas como “minha alma gêmea”, “não consigo me desligar dele”, entre outras. Essas marcas são estruturadas pela metáfora conceptual AMOR É UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES e essa metáfora permite compreender muitos tipos de experiências amorosas.

Para Kövecses (1986), a noção de PROXIMIDADE (física) serve como base para a metáfora conceptual AMOR É UNIDADE (de duas partes complementares), por meio da constatação de que amantes tendem a passar muito tempo juntos – o que parece explicar por que o amor é conceptualizado como partes que se complementam. Desse modo, a noção idealizada é a de que existe uma harmonia perfeita entre os amantes, em virtude de as duas partes se combinarem plenamente, sendo uma dependente da

outra. A noção de UNIDADE expressa na ideia de harmonia, complementariedade e uno foi elaborada de várias formas nas metáforas conceptuais estruturantes do MCI de amor romântico.

As noções de elo perfeito e de vínculo eterno, além de outras já mencionadas, expressam a crença de que o parceiro seria o único motivo para se viver. Manifestações da língua baseadas nessa crença indicam que a forma com que o amor é conceptualizado em nossa cultura é, em grande parte, idealizada. Muitas pessoas estruturam cognitivamente o conceito de amor baseado na crença do “amor verdadeiro”; nesse sentido, existe um único amor destinado a cada pessoa e nele estaria a razão da felicidade. Conjectura-se que grande parte das manifestações linguísticas analisadas aqui são apreendidas por meio de expressões linguísticas metafóricas que evocam a metáfora do AMOR É UNIDADE, evidenciadas por mapeamentos cognitivos que projetam conceitos como intensidade, problemas, falta de controle, passividade e possessividade. Esses aspectos configuram o que Kövecses (1990) chama de modelo central do amor (o amor ideal), para o qual é proposta uma conceptualização de amor como passivo, selvagem, eterno e com perda de controle. É um modelo que compreende grande parte das idealizações do amor.

O amor demasiado, ressaltado por aspectos negativos relacionados à passividade, à dependência e ao descontrole, mapeados na metáfora UNIDADE, também é projetado no domínio FORÇA FÍSICA, em que o amor é conceptualizado como uma força que age física e psicologicamente sobre o sujeito, causando-lhe grande impacto emocional; ou como uma força estratégica utilizada pelos amantes a fim de obterem controle um sobre o outro. O esquema imagético FORÇA FÍSICA projetado para o amor também revelou ser base cognitiva e cultural para expressões linguísticas metafóricas já convencionalizadas. Segundo Kövecses (2004, p. 62), a metáfora EMOÇÕES SÃO FORÇAS tem como domínio-fonte o esquema imagético FORÇA e é o principal esquema que estrutura os conceitos de emoção.

Outro aspecto relevante a se destacar seria o fato de que o esquema de FORÇA estrutura muitas conceptualizações recrutadas no domínio DOENÇA, como “Eu sou louco por ela”, “Ela me deixa fora de mim”, “Estou alucinado de amor”, entre outras. Nelas, a força física, quando projetada para o amor, evoca a metáfora AMOR É DOENÇA (psíquica); desse modo, as expressões linguísticas metafóricas que conceptualizam o amor como doença revelam que uma pessoa que “ama demais” se torna incapaz de possuir o controle de suas ações e se deixa ser totalmente levada pela emoção (amor). Sendo assim, não é de se estranhar que a metáfora AMOR É DOENÇA seja evocada para se pensar, falar e agir sobre o amor doentio, provavelmente, um dos problemas que mais afetam o bom convívio entre os amantes.

Os mapeamentos estruturantes, e, ao mesmo tempo, decorrentes, das metáforas conceptuais AMOR É UNIDADE e AMOR É FORÇA FÍSICA, em seu conjunto, evidenciam a ação cognitiva das metáforas em questão. Nessa perspectiva, os elementos associados à emoção e à patologia presentes nesses diferentes domínios conceptuais nos permitem sugerir a hipótese de que parte considerável do discurso do “amor romântico” revela aspectos de psicopatologia. Isso ocorre por meio do entrelaçamento entre domínios conceptuais que têm como base essas duas metáforas conceptuais. Como veremos mais adiante, no *frame* AMOR PATOLÓGICO⁷, o amor é conceptualizado como uma emoção causadora de comportamentos associados a doenças de cunho psicológico e, enquanto domínio-alvo, manifesta-se a partir de variados domínios-fontes: DESTRUIÇÃO, ALIMENTO, BATALHA, PESSOA, entre outros.

⁷ Neste trabalho, metáforas conceptuais e *frames* são grafados em caixa alta, como já convencionado na literatura.

O *frame* AMOR PATOLÓGICO

Podemos entender *frame*⁸ como uma estrutura cognitiva socialmente organizada que fundamenta o pensamento (Lakoff, 2008, p.22). Dessa maneira, a cognição é responsável por organizar o conhecimento humano por meio de conceitos interligados, não isolados, constituídos por cenas que abrangem crenças e experiências vivenciadas. Essas estruturas socio-historicamente convencionalizadas fornecem a base motivadora dos processos revelados nas palavras.

O *frame* AMOR PATOLÓGICO é evocado para se pensar, falar e agir sobre o amor romântico quando, principalmente, ele é associado a uma sensação intensa, a comportamentos compulsivos e a sintomas psicossomáticos - afetam a mente e o corpo. A conceptualização do amor como patologia instancia-se na linguagem, o que pode ser evidenciado pelo uso frequente de termos relacionados ao campo semântico de amor patológico: “loucura”, “fraqueza”, “violência”, “mente exausta”, “coração machucado”, “palavras que dominam”, entre outros. Esses termos, e vários outros, constituem mapeamentos estruturados em conceitos que se referem à dependência emocional de um modo geral.

Além dos veículos linguísticos metafóricos, o *frame* AMOR PATOLÓGICO também é acionado por meio de metáforas, haja vista que o nosso pensamento é em grande parte metafórico, isto é, nosso sistema conceptual emerge de experiências estruturadas por meio de metáforas. De acordo com Lakoff (2008, p. 256), conceitos metafóricos são adquiridos na infância por meio de centenas de metáforas primárias, que estruturam nossa mente e são responsáveis por ativar diferentes *frames*. Assim sendo, nosso sistema conceptual é constituído por diferentes estruturas fixas,

⁸ Fillmore (2006) define o *frame* como um “sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário entender toda a estrutura em que se insere; quando uma coisa parte dessa estrutura é introduzida em um texto, ou em uma conversa, todas as outras são automaticamente disponibilizadas” (Fillmore, 2006, p. 373).

acessadas automaticamente a partir do processamento de metáforas. Nessa perspectiva, os mapeamentos metafóricos construídos deliberadamente por diversas metáforas evocam diferentes elementos do *frame* AMOR PATOLÓGICO, como: AMOR É PESSOA, AMOR É DESTRUÇÃO, AMOR É ALIMENTO, AMOR É DOENÇA etc. Seguem alguns exemplos:

Figura 2: Amor como migalhas⁹

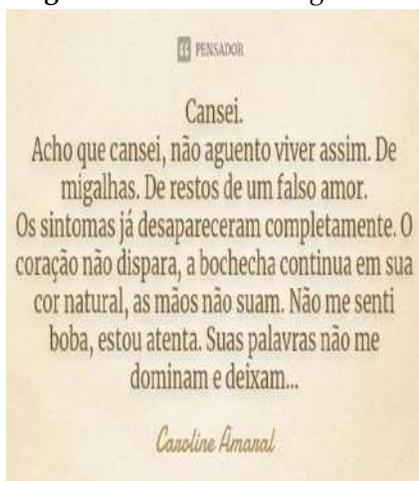
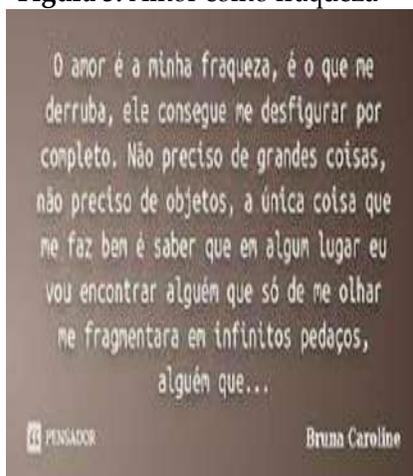


Figura 3: Amor como fraqueza¹⁰



Nas instanciações presentes na figura (2): “Os sintomas já desapareceram completamente”; “O coração não dispara”; “a bochecha continua em sua cor natural”; “as mãos não suam”; “Suas palavras não me dominam e deixam”, identifica-se o entrelace entre dois domínios conceptuais: DOENÇA e FORÇA. O amor é conceptualizado como uma doença que provoca sintomas que podem estar associados ao infarto, à crise de ansiedade etc., mas também faz analogia à paixão. Quando doente, a pessoa tem que

⁹ Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTA2ODY3MQ/>

¹⁰ Fonte: https://www.google.com/search?q=amor+%C3%A9+minha+fraqueza&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjZlMumpuX5AhUYJ7kGHSLABL0Q_UAoAXoECAEQAw#imgrc=nQm-Tl4nkRrteM

resistir à doença para sobreviver; logo, as enfermidades são concebidas como inimigos que devem ser combatidos. Sendo assim, os efeitos provocados pela doença, evidenciados por marcas linguísticas, evocam a metáfora AMOR É DOENÇA, que tem como base a metáfora DOENÇA É FORÇA FÍSICA. Os elementos presentes nos domínios conceptuais DOENÇA e UNIDADE são projetados no conceito de amor e parecem enquadrar um cenário que mostra uma pessoa que vivencia uma codependência emocional, mas que consegue reverter a força imposta sobre ela: “Suas palavras não me dominam e deixam”. Desse modo, a retomada de suas próprias decisões é o primeiro passo para uma pessoa que sofre de amor patológico deixar de ser controlada.

Na figura (3), temos o amor sendo conceptualizado como dominância por meio de elementos (“me derruba”, “ele me desfigura”) que revelam características humanas projetadas para o amor como atitudes de um comportamento agressivo. Isso parece indicar uma correlação entre amor e atitudes destrutivas, visto que o amor está sendo conceptualizado como algo ou alguém que suga a energia do outro, que o afeta negativamente por meio de um comportamento nocivo, causando-lhe desequilíbrio emocional. Nesse sentido, aspectos como passividade, perda de controle, sofrimento e fragilidade, imputados pelo amor à pessoa que ama, evocam a metáfora AMOR É DESTRUIÇÃO, e as projeções entre os domínios-fonte e alvo resgatam elementos como: força negativa, impotência e danos. Além disso, o desejo expresso pelo veículo “fragmentará”, em “eu vou encontrar alguém que só de me olhar me fragmentará em infinitos pedaços”, revela uma distorção na forma de amar. O sofrimento intenso e o sentimento de impotência experimentados em troca de se sentir amado passam a ser normalizados por quem sofre de amor patológico.

O *frame* AMOR PATOLÓGICO também é evocado por meio de ideias presentes no trecho da música “Olha o que o amor me faz”, de Sandy e Júnior¹¹: “Primeira vez que o amor bateu de frente

¹¹ Fonte: <https://www.letras.mus.br/sandy-e-junior-musicas/144527/>

comigo, antes era só um amigo, agora mudou tudo de vez, [...] olha o que o amor te faz, te deixa sem saber como agir”. Aqui, temos expressões que revelam o amor sendo vivenciado como uma emoção que age psicologicamente sobre quem a experiencia, indicando um mapeamento subjacente: a metáfora AMOR É FORÇA FÍSICA. Tem-se a personificação do amor, que é conceptualizado como um ser controlador, evocado a partir de experiências que refletem sua associação com contextos de sofrimento. O *frame* AMOR PATOLÓGICO pode ser descrito da seguinte maneira:

Quadro 1: *Frame* AMOR PATOLÓGICO

<p><i>Frame</i>: AMOR PATOLÓGICO AMOR ROMÂNTICO VÍNCULO ETERNO AMANTES INTENSIDADE PASSIVIDADE SOFRIMENTO DEPENDÊNCIA EMOCIONAL LOUCURA CONTROLE e mais.</p>
--

Fonte: Elaborado pela autora.

Mapeamentos presentes:

<i>Frame</i> de DOENÇA (fonte)	<i>Frame</i> de AMOR (alvo)
Depender emocionalmente do outro	Ideia de vínculo eterno
Loucura (perda de controle emocional)	Amar intensamente ou passivamente
Depressão	Sofrer por amor
Transtorno obsessivo compulsivo	Pensar constantemente no outro

Nos mapeamentos presentes no quadro (1), os *frames* são responsáveis por construir e orientar a forma como o amor romântico pode ser pensado e compreendido. O que constitui o *frame* AMOR PATOLÓGICO não é uma palavra ou expressão particular, mas os mapeamentos entre domínios conceptuais, desde o domínio-fonte de DOENÇA, até o domínio-alvo de AMOR. O mapeamento respalda o uso da linguagem, que é secundário, e, enquanto domínio cognitivo, é reconhecido como um processo convencionalizado do nosso sistema conceptual. Assim, a projeção de determinados elementos-fonte - como, por exemplo, sofrimento e amor intenso; e não de outros, como felicidade e proximidade - nas metáforas AMOR É FORÇA FÍSICA e AMOR É UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES, reforça as características patológicas e corrobora uma perspectiva conceptual que destaca elementos associados a experiências com doenças emocionais. Tais correspondências nos permitem conceptualizar o amor evocando o conhecimento (*frame*) que possuímos para raciocinar sobre uma patologia.

Considerações finais

Na visão experiencialista, os conceitos humanos são mais do que um reflexo da realidade externa; de fato, esses são moldados por nossa mente a partir de experiências corpóreas que colaboram para a formação dos nossos sistemas perceptuais e conceptuais. Em outras palavras, os conceitos são concebidos a partir de nossas estruturas cognitivas que determinam o modo como nos relacionamos com outros indivíduos e com o meio. Dessa maneira, a metáfora, como parte de nossa cognição, nos ajuda a compreender que a linguagem revela um imenso sistema conceptual metafórico, que rege também a forma como pensamos, agimos e refletimos sobre os conceitos veiculados pela língua e pela cultura.

Compreender, teórica e analiticamente, o papel cognitivo-discursivo do enquadramento de AMOR como DOENÇA, nesse

quadro de amor patológico, evidencia uma das formas como o conceito de amor é socioculturalmente estruturado em nossas língua e cultura. Portanto, é natural que o *frame* de DOENÇA seja evocado para se pensar, falar e agir sobre o amor, principalmente, nos casos de relacionamentos destrutivos; provavelmente, pelos efeitos negativos causados na mente e no corpo, e pela possível associação com comportamentos compulsivos.

Por fim, este estudo surge como uma contribuição para a reflexão sobre metáfora e emoção, com a finalidade de lançar luz sobre conceitos que não são facilmente percebidos nas interações sociais; conhecer essas noções nos permite interagir com as conceptualizações discursivas de forma autônoma e consciente. As instâncias cognitivas estruturadas a partir de nossas experiências corpóreas e culturais são responsáveis pelo modo como construímos a realidade, as nossas crenças, valores e desejos, como também, pelo modo como falamos e agimos sobre eles.

Referências

AMARO, K. Relato da Ana, uma mulher que ama demais.sd. Disponível em: <https://patricinhaesperta.com.br/papo-de-mulher/relato-da-ana-uma-mulher-que-ama-demais-parte-2> . Acesso em: 15 dez. 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* Porto Alegre, RS: Artmed, 2014.

BEATTIE, M. *Co-dependência nunca mais*. Trad. Marília Braga. 10 ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2010.

FROMM, E. *A arte de amar*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KÖVECSES, Z. *Metaphors of Anger, Pride and Love: A Lexical Approach to the Structure of Concepts*. Philadelphid/Amsterdam: John Benjamins, p. 68-71, 1986.

KÖVECSES, Z. *Emotion concepts: from happiness to guilt. A cognitive semantic perspective.* New York: Springer, 1990.

KÖVECSES, Z. *Language, mind and culture.* Oxford: Oxford University Press, 2004.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: What categories reveal about the mind.* Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana de George Lakoff e Mark Johnson.* Trad. Mara Sophia Zanotto. ed 2002. Campinas, SP: Mercado de Letras/São Paulo: Educ, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by.* [2003]. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. *The Political Mind: Why You Can't Understand 21st-Century American Politics with an 18th-Century Brain.* New York: Viking, 2008.

RISO, W. *Amar ou depender? Como superar a dependência afetiva e fazer do amor uma experiência plena e saudável.* Porto Alegre, RS: L&M, 2010.

FÉ, CRENÇA E RELIGIÃO: PERSPECTIVA MACHADIANA E CRISTÃ DA METÁFORA DA SEMEADURA

Paulo Ricardo Pimentel Queyroi D'Anna¹

Objeto de pesquisa

A pesquisa das ocorrências do vocábulo “semeiar”, no site de buscas *Google*, mostra, aproximadamente, 11.200.000 (onze milhões e duzentos mil) resultados, em diversos âmbitos discursivos, como: dicionários on-line, discurso religioso, discurso artístico - especificamente na música, discurso educacional e provérbios populares, para citar alguns domínios. Além disso, nos meios de comunicação, nas conversas, nos agrupamentos religiosos e no círculo educacional, mensagens de base agrícola com valor metafórico são comumente encontradas. A fim de identificarmos a metáfora da semente nas instanciações linguísticas, é importante compreendermos os elementos e os eventos básicos pertinentes à prática agrícola, como: *solo, semente, agricultor (ou semeador), plantio, cultivo, adubação, irrigação, colheita (ou sega ou ceifa), frutos, plantas*, entre outros. Esses elementos, mais concretos, são mapeados cognitivamente e associados a ações mais abstratas, tais como: *ensinar, espalhar, produzir, reproduzir, compartilhar, manter e relacionar-se interpessoalmente*. Os conceitos abstratos são, então, assimilados a partir das noções concretas. O uso metafórico de expressões relacionadas a práticas agrícolas mostrou-se, na pesquisa, muito produtivo, como se verá ao longo da análise dos *corpora* adotados neste trabalho.

¹ Mestranda em Estudos de Linguagem (UFF), sob orientação da Profa. Dra. Solange Coelho Vereza; co-orientação do Prof. Dr. Dalby Dienstbach Rupert. E-mail: pauloqueyroi@gmail.com; paulodanna@id.uff.br

Meu interesse pelo estudo da metáfora da sementeira surgiu quando da leitura do conto “A cartomante”, de Machado de Assis, em que pude identificar a metáfora da sementeira, sendo usada para se referir à propagação da fé, da crença, da superstição e da religião. Além disso, sendo a fé e a crença recorrentemente metaforizadas como sementeira no campo religioso, pensei ser interessante também investigar a relação dessa metáfora, além desse uso literário, em outro objeto de estudo: a parábola do sementeiro, contada por Jesus e registrada nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. A escolha dessa parábola foi motivada pelo amplo uso da metáfora em questão, como base central de vários versículos do texto bíblico.

Objetivos

A proposta central deste trabalho é investigar de que modo a metáfora da SEMEADURA contribui para a conceptualização de fé, de crença e de religião no conto “A Cartomante”, de Machado de Assis, e na parábola do Evangelho de Mateus, capítulo 13, conhecida como “A parábola do sementeiro”.

Assim, os objetivos da pesquisa são:

➤ Identificar, por meio das expressões metafóricas utilizadas, os mapeamentos da metáfora da SEMEADURA que estruturam a passagem analisada no conto “A Cartomante”;

➤ Identificar, por meio das expressões metafóricas utilizadas, os mapeamentos da metáfora da SEMEADURA que estruturam a parábola analisada no texto bíblico.

➤ Descrever e analisar o funcionamento cognitivo-discursivo da metáfora da SEMEADURA nos dois textos;

➤ Verificar como os mapeamentos identificados nas análises contribuem para a conceptualização dos conceitos de fé, crença e religião.

➤ Fazer um cotejo entre os resultados das análises efetuadas em cada um dos *corpora*.

A abordagem cognitiva da metáfora

O arcabouço teórico para investigar a metáfora da sementeira tem como base os postulados da Linguística Cognitiva (doravante LC). De acordo com os teóricos dessa linha (Geeraerts *et al.*, 2006, por exemplo), o sistema conceptual que alicerça a mente humana é formado pelas representações cognitivas das experiências humanas, com base nos sentidos corpóreos básicos e nos sistemas socioculturais. O indivíduo, assim, é capaz de produzir linguagem a partir de conceptualizações que se formam em sua mente. Os sentidos - ou representações cognitivas- formadores do sistema conceptual são compartilhados pela comunidade discursiva em que se vive, uma vez que os interlocutores têm experiências sociomotoras e culturais semelhantes.

No paradigma da LC, a noção de *Metáfora Conceptual* (MC) é central, desempenhando um papel de grande relevância para os estudos cognitivistas. Tal conceito foi inaugurado na obra *Metaphors we live by* (1980), de George Lakoff e Mark Johnson. Tratando de metáforas, os autores ampliaram o conceito dessa figura - tradicionalmente vinculada ao campo da retórica e da literatura-, identificando-a, também, no pensamento, na linguagem e nas ações cotidianas dos indivíduos. Portanto, a metáfora, segundo os autores, está para além das palavras, por isso é concebida, na perspectiva da LC, como “figura de pensamento”. Por essa razão, “Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 45). A linguagem, assim, ancorada pelo sistema conceptual humano, passa a não ser mais vista como o *locus* (Vereza, 2010) da metáfora, mas como um meio de evidenciá-la. Considerar os enunciados como fontes de instanciações de metáforas conceptuais é um pressuposto central para os estudos cognitivos da metáfora.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) utilizam exemplos linguísticos, como “seus argumentos são *indefensáveis*”, “suas críticas foram *direto ao alvo*”, “*destruí* sua argumentação”, para corroborar a ideia

de que, na cultura em que uma discussão é estruturada cognitivamente em termos de batalha ou de guerra, a metáfora conceptual subjacente a essas enunciações seria, portanto, DISCUSSÃO É GUERRA. Os mesmos linguistas destacam que tal metáfora afeta as atitudes dos falantes (ou participantes de uma discussão ou debate), quando esses, por exemplo, abandonam uma posição argumentativa e partem para outra. Por isso, nesse caso, o que se faz é, pelo menos parcialmente, orientado por aquela metáfora conceptual, uma vez que a atitude e a compreensão dos falantes durante uma discussão pode ser “um ataque, uma defesa, um contra-ataque etc.” (Lakoff; Johnson, 2002, p.46). Nessa perspectiva, os linguistas propõem que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (Lakoff; Johnson, 2002, p.47).

O estabelecimento da construção do significado nos estudos da LC tem como parâmetro, além da noção de metáfora conceptual, o conceito de *frame*, apresentado por Charles Fillmore (*apud*1, 2011). Um *frame* está presente na memória de longo prazo, estruturado pelo conhecimento construído sociocognitivamente pelo falante através de bases físicas e culturais formadoras das “cenas da experiência humana” (Ferrari, 2011, p. 50), contribuindo, também, para categorizar o uso de determinadas palavras (Fillmore, 1982). Dessa forma, a experiência do e no mundo físico/corpóreo (temperatura, visão, audição, paladar etc.) e sociocultural é vista como parte estruturante da conceptualização das informações, pois permite a produção e a interpretação de sentidos (Martelotta; Palomanes, 2008).

Outra contribuição importante para o desenvolvimento do conhecimento sobre a metáfora é a de Vereza (2010), no que diz respeito ao conceito de “nicho metafórico” (Vereza, 2010). A autora promove um olhar cognitivo-discursivo para investigar a metáfora no discurso. O discurso, como linguagem em ação, evoca a metáfora conceptual a partir das marcas linguísticas nele presentes, resgatando, assim, a função *dispositio* da retórica aristotélica (Vereza, *ibid.*). O nicho metafórico, além de um conceito, é uma

unidade analítica usada para se investigar o modo com que a metáfora organiza o discurso semântica e pragmaticamente, participando da argumentação.

Transitando para o ambiente literário, entendido como espaço privilegiado da metáfora, essa figura é vista como sendo inerente à tipologia narrativa dentro da literatura ficcional. Hoje, na perspectiva da LC, é possível explorá-la no domínio literário considerado o seu caráter conceptual. Conforme Caracciolo (*apud* Semino; Djámen, 2017), muitas das metáforas, nesse ambiente, são produzidas deliberadamente, conforme o que se deseja criar durante o processo artístico, seja na poesia ou no romance. Debruçando-se na prosa, o autor se utiliza de um excerto extraído do romance norte-americano *Under the skin* (2000), escrito por Michael Faber:

Eles se viraram quando ela se aproximou e gritaram algo com sotaque muito forte para ela entender. Suas cabeças encharcadas de chuva pareciam duas batatas descascadas, cada uma com um pouco de molho marrom por cima; suas mãos pareciam enluvadas em papel alumínio verde brilhante: os invólucros de pacotes de batatas fritas. Pelo espelho retrovisor, Isserley viu seus corpos bamboleantes se transformarem em manchas coloridas finalmente engolidas pela sopa cinzenta da chuva² (Caracciolo *apud* Semino; Djámen, p. 206, 2017).

Marco Caracciolo destaca as seguintes expressões linguísticas do trecho acima: “Suas cabeças pareciam duas batatas descascadas”, “[...] cada uma com um pouco de molho marrom”, “suas mãos pareciam enluvadas com papel alumínio verde brilhante”, “os invólucros de pacotes de batatas fritas”, “engolidas

² They had turned at her approach and shouted something too heavily accented for her to understand. Their rain-soaked heads looked like a couple of peeled potatoes, each with a little splat of brown sauce on top; their hands seemed gloved in bright green foil: the wrappers of crisps packets. In her rear-view mirror, Isserley had watched their waddling bodies recede to coloured blobs finally swallowed up in the grey soup of the rain (Caracciolo *apud* Semino; Djámen, p. 206, 2016).

pela sopa cinzenta da chuva". Como se pode observar, essas frases pertencem ao domínio de alimentos e Caracciolo discorre que esse domínio fora acessado pelo romancista porque na trama é revelada que a protagonista vem de uma raça alienígena que coleta seres humanos e os envia para um planeta, onde desembarcam e se tornam alimentos. Nesse ponto, fica claro que essas e outras palavras que remetem ao *frame* ALIMENTAÇÃO foram planejadas pelo escritor por ocasião da sua obra.

Ainda tratando brevemente de estudos da metáfora literária, Gerard Steen (*apud* Semino; Djamén, 2017) se debruça na arte com palavras para estudar as metáforas, através de uma visão empírica. Steen (1994 *apud* Semino; Djamén, 2017) destaca que os leitores de literatura ficcional comumente percebem a presença da metáfora, identificando-a explicitamente, avaliam-na de acordo com o critério estético, interpretam-na pelas referências autorais e "reempregam" essas metáforas posteriormente ao ato da leitura. Desse modo, os leitores de textos literários fazem a interpretação das metáforas literárias de modo diferente de como interpretam metáforas encontradas em outros contextos discursivos.

Outro método importante para a presente pesquisa é o da identificação de "macromapeamentos" (Vereza, 2020; Farias, 2015), uma análise metafórica de um segmento mais longo de um texto. O macromapeamento associa duas *situações*, diferentemente do mapeamento mais costumeiro, que relaciona dois *conceitos*. O prefixo "macro" evidencia que a construção metafórica possui nichos metafóricos mais abrangentes do que uma estrutura figurada localizada - como no caso da metáfora situada (Vereza, 2010). O macromapeamento é tecido cognitiva e discursivamente porque corresponde a um nicho metafórico, podendo ser uma forma de analisar textos mais elaborados, como contos e parábolas.

Resultados parciais

O conto “A Cartomante” (1884) integra a coletânea *Várias Histórias*, organizada por Machado de Assis, autor do conto. A trama envolve três personagens: Camilo, Rita e Vilela. Os dois últimos são casados; e Vilela é o melhor amigo de Camilo. Neste enredo, Camilo e Rita passam a se envolver, seguindo a tendência machadiana de tematizar o adultério. Durante a relação ilícita, Rita observa a Camilo que sente o seu marido desconfiado de suas ausências, pois que, antes do envolvimento adúltero, eram comuns as visitas de Camilo, mas, paulatinamente, elas diminuíram. Assim, Vilela parece imaginar que há algo estranho em seu casamento e torna-se distante de Rita, e esta está convicta de que seu esposo desconfia do adultério. Temerosa, a moça se consulta com determinada cartomante a fim de obter uma previsão acerca do futuro do romance entre os dois amantes. Rita conta a Camilo, a vidente previu o motivo de ela a procurar e revelou que o casal seria feliz. Camilo não crê no relato da moça, mas não lhe diz nada, visto que se sente empático à sua ingenuidade por ser supersticiosa, uma experiência com a qual ele próprio já havia se familiarizado na mocidade. Após esse episódio, o narrador explica a vontade inicial de Camilo de fazer sua namorada desacreditar da vidente, como se segue:

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram.

No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada (Assis, 1884 [s\ d], p. 132 - 133).

Neste trecho, pode-se notar as metáforas situadas³ *crença e religião são vegetais* e *crendice é arsenal*, essa última uma metáfora que remete ao domínio de GUERRA. Além disso, há, no trecho em análise, a evocação do esquema imagético FORÇA (Ferrari, 2011), porquanto a mãe de Camilo é antagonista do filho, que, por sua vez, é, claramente, o agonista do evento; ele, o sujeito paciente, recebendo, como um *contêiner*, objetos, de maneira forçada. A narração, a seguir, revela que o próprio personagem exerce uma *contraforça* em si mesmo e nega totalmente a “vegetação parasita”, deixando-a cair e possibilitando a permanência apenas do “tronco da religião”. Há, aqui, a noção de causação, haja vista a locução verbal *deixar cair* sugerir uma permissão resultante da ação de Camilo, que move de si mesmo o que aprendera da mãe, tornando-se o antagonista do agonista credences.

A metáfora situada *crença e religião são vegetais* é estruturada pelo *frame* de sementeira, que, por sua vez, é acessado pelo conhecimento enciclopédico e cultural dos usuários da língua. O uso dos substantivos “vegetação” e “tronco”, pertencentes ao domínio da agricultura, trazem outros elementos do domínio, como “semente”. A relação entre “semente” e “vegetal” se estabelece facilmente na cognição do leitor, pois um vegetal, antes de sê-lo plenamente, é uma semente lançada ao solo, durante a sementeira.

O mesmo *frame* – de sementeira – contribui para a compreensão do significado do MCI de *crendice* para o personagem Camilo. Conforme Fillmore (1982), alguns verbos possuem valências, ou seja, há forças participando da ação verbal, favorecendo a sua significação e a sua interpretação. O verbo “incutir” tem duas entidades – um agente e um objeto –, que, no caso analisado, são, respectivamente, a mãe de Camilo e “ambos os ensinamentos”.

A partir desse quadro, é possível traçar os aspectos proposicionais, imagéticos e metafóricos em que o *frame* de

³ A *metáfora situada*, segundo Vereza e Cavalcante (2022), é circunscrita a um evento comunicativo específico. Ao contrário da metáfora conceptual, é local e episódica – pertencendo, portanto, à cognição [on-line].

CRENDICE é ora conceptualizado como arsenal, ora como vegetação parasita. A credence, normalmente, é idealizada como uma ideia que gera certeza em um indivíduo, ligada ao sentimento de objeto possuído. Assim, como vegetação parasita, a ideia de credence transmite uma noção de item indesejado, de incômodo - uma definição atribuída pelo personagem Camilo ao ensino da mãe quando ele é jovem. Sendo arsenal, o ensino da mãe de Camilo configura-se como coleções de armamentos, sugerindo pluralidade; da mesma forma como acontece quando conceptualizada como vegetação, pois, mesmo no singular, o pronome “toda” permite a compreensão de quantidade indefinida de vegetação que, por sua vez, acessa o *frame* FLORA, conforme a experiência espacial de estar inserido em um ambiente com vegetação.

O termo “tronco da religião” também se estrutura com base no *frame* FLORA, segundo a experiência com o ESPAÇO e, mais especificamente, com o esquema imagético parte-todo, pois um tronco é parte essencial do todo que forma uma árvore: raiz, tronco, ramos, e folhas, com frutos ou não. A conceptualização de religião em termos de tronco, ainda que sem menção a ramos, raiz, frutos e nem a vegetação, se opõe à compreensão sobre credences - qualificadas negativamente como vegetação parasita. Assim, ao ser projetada como mais rígida e mais firme - tronco -, a ideia de religião transmite a noção de permanência, ou seja, com presença no ambiente; e sem ignorar que credences têm base religiosa.

Logo, em conformidade com nossa experiência de mundo, a estrutura semântica de credences como vegetação parasita ressalta a sua fragilidade, sugerida pela ação da queda na locução verbal precedente ao termo vegetação parasita - “deixar cair”; além da ideia de objeto indesejável. Portanto, a credence para Camilo, como o próprio trecho expõe, é infrutífera; a religião, sendo apenas tronco, por sua vez, é incompleta.

Um indivíduo com conhecimento sobre o texto bíblico reconhecerá, provavelmente, que a metáfora criada por Machado de Assis no conto analisado está igualmente presente em outros gêneros que circulam em comunidades religiosas. Entretanto, o que

contrasta, no que se refere aos conceitos de fé e de religião, entre o conto analisado e o texto sagrado, é o que ocorre no final do enredo.

Camilo recebe um bilhete em seu escritório orientando-o a correr à casa de Vilela. O destinatário da carta teme que seu caso adúltero com Rita, esposa de Vilela, tenha sido descoberto pelo amigo e imagina um final trágico para si e para a namorada, imaginando o assassinato de ambos por vingança. Apesar do medo, Camilo parte de seu escritório e se encaminha à residência de Vilela. Durante o trajeto, porém, ocorre um acidente, obrigando o tálburi que o levava a parar. Enquanto espera, Camilo nota que seu carro está em frente à casa da mesma cartomante com que Rita havia se consultado. Embora o personagem não creia em nada que seja extranatural, motivado pelo pavor de ter sua vida ceifada por causa do seu relacionamento com a esposa do amigo, ele aproveita o momento e adentra no domicílio para se consultar. Lá, a vidente lhe revela que ele não deveria ter preocupações, pois, segundo ela, ambos terminariam seus dias felizes. Reavivado com essa mensagem, Camilo creu nela e isso acendeu boa expectativa em seu coração. Agora alegre, o rapaz retorna ao carro, que já podia avançar após o acidente, e segue viagem mais confiante depois da previsão da cartomante. Quando Camilo desembarca do tálburi e prossegue até a casa do seu amigo, a cena testemunhada por ele é contrária ao destino pregado pela mulher vidente, visto que Rita jaz morta na sala. Camilo é pego de surpresa por Vilela e tem sua vida ceifada.

Comparando o término do conto com o seu início, observa-se que a previsão de Camilo sobre o seu próprio fim – ele havia se tornado descrente da religião, da fé e das crendices transmitidas por sua mãe –, ironicamente, se revelou mais verdadeira do que a afirmação sobrenatural da cartomante. Nessa lógica, o conto defende o racional em detrimento do sobrenatural; e a metáfora da sementeira empregada na narração, semelhante àquela usada nos textos sagrados, foi criada por Machado de Assis. O autor seguia a escola literária vigente à época – o Realismo –, que buscava promover o valor da razão, influenciado pelo Positivismo de

Auguste Comte; e evidenciar a realidade acima da visão romântica sobre o mundo, a sociedade e a humanidade.

Na Bíblia, a parábola do semeador, contada por Jesus, é proferida a um público plural. A missão de Jesus, de acordo com as Sagradas Escrituras, era servir a todos, ensinando, curando e, mais importante, doando a própria vida para ressuscitar e garantir a possibilidade de vida eterna a todo aquele que crer. Conhecedor do íntimo humano (Bíblia, João, 2, 24 - 25, N.T.), o Mestre sabia como cada ser humano receberia os seus ensinamentos, e, por isso, reúne-se com o povo, como de costume, e explica, por parábolas, o evangelho. A narrativa se encontra em três dos quatro evangelhos que contam a vida de Jesus: Mateus, Marcos e Lucas. O texto elencado para o mapeamento da metáfora da semente é o capítulo 13 do evangelho segundo Mateus (Bíblia, N.T., Mateus, 13, p.945 - 946). Diz o texto:

E falou-lhes [Jesus] de muitas coisas por parábolas, dizendo:

Eis que o semeador saiu a semear.

E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves e comeram-na;

e outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante; e logo nasceu, porque não tinha terra funda.

Mas, vindo o sol, queimou-se e secou-se, porque não tinha raiz.

E outra parte caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram-na.

E outra parte caiu em boa terra e deu fruto: um, a cem, outro, a sessenta, e outro, a trinta.

[...]

Ouvindo alguém a palavra do Reino e não a entendendo, vem o maligno e arrebatou o que foi semeado em seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho;

porém, o que foi semeado em pedregais é o que ouve a palavra e logo a recebe com alegria; mas não tem raiz em si mesmo; antes, é de pouca duração; e chegada a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se ofende;

e o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo e a sedução das riquezas sufocam a palavra e fica infrutífera;

mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e um produz cem, outro, sessenta, e outro, trinta (Bíblia, *Mateus*, 13, 1 - 9; 19 - 23, p. 945 - 946).

O texto é narrado em uma sociedade com cultura majoritariamente camponesa. Os povos que habitavam a região da Palestina sobreviviam, em grande parte, pelo resultado de sua colheita. Logo, a parábola contou com elementos comuns à experiência dos ouvintes da época; e, da mesma forma, aqueles que atualmente vivem em uma sociedade como a caracterizada no parágrafo anterior, também não estranharão tais elementos.

É interessante perceber que a parábola, depois de narrada aos ouvintes, é contada de maneira mais clara, particularmente, pelo próprio orador - no caso, Jesus - aos seus discípulos mais íntimos. Assim, ele próprio revela que a palavra *semente* conceptualiza a *crença na palavra do Reino*. O *semeador* é quem propaga a doutrina da fé. O tipo de local onde a semente cai refere-se ao tipo de pessoa que ouve o ensino sobre os valores do Reino de Deus e demonstra como cada ouvinte reage à oferta do ensino.

O que há em comum entre o conto machadiano e a parábola cristã, além da *metáfora da semeadura*, é a conceptualização INDIVÍDUO É SOLO, ou seja, o indivíduo como suscetível ao recebimento de algum conteúdo. Essa conceptualização está instanciada por referências linguísticas que remetem ao esquema imagético de *CONTÊINER*, sendo possível, também, identificar a *metáfora do conduto* (Raddy *apud* Fillmore, 1982), em que a transmissão parte de uma entidade para outra. As expressões “[...] que a mãe lhe incutiu” e “saiu o semeador a semear”, respectivamente, comprovam a metáfora identificada. O diferencial entre os dois textos supracitados, porém, é o modo como, em cada contexto, o ensino conceptualizado como *semente* é transmitido. No texto do Bruxo do Cosme Velho, o verbo *incutir*, revisitando a análise feita, permite o

acesso ao *frame* PENETRAÇÃO, ou seja, gerando uma ideia de objeto inserido por meio de força contra um continente; a maneira como a parábola cristã aborda a transmissão da palavra de Deus, por sua vez, é menos forçosa, com o verbo cair denotando uma tendência natural dos efeitos da gravidade que movimentam a semente para baixo.

O resultado das duas ações é que as credences são conceptualizadas como uma vegetação que cede e cai da mente do personagem Camilo, enquanto o tronco da religião permanece. Além disso, a palavra, metaforizada como semente, sofre ações diferentes, conforme a reação de cada ouvinte à palavra ensinada e ao ambiente em que vive; de forma que o tipo de reação pode comprometer negativa ou positivamente as consequências desse ensino.

Considerações finais

O presente projeto procurou contribuir com os estudos da área de análise linguística, tendo, como objeto maior, a metáfora, vista, hoje em dia, no meio acadêmico, por parte de quem se debruça sobre a Linguística Cognitiva. Dessa forma, a metáfora é inerente à linguagem, ao pensamento e às ações, estruturando a maneira como o ser humano se relaciona com o outro e com o meio, e como reage em relação ao mundo (Lakoff; Johnson, 2002). Nos ensinamentos escolares e no senso comum, a metáfora ainda não é reconhecida como recurso da cognição, mas da linguagem. Isso indica uma herança da visão tradicional no meio da sociedade (Vereza, 2007, 2010; Vereza; Cavalcanti, 2022). Dessa forma, este trabalho propõe uma análise, mesmo que não conclusiva, que revela como a conceptualização de crenças e de fé contribui para acrescentar à produtiva *metáfora da semente* uma interpretação voltada para os estudos dos discursos literário e religioso embora a literatura já seja, normalmente, considerada o *locus* natural da metáfora.

Vale ressaltar que a pretensão deste trabalho não se esgotou; o objetivo é estender essa pesquisa sobre a análise metafórica, segundo a Linguística Cognitiva, para outros gêneros textuais e literários.

Referências

ASSIS, M. de. A cartomante. In: ALVES, R. (org.). *Contos Escolhidos*. Coleção Clássicos da Literatura Machado de Assis, 1988, p. 132-139.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e corrigida. 4 ed. Barueri. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, p. 945 – 946.

CARACCILO, M. The creative metaphor in literature. In: SEMINO, E.; DEMJÉN, Z. (Ed.). *The routledge Handbook of Metaphor and Language*. Oxon: Routledge, 2017, p. 206–218.

FARIAS, C. V. V. N. *Enquadramentos cognitivo-discursivos em cartas de aconselhamento*. Tese. (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, 2015.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. Frame Semantics. In: *Linguistics in the morning calm: Selected Papers from SICOL-1981*. Seoul: Hanshin Pub. Co, 1982, p. 111.

GEERAERTS, D. et al. (org.) *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002, p.199.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 177-191.

SEMINO, E.; DJAMÉN, S. (org.). *The Routledge handbook of metaphor and language*. Londres: Routledge, 2016.

VEREZA, S. C. O locus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Caderno de Letras da UFF - Dossiê: Letras e Cognição*, nº 14, p. 199 - 212, 2010.

VEREZA, S. C. Trajetórias da metáfora: retórica, pensamento e discurso. *In: Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra.* Niterói: EDUFF, 2012.

VEREZA, S. C. Moral da história: macromapeamentos cognitivo-discursivos como estratégia argumentativa. *In: CAVALCANTE, S.; GABRIEL, R.; MOURA, H. (org.). Linguagem, cognição e cultural: estudos em interface.* 1. Ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2020, p. 291 - 318.

VEREZA, S. C.; CAVALCANTI, F. Percorrendo as trilhas da metáfora: teorias, abordagens e métodos. *In: ROSÁRIO, I.; SANCHEZ-MENDES, L. (org.). Teoria e análise linguística.* Niterói: EDUFF, 2022.

PARTE 3
SEMÂNTICA FORMAL

SEMÂNTICA E ENSINO: RELAÇÕES ASPECTO-TEMPORAIS NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Érica Azevedo de Souza¹

Objeto de pesquisa

Existem diversas relações lógico-semânticas entre conectivos e verbos que introduzem as orações subordinadas que não são apresentadas em materiais didáticos e, conseqüentemente, em aulas tradicionais de língua portuguesa. Como exemplo dessas relações, as sentenças em (1) mostram que o período composto mantém o seu significado, ainda que a mesma conjunção introduza orações diferentes. No entanto, o mesmo não se verifica em relação às sentenças em (2): (2a) denota que o evento de ‘ler o livro’ ocorreu após o sono do interlocutor e, nesse caso, a conjunção ‘quando’ parece ter interpretação semelhante a ‘depois que’ ou ‘assim que’; já em (2b), a leitura é de que o evento de ‘dormir’ se deu ainda dentro do período em que o livro estava sendo lido.

- (1) a. Meus pais se divorciaram quando eu tinha 3 anos.
b. Eu tinha 3 anos quando meus pais se divorciaram.

- (2) a. Eu li o livro quando você dormiu.
b. Você dormiu quando eu li o livro.

Podemos observar que essa assimetria também ocorre entre (3) e (4): nos casos de (3a) e (3b), embora os conectores que ligam a oração principal e a oração subordinada sejam diferentes, as interpretações são equivalentes – ambas significam que um evento ocorreu no intervalo temporal de outro evento; porém, em (4), essa

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem (UFF), sob orientação da profa. Dra. Luciana Sanchez Mendes. E-mail: ericaas@id.uff.br; Orcid: 0000-0002-5101-1514.

equivalência não se mantém, pois (4a) parece denotar um evento que ocorre com frequência, pois ‘quando’ assume valor de ‘sempre que’ e (4b) declara que ‘cozinhar’ e ‘lavar a louça’ eram simultâneos no passado e, ainda que a ideia de ação frequente esteja presente, a substituição por um conectivo de habitualidade, como ‘sempre que’, mudaria o significado original do período.

- (3) a. Quando Maria estava cozinhando, Joana lavou a louça.
b. Enquanto Maria estava cozinhando, Joana lavou a louça.

- (4) a. Quando Maria cozinhava, Joana lavava a louça.
b. Enquanto Maria cozinhava, Joana lavava a louça.

As semelhanças e diferenças de interpretação e possibilidades de substituição de conectores desses exemplos justificam-se pela combinação entre a conjunção subordinativa, o tempo e o aspecto verbal empregados. Em (1-4), foram utilizados verbos com flexão e significado lexical diversos, o que motiva a diferença de comportamento dos conectivos e, conseqüentemente, sua interpretação. Dessa forma, observa-se que, mesmo se tratando de conjunções de mesma natureza sintática (todas são subordinativas adverbiais temporais), há fenômenos semânticos que alteram a leitura desses conectivos e, por consequência, dos períodos.

Objetivos

A fim de descrever o comportamento semântico das conjunções ‘quando’ e ‘enquanto’ e sua combinação com tempo e aspecto para, em seguida, apresentar um esboço de sequência didática, buscou-se, nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Formal, noções que contribuam no ensino do período composto por subordinação – em específico no que se refere às orações adverbiais temporais – visando uma aplicação mais didática para as aulas de Língua Portuguesa.

Metodologia

Para traçar esses objetivos, este trabalho usou a seguinte metodologia: i) apresentação das contribuições da Linguística Formal para o ensino de língua materna; ii) descrição do aspecto gramatical (Klein, 1994) e do aspecto lexical (Vendler, 1957); iii) discussão da propriedade semântica dos conectivos ‘quando’ e ‘enquanto’ e da sua relação com tempo e aspecto, de acordo com Klein (1994), Comrie (1986) e Sæbø (2011); iv) proposta de um esboço que sirva como alternativa para o ensino de orações subordinadas adverbiais temporais e, conseqüentemente, para a produção textual, segundo etapas da metodologia de Lobato (2015) e atividades discutidas em Franchi (1987).

Resultados parciais

1.1 Linguística Formal e Ensino de Língua Materna

A Linguística Formal investiga a língua a partir de um panorama biológico, autônomo e científico (Borges Neto, 2004). A característica biológica se justifica pelo pressuposto de que todo falante tem uma capacidade inata de desenvolver uma gramática em condições típicas que o torna capaz de reconhecer estruturas (in)adequadas de sua língua. É autônoma porque teorias linguísticas formais defendem que existe uma parte independente no nosso cérebro responsável pela linguagem bem como defendem que a gramática pode ser vista de forma modular, o que justifica estudar os fenômenos de cada nível separadamente (Kenedy; Sanchez-Mendes, 2022). Por fim, é considerada científica porque obedece aos pré-requisitos de um método científico, dentre eles, o que será explorado neste trabalho: os testes de (a)gramaticalidade, que buscam verificar quais construções são (in)adequadas em uma língua para uma análise linguística aprofundada e que podem ser usados como instrumentos de falseabilidade, tais como os empregados pelo raciocínio científico.

Lobato (2015) foi uma autora que apresentou uma proposta para o ensino não tradicional de gramática pautando-se na Linguística Formal. Para isso, a autora defende três etapas essenciais de aprendizado: (1) procedimento de descoberta; (2) método de elicitación; e (3) técnica de resultados.

O procedimento de descoberta tem o objetivo de fazer mostrar a faculdade da linguagem do aluno e se caracteriza como uma atividade na qual um conteúdo gramatical é apresentado sem, inicialmente, explicitar o foco da análise.

O método de elicitación consiste em uma seleção estratégica de perguntas, feita pelo professor, sobre dados analisados no procedimento de descoberta para que se direcione o aluno a tirar suas próprias conclusões sobre o conhecimento de um certo fenômeno linguístico a fim de fazer sistematizações. Nessa etapa, Lobato (2015) sugere estimular comparações entre sintagmas, sentenças ou períodos para organizar as ideias em torno da função e do significado das estruturas e isso pode ser feito através dos testes de (a)gramaticalidade.

Por fim, a técnica de resultados é uma forma de fazer uso consciente dos fenômenos gramaticais analisados nas etapas anteriores. Sendo assim, as perguntas que darão origem à sistematização do comportamento do caso investigado no método de elicitación funcionarão como ferramentas para que o aluno, na técnica de resultados, demonstre seu domínio sobre a estrutura gramatical estudada na construção de sentidos ao produzir um texto.

1.2 Semântica Aspecto-Temporal

A relação entre tempo e aspecto gramatical é abordada por Klein (1994). Para descrever essa relação, o autor apresentou as nomenclaturas Tempo de Enunciado (TU)², Tempo de Situação (TSit) e Tempo de Tópico (TT), que representam, respectivamente: o momento em que a sentença é proferida (MF), o momento de

² Do inglês, *time of utterance*.

existência do próprio evento, que é não-finito (ME), e o tempo sobre o qual se fala (MR) (Reinchenbach, 1947). Segundo Klein (1994), é a relação entre o TSit e o TT que compõe o aspecto gramatical: se o TSit for incluído em TT o aspecto é perfectivo, se TT for incluído em TSit, o aspecto é imperfectivo. Essa descrição fica mais clara se observarmos os exemplos em (5): só interpretamos que a queda de luz se deu no meio do banho porque o evento de ‘faltar luz’ está no perfectivo e o de ‘tomar banho’, no imperfectivo (Azevedo, 2022).

(5) Quando eu estava tomando banho, faltou luz.

O aspecto gramatical também tem mudança de significado quando combinado ao aspecto lexical. Em (6), ainda que tenham se mantido os mesmos eventos de (5), o período não tem mais o mesmo significado e, devido ao léxico de ‘faltar a luz’ ser diferente de ‘tomar banho’, o imperfectivo progressivo só não gera inadequação no período de (6), se interpretamos que a queda de luz estava ocorrendo de forma iterativa, ou seja, com intervalos de queda e volta da energia (Müller, 2020).

(6) # Quando estava faltando luz, eu tomei banho.

Como a própria nomenclatura sugere, aspecto lexical é o significado expresso pelo próprio léxico que denota o evento. Vendler (1957) divide os eventos em quatro tipos chamados de classes acionais ou *Aktionsart* de acordo com seu *telos* e sua (não) duração: i) *achievements* – situações télicas não durativas (‘faltar luz’); ii) *accomplishments* – situações télicas durativas (‘fazer um download’); iii) atividades – situações atélicas durativas (‘tomar banho’) e iv) estativos – situações atélicas não durativas (‘estar sem luz’). Em (6), a inadequação do gerúndio com o evento ‘faltar a luz’ (ou a sua restrição contextual de iteração) se justifica por sua natureza semântica: ‘faltar luz’, por ser um *achievement*, tem início e fim simultâneos e, ao combiná-lo com um aspecto que expressa o

desenvolvimento do evento (como o imperfectivo progressivo), o período gera certas restrições de leitura.

1.3 Conectivo e Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Partimos da hipótese de que o aspecto (gramatical e lexical) cria relações de diferença e semelhança nas interpretações dos conectivos temporais. Nesse sentido, propomos que ‘quando’ expressa relação de enquadramento, como (7a), de simultaneidade (7b), de frequência (7c) e de posterioridade (7d), ajustando o foco da situação presente na oração principal de acordo com o significado da oração subordinada (Klein, 1994; Sæbø, 2011).

Essas relações estão diretamente vinculadas ao aspecto: em (7a) e (7b), a oração subordinada ‘quando Bia estava estendendo a roupa’ assume o valor de Tempo de Tópico (Klein, 1994) da oração principal. A diferença está no aspecto gramatical do evento da oração principal: em (7a), como ‘lavar a louça’ está no perfectivo, temos um evento completado dentro de uma referência temporal que está em desenvolvimento; já em (7b), como ‘estava lavando a louça’ está no progressivo, temos dois eventos se sobrepondo, o que se assemelha à leitura de concomitância expressa por ‘enquanto’. Em (7c), há leitura de habitualidade devido ao imperfectivo simples nas duas orações do período (Comrie, 1986), indicando que, se Ana lavava a louça, então ele estendia a roupa³. Em (7d), a interpretação é de dois eventos que ocorrem de forma subsequente devido à presença do perfectivo, que requer o término de um evento para que outro se inicie (Smith, 1991; Müller, 2020).

- (7) a. Ana lavou a louça quando Bia estava estendendo a roupa.
- b. Ana estava lavando a louça quando Bia estava estendendo a roupa.
- c. Ana lavava a louça quando Bia estendia a roupa.
- d. Ana lavou a louça quando Bia estendeu a roupa.

³ A possibilidade de representação por meio de forma lógica será explorada futuramente.

A conjunção temporal ‘enquanto’, por sua vez, geralmente assume o significado de simultaneidade. Porém, esse conectivo gera (in)adequação dependendo do aspecto que o acompanha. Os exemplos em (8) servirão de análise para essa hipótese.

- (8) a. Ana fez comida enquanto Bia estava saindo.
- b. Ana estava fazendo comida enquanto Bia estava saindo.
- c. Ana fez comida enquanto Bia saiu.

Segundo Sæbø (2011), em inglês, *while* não admite eventos télicos e/ou no perfectivo e, caso o verbo seja télico, a conjunção o transforma em atélico. Em português ‘enquanto’, na verdade, parece necessitar de uma duração e é possível acompanhar *achievements* (‘sair’) no progressivo, como (8a-b), se expressar fases preparatórias do evento (Smith, 1991; Azevedo, 2022). Caso essa conjunção acompanhe um evento no perfectivo, defendemos a hipótese de que esse mesmo evento necessita de uma duração mínima (e máxima), como é o caso de (8c), em que a interpretação apropriada deve ser a de que Bia saiu de 20:00 às 22:00, por exemplo, e Ana fez a comida nesse intervalo temporal máximo. Se, nesse caso, ‘sair’ realmente implicar em uma duração mínima, a sua classe acional não será mais a de *achievement*, mas a de um estativo com limite temporal, como no caso de “enquanto Bia ficou no bar”⁴.

Confirmando a hipótese de que ‘enquanto’ só é adequada com situações durativas, em (9a), essa conjunção acompanhada do perfectivo em ‘chegar’, que não aceita duração mínima, gera contradição. Entretanto, é possível usar essa conjunção para negações, como em (9b), em que ‘enquanto Bia não chegou’ parece denotar ‘até o momento de Bia chegar’.

- (9)a. # Ana fez comida enquanto Bia chegou.
- b. Ana fez comida enquanto Bia não chegou.

⁴ A possibilidade de interpretação de contraste desse tipo de período será explorada futuramente.

1.4 Esboço de proposta didática

Com o objetivo de utilizar as noções sobre tempo, aspecto e conjunções temporais e as reflexões apresentadas nas seções anteriores para contribuir no ensino de orações subordinadas adverbiais temporais, foi feito um esboço de sequência didática, pautando-se na metodologia de Lobato (2015).

De Conto, Sanchez-Mendes e Rigatti (2022) defendem que, além de atividades metalinguísticas, as atividades chamadas de epilinguísticas apresentam potencial de aplicação no fazer científico e no ensino de gramática e podem ser integradas ao procedimento de descoberta proposto por Lobato (2015). O conceito de atividade epilinguística é encontrado em Franchi (1987) e consiste no exercício de conduzir o aluno a observar efeitos de sentido através de substituições linguísticas dentro de um mesmo paradigma. Esse tipo de atividade de manipulação linguística propulsiona a evidência da criatividade dos alunos e possibilita a realização de analogias e reformulações linguísticas. Neste trabalho, defendemos que tais atividades podem ser incorporadas não só no procedimento de descoberta, mas também no método de elicitación. Além disso, em concordância com Franchi (1987), argumentamos que essa estratégia pode contribuir para o aprimoramento de habilidades de (re)escrita.

1.4.1 Procedimento de descoberta

Lobato (2015) afirma que um dos principais e primeiros objetivos de uma aula de gramática é fazer os estudantes demonstrarem empiricamente a presença de sua faculdade da linguagem e, para isso, “qualquer fenômeno linguístico pode servir de tema para a demonstração” (Lobato, 2015, p. 22). De Conto, Sanchez-Mendes e Rigatti (2022) sugerem que uma boa maneira de explicitar a sabedoria gramatical do falante e de explorar o procedimento de descoberta é utilizar textos que estão presentes no cotidiano dos alunos. Nesse sentido, optou-se por usar dois ditados populares para esta etapa e

que podem ser aproveitados nas etapas posteriores. Ditados populares, como os de (10), são bons exemplos de textos que permeiam o cotidiano dos alunos e, se não forem usados por todos os jovens, são frequentes na fala do povo brasileiro e, conseqüentemente, conhecidas por falantes de diversas idades.

(10)a. “Quando o gato sai, os ratos fazem a festa”.

b. “Enquanto você está vindo com a farinha, eu já voltei com o bolo pronto”.

Antes mesmo de estimular um aluno a demonstrar sua faculdade da linguagem, propomos que o professor verifique a familiaridade dos alunos em relação ao que está sendo mostrado, isto é, defendemos que é importante iniciar o processo de aprendizagem, diante de qualquer texto, com perguntas, como: “Você já ouviu esses ditados?”, “O que eles significam?”, “Você acha que esses ditados estão realmente falando de gatos e ratos ou de farinha e de bolo?”. Nesse processo, é provável que o aluno se sinta entusiasmado em responder, caso já tenha ouvido alguém de sua família usar essas expressões.

Como esses ditados não apresentam, em si mesmo, um material metalinguístico, acreditamos que o procedimento de descoberta, nesse caso, pode funcionar como uma avaliação do conhecimento de mundo do aluno diante do que está sendo apresentado.

1.4.2 Método de eliciação

De forma diferente dos manuais, Lobato (2015) sugere que, no método de eliciação, ao invés de entregar ao aluno as nomenclaturas para se decorar, o professor selecione perguntas para que o leve a descobrir, por si mesmo, as sistematizações e possibilidades da sua língua. A autora defende que a explicitação da capacidade linguística do aluno seja feita no procedimento de descoberta, no entanto, como apontado na etapa anterior, se o

material utilizado pelo professor não apresentar material metalinguístico próprio, apostamos que é possível estimular a evidência do conhecimento linguístico do aluno durante os testes feitos no método de elicitación.

Dessa forma, com o objetivo de apresentar uma proposta didática em que o aluno reflita sobre o(s) significado(s) das conjunções 'quando' e 'enquanto' através de uma abordagem formal, sugerimos que, primeiramente, o professor leve o aluno a observar a mudança de interpretação do ditado a partir da troca do tempo verbal do presente para o passado. Ditados populares apresentam, assim como leis e verdades científicas, majoritariamente, verbos no presente do indicativo para garantir a universalidade do que está sendo dito. Nesse sentido, sugere-se que seja questionado se os períodos em (11), no passado, têm o mesmo efeito daquele exposto em (10a), que está no presente.

- (11) a. Quando o gato saiu, os ratos fizeram a festa.
- b. Quando o gato saía, os ratos faziam a festa.

Em seguida, para explorar o aspecto gramatical, o professor pode propor que os alunos analisem os períodos em (12) e questionar se o sentido continua o mesmo do ditado original. Nesse caso, deve-se observar que o ditado original significa que os ratos (aqueles que não são os responsáveis) aproveitam a saída do gato (o responsável de uma casa) para fazer a bagunça. No entanto, em (12a), a leitura é de que os ratos deram uma festa antes mesmo de o gato deixar a casa e, em (12b), a festa dos ratos parece ocorrer no mesmo tempo em que o gato estava se preparando para sair.

- (12) a. Quando o gato estava saindo, os ratos fizeram a festa.
- b. Quando o gato estava saindo, os ratos estavam fazendo a festa.

Em seguida, sugerimos uma comparação com a conjunção 'enquanto' e a conjunção 'sempre que'. O professor pode levar os

alunos a observarem que, no caso desse ditado, (13b) tem o significado igual ao do original, mas (13a) já gera uma outra leitura: a saída do gato dura um intervalo mínimo e máximo, que corresponde à mesma duração da festa que os ratos fazem, o que se distancia do sentido original do ditado.

- (13) a. Enquanto o gato sai, os ratos fazem a festa.
b. Sempre que o gato sai, os ratos fazem a festa.

No que se refere à análise do ditado (10b), sugerimos que o professor apresente as trocas do aspecto gramatical para que o aluno verifique se, em algum dos exemplos de (14), o sentido é o mesmo do ditado original. Podemos perceber, entretanto, que, em (14a), ‘vir’ e ‘voltar’, no perfectivo, acompanhados de ‘enquanto’ gera uma contradição, por serem verbos télicos. Já (14b) não parece incoerente, uma vez que o imperfectivo progressivo em ‘vir’ e ‘voltar’ denota suas fases antecipatórias. Porém, é interessante notar que o efeito do ditado não se mantém, visto que há um contraste em usar o progressivo ‘está vindo’ com o perfectivo ‘voltei’ para mostrar a desvantagem e vagarosidade de uma pessoa (‘está vindo’) em relação à vantagem e rapidez de outra (‘voltei’).

- (14) a. #Enquanto você veio com a farinha, eu já voltei com o bolo pronto.⁵
b. Enquanto você estava vindo com a farinha, eu já estava voltando com o bolo pronto.

⁵ Como sugeriu o parecerista anônimo, pragmaticamente, o falante pode tecer interpretações sobre esse período, em um caso, por exemplo, de um falante A dizendo para um falante B: ‘Enquanto você estava vindo com a farinha, eu (já) tinha voltado com o bolo pronto’. Concordamos com essa possibilidade, que também reforça a necessidade de se visualizar a duração de um evento télico (‘vir’) quando acompanhado de ‘enquanto’. No entanto, semanticamente, esta sentença é anômala (por isso o símbolo # para marcar a restrição contextual) e, portanto, essa discussão não será aprofundada no momento.

O próximo passo é comparar o significado de ‘enquanto’ com o de ‘quando’ nesse ditado. Em (15), apesar de o sentido não se alterar completamente, é importante mostrar que, ao usar ‘quando’, a ideia de habitualidade fica mais presente, como se essas ações fossem frequentes. Nesse caso, a conjunção ‘sempre que’ poderia substituir ‘quando’.

(15) Quando você está vindo com a farinha, eu já voltei com o bolo pronto.

O objetivo desta etapa é apresentar os dados para que os alunos possam sistematizar o significado da conjunção e da sua relação com o aspecto. Entendemos que a explicação não deve ser excluída, mas o foco, aqui, é mostrar como os dados podem ser apresentados.

1.4.3 Etapas de resultados e próximos passos da pesquisa

Esta etapa, como sugere Lobato (2015) para a técnica de resultados, tem o objetivo de mostrar ao aluno que o ensino de gramática, ao tornar o saber linguístico explícito, contribui para o seu domínio estrutural da língua e, conseqüentemente, para o domínio textual. Sendo assim, sugerimos que sejam feitas atividades de produção textual com os resultados obtidos nas etapas anteriores.

Franchi (1987) propõe estratégias de (re)escrita coletiva a partir de textos consagrados, em que os alunos são levados a reformular frases, orações e períodos, observando efeitos de sentido para que, assim, possam adquirir mais experiência e habilidade no processo de uma escrita mais criativa e independente. Acreditamos que esse tipo de atividade possibilita o aprendizado de outros mecanismos linguísticos e textuais e será desenvolvido mais detalhadamente nas próximas etapas dessa pesquisa.

Optamos, portanto, neste momento, por propor uma atividade de reescrita simples a partir de um trecho que pode ser encontrado em conversas do *Whatsapp* do próprio aluno. Nesse sentido, o período exemplificado em (16) pode impulsionar reformulações maiores e mais complexas no decorrer das aulas. O objetivo não é que os estudantes troquem apenas um único elemento linguístico, como sugere o método de elicitación, mas que sejam treinados a buscar novas opções para reconstruir os textos. Na tabela abaixo, foi apresentado um exemplo de como essa atividade poderia ser introduzida: em cada coluna, há opções de item gramaticais que podem substituir o texto original. No caso desse exemplo, a diferença dos verbos é apenas em relação ao seu aspecto, no entanto, nos próximos passos da pesquisa, busca-se desenvolver, além de trocas gramaticais, trocas lexicais para aprimorar a escrita do aluno.

(16) Quando eu disse que era samba, ela se animou.

Tabela de sugestões de reescrita

Quando		disse				se animou
No instante em		que				se animava
que	eu	dizia	era	samba	ela	se anima
No dia em que		que	foi			estava se
Sempre que		digo	é			animando
Enquanto		que				

Fonte: Adaptado de Franchi (1987).

Considerações finais

Este trabalho buscou apresentar o comportamento semântico das conjunções ‘quando’ e ‘enquanto’ diante da morfologia aspecto-temporal do português brasileiro. Os testes mostraram que ‘quando’ pode assumir interpretação de enquadramento, simultaneidade, habitualidade e posterioridade e que a conjunção ‘enquanto’ é gramatical apenas com eventos durativos e, por isso, apresenta restrição contextual diante de *achievements*.

Além disso, foi elaborado um esboço de proposta didática a partir das contribuições da Linguística Formal e da metodologia de Lobato (2015) para o ensino de orações subordinadas adverbiais temporais a partir de abordagens mais reflexivas e menos taxonômicas para as aulas de língua que estimulem a demonstração da sabedoria linguística do aluno e que podem ser integradas a estratégias de (re)escrita, conforme proposto por Franchi (1987).

Referências

AZEVEDO, E. de S. *Semântica do aspecto em português brasileiro: uma proposta para o ensino da (im)perfectividade*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

BORGES NETO, J. O Empreendimento Gerativo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística: Fundamentos Epistemológicos*. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: University Press, 1976.

DE CONTO, L.; SANCHEZ-MENDES, L.; RIGATTI, P. C. Quando o falante faz linguística: como atividades epilinguísticas e metalinguísticas interessam ao fazer científico. *Cadernos de Linguística*, v. 3, n. 2, p. 1-22, 2022.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 9, p. 5-45, 1987.

KENEDY, E.; SANCHEZ-MENDES, L. Pesquisas em linguística formal e em psicolinguística: o GEPEX. In: ROSÁRIO, I. da C.; SANCHEZ-MENDES, L. (org.) *Teoria e análise linguística*. Niterói: Eduff, 2022, p. 15-37.

KLEIN, W. *Time in Language (Germanic Linguistics)*. Routledge, 1994.

LOBATO, L. O que o professor da educação básica deve saber de linguística?. In: PILATI, E. N. S.; NAVES, R. R.; VICENTE, H. G.; LIMA-SALLES, H. M. M. (org.). *Linguística e Ensino de Línguas*. v. 2. Coleção Lucia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

MÜLLER, A. A semântica aspecto-temporal das leituras de simultaneidade e de habitualidade. *Linguística*, Rio de Janeiro, v.16, p. 231-249, 2020.

REINCHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. Londres: MacMillan, 1947.

SÆBØ, K. J. Adverbial Clauses. In: Dalam Von Heusinger, Maienborn and Portner (ed.) *Semantics an International Handbook of Natural Language Meaning*. Vol. 2, 2011, p. 1420-1441. Berlin: Gruyter Mouton.

SMITH, C. *The parameter of aspect*. Dordrecht. Kluwer Academyc Publishers, 1991.

VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Cornell University Press, 1957.

INTENSIFICADORES EXPRESSIVOS NAS LÍNGUAS NATURAIS

Marcus Vinicius Ramos Vieira¹

Luciana Sanchez Mendes²

Objeto de pesquisa

Esta pesquisa busca descrever e explicar determinadas construções com o intensificador *bem* do português brasileiro (PB), em construções com diferentes tipos de predicados modificados. Há sentenças em que *bem* parece desempenhar uma semântica típica de intensificador que impulsiona o grau de uma propriedade, como nos casos dos adjetivos graduáveis (passíveis de gradação) em (1a) e (1b).

- (1) a. O livro está bem caro.
b. A camisa está bem manchada.

Nos dois exemplos, uma das formas de se parafrasear formalmente o significado das sentenças seria algo como “o livro está associado a um grau de custo acima do parâmetro de comparação de custo de livros no contexto” e “a camisa está associado a um grau da propriedade de manchado acima de um parâmetro de comparação de manchado para camisas no contexto”.

Há exemplos, no entanto, em que não há a possibilidade de impulsionamento de um grau, como o caso dos adjetivos de escala de grau máximo (2a), em que não é possível elevar o grau acima do

¹Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (UFF), sob orientação da Profa. Dra. Luciana Sanchez Mendes. E-mail: marcusramos@id.uff.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5848-1981>

²Professora do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (UFF). E-mail: sanchez_mendes@id.uff.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5459-6968>.

máximo de cheio, o caso de adjetivos que são não graduáveis (2b), em que não há propriedade disponível para ser intensificada, e até o de sintagmas nominais complexos (2c), que, assim como (2b), não apresentam uma propriedade passível de ser graduada.

- (2) a. O teatro está bem cheio.
- b. A mesa é bem retangular.
- c. Este é bem o livro que quero comprar.

O objetivo central desta pesquisa é compreender não apenas a contribuição descritiva de *bem* como intensificador que impulsiona o grau de uma propriedade denotada pelo predicado modificado (prototipicamente um adjetivo) em dados como em (1), mas explorar um tipo de contribuição para o significado das sentenças em que o modificador ocorre que esteja ligado a suas condições de uso codificadas no que se tem chamado como Implicatura Convencional (Potts, 2005). Para isso, o capítulo apresenta, a seguir, objetivos gerais e específicos da pesquisa e as metodologias empregadas em sua investigação. Em seguida, apresentamos uma reflexão teórica e empírica sobre os intensificadores expressivos nas línguas naturais. O texto apresenta, por fim, as considerações finais que alinham essa reflexão com a análise de *bem*.

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é oferecer uma análise do significado das sentenças com o intensificador *bem* em casos de intensificação prototípica ilustrados em (1) e de contribuição não prevista pela semântica de intensificação, como em (2). O intuito é oferecer, na versão final da tese, uma análise unificada para o modificador que capture o significado de todos esses usos.

O objetivo específico deste texto é apresentar uma reflexão sobre os intensificadores expressivos nas línguas naturais. Reportaremos os exemplos que foram inicialmente discutidos na

literatura e exploraremos de que forma a intensificação expressiva é codificada nessas variedades linguísticas.

Metodologias

Os passos metodológicos adotados nesta pesquisa para a coleta de dados se dão em três frentes: (i) método etnográfico com coleta e constituição inicial de *corpus* de sentenças com *bem* retiradas do *Corpus do Português: Genre/Historical*; (ii) método introspectivo de constituição de paradigmas para reflexão sobre as camadas de significado de *bem*; e (iii) método experimental de investigação da atuação das variáveis de conteúdos descritivo e expressivo nas sentenças com *bem*.

Para a organização dos dados nos estágios (ii) e (iii), é crucial a etapa de pesquisa bibliográfica (Sanchez-Mendes, 2014). Apenas a partir da discussão analítica presente na literatura recente sobre o assunto é possível não apenas estabelecer paradigmas completos para as tarefas de elicitación de contextos em método introspectivo na fase (ii), como também elaborar *designs* experimentais para aferir o efeito das variáveis de conteúdo descritivo e expressivo na fase (iii). As próximas seções se dedicam a apresentar uma reflexão sobre a pesquisa a respeito dos intensificadores realizada nessa etapa. Para isso, apresentamos não somente o contexto do estudo da expressividade de forma geral na pesquisa linguística, mas de que forma ela vem sendo investigada em variedades do alemão, em japonês, em chinês mandarim e também em português brasileiro.

Intensificadores Expressivos

A investigação da expressividade tem um marco nos estudos semânticos a partir da publicação de Potts (2005) sobre as implicaturas convencionais (doravante CI, da sigla em inglês para *conventional implicatures*). O exemplo clássico discutido é o do adjetivo *damn* em inglês, que estamos traduzindo como ‘porra’, seguindo a tradução de Pires de Oliveira e Basso (2014).

- (3) Ed refuses to look after Sheila's damn dog.
'Ed se recusa a cuidar da porra do cachorro da Sheila.'
(Potts, 2005, p. 158, tradução nossa)

Em (3), a expressão *damn dog* ('porra de cachorro') não expressa uma modificação interna do sintagma, como seria típico de um adjetivo atributivo (como *black dog* 'cachorro preto', por exemplo), mas *damn* expressa um certo tipo de descontentamento do enunciador que profere a sentença. Desse modo, a sua contribuição é externa às condições de verdade da proposição (que afirma que Ed não quer cuidar do cachorro da Sheila) e está associada com a atitude do falante em relação à situação (que configura o conteúdo CI).

Um teste clássico a partir desse trabalho de Potts (2005) para mostrar os níveis de significado da sentença expressos em cada camada é a negação. A descrição abaixo mostra que apenas o conteúdo proposicional ligado às condições de verdade da sentença (também chamado de conteúdo descritivo) pode ser negado (4b), mas não faz sentido negar o conteúdo expressivo (CI) que diz respeito à atitude do falante (4d).

- (4) a. Conteúdo descritivo: Ed se recusa a cuidar do cachorro da Sheila.
b. Negação do conteúdo descritivo: É falso que Ed se recusa a cuidar do cachorro da Sheila.
c. Conteúdo expressivo (CI): O falante está descontente com a situação.
d. Negação do conteúdo expressivo (CI): #o falante não está descontente com a situação.

Para Potts (2005), as duas camadas da significação ilustradas em (4a) e (4c) são independentes e "nenhum item lexical contribui ao mesmo tempo para o significado veri-condicional e para o significado CI" (Potts, 2005, p. 7, tradução nossa)³. No entanto,

³ Do inglês: "No lexical item contributes both an at-issue and a CI-meaning".

sabemos, pelo menos desde Frege (1892/1980 *apud* Gutzmann, 2011), que há itens que podem atuar nas duas camadas de significado, como é o caso da palavra *cur* ‘vira-lata’ em inglês, que se refere, do ponto de vista descritivo, ao mesmo que *dog* ‘cachorro’, mas expressa uma atitude do falante em relação ao cachorro.

Outro exemplo que foi discutido já na literatura sobre expressividade é o caso do termo pejorativo do inglês *Kraut*, apresentado em McCready (2010), que se refere a um insulto a indivíduos alemães. O mesmo teste da negação vale para os termos expressivos mistos. Diante de uma afirmação como *He is a Kraut* ‘Ele é um *Kraut*’⁴, é possível negar seu conteúdo descritivo dizendo, por exemplo, que ele não é alemão, mas italiano; mas não é possível adicionar à sentença algo como *German people are not bad* ‘Os alemães não são ruins’ indicando que a atitude pejorativa ligada à expressividade está imune à negação.

O tipo específico de expressivos mistos que nos interessa nesta pesquisa são os intensificadores mistos. Talvez o exemplo pioneiro desse tipo de intensificador seja o modificador *ur* (‘totalmente’/ ‘total’) do alemão vienense discutido em McCready e Schwager (2009 *apud* McCready, 2010).

(5) a. Das ist ur interessant. b. Er ist ein ur idiot.

‘Isso é totalmente interessante’. ‘Ele é um total idiota’.

(McCready; Schwager, 2009 *apud* McCready, 2010, p. 29, tradução nossa)

Nos casos ilustrados em (5), o intensificador expressa tanto que os indivíduos que recebem a predicação atingem os graus máximos das propriedades de *interesse* e *idiotice* quanto que o falante possui algum tipo de atitude emotiva sobre o conteúdo proposicional. Em alemão padrão, Gutzmann e Turgay (2015) ressaltam a existência de um número considerável de intensificadores mistos, sobretudo, em modalidades mais

⁴ O motivo pelo qual não estamos traduzindo *Kraut* ficará claro ao longo do texto.

informais da língua utilizadas por falantes mais jovens, como o intensificador misto *sau* ('tão'), exemplificado em (6), que contrasta com o intensificador descritivo *sehr* ('muito').

- (6) Das Ding ist sau / sehr schnell.
'A coisa é SAU / muito rápida.'
(Gutzmann; Turgay, 2015, p. 6, exemplo adaptado).

Para mostrar que *sau* é um expressivo misto, Gutzmann (2019) utiliza o teste da negação na demonstração de que apenas o conteúdo veri-condicional pode ser negado, como em (7b), o que não ocorre com o conteúdo CI da atitude do falante em (7c):

- (7) a. A: Die party war sau cool.
'A festa foi SAU (intens. misto) legal.
b. B: Nee, so cool war die party nicht, auch wenn sie sehr cool war.
'Não, a festa não foi tão legal, mesmo assim foi muito legal'
c.B: #Nee, das ist dir doch equal.
'#Você não se importa.'
(Gutzmann, 2019, p. 134, tradução nossa).

Outra língua que também possui dados que corroboram a noção de intensificadores mistos é o japonês, como na proposta de Sawada (2014) sobre o advérbio comparativo *motto*. Em relação ao conteúdo veri-condicional, *motto*⁵ tem uma leitura de grau, como ilustra (8):

- (8) Hanako- keeki- Taro- keeki- motto oishi-
no wa no yori(-mo) katta.
Hanako- bolo- Taro- bolo-que- MOTTO delicioso-
GEN TOP GEN MO PAST
Conteúdo descritivo: O bolo de Hanako estava {ainda muito/ainda} mais delicioso do que o bolo de Taro.
(Sawada, 2014, p. 2, tradução nossa).

⁵ Assim como feito por Sawada (2014), optamos por não traduzir o termo *motto*. As abreviaturas usadas no exemplo são: GEN = genitivo; TOP = tópico; PAST = passado.

Em (8), há uma estrutura comparativa inserida em um contexto positivo, de modo que tanto o bolo de Hanako quanto o de Taro são deliciosos. No entanto, o advérbio *motto* indica, na leitura de grau comparativo, que o bolo de Hanako é ainda mais delicioso. Nesse caso, Sawada (2014) salienta que não há implicatura convencional, pois *motto* está em uma estrutura de comparação explícita, isto é, quando na própria sentença aparecem os dois elementos a serem comparados, além do sintagma preposicionado *yorì* (correspondente ao ‘do que’ em português). A interpretação de *motto* enquanto intensificador misto ocorre em estruturas de comparação elíptica, como em (9):

- (9) Kono Mise-no Keeki-wa motto oishi-katta.
 essa loja- bolo-TOP MOTTO delicioso-PAST
 GEN

- a. Conteúdo descritivo: O bolo dessa loja estava {ainda/ ainda muito} mais delicioso do que de outra loja de bolos no contexto.
 b. Conteúdo expressivo (CI): O bolo dessa loja estava delicioso. (conteúdo implicado: não está delicioso agora.)
 (Sawada, 2014, p. 3, tradução nossa).

Na leitura de grau de (9) referente ao conteúdo veri-condicional, a interpretação é de uma comparação elíptica, na medida em que é comparada a loja de bolos mencionada na sentença com uma loja de bolos que funciona como um parâmetro de comparação por não ser mencionada diretamente na sentença, mas está presente no contexto. Segundo Sawada (2014), nessa leitura, tanto a loja da sentença quanto a loja contextualmente marcada têm bolos deliciosos, porém os bolos da primeira são ainda mais deliciosos. Já no que se refere ao conteúdo CI, há uma referência de *motto* em relação à atitude do falante ao expressar uma leitura negativa de que o bolo já não está tão delicioso quanto era antes.

Uma outra língua que possui advérbios que podem ser considerados intensificadores expressivos mistos é o chinês mandarim. Xie e Luo (2019) apresentam os casos de *hǎo* (lit. ‘bom’),

lǎo (lit. ‘velho’) e *guài* (lit. ‘estranho’) dessa língua. A sentença (10) traz o modificador *hǎo* em sua leitura descritiva de grau e em sua leitura CI, que contrasta com o modificador *hě̀n* (‘muito’) que só teria a leitura descritiva (em a), mas não o conteúdo CI (em b).

(10) Xiǎoli hǎo cōngmíng.

XiǎoliHAO inteligente

a.Conteúdo descritivo: Xiǎoli tem um grau de inteligência acima de um parâmetro contextual relevante.

b.Conteúdo expressivo (CI): O falante acha que o grau de inteligência de Xiaoli é impressionante.

(Xie; Luo, 2019, p. 272-273, tradução nossa).

Nesse ponto, uma vez apresentados intensificadores expressivos mistos em variedades do alemão, em japonês e em chinês mandarim, podemos discutir uma propriedade típica dos conteúdos do tipo CI que também faz parte dos intensificadores expressivos: a inefabilidade, ou seja, a impossibilidade de expressão ou tradução simples do significado. Isso quer dizer que é difícil apresentar uma tradução simples para esses itens em português, o que pode ser ilustrado pelo fato de não termos traduzido nas glosas os intensificadores dos exemplos acima (seguindo o que foi feito nos artigos de onde foram tirados os exemplos). Essa característica faz com que seja também difícil indicar uma paráfrase que capture esse significado de maneira precisa.

Essa caracterização é importante para os propósitos desta pesquisa por dois motivos. Em primeiro lugar, não é trivial encontrar um intensificador em PB que ofereça os mesmos conteúdos em duas camadas de significação como os presentes nos exemplos discutidos em outras línguas. Isso quer dizer que as pesquisas voltadas para esses itens na nossa língua não serão meras traduções dos intensificadores de outras línguas, mas deverão ser verdadeiras novas investigações desse fenômeno. Isso é o que será mostrado na próxima seção, que se dedica a apresentar estudos já publicados sobre intensificadores expressivos do PB.

Adicionalmente, a propriedade da inefabilidade oferece desafios para os estudos sobre o tema que estamos investigando, sobretudo, por conta da dificuldade de se encontrar contextos apropriados que capturem de forma mais fidedigna o conteúdo CI. Formas de lidar com esse desafio nas etapas de coleta e organização dos dados serão apresentadas nas Considerações Finais deste capítulo.

Intensificadores Expressivos em PB

Esta seção discute o intensificador *puta* do português brasileiro analisado em Basso e Souza (2020) bem como descreve usos não prototípicos de intensificadores típicos em português brasileiro (PB) e em espanhol rio-platense (ER), conforme discutido em Sanchez-Mendes e Polakof (2022).

Basso e Souza (2020) investigam a contribuição mista do intensificador *puta* em três cenários reproduzidos em (11).

(11) a. Ele tem um puta emprego.

Conteúdo descritivo: ele tem um bom emprego.

Conteúdo expressivo (CI): ◎ (emprego do João)

b. O João deu uma puta festa legal.

Conteúdo descritivo 1: o João deu uma festa boa e legal.

Conteúdo descritivo 2: o João deu uma festa muito legal.

Conteúdo expressivo (CI): ◎ (a festa do João)

c. O João tem um puta celular importado.

Conteúdo descritivo: o João tem um bom celular importado.

Conteúdo expressivo (CI): ◎ (celular importado do João)

(Basso; Souza, 2020, p. 543).

Em (11a), com a expressão *um puta emprego*, *puta* modifica um sintagma nominal, de modo que não está explícita, nessa construção, a dimensão de avaliação para a qual o nome *emprego* está sendo avaliado. Segundo os autores, essa dimensão seria qualitativa e indicaria, descritivamente, um bom emprego. Em (11b), por sua vez, há um adjetivo explícito como adjunto do sintagma nominal e, segundo os autores, existem duas interpretações possíveis para o

conteúdo veri-condicional: uma associada à noção de qualidade da festa e a outra relacionada com a dimensão associada ao adjetivo *legal*. No que se refere à sentença (11c), os autores consideram que *puta* não se combina com *importado*, por ser um adjetivo que não possui uma dimensão qualitativa, diferentemente do que é visto em (11b). No entanto, em todos os casos exemplificados em (11), a contribuição de *puta* na camada CI se refere a uma atitude emocional do falante associada com o uso desse intensificador, que é expressa pelos autores com o símbolo © (inspirados na análise de Gutzmann, 2019).

Sanchez-Mendes e Polakof (2022), por sua vez, apresentam uma proposta que compara os usos de *muito/muy* e *tão/tan* em português brasileiro e em espanhol rio-platense, de modo que, nas duas línguas, pelo menos em algumas construções, os dados sugerem que se comportam como intensificadores expressivos. Segundo as autoras, na perspectiva veri-condicional, esses modificadores são amplificadores, na medida em que amplificam o grau de um adjetivo graduável para um grau acima de um parâmetro de comparação determinado pelo contexto (Kennedy e McNally, 2005) como ilustram as sentenças em (12):

- (12) a. Isso é muito/ tão lindo. (PB)
 - b. Eso es muy/ tan lindo. (ER)
- (Sanchez-Mendes; Polakof, 2022, p. 28).

No entanto, as autoras defendem que, quando esses mesmos modificadores são combinados com nomes próprios, como em (13), eles podem ser considerados intensificadores mistos, já que atuam sobre uma camada de significação da sentença para além de suas condições de verdade.

- (13) a. Isso é muito/ tão Tarantino. (PB)
 - b. Eso es muy/ tan Tarantino. (ER)
- (Sanchez-Mendes; Polakof, 2022, p. 29)

Sanchez-Mendes e Polakof (2022) consideram que, embora os nomes próprios, como *Tarantino*, são predicados que não

apresentam a propriedade escalar da gradação, eles podem sofrer uma coerção e tornarem-se predicados graduáveis por conta da presença de um intensificador. Nessa situação, o intensificador estaria forçando a leitura de grau e atuando na camada veri-condicional da significação, indicando que o indivíduo tem graus altos de uma propriedade associada a Tarantino (capturada por uma escala de precisão na análise formal das autoras).

Por outro lado, as sentenças em (13) também expressam, segundo as autoras, que o falante se sente emotivo com a proposição que expressa que isso tem um grau alto de uma propriedade de Tarantino. Para demonstrar a atuação de *muito/muy* e *tão/tan* enquanto intensificadores mistos, Sanchez-Mendes e Polakof (2022) utilizam o teste da negação reproduzido em (14) e em (15):

- (14) a. Não foi muito/ tão Tarantino, foi um pouco Tarantino. (PB)
b. No fue muy/ tan Tarantino, fue algo Tarantino. (ER)

- (15) a. #Não, você não se importa. (PB)
b. #No, a vos no te importa. (ER)
(Sanchez-Mendes; Polakof, 2022, p. 33).

As sentenças acima mostram que o conteúdo veri-condicional de intensificação de (13) pode ser negado (14), enquanto o conteúdo transmitido via implicatura convencional que reflete a atitude expressiva do falante não (15). As autoras ainda analisam casos em que esses intensificadores se comportam como expressivos puros, com nomes eventivos como em (16).

- (16) a. Foi muito / tão golpe. (PB)
b. Fue muy / tan golpe. (ER)
(Sanchez-Mendes; Polakof, 2022, p. 33).

Os mesmos testes de negação aplicados a estes exemplos (em 17) mostram que não há conteúdo descritivo de intensificador a ser

negado. Isso indica que, nesses casos, os intensificadores de PB e ER atuam apenas na camada expressiva da significação.

- (17) a. # No fue muy / tan golpe, fue algo golpe. (ER)
 - b. # Não foi muito / tão golpe, foi um pouco golpe. (PB)
 - c. # No, a vos no te importa. (ER)
 - d. # Não, você não se importa. (PB)
- (Sanchez-Mendes; Polakof, 2022, p. 33).

Os dados do PB discutidos nesta seção mostraram que as construções intensificadoras não precisam ser as típicas encontradas com os modificadores descritivos, como intensificação de predicados graduáveis e comparação, conforme apresentado para as variedades do alemão e para o japonês e o chinês. Em PB, *puta* pode modificar um adjetivo graduável típico como *e*, *puta festa legal*, mas também pode atuar sozinho sem adjetivo (*puta emprego*) ou com adjetivo não qualitativo (*puta celular importado*) (Basso; Souza, 2020). Já os casos de *muito* e *tão*, embora sejam intensificadores descritivos típicos em estruturas graduáveis comuns, tais como *muito / tão lindo*, apresentam camada expressiva quando usados em construções não prototípicas, como em *muito / tão Tarantino*, chegando a perder conteúdo descritivo em construções como *muito / tão golpe*. Consideramos que esses avanços mostrados para o português são relevantes não apenas para a teoria sobre intensificadores expressivos, mas também para pesquisas como a atual que investiga outro intensificador expressivo em PB. A próxima seção apresenta algumas reflexões a partir do que foi discutido até aqui.

Considerações finais

Esta seção pretende discutir de que forma as propriedades dos intensificadores expressivos apresentadas anteriormente serão levadas em conta na análise do intensificador *bem* em PB. O primeiro ponto a se destacar é que a possibilidade de ocorrência de

intensificadores expressivos em tantas línguas não aparentadas indica que esse pode ser um fenômeno potencialmente comum a todas as línguas naturais. Entretanto, como vimos, cada item em cada variedade de língua apresenta propriedades e restrições próprias, não sendo mera tradução de um para outro, o que justifica estudos diferentes para cada modificador.

Ademais, os dados discutidos sobre o PB trazem uma perspectiva que interessa especialmente para a pesquisa que estamos desenvolvendo porque mostra como intensificadores do PB e do ER podem ter usos diferentes dependendo do tipo de construção em que ocorrem, ou seja, a depender do tipo de predicado modificado. Como vimos na seção inicial deste capítulo, esta pesquisa de doutorado se interessa por explicar o uso de *bem* não apenas com predicados graduáveis típicos passíveis de intensificação (como *bem caro* e *bem manchada*), mas também em construções não prototípicas como *bem cheio*, *bem retangular* e *bem o livro que quero comprar*. Assim, os estudos anteriores sobre o PB embasam uma perspectiva para a pesquisa atual que pode conjecturar que as contribuições descritivas e expressivas podem ser ligeiramente diferentes em cada caso.

Do ponto de vista da caracterização geral dos intensificadores expressivos, quando se analisam os dados com *bem* que são objeto deste trabalho a partir das propriedades descritas para o conteúdo CI presentes nos intensificadores mistos, identificamos suas similaridades. A negação, por exemplo, parece ser um bom teste para detectar o conteúdo CI nesses dados. Entretanto, o conteúdo descritivo parece variar em diferentes construções. Apenas a título de ilustração, vemos abaixo a diferença de efeito descritivo em (18) e (19). Enquanto em (18) *bem* tem conteúdo descritivo de intensificador típico que impulsiona um grau acima do parâmetro de comparação, em (19), uma vez que modifica um item que tem parâmetro fixo dado pela completude, o intensificador parece ter uma semântica de ajustador de imprecisão. Entretanto, em ambos os casos, a negação somente pode atuar na camada veri-condicional da significação, como mostram os exemplos (18b) e (19b). A

tentativa de negação da camada expressiva em (18c) e (19c) mostra que esses intensificadores se comportam de maneira parecida com os intensificadores expressivos das outras línguas, descritos neste capítulo, embora tenham conteúdo descrito ligeiramente diferente.

(18) a. O livro é bem caro.

Conteúdo descritivo: o livro tem um grau maior do que o parâmetro de comparação na escala de preço

Conteúdo expressivo (CI): o falante está emotivo que o livro tem um grau maior do que o parâmetro de comparação na escala de preço

b. O livro não é muito caro, o livro é barato.

c. #Você não pode estar emotivo com o preço alto do livro.

(19) a. O teatro está bem cheio.

Conteúdo descritivo: O teatro está cheio e a escala de ocupação é menos imprecisa do que o emprego do adjetivo em sua forma positiva ('O teatro está cheio')

Conteúdo expressivo (CI): o falante está emotivo que o teatro está cheio e a escala de ocupação é menos imprecisa do que o emprego do adjetivo em sua forma positiva

b. O teatro não está muito cheio, ainda tem alguns lugares vazios.

c. # Você não pode estar emotivo com a ocupação quase máxima do teatro.

Por fim, a última propriedade que do conteúdo CI discutida no texto que está presente nos dados que estamos analisando diz respeito à inefabilidade. Ela se manifesta na dificuldade de se encontrar as palavras ideais para a construção de cenários para criação dos contextos expressivos na etapa de coleta de dados por elicitación e experimentación. Uma forma de contornar este desafio que está sendo empregado por esta pesquisa é a realização de um estudo de normalização (*norming study*) típico de estudos experimentais. Nele, estamos investigando quais adjetivos são mais propícios para expressar o conteúdo emocional presente na expressividade. Os adjetivos que estão sendo testados são:

impressionado, abalado, perplexo, espantado, emocionado, maravilhado, surpreso.

Com isso, este capítulo mostrou um panorama de caracterização dos intensificadores expressivos nas línguas naturais, bem como de que forma a caracterização encontrada na literatura vem sendo utilizada na pesquisa de doutorado em andamento. Mais especificamente, ilustramos os testes de negação e a propriedade da inefabilidade. Nos próximos passos, essas propriedades aplicadas aos dados de *bem* serão reportadas de forma completa.

Referências

BASSO, M.; SOUZA, L. M. Puta: a sintaxe e a semântica de um controverso intensificador. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 528-556, 2020.

GUTZMANN, D. Expressive modifiers & mixed expressives. In: BONAMI, O.; CABREDO, P. H. (eds.). *Empirical Issues in Syntax and Semantics 8*, p. 123–141, 2011.

GUTZMANN, D. TURGAY, K. Expressive intensifiers and external degree modification. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics* (17.3), p. 185-228, 2015.

GUTZMANN, D. *The Grammar of expressivity*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale Structure, Degree Modification, and the semantics of Gradable Predicates. *Language* 81, n.2, p. 345-381, 2005.

MCCREADY, E. Varieties of conventional implicature. *Semantics & Pragmatics*, 3.8, p. 1-57, 2010.

PIRES, R. de O.; BASSO, R. M. *Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

POTTS, C. *The Logic of Conventional Implicatures*. New York: Oxford University Press, 2005.

SANCHEZ-MENDES, L. Trabalho de Campo para Análise Linguística em Semântica Formal. *Revista Letras*, v. 90, p. 277-293, 2014.

SANCHEZ-MENDES, L. POLAKOF, A. C. Usos Expressivos de Intensificadores em Espanhol Rioplatense (ER) e em Português Brasileiro (PB). *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, Brasília/ DF, v.8, n. 22, p. 27-36, 2022.

SAWADA, O. An utterance situation-based comparison. *Linguistics and Philosophy* 37, p. 205–248, 2014.

XIE, Z.; LUO, Q. Degree intensifiers as expressives in Mandarin Chinese. *Language and Linguistics*, V. 20, Issue 2, p. 256-281, 2019.

“A CAMA QUEBROU DO NADA!” OU “EU QUEBREI A CAMA”: ALTERNÂNCIA DE TRANSITIVIDADE DOS VERBOS AGENTIVOS

Tainã Aparecida Rodrigues Amaro¹

Considerações iniciais

Este capítulo pretende discutir a escolha da sentença *A cama quebrou do nada!*, com o verbo *quebrar* na forma intransitiva-incoativa, versus *Maria Eduarda quebrou a cama*, com o verbo na forma transitiva-causativa, por meio da apresentação de algumas reflexões teóricas sobre a denotação dos eventos e suas possibilidades de ocorrências sintáticas. Na primeira seção, expõem-se o dado e o contexto em que a sentença *A cama quebrou do nada!* se insere, para questionar a diferença sintática-semântica entre essa forma intransitiva-incoativa e a forma transitiva-causativa *Eu quebrei a cama*. Na segunda seção, apresentam-se as definições e as classificações dos verbos transitivos e intransitivos nas gramáticas tradicionais de Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2019) e Bechara (2009). Na terceira seção, buscam-se os conhecimentos adquiridos nos fundamentos teóricos da Semântica Formal, particularmente os conceitos de predicado, argumento e (in)saturação de sentenças, e na Semântica Lexical, em especial as noções de papéis temáticos e alternância verbal, para compreender a alternância verbal de *quebrar*, presente no proferimento da menina Maria Eduarda ao tentar explicar, para sua mãe, o motivo do barulho, que vinha do seu quarto. Por fim, as considerações finais apontam para a necessidade de implementar os

¹ Professora concursada da Prefeitura de São Gonçalo (RJ). Doutoranda na Universidade Federal Fluminense, sob a orientação da profa. Dra. Luciana Sanchez Mendes. Email: amarotaina@id.uff.br; ORCID: 0000-0002-1491-4087.

conhecimentos adquiridos no campo dos estudos semânticos nas aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica.

“A cama quebrou do nada”: o dado em análise

Em meados de 2018, um vídeo foi muito compartilhado nas redes sociais, como *Instagram*, *TikTok* e *Youtube*. Nele, uma menina de nome Maria Eduarda pretende pular na cama e cair fazendo um espacate, mas a cama não aguenta o impacto da queda e quebra. Questionada pela mãe sobre o barulho, Maria Eduarda responde com uma única frase: *A cama quebrou do nada!*. É exatamente a oposição entre o evento que vemos acontecer e o modo como a menina escolhe relatar esse mesmo evento que torna o vídeo tão engraçado.

Ao tirarmos um *print* do evento relatado, presente na Figura 1, teremos: a Maria Eduarda, como a desencadeadora da ação; a cama, como a entidade que sofre o efeito da ação; e a ação, que é o próprio ato de quebrar a cama. Dessa forma, a menina poderia escolher três formas linguísticas, disponibilizadas na língua portuguesa para relatar esse acontecimento: *Eu quebrei a cama*, *A cama foi quebrada por mim* e *A cama quebrou*. Como já sabemos, Maria Eduarda optou pela última. Portanto, o objetivo deste texto é discutir essa escolha por meio da apresentação de algumas reflexões teóricas sobre a denotação dos eventos e suas possibilidades de ocorrências sintáticas.

Figura 1: Imagem do vídeo de Maria Eduarda quebrando a cama



Fonte: Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NrOg90ep-5A>. Acesso em: 01 fev. 2024.

Pela análise sintática, os termos exercem funções diferentes dependendo da forma em que estão organizados em cada uma das sentenças. O termo *a cama*, por exemplo, pode exercer função de complemento ou de sujeito, dependendo da organização sintática, entretanto, pela análise semântica dos papéis temáticos, independente da forma em que esteja organizada a frase, *a cama* assume função semântica de ser o paciente da ação do verbo *quebrar*. Cabe, dessa forma, analisar as diferentes estruturas sintática-semânticas com o verbo *quebrar* para o significado da sentença e refletir sobre a escolha da forma linguística feita por Maria Eduarda no vídeo em questão. Antes, porém, começaremos a analisar, na próxima seção, a definição e classificação da transitividade verbal presente nas gramáticas de Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2019) e Bechara (2009).

A transitividade verbal em Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2019) e Bechara (2009)

O objetivo desta seção é elaborar uma análise crítica das definições e classificações sobre a transitividade verbal em três gramáticas de língua portuguesa, a saber: Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2019) e Bechara (2009). Esses autores foram selecionados tendo em vista não somente o impacto de suas gramáticas ao longo dos anos no ensino, mas também no meio acadêmico e na pesquisa sobre o estudo da língua portuguesa no Brasil.

Cunha e Cintra (2001) dividem os verbos na classe dos intransitivos e dos transitivos. De acordo com os autores, nos verbos intransitivos, a ação “está integralmente contida nas formas verbais” e “não vai além do verbo” (Cunha; Cintra, 2001, p. 135). Essa descrição apresenta, no mínimo, dois principais problemas: o emprego da palavra *ação* no lugar de *significado* e a ausência da explicação mais técnica sobre o fenômeno da predicação.

Os verbos *subir* e *descer* são apresentados como exemplos de verbos intransitivos, como consta em (1). De acordo com Cunha e Cintra (2001), essas duas formas verbais contêm uma ação que se encontra integralmente contidas nelas. Entretanto, é difícil determinar o que os autores estão querendo dizer, nesse contexto, com a palavra *ação*. Apenas quando definem os verbos transitivos que se compreende que a palavra *ação* é empregada como sinônimo de *significado*, já que os verbos transitivos “exigem certos termos para completar-lhes o significado” (Cunha; Cintra, 2001, p. 136), ou seja, o verbo transitivo, para ter seu significado completo, precisa de um termo que lhe sirva de complemento. Em (2), o verbo *agradecer* exige o objeto direto *me*, e o verbo *dar* necessita tanto do objeto direto *tempo* quanto do objeto indireto *lhe*. O verbo intransitivo, conseqüentemente, não exige esses termos, já que a ação, ou melhor, o significado está integralmente contido nesses verbos. Dessa forma, ao empregar a palavra *ação* para descrever a ausência da relação predicativa entre o verbo e o complemento, Cunha e Cintra (2001) torna a definição dos verbos intransitivos

vaga e imprecisa, só podendo ser compreendida por comparação à descrição dos verbos transitivos.

(1) Sobe a névoa... A sombra desce... (Cunha; Cintra, 2001, p. 135).

(1.1) A sombra desce nessa manhã de segunda-feira.

(2) Ele não me agradece, / nem eu lhe dou tempo. (Cunha; Cintra, 2001, p. 136.)

Além disso, a definição de que a ação “não vai além do verbo” também não esclarece o que de fato é o fenômeno da transitividade verbal. Nessa descrição, o que Cunha e Cintra (2001) estão considerando “além do verbo” é um termo sintático que, como já vimos, completa o significado dos verbos transitivos, porém não é exigido nos verbos intransitivos. Para um leitor iniciante nos estudos gramaticais, essa definição pode parecer que qualquer termo à direita do verbo pode ser considerado seu complemento, já que está “além do verbo”. Entretanto, como já vimos em (1), o termo *a névoa* está “além do verbo”, mas não pode ser considerado complemento do verbo *subir*, pois está assumindo a função de sujeito posposto. Da mesma forma, se houvesse um termo empregado para “além do verbo” *descer*, como por exemplo *nessa manhã de segunda-feira*, apresentado em (1.1), essa construção não exerceria função de complemento verbal, mas de adjunto. Portanto, além do problema com o emprego da palavra ação no lugar de significado, há também o problema de vagueza e imprecisão na descrição dos verbos intransitivos.

Rocha Lima (2019), por sua vez, é mais suscinto na descrição dos verbos (in)transitivos. Primeiramente, ao contrário de Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2019) apresenta, na definição proposta, a “noção predicativa” ao determinar que os verbos *nevar*, em (3), e *morrer*, em (4) e *fugir*, em (5) são suficientes sozinhos. De fato, esses verbos não exigem termos que funcionem como complementos verbais. Entretanto, o autor desconsidera que o verbo *nevar* e os verbos *morrer* e *fugir* se diferenciam. O verbo *nevar* não necessita nem de complemento verbal nem de sujeito, podendo vir

“sozinho” na sentença, mas os verbos *morrer* e *fugir* exigem um termo que exerça função de sujeito. Dessa forma, o autor desconsidera que o sujeito pode fazer parte da relação predicativa dos verbos (in)transitivos.

(3) Neva.

(4) O soldado morreu.

(5) Todos fugiram.

(Rocha Lima, 2019, p. 293).

Além disso, Rocha Lima (2019) determina que os verbos transitivos necessitam de termos que “completem a compreensão” e que os verbos intransitivos são suficientes sozinhos para representar a noção predicativa. Cunha e Cintra (2001, p. 136), talvez, tenham definido melhor a relação semântica da predicação ao determinar que os verbos transitivos “exigem certos termos para completar-lhes o significado”. Ao empregar o substantivo “compreensão” em vez de “significado”, talvez, Rocha Lima (2019, p. 293) não tenha se atentado que os adjuntos adverbiais podem completar a compreensão de “um fato, um acontecimento, ou uma ação” do verbo, mas não é um termo essencial para a relação predicativa. Da mesma forma, ao determinar que os verbos intransitivos são suficientes sozinhos, acaba por explicar a predicação apenas do verbo *nevar*, em (3), mas ignora que os verbos *morrer*, em (4) e *fugir*, em (5), não estão sozinhos, já que há termos à esquerda dos verbos exercendo função de sujeito. Dessa forma, as definições propostas por Rocha Lima (2019) parecem não dar conta da noção predicativa, embora o autor considere esse fenômeno na definição da classe dos verbos (in)transitivos.

Já a proposta de definição dos verbos (in)transitivos de Bechara (2009) também dificulta a compreensão da (in)transitividade verbal pelos termos que emprega. Ao definir os verbos transitivos, o autor determina que eles possuem “conteúdo léxico” de “grande extensão semântica”. Esse “conteúdo léxico” nada mais é o que Cunha e Cintra (2001) denominaram de ação ou

significado. Essa “extensão semântica” é delimitada por meio do complemento verbal, que é chamado por Bechara (2009) de “outros signos léxicos”, que servem como “verdadeiros delimitantes semânticos verbais” (Bechara, 2009, p. 415). Entretanto, o autor não especifica como o *automóvel*, em (6), e *de socorro*, em (7), delimitam a semântica dos verbos *ver* e *precisar*, respectivamente. Por outro lado, ao definir os verbos intransitivos, Bechara (2009, p. 415) considera que eles “apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas” e, por isso, não precisam de “signos léxicos” para delimitar sua extensão semântica. A definição, como podemos observar, não é nada técnica, já que as palavras “realidades” e “concretas” não são adequadas nem no campo das análises linguísticas nem no das ciências sociais, pois são termos, que ao longo da história, tiveram seu significado constantemente ressignificado. Além disso, não há uma explicação porque os termos *cedo*, em (8), e *rapidamente*, em (9), não podem estar delimitando a extensão semântica dos verbos *acordar* e *crescer*, respectivamente. Dessa forma, o autor parece propor uma nova nomenclatura que não vem para ampliar a compreensão do fenômeno da predicação, mas apenas para alterar um nome pelo outro, que pode parecer mais elegante.

(6) O porteiro viu o automóvel.

(7) Eles precisam de socorro.

(8) José acordou cedo.

(9) As crianças cresceram rapidamente.

(Bechara, 2009, p. 415).

Além disso, a definição proposta por Bechara (2009) emprega palavras não convencionais nem pelas abordagens tradicionais nem tampouco pela ciência linguística, mas, no fundo, apresenta o mesmo conteúdo da relação predicativa dos verbos presentes nas gramáticas tradicionais. Quando Bechara diz que os verbos transitivos precisam de termos que delimitem sua extensão semântica, é quase a mesma coisa que dizer que o “o processo

verbal não está integralmente contido nelas, mas se transmite a outros elementos”, como consta em Cunha e Cintra (2001, p. 136). Ou que, nos verbos intransitivos, a ação presente nos verbos transitivos “não vai além do verbo” (Cunha; Cintra, 2001, p. 135), porque eles “apresentam significado lexical referentes a realidades bem concretas” (Bechara, 2009, p. 415). Dessa forma, como podemos observar, é um conteúdo velho, mas com nova nomenclatura.

Entretanto, diferentemente de Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (2019), Bechara (2009) demonstra que alguns verbos podem ser empregados ora como transitivos ora como intransitivos. Isso, segundo o autor, ocorre em três situações: a aplicação vaga do verbo, a compreensão do contexto e o significado verbal específico.

(10)

a. Eles comeram maçãs (Bechara, 2009, p. 415).

b. Eles não comeram (Bechara, 2009, p. 415).

(11)

a. Nós reparamos nas suas joias.

b. Nós reparamos (Bechara, 2009, p. 415).

(12)

a. Eu vi o eclipse.

b. Ele não vê (Bechara, 2009, p. 415).

Em (10.a) o verbo *comer* especifica exatamente o que foi comido por meio do complemento *maçãs*. Entretanto, em (10.b) o verbo não pretende especificar o que foi comido, mas indica que as pessoas não se alimentaram. Dessa forma, é empregado de forma vaga, ou seja, elas não comeram, independentemente do tipo de alimento que poderiam ter ingerido. Por isso, o verbo *comer*, neste caso, não precisa de complemento, sendo, portanto, um verbo intransitivo. O verbo *reparar*, em (11.a), é empregado em sua forma transitiva, porque especifica, por meio do termo *nas suas joias*, aquilo que de fato está sendo reparado. Já em (11.b), em sua forma intransitiva, o verbo *reparar* se torna dependente do contexto, já que, somente pelo entorno, pode-se determinar o que está sendo reparado. Por fim,

em (12.a), o termo *o eclipse* determina o que está sendo visto, sendo o complemento do verbo transitivo *ver*. Por outro lado, em (12.b), o mesmo verbo é empregado na forma intransitiva, indicando um significado específico do verbo, ou seja, ao afirmar que o indivíduo *não vê*, o que está querendo ser dito é que ele “não enxerga”, “é cego”. Assim, de acordo com Bechara (2009), os verbos não pertencem somente a uma classe de verbos, mas verbos transitivos podem ser empregados também na forma intransitiva. Embora esse tenha sido um avanço frente a Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (2019), essa descrição não esclarece por que essa possibilidade sintática e semântica é possível nesses verbos, mas não em outros. Além disso, não são apresentados dados com o verbo *quebrar*, por exemplo, em que a sua forma intransitiva, como em *A cama quebrou*, visto na seção anterior, pode apresentar nenhuma das três situações prevista pelo autor: vagueza, contexto e verbo com significado específico.

Percebe-se que as gramáticas de Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2019) e Bechara (2009) propõem não só definições diferentes para o fenômeno da transitividade verbal, como tratam o assunto empregando uma nomenclatura que não tem respaldo nos estudos linguísticos desenvolvidos nas universidades e nos centros de pesquisa. Buscando um rigor científico para a compreensão das sentenças com o verbo *quebrar*, na próxima seção, serão apresentados conceitos importantes do campo dos estudos semânticos.

Estudos em Semântica

Se a descrição da transitividade verbal, centrada em definições sintáticas dos termos que compõe a predicação presentes nas gramáticas de Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2019) e Bechara (2009), é insuficiente para compreender o fenômeno da transitividade verbal, busca-se, nesta seção, os conhecimentos adquiridos nos fundamentos teóricos da Semântica Formal, particularmente os conceitos de predicado, argumento e

(in)saturação de sentenças, e na Semântica Lexical, em especial as noções de papéis temáticos e alternância verbal, para desenvolver, futuramente, uma proposta didática que não somente descreva melhor este conteúdo, como proporcione um ambiente de observação e análise linguística mais significativo no ensino de língua portuguesa na Educação Básica.

Uma sentença, como proposto por Frege (1974/1892), compõe-se de predicado e argumento. Diferente da gramática tradicional que considera que o predicado é “tudo aquilo que se diz do sujeito” (Cunha; Cintra, 2001, p. 122), a análise semântica formal considera que os predicados são “estruturas insaturadas, incompletas, que se completam quando os seus vazios são preenchidos por um argumento” (Oliveira, 2001, p. 132). O número de argumentos necessários para tornar um predicado saturado depende do verbo.

O verbo *quebrar*, em (13.a), é classificado como um predicado de dois lugares e os dois traços indicam a posição vazia que poderá ser preenchida por argumentos. Os traços vazios informam que o predicado está insaturado, ou seja, incompleto, necessitando, assim, de dois argumentos que o torne uma estrutura completa, isto é, saturada. Em (13.b), o espaço preenchido é referente ao argumento interno *a cama*. Entretanto, o predicado ainda está insaturado, já que falta preencher a lacuna referente ao argumento externo, que, em (13.c) é *Maria Eduarda*. Preenchida todas as lacunas, o predicado torna-se saturado. Dessa forma, a ordem de preenchimento está obedecendo uma hierarquia sintática: primeiro vem o argumento interno e depois o externo.

(13)

- a. ____ quebrou ____.
- b. ____ quebrou a cama.
- c. Maria Eduarda quebrou a cama.

Ao realizar esse preenchimento, os falantes do português sabem que não é qualquer tipo de argumento que pode estabelecer essas relações, já que o predicado *quebrar* seleciona certos tipos de

argumentos para preencher suas insaturações. Por isso, *Maria Eduarda quebrou a cama* ou *O vento quebrou o galho* são sentenças consideradas bem formadas por um falante do português, mas causam estranheza sentenças como #*A cama quebrou Maria Eduarda* ou #*O galho quebrou o vento*. Percebe-se que, dessa forma, a ordem e o tipo de argumentos são importantes, porque a troca da ordem dos argumentos modifica o sentido da sentença. Para essa seleção semântica, a noção de papéis temáticos da Semântica Lexical torna-se extremamente relevante.

Papéis temáticos são funções semânticas (agente, paciente, p.ex.) estabelecidas entre os verbos e seus argumentos. Retomando a sentença (13.c) em (14), *a cama* tem função semântica de ser o paciente, porque é “entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado” (Cançado; Amaral, 2016, p. 43), e *Maria Eduarda* tem a função semântica de ser o agente da ação, pois é o “desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle” (Cançado; Amaral, 2016, p. 43). Esses papéis independem da função sintática que os argumentos ocupam na sentença. Percebe-se que, mesmo ocupando a função sintática de complemento, em (14), e de sujeito, em (15) e (16), a função semântica de ser o paciente da ação verbal não se altera nas sentenças (14), (15) e (16). O mesmo ocorre com o argumento *Maria Eduarda*, que, em (14), exerce função sintática de sujeito, e, em (15), exerce função de agente da passiva, mas que é o agente da ação tanto em (14) quanto em (15). Dessa forma, um mesmo evento pode ser representado por diferentes estruturas sintáticas, porque “o verbo, estabelecendo uma relação de sentido com seu sujeito e seus complementos, atribui-lhes funções, um papel para cada argumento” (Cançado; Amaral, 2016, p. 41).

(14) *Maria Eduarda quebrou a cama.*

(15) *A cama foi quebrada por Maria Eduarda.*

(16) *A cama quebrou.*

Como visto anteriormente, o verbo *quebrar* pode ter duas valências na sua forma transitiva-causativa, como em (14), mas

também pode ter apenas uma valência na sua forma intransitiva-incoativa, exemplificado em (16). Assim, o verbo *quebrar* pode aparecer com duas estruturas argumentais diferentes. Esse fenômeno é denominado de alternância verbal e se refere “à possibilidade de um verbo apresentar mais de uma representação de estrutura argumental e diferentes formas de transitividade para denotar distintas perspectivas de um mesmo evento no mundo” (Cançado; Amaral, 2016, p. 69). A alternância da forma transitiva-causativa, em (14), para a forma intransitivo-incoativa, em (16), e também da passiva em (15), modifica a estrutura sintática, mas as funções semânticas não se alteram, já que em todas as sentenças os papéis temáticos de agente e paciente permanecem os mesmos.

Ao empregar o verbo *quebrar* na forma intransitiva-incoativa, Maria Eduarda omite o agente, ou seja, aquele quem praticou a ação. Dessa forma, a menina estaria livre do castigo, já que ela, aparentemente, não fez nada. Se tivesse dito de outra forma, empregando a versão transitiva-causativa, na frase *Eu quebrei a cama*, Maria Eduarda, muito provavelmente, teria ficado de castigo. Dessa forma, há, na língua, duas possibilidades para descrever o evento, e Maria Eduarda empregou aquela que julgou ser a mais adequado ao contexto, já que, possivelmente, não queria ser punida por ter quebrado a cama.

Esse fenômeno, entretanto, não acontece apenas com o verbo *quebrar*, mas também com outros verbos, como *abrir*, em (17), e *machucar*, em (18). Se o verbo *quebrar* tem *a cama* na função semântica de ser o paciente da ação, da mesma forma, os argumentos *a porta*, em (17) e *a menina*, em (18), também assumem função de paciente em relação aos verbos *abrir* e *machucar*, respectivamente. Essa classe de verbos permite a alternância, segundo hipótese corrente na literatura, porque são verbos agentivos e têm como complemento o papel temático de paciente.

(17)

- a. O vento abriu a porta.
- b. A porta abriu.

(18)

a. A briga machucou a menina.

b. A menina (se) machucou.

(Cañado; Amaral, 2016, p. 70).

Não são todos os verbos que permitem essa alternância verbal. O verbo *jogar*, por exemplo, em (19.a), na forma transitiva causativa, não apresenta a alternância incoativa que os verbos *quebrar* (14), *abrir* (17.b) e *machucar* (18.b) apresentam. A diferença é que o verbo *jogar* não tem a função semântica de paciente na função sintática de complemento, mas o termo *a bola* assume a função semântica de tema. Assim, a hipótese mais aceita na literatura hoje é de que verbos que não tem paciente como complemento não permitem a alternância verbal.

(19)

a. O atacante jogou a bola.

b. #A bola jogou.

(Cañado; Amaral, 2016, p. 69).

No entanto, assim como exposto em Cañado e Amaral (2016), não é consenso entre os estudiosos no assunto que a alternância causativa-incoativa aconteça com todos os verbos que têm complemento paciente. Em (20) e (21), percebe-se que os verbos *decepar* e *destruir* têm complemento paciente, na sua forma transitiva-causativa, mas a alternância para a forma intransitiva-incoativa não é aceita. Dessa forma, é necessário que as noções semânticas sobre a alternância desses verbos ainda precisam serem mais bem elaboradas.

(20)

a. O acidente na fábrica decepou o braço do operário

b. #O braço do operário (se) decepou.

(21)

a. A chuva de granizo destruiu o jardim,

b. #O jardim (se) destruiu.

(Cañado; Amaral, 2016, p. 79).

Ainda há trabalhos sendo desenvolvidos para estabelecer os fatores condicionantes para a possibilidade de alternância verbal. De qualquer modo, percebe-se que Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2019) e Bechara (2009) adotam uma perspectiva tradicional centrada na sintaxe de forma muito superficial e desconsidera as diversas relações semânticas existente entre o predicador verbal e seus argumentos. Tanto a Semântica Formal quanto a Semântica Lexical já possuem as ferramentas para melhor compreender o fenômeno da transitividade verbal. Dessa forma, é necessário trabalhar no ensino básico os conhecimentos adquiridos nesses dois importantes campos de pesquisa.

Considerações finais

Este capítulo mostrou que na sentença *A cama quebrou do nada!*, na sua forma intransitiva-incoativa, há a omissão do papel temático de agente em oposição à *Eu quebrei a cama*. Vimos que essa é uma estratégia da menina Maria Eduarda para evitar punições ao ser considerada culpada da ação de *quebrar a cama*. Compreendemos que essa possibilidade de alternância verbal é permitida com o verbo *quebrar*, e com alguns outros, mas não é permitida com todos os verbos. Esse fenômeno ainda precisa ser mais bem estudado no campo da semântica. Entretanto, vimos que os estudos nessa área estão mais avançados se comparados às definições presentes nas gramáticas tradicionais. Considerar a diferença entre os verbos transitivos e intransitivos apenas pela presença ou ausência de complemento diz muito pouco sobre as relações sintática-semânticas que se estabelecem na oração. Os estudos no campo da semântica, dessa forma, têm ainda muito a contribuir para uma reflexão mais científica para as sentenças com verbos que permitem a alternância verbal.

Um novo objetivo, então, é formulado a partir das análises apresentadas neste texto: construir um elo entre os saberes do campo dos estudos semânticos e o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica em busca de um conhecimento gramatical mais

produtivo e reflexivo sobre os fenômenos linguísticos. Há métodos de ensino e aprendizagem mais interessantes sendo desenvolvidos nas universidades e nos centros de pesquisa, dentro e fora do Brasil. Cabe agora dar continuidade a essa etapa da pesquisa que almeja tornar as aulas de língua mais significativas.

Referências

A CAMA QUEBROU DO NADA. [s.n]: [s.l]: 12 de julho de 2018. 1 vídeo (0:39). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NrOg90ep-5A> . Acesso em: 01 de fev. de 2024.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Brasileira*. 37 ed revisada, ampliada e atualizada conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à Semântica Lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREGE, F. L. G. [1978]. Sobre o sentido e a referência. In: *Lógica e filosofia da linguagem*. Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1982, p. 59-86.

OLIVEIRA, R. P. de. *Semântica Formal: uma breve introdução*. 3 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 55 ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 2019.

PARTE 4
ALFABETIZAÇÃO E LEITURA

A PERCEÇÃO DAS ILHAS SINTÁTICAS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Adryanne dos Santos Neves Martins¹

Considerações iniciais

Um conceito chave para as teorias transformacionais é o conceito de movimento. Numa regra de movimento, leva-se em consideração a origem do constituinte, ou seja, sua posição inicial e sua posição final na sentença. Porém, nem sempre mover os constituintes para frente das sentenças é uma operação trivial, mesmo porque nem sempre se pode fazer isso e obter uma sentença gramatical. Quando há domínio sintático do qual seus constituintes não podem ser extraídos, chamamos de ilha sintática (IS).

As IS são barreiras que se formam quando existem restrições de movimento sintagmático, como na formação de perguntas:

- (i) Você encontrou o homem que consertou o brinquedo quebrado.
- (ii)*O que você encontrou o homem que consertou? _i

Há alguns sintagmas, como o sintagma nominal (SN) em (1), que funcionam como uma barreira para movimento; logo, em (ii), questionar “o que você encontrou o homem que consertou?” se torna agramatical, uma vez que o sintagma –QU- se situa preso a uma ilha, uma barreira, pois “nenhum elemento contido em uma frase dominada por um sintagma nominal com um substantivo principal lexical pode ser removido desse sintagma nominal por uma transformação” (Ross, 1967, p. 127, tradução nossa).

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Kenedy. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: a_martins@id.uff.br; ORCID: 0000-0002-4769-7963

Como seria a percepção da violação de uma ilha sintática para uma criança? Essa e outras inquietações se tornam especialmente interessantes de se cogitar quando se têm regras complexas como as dependências à longa distância, como nas sentenças (i) e (ii). Essas que parecem ser semelhantes, na verdade, podem trazer tamanha sutileza para ser observada ou não por uma criança que ainda está aprendendo o português brasileiro (PB). Ainda que esteja em meio a restrições de memória de trabalho, que concorrem com o processamento das ilhas durante a fase de aquisição e outras funções cognitivas, buscamos investigar a aquisição de uma dessas restrições de ilhas, a ilha com sintagma nominal complexo.

O fenômeno das ilhas sintáticas: percepções teóricas

Em *Constraints on variables of syntax* (Ross, 1967), um marco na Teoria Sintática é realizado, em especial por causa da grande descoberta – as ilhas sintáticas. Ademais, essas restrições de movimento representam o desenvolvimento de uma área que considera a sintaxe e a semântica como componentes integrados, que desafiam as análises, inclusive atuais, dos quadros teóricos da Linguística Formal.

No decorrer da sua carreira acadêmica, Ross cunhou novos conceitos que descrevem cientificamente alguns fenômenos sintáticos, incluindo *copula*, *switch*, *do-gobbling*, *freeze(s)*, *gapping*, *heavy NP shift*, *pied piping*, *pruning*, *scrambling* e, principalmente, *syntactic islands*, que aqui está sob discussão.

Sobre ilhas sintáticas, impreterivelmente, buscamos essa base teórica para primeiramente explicitar o fenômeno; entender como o linguista o descobriu; e compreender a categorização de “ilhas”, que sucintamente diz respeito a movimento/deslocamento restrito de alguns elementos para fora de certas estruturas, ou seja, elementos enclausurados, “ilhados”, que não podem ser movidos. É de interesse de parte daqueles que desejam estudar o fenômeno de ilhas sintáticas compreender o desmembramento teórico realizado por Ross, não para desconsiderar os princípios teóricos

apresentados por Chomsky, mas para restringir o domínio ao qual as transformações gramaticais podem ser aplicadas; ou seja, a relação de gramaticalidade e aceitabilidade passa a ser mais abstrata do que anteriormente adotada pelos transformalistas, à luz da matemática.

Este capítulo tem como principal objetivo revisar as ilhas inaugurais que servem para entendermos os primeiros passos transformacionais das operações sintáticas. Nele, também se discutem brevemente as principais propostas adotadas no quadro gerativista para as restrições de ilhas, o que servirá de ponte para a estruturação do estudo em pauta. O propósito do texto, além de apresentar o conceito de ilhas sintáticas, é desenvolver um teste piloto para investigar a percepção, o julgamento e o tempo de resposta das crianças em relação às frases com sintagma nominal complexo.

Novas restrições – propriedades formais definidas

Um princípio na Linguística Formal diz respeito a uma regra pertencente à Gramática Universal aplicável a todas as línguas. Ross, ao retomar o princípio A-over-A (Chomsky, 1962), argumenta sua insustentabilidade quando apresenta exemplos nos quais o movimento em diferentes ambientes sintáticos não seria permitido. O princípio é de grande relevância, já que se trata do início de uma jornada (ideia de movimento como parte das transformações) até a delimitação das ilhas sintáticas. Vejamos o princípio:

Se um constituinte X da categoria A estiver embutido em outro maior ZXW, que também é da categoria A, então, nenhuma regra se aplica à categoria A; aplica-se a X (mas apenas a ZXW) (Chomsky *apud* Ross, 1967, p. 13, tradução nossa).

A regra implica qualquer transformação ao **nó dominante** e não ao **nó dominado**; e, em casos de um sintagma da categoria A que se encontra embutido em um sintagma, a sentença maior apresenta

oscilação quanto à sua aplicabilidade. Não é possível aplicar a regra livremente, já que há casos em que a regra não se executa e outros em que a regra falha – os casos de gramaticalidade precedente; por isso, o conceito de restrições – ilhas – é estabelecido.

O que estava em discussão é que, em alguns casos, o movimento do constituinte vai depender também da estrutura interna (profunda) em que ocorre a derivação. A ideia de *pruning* é apresentada, pois determina a remoção de qualquer sintagma que não domine imediatamente pelo menos dois nós: “(i) *s-pruning*: exclua qualquer nó embutido S que não se ramifica – ou seja, que não domina imediatamente pelo menos dois nós” (Ross, 1967, p. 44, tradução nossa). A “poda da árvore” recai também sobre as cláusulas sintáticas e sobre a remoção de um nó, mas não de seu conteúdo. Uma operação que se resume em:

Esse princípio não deve ser pensado como uma regra que é declarada como uma das regras ordenadas de qualquer gramática, mas sim como uma condição para a boa formação das árvores – uma vez que é declarada na teoria linguística e que se aplica para excluir qualquer S sem ramificação que ocorre em quaisquer derivações de sentenças de qualquer idioma (Ross, 1967, p.44, tradução nossa).

E, assim, os primeiros passos transformacionais acerca das operações sintáticas que podem ser removidas de suas representações (árvores) são instituídos. O conceito de *s-pruning* de Ross (1967) prova que há uma condição para a boa formação de uma representação. Ross ressalta a importância dessa operação gramatical e formula a hipótese de que os adjetivos e modificadores adnominais são, na verdade, cláusulas (orações relativas) reduzidas; por exemplo:

- (1) a. Ana herdou uma boneca que era da sua mãe.
- b. Ana herdou uma boneca da sua mãe.

A sentença (1b) seria derivada da (1a), de acordo com Ross, por uma regra de redução de cláusula relativa. Ademais, outros

argumentos foram apresentados para favorecer sua teoria e, conseqüentemente, contribuir para a discussão acerca das diferenças entre *sentença* e *cláusula*. Ross (1967) afirma que, no quadro da Gramática Gerativa, cláusula seria,

qualquer subparte (não necessariamente própria) da cadeia terminal do marcador sintagmático derivada final de uma frase, que é dominada pelo nó S. Mas, sem alguma noção de poda de árvores, os casos discutidos acima são contraexemplos a essa reconstrução, pois nenhuma gramática tradicional designaria como cláusulas as palavras *Bill*, *his* ou *yellow* (Ross, 1967, p. 46, tradução nossa).

O que, de fato, acontece é que alguns casos não são dominados pelo nó S, marcador sintagmático e derivado; logo, isso favorece a suposição que a regra somente acontece se a noção de cláusula estiver disponível, como, por exemplo, na ordem das palavras latinas. A regra do clítico servo-croata e a regra reflexiva do inglês ilustram essa distinção entre *cláusula* – em torno de um predicador verbal – e *sentença* (período).

Três principais novas restrições foram apresentadas por Ross (1967): a *restrição de NP complexo*, a *restrição em estruturas coordenadas* e a *restrição do sujeito sentencial*.

Restrição de NP complexo

Vejamos o diagrama:

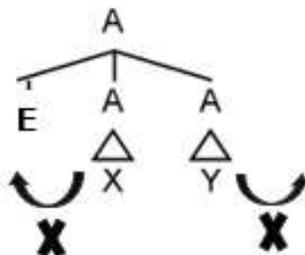


Nota-se a impossibilidade de o elemento contido em um S dominado por um NP, que tem o núcleo nominal lexical, ser extraído desse NP; por exemplo:

- (2) a- Vi que a professora ia questionar aquele aluno.
 b- *Aquele aluno que vi que a professora ia questionar.
 c- Bia conhece uma pessoa que se apaixonou pelo João.
 d- *Por quem Bia conhece uma pessoa que se apaixonou?

Restrição em estruturas coordenadas:

Vejamos o diagrama:

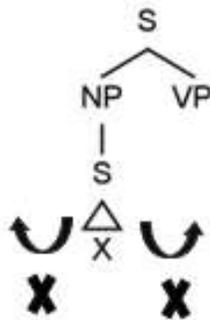


Nota-se que, em uma estrutura coordenada, nenhum elemento coordenado pode ser movido: “nenhum elemento contido em uma oração pode ser movido para fora dessa oração”. (Ross, 1967, p. 162, tradução nossa); por exemplo:

- (3) a- Maria colocou a estante entre a mesa e a janela.
 b- *O que Maria colocou a estante entre a mesa e?
 c- Bia faz aula de inglês e luta judô na sexta-feira.
 d- *A aula de inglês que a Bia faz e luta judô na sexta-feira está suspensa.

Restrição do sujeito sentencial:

Vejamos o diagrama:



Nota-se que “nenhum elemento dominado por um S pode ser movido para fora desse S se esse nó S é dominado por um NP que é imediatamente dominado por S, prevenindo, assim, a extração de sujeitos sentenciais em sentenças como:” (Ross, 1967, p. 241-243, tradução nossa):

- (4) a- O professor que os repórteres esperavam [que o diretor demitisse] é um velho rabugento.
 b- Quem os repórteres esperavam [que o diretor demitisse]?
 c- *Quem [que o diretor demitisse] que os repórteres esperavam?

Uma observação acerca dos exemplos em (4) é que a agramaticalidade acontece em (c) porque o elemento dominando por um CP [que o diretor demitisse] não pode ser movido para fora, pois, esse CP é sujeito dominado por um NP, como prevê a regra.

Observa-se a necessidade do uso de variáveis em um certo número de regras de transformações para identificar uma série de diferenças. Não restringir é dar a chance para sentenças incorretas serem geradas. Destacamos o que, para Ross (1967), seriam restrições universais e, em especial, os três tipos de ilhas, que são barreiras que se formam quando existem restrições de movimento sintagmático, como, por exemplo, na formação de perguntas (restrições sobre ilha QU-; Chomsky, 1973), que se encontra na esteira dessa revisão.

Chomsky, a condição de subjacência

Com o intuito de resumir as restrições de ilhas sob um único princípio estrutural, Chomsky (1973) apresenta a *condição de subjacência*. A condição diz que “uma regra cíclica não pode mover uma frase da posição Y para a posição X (ou inversamente) em... X... [α ... [β ... Y ...] ...] ... X ...”, em que α e β são nós cíclicos. Os nós cíclicos são S e NP” (Chomsky, 1977, p. 73, tradução nossa). Pode se resumir que, quando há o cruzamento de dois nós delimitadores (DPs e TPs), tem-se uma sentença agramatical. Observe os exemplos:

- (5) O que você disse que Maria acha que Ana herdou __?
(6) O que você disse que [_{CP} __ Maria acredita que [_{CP} __ Ana herdou __]?

No exemplo (6) acima, há pequenos locais de pouso entre os sintagmas com apenas um nó delimitador (CP). Observa-se que, no exemplo, acontece o que chamamos de movimento cíclico, em que os movimentos dos sintagmas de longa distância são vistos como movimentos mais curtos. Veja que o sintagma QU- (o que) realiza pousos intermediários quando há um nó delimitador, os CPs. Já, com dois nós delimitadores, segundo a regra, não podemos mover um constituinte X para posição de Y. Vejamos:

- (7) *O que você acredita [_{DP} __ a boneca que [_{CP} __ Ana herdou?

O pronome relativo (que) ocupa a posição intermediária do CP, impedindo o pouso do sintagma –QU-, e, acima do CP, há outro nó delimitador (DP). Esses dois nós cruzados entre a posição original do –QU- e seu local de pouso final tornam a sentença agramatical, pois infringem a condição de subjacência.

Na maioria dos exemplos, a condição proposta por Chomsky se aplica corretamente, mas não na totalidade (Rizzi, 1982). Logo, a noção de barreiras (Chomsky, 1986) é apresentada para eliminar as

regras ou condições dos nós delimitadores. Desde então, os mecanismos estruturais para entender as questões de movimento sintático são reconceituados. O Programa Minimalista, na década de 90, impactou os estudos sobre as ilhas sintáticas; e, quanto ao seu tratamento,

as ilhas podem ser caracterizadas em termos de ilhas fortes e ilhas fracas. [...] As primeiras, que incluem ilhas sujeitas, ilhas NP complexas e ilhas adjuntas, surgem devido à impossibilidade de movimentos longos. Essas últimas, que incluem ilhas *qu-*, ilhas negativas, ilhas factivas e ilhas de extraposição, dão origem a assimetrias entre extração de argumentos ou adjuntos, como já mencionado. No entanto, há uma tentativa de lidar com ambos os tipos de ilhas, através de mecanismos semelhantes, embora ainda específicos, como parte de restrições sintáticas à boa formação (Augusto, 2017, p. 375, tradução nossa).

Extensa é a esteira dos estudos sobre movimentos sintáticos. Acerca das ilhas, há muitas críticas e diferentes abordagens sobre o fenômeno. Até aqui, apresentamos o conceito e recapitulamos a tentativa de reformular o princípio e suas regras dentro do quadro gerativista, sem muita distensão, mas com as seguintes inquietações: será que uma criança de quatro ou cinco anos, ao se deparar com uma restrição de NP complexo, uma restrição em estruturas coordenadas ou uma restrição de sujeito sentencial conseguirá lidar alguma solução? Ao ouvir uma pergunta na qual haja uma violação desse tipo de restrição, o que essa criança faria? Haverá alguma resposta a essa estrutura? Se sim, essa resposta seria sintática ou pragmaticamente motivada? Com que idade a criança processa esses movimentos limitados por barreiras?

São essas e outras inquietações que funcionam como um fio condutor entre a base teórica iniciada por Ross (1967) e o que temos de mais recente na Sintaxe, na Psicolinguística e nos estudos de Aquisição da Linguagem para revisar, dialogar e explorar.

Metodologia – teste piloto

Para testar a percepção de eventuais violações de ilhas sintáticas na fala infantil, estamos estruturando um projeto comportamental com que poderemos observar tempo de resposta e acurácia a perguntas que contenham esse tipo de agramaticalidade. Pretendemos trabalhar com 6 crianças entre 4 e 5 anos, por ser essa a faixa etária reportada como a mais precoce em que há alguma produção de ilhas.

Testaremos a percepção dessas crianças a situações de dependência de longa distância e situações de ilhas sintáticas, em que forcaremos o movimento, violando a regra sintática. As situações bem ilustradas poderão dar a possibilidade de escape das ilhas para efeitos de compreensão, através de uma solução pragmática. Queremos, portanto, entender quando a solução pragmática aparece e quando a análise sintática aparece como a mais econômica para as crianças. Todo o teste será filmado, para que possamos calcular o tempo de reação a cada situação.

Estímulo 1

O primeiro vídeo do teste apresenta uma animação com situações típicas da vida infantil. Ao final do vídeo, a cena será congelada, e um personagem perguntador se dirigirá ao participante e fará uma pergunta SEM ilha sintática sobre a situação em que o personagem Pedro encontrará a boneca de sua irmã, Maria.

(i)Oi! O que a Maria vai dizer para a mamãe i que o Pedro encontrou___?

Espera-se que o participante interaja com o personagem perguntador respondendo prontamente – a boneca.

Estímulo 2

No segundo vídeo, segue a sequência da animação: a interação entre Pedro e Maria. No final do vídeo, a cena novamente será congelada, o personagem perguntador se dirigirá ao participante e fará uma pergunta COM ilha sintática sobre a situação em que a personagem Maria empurra seu irmão após ele jogar sua boneca no chão.

(ii)*O que a Maria empurrou o Pedro que jogou ___i? i

Nessa pergunta, espera-se que haja mais dificuldade para resposta e, talvez, até recusa em responder, pois o sintagma nominal – a boneca – forma uma barreira, impossibilitando o movimento transformacional do sintagma –QU- para a periferia esquerda da sentença. Mas é possível que o problema se resolva pragmaticamente com a resposta “boneca”. Se isso acontecer, o conteúdo informacional dos participantes estará preservado à revelia da estrutura sintática malformada.

A hipótese da pesquisa é de que o tempo de resposta seja mais alto e a acurácia mais baixa no caso de SNs complexos com violações de ilhas – o estímulo 2. Prevê-se também que as crianças produzam uma resposta pragmaticamente motivada, cancelando o processamento da sentença malformada sintaticamente e se orientando para o significado da expressão no contexto. Além de tudo, o experimento permitirá verificar se as respostas variam conforme a idade, isto é, se crianças mais novas e mais velhas diferem ou não na percepção de ilhas violadas.

Considerações finais

Neste capítulo, inicialmente, apresentamos o conceito de ilhas sintáticas, apontando qual o tratamento inaugural foi dado por Ross e por Chomsky durante as últimas décadas, dentro da Teoria Gerativa. Indicamos também as tentativas de reformular as regras

de movimento e pouso dos constituintes diante das transformações sintáticas.

Questões sobre o processamento desse tipo de estrutura surgem e se expandem para além dos limites da análise sintática formal; mas, aqui, nos contemos para que, primeiramente, dados sobre a percepção infantil do fenômeno sejam colhidos a partir do teste piloto. Não obstante, a hipótese da pesquisa sublinha algumas compatibilidades entre as abordagens minimalistas e as abordagens de processamento; é o que, de fato, movimenta este estudo e o que dialoga com as discussões que envolvem teoria, aquisição e processamento (Goodluck; Rochemont, 1992; Sprouse; Hornstein, 2013; Augusto, 2017).

Esperamos contribuir com as perspectivas teóricas linguísticas e experimentais, investigando, especialmente, o objeto de estudo em discussão: a natureza e as manifestações das ilhas sintáticas durante o período de aquisição.

Referências

AUGUSTO, M. R. A. Movement and islands: a key issue in Generative Grammar. *Revista Linguística*, v. 13, n. 2, p. 368-382, 2017.

CHOMSKY, N. Conditions on transformations. In: STEPHEN, A.; PAUL, K. (Eds.). *Um Festschrift para Morris Halle*. Nova York: Holt, Reinhart & Winston, 1973, p. 232-286.

CHOMSKY, N. *Minimalist program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

GOODLUCK, H.; ROCHEMONT, M. *Island constraints: theory, acquisition and processing*. Dordrecht: Kluwer, 1992.

PEARL, L.; SPROUSE, J. Syntactic islands and learning biases: combining experimental syntax and computational modeling to investigate the language acquisition problem. *Language Acquisition*, v. 20, n. 1, p. 23-68, 2013.

RIZZI, L. *Relativized minimality*. Cambridge: The MIT Press, 1990.

ROSS, J. R. *Constraints on variables in syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1967.

SPROUSE, J.; HORNSTEIN, N. Experimental syntax and island effects: toward a comprehensive theory of islands. *In*: SPROUSE, J.; HORSTEIN, N. (Eds.). *Experimental syntax and island effects*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

UMA INVESTIGAÇÃO PSICOLINGUÍSTICA SOBRE A LEITURA EM TELA DE SMARTPHONE

Kelly Cristine Oliveira da Cunha¹

Introdução

Estudos em neurociência vêm demonstrando como o cérebro aprende a ler e processa a informação durante a leitura, desde o primeiro contato visual com a palavra até atingir a leitura profunda, ou seja, aquela que envolve análises mais complexas, inferências e conexões com conhecimentos prévios. Na era digital, a leitura é feita majoritariamente em telas, o que amplia desafios. Testes com telas de *notebooks* demonstraram que, quando comparada à leitura em papel, a tela aumenta a dificuldade na manutenção do foco, distrai constantemente com a multitarefa e amplia a divagação mental, afetando a forma como as pessoas processam a informação veiculada pelo texto. É importante destacar que as telas impactam não só o desempenho de leitura como também podem estar consolidando plasticamente, na cognição humana, uma competência leitora frágil de forma dificilmente reversível (Carr, 2011; Wolf, 2022).

Com a evolução rápida da tecnologia, o acesso ao mundo digital foi popularizado através do *smartphone*. Pequenos, tecnologicamente velozes e poderosos, eles alimentam a economia digital, trazendo para a população muitos benefícios e produzindo também preocupações. Os *smartphones* são especialmente propícios à leitura digital: portáteis e acessíveis, estão sempre à mão para comunicação, pesquisas e entretenimentos. Mas será que esse veículo oferece um ambiente apropriado para uma leitura de qualidade? Como se dão a

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem, pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Kenedy. E-mail: kcristine@id.uff.br

compreensão e a retenção de informações na leitura em tela de *smartphone*? Existe diferença no processamento de leitura de gêneros textuais e de tamanhos de texto diferentes? Como se apresentam a interpretação e a compreensão de textos que mesclam gráficos, texto verbal e não verbal, como os infográficos? São questões como essas que a presente pesquisa pretende investigar.

Referencial teórico

Com a evolução dos estudos da Neurociência da Aprendizagem, em conjunto com a Psicolinguística da Leitura e Experimental, ampliou-se a compreensão de como se dá o desenvolvimento da cognição leitora. Mapeamentos cerebrais indicam os principais processos cognitivos envolvidos na leitura, bem como sua neuroplasticidade (Dehaene, 2012). A qualidade da leitura depende das experiências de leitura e da alocação de tempo. Segundo Wolf (2012), ler reúne predição e percepção em aceleradas trocas interativas até a compreensão. As predições se originam na memória e se integram à percepção. Leitores experientes processam informação perceptual proveniente do início do circuito da leitura em altíssima velocidade, o que exige alocar atenção aos processos de alto nível exigidos pela leitura profunda.

O ambiente digital apresenta grandes desafios no que se refere à atenção e à concentração. Desmurget (2022) utiliza os qualificadores “exógena”, para tratar o tipo de atenção desenvolvida em ambientes virtuais, e “endógena”, para caracterizar a atenção focada exigida por atividades reflexivas, e conclui que a primeira altera continuamente a segunda durante a leitura em tela devido à multitarefa digital. O autor se apoia em dados de pesquisas (Lee *et al.*, 2015; Borst *et al.*, 2015; Mark *et al.*, 2005; APA, 2006), que apontaram para o fato de que 2 ou 3 segundos de desatenção são suficientes para desestabilizar a atenção, e, após a interrupção, é necessário reconstruir o fluxo reflexivo, reencontrar seus elementos constituintes e os reunir. O tempo e o gasto de energia necessários a esse retorno afetam a

confiabilidade e a produtividade cognitiva, alertando para o fato de que rapidez na leitura e o baixo exercício da memória podem estar se consolidando plasticamente na cognição humana de forma irreversível (Carr, 2011; Wolf, 2022).

O experimento

Na sequência, constará a descrição do experimento, que se deu de forma cronométrica e *off-line*, com o objetivo de medir o desempenho de leitura em tela de *smartphone* em leitores com diferentes níveis de escolaridade.

Desenho experimental

I - Fatores

1) Tipo de texto – 5 níveis: (NL) texto narrativo longo (em torno de uma página); (NC) texto narrativo curto (inferior à meia página); (DL) texto dissertativo longo (em torno de uma página); (DC) texto dissertativo curto (inferior à meia página) e (INFO) infográficos;

2) Suporte textual – 2 níveis: apresentação de questionário em papel e apresentação de questionário em tela de *smartphone* (através de *Google Forms*).

3) Escolaridade – 3 níveis: alunos concluintes do 9º ano do Ensino Fundamental; alunos concluintes da 3ª série do Ensino Médio e participantes com Ensino Superior completo.

II. Variáveis Dependentes

1) Índice de acerto na identificação da resposta correta: avaliou a precisão dos participantes na interpretação dos textos propostos.

2) Tempo de execução na tarefa: avaliou o tempo utilizado pelos participantes para ler os textos e responder à pergunta de interpretação textual.

III. Objetivo do experimento

Estimar a capacidade leitora (via respostas corretas e tempo de execução) e verificar eventual variabilidade no desempenho conforme o suporte.

IV. Participantes

O experimento contou com uma amostra de 99 participantes, divididos em três grupos:

Grupo A: concluintes do 9º ano do Ensino Fundamental (14 e 15 anos de idade);

Grupo B: concluintes da 3ª série do Ensino Médio (17 e 19 anos de idade);

Grupo C: graduados e pós-graduados (acima de 28 anos de idade).

Em cada nível de escolaridade, os participantes foram subdivididos em dois grupos. Grupo “suporte papel”, cujos participantes responderam ao questionário com suporte para leitura em papel, e grupo “suporte em tela”, respondido através do *Google Forms*, usando a tela de *smartphone* como suporte para leitura. Foi utilizada a Distribuição Intra (Between), com apresentação exclusiva da variável suporte para os subgrupos de participantes.

Materiais

O material utilizado neste experimento contou com 10 questões de múltipla escolha, e o conteúdo abordou interpretação e compreensão de textos. As questões obedecem ao modelo utilizado por avaliações que visam medir o desempenho de leitura, como questões de vestibulares, como o ENEM, ou questões de simulados utilizados em preparação de estudantes para tais exames. Algumas questões foram adaptadas para atender à padronização do questionário.

Procedimentos

O experimento foi realizado com aplicação em grupo, em ambiente escolar e silencioso. Os grupos A e B utilizaram salas de aula de suas respectivas escolas, e o Grupo C utilizou uma sala cedida pelo Polo CEDERJ Nova Friburgo. O formulário impresso foi entregue em mãos, e o formulário eletrônico, via *WhatsApp*, no momento da aplicação. O tempo de realização do questionário pelo participante foi cronometrado pela aplicadora – a própria autora da pesquisa, com a colaboração de uma professora de língua portuguesa.

Hipóteses e previsões

O experimento prevê que a qualidade da leitura em tela será influenciada pelo tamanho da tela, devido à necessidade de adequar o texto à página, como enquadramentos de tela, o que comprometeria a leitura contínua e a qualidade da atenção endógena. Conjectura-se também que os mesmos fatores influenciarão no tempo de leitura, na medida em que exigirão do leitor constante manipulação da tela, atrasando a leitura. Além disso, a manipulação da tela pode causar descontinuidade da leitura, demandando retornos às partes do texto já lidas.

Com base na hipótese levantada, foram feitas as seguintes previsões:

a) os questionários respondidos em papel terão tempo de leitura menor do que os questionários respondidos a partir da tela de smartphone;

b) os questionários respondidos em papel terão maior número de acertos que os questionários respondidos a partir da tela de smartphone;

c) as questões com textos narrativos terão maior índice de acerto que as questões com textos dissertativos (longos ou curtos);

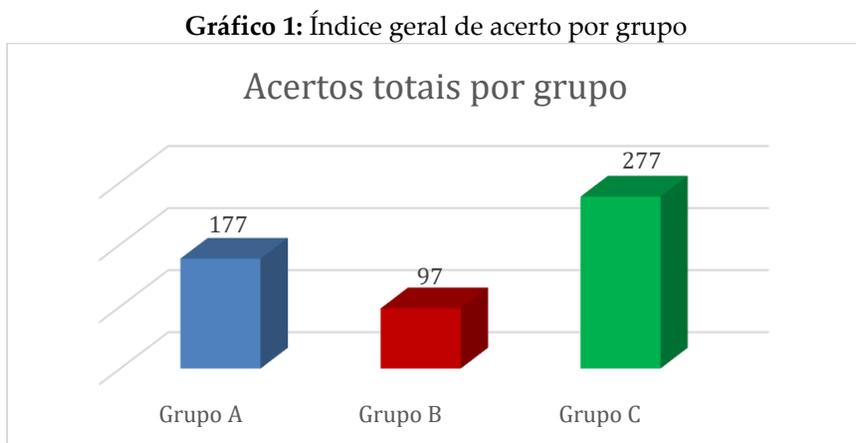
d) as questões com textos mais curtos terão maior índice de acerto do que as questões com textos maiores;

e) quanto à leitura de infográfico, as questões com gráficos terão menor índice de acertos do que a questão de texto multimodal.

Resultados

O processamento dos dados obtidos a partir da testagem validou 990 julgamentos e observou o índice de acerto por grupo, por suporte e por gênero textual. Além disso, o tempo de execução da tarefa também orientou o processamento estatístico.

Índice geral por grupo



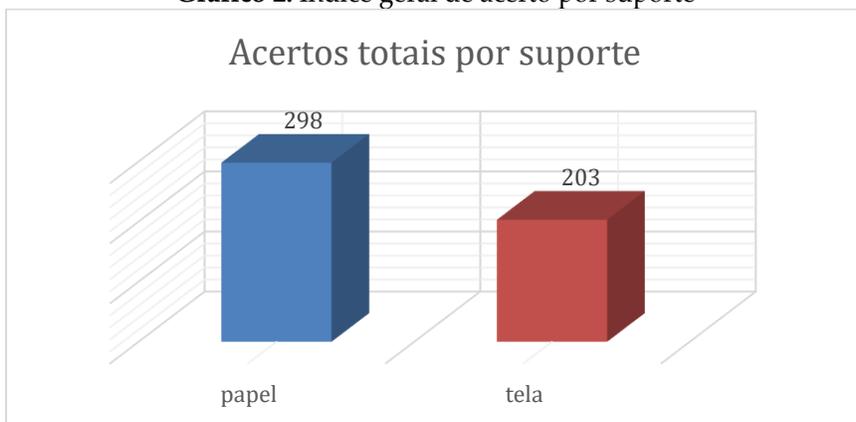
Fonte: Elaborado pela autora.

Os grupos foram tomados como variáveis independentes, e, após análise estatística pertinente (o teste de homogeneidade no *qui-quadrado* de proporção de Pearson), observaram-se diferenças significativas ($\chi^2 = 130,0345614$, p-valor = $5,79901E-29$), ou seja, o índice de acertos do grupo C de 89.35% (277 acertos em 310 respostas) foi significativamente superior aos 52.06% (177 acertos em 340 respostas) do grupo A e aos 28.53% do grupo B (97 acertos em 340 respostas). Da mesma forma, os resultados do grupo A foram estatisticamente melhores em relação ao grupo B.

O Grupo C, com nível superior completo, alcançou um índice de acertos de 89,35% na proficiência leitora, quando unificados os dois suportes de leitura. Estes resultados se mostram condizentes à expectativa para um grupo adulto e altamente escolarizado. No entanto, os resultados para os grupos A e B não corresponderam às expectativas convergentes à escolaridade, ou seja, alunos concluintes do Ensino Fundamental (Grupo A), com 52,06%, obtiveram resultados melhores que os alunos concluintes de Ensino Médio (Grupo B), 28,53%, demonstrando, esses últimos, maior fragilidade na leitura em aspectos gerais. Esses dados sugerem que a escolarização pode não definir sozinha a proficiência de leitura de um grupo.

Índice geral por suporte

Gráfico 2: Índice geral de acerto por suporte



Fonte: Elaborado pela autora.

O suporte material para a realização da leitura também foi considerado uma variável independente relevante para a pesquisa, no mesmo pacote estatístico aplicado na variável grupo. Com efeito, observou-se que o índice de acertos na leitura realizada a partir de papel físico foi estatisticamente superior em comparação com a leitura em tela de smartphone. A diferença se torna evidente

com um valor de $\chi^2 = 31,96842605$ e um p-valor = $1,56699E-08$, indicando significância estatística.

Os participantes que realizaram a leitura a partir de papel físico alcançaram um índice de acertos de 59,6%, o que equivale a 298 acertos em 500 respostas. Em contrapartida, aqueles que foram submetidos à leitura em tela de smartphone não ultrapassaram 41,43%, registrando 203 acertos em 490 respostas. Essa disparidade nos resultados sugere que o suporte desempenha um papel crucial no desempenho da leitura, com uma clara vantagem para leitura em papel, ou seja, independentemente do grupo e do gênero textual, executar a tarefa com suporte em tela provocou mais erros, explicitando a fragilidade do suporte e confirmando a predição inicial da pesquisa.

Para análise dos dados com vistas nos índices de acertos por gênero textual, o processamento se deu a partir do cotejo do total dos dados válidos coletados dividido por gênero textual/tamanho de texto. A amostragem contou com um total de 198 julgamentos por gênero, com as variáveis divididas entre textos longos e curtos.

Índice geral por gênero textual

Gráfico 3: Índice geral de acerto por gênero textual



Fonte: Elaborado pela autora.

A análise das variáveis independentes relacionadas aos gêneros textuais revelou um efeito significativo na homogeneidade do *qui-quadrado* de proporção. Com $\chi^2 = 21,39304214$ e um *p*-valor = 0,000264616, a diferença se mostrou estatisticamente significativa entre os grupos analisados.

Notavelmente, o efeito significativo foi impulsionado pelos índices de acertos mais elevados nos textos apresentados em fragmentos pequenos: narrativo curto (NC), com 59,09% de acertos (117/198), e dissertativo curto (DC), com 59,08% de acertos (116/198). Embora as taxas de acerto sejam consideradas medianas, elas foram estatisticamente superiores quando comparadas a textos dos mesmos gêneros, porém, em fragmentos maiores.

Os índices apontaram para um desempenho significativamente melhor na compreensão de textos apresentados em tamanhos pequenos (menores que meia página), em comparação com textos mais extensos (em torno de uma página) e com infográficos. Os índices mais baixos de acertos foram observados nos gêneros narrativo longo (NL), com 46,46% de acertos (92/198), e dissertativo longo (DL), com 39,9% de acertos (79/198). Já os infográficos (INFO) atingiram 48,99% de acertos (97/198).

Essa diferença entre grupos aponta para implicações importantes. Entre os participantes totais, há maior facilidade na compreensão de textos apresentados em fragmentos menores, independentemente do grupo analisado (seja por gênero, suporte ou outro fator). Isso permite concluir que textos narrativos e dissertativos com tamanho de uma página foram considerados difíceis de ler, bem como textos multimodais e com gráficos.

O grupo A apresentou *scores* médios de leitura. Os textos narrativos longos em papel foram mais bem compreendidos pelo grupo, o que possivelmente se deve a uma prática pedagógica mais intensiva voltada para essa tipologia textual em seu segmento de ensino. Acrescenta-se a isso a familiaridade com a leitura em papel desenvolvida nas escolas, produzindo um contexto de leitura íntimo para os alunos participantes, quando se trata de texto narrativo e suporte em papel. No entanto, textos dissertativos

curtos em tela se destacaram com fragilidade no grupo, evidenciando o impacto de alguns fatores em sua proficiência leitora: o trabalho pedagógico com textos dissertativos é frequente apenas nos anos finais do Ensino Fundamental, e a leitura de fragmentos curtos de textos é baixa. A tela, por sua vez, se apresentou como suporte frágil para o grupo A, na maioria das variáveis testadas.

O grupo C exibiu os maiores *scores* de leitura e, como esperado, uma proficiência mais elevada. Destaca-se, no grupo, um equilíbrio entre tela e papel, em textos narrativos e dissertativos. A variação mais significativa ocorreu nos dissertativos, sobretudo no tamanho de texto em um mesmo suporte. Novamente, a variabilidade maior se encontra focada nos textos dissertativos.

O grupo B foi considerado o mais frágil, com pontuação de leitura muito baixa e inferior em comparação com os outros grupos. A leitura de textos longos se destacou por sua significativa fragilidade, tanto em papel quanto em tela. Além disso, a compreensão de textos dissertativos em tela foi particularmente vulnerável, com 0% de acertos nos textos longos e apenas 12% nos textos curtos. O grupo B apresentou uma leitura deficiente e preocupante em termos gerais, demonstrando-se alheio às informações que lhe chegam pela escrita, sobretudo através de smartphone.

Índice de acerto em questões com infográfico

As questões com infográfico envolveram parâmetros diferentes das anteriormente descritas. Cada grupo respondeu a duas questões: uma questão envolveu interpretação de gráfico, sendo um gráfico de pizza para o Grupo A e um gráfico de barras para os Grupos B e C; a outra questão envolveu a interpretação de um folheto com texto multimodal, no qual constou uma lista de percentuais, texto verbal e não verbal. Os resultados seguem apresentados a seguir. Na oposição entre os grupos nos textos gráficos e multimodais em papel, as diferenças se mostraram

significativas. A diferença dentro grupo A apresentou proporção 53% para gráfico e 82% para multimodal, o valor do χ^2 ficou em 19,16809 e o p-valor baixo foi de 1,20E-05. O mesmo ocorreu com o grupo B, com um de χ^2 de 6,876061 e um p-valor de 0,008735788, a diferença foi de 35%-71% nas respectivas variáveis. No entanto, a comparação dentro do grupo C, evidenciada pela proporção 75%-81%, apresentou um χ^2 igual a 1,048951 e um p-valor de 0,3057488, ou seja, não significativo.

Destaca-se particularmente a similaridade entre os grupos A e C no que se refere à leitura de textos multimodais em papel, embora o grupo B tenha apresentado um bom *score*. Além disso, é importante observar que somente o grupo C manteve um desempenho de leitura consistente, independentemente da forma de apresentação da informação, quer seja em gráficos ou multimodais.

Na oposição entre os grupos nos textos gráficos e multimodais lidos em tela, as diferenças se mostraram bastante significativas. A diferença dentro grupo A apresentou proporção 44% para gráfico e nenhum *score* para multimodal, o valor do χ^2 ficou em 56,41026 e o P-valor baixo foi de 5,88E-14. O mesmo ocorreu com o grupo B, com um de χ^2 de 12,76596 e um p-valor de 0,000352985, a diferença foi de 12% para gráficos e nenhuma ocorrência de acertos para multimodal. No entanto, a comparação dentro do grupo C, evidenciada pela proporção 47% para gráfico e 93% para multimodal, apresentou um de χ^2 igual a 50,38095 e um p-valor de 1,27E-12. Em todos os grupos, a diferença foi significativa.

Destaca-se particularmente que os grupos A e B não conseguiram *score* nos multimodais, sugerindo extrema dificuldade na leitura desse tipo de texto em tela. Além disso, notavelmente, o grupo C obteve resultados em direção inversa aos demais, pois apresentou mais acertos significativos no multimodal, contra nenhum *score* de A e B; além de menos acertos na leitura de gráfico, que foi mais pontuado em A e B.

Tempo de execução (leitura e resposta)

Apesar de serem numericamente distintas, as médias e as medianas nos três grupos experimentais não possuem diferenças estatísticas relevantes, conforme apurado no teste Kruskal-Wallis ($k = 3,559273751$, $p = 0,168699395$). Em termos estatísticos, os participantes em geral consumiram o mesmo tempo para cumprir a tarefa do experimento, sem efeito de sua faixa de escolarização. Isso ocorreu devido ao pequeno tamanho da amostra, porém, uma análise quantitativa sinaliza conclusões que devem passar despercebidas: o grupo A acertou 177 questões de 340 (52%) em 23,7 minutos; o grupo B acertou 97 questões de 340 (28,5%) em 26 minutos, e o grupo C (89%), em 27,9 minutos. A proximidade entre os quantitativos de tempo sugere que houve estabilidade no tempo gasto para a realização do teste. O grupo A, com rendimento médio, realizou a tarefa com menor tempo. O grupo B, com menor índice de acertos, demonstrou que seu baixo aproveitamento na tarefa não se relaciona com desengajamento ou abandono da tarefa. Já o grupo C, para obter o maior *score* entre os três grupos testados, fez uso maior de tempo.

No que tange aos suportes de leitura (papel e tela), as médias e as medianas de tempo são nominalmente diferentes, mas não se distinguem em termos de significância estatística ($k = 0,452824121$, $p = 0,500996867$), ou seja, o tempo para execução da tarefa não sofreu influência da variável suporte. Contudo, vale ressaltar que, em papel, os grupos acertaram 289/500 questões, 50,6% e, para isso, fizeram uso, em média, de 24,6 minutos. Já, em tela, o uso do tempo foi maior, em média, 27 minutos, porém, o rendimento foi de 203 acertos em 490 questões, ou seja, apenas 41,4%. Quer seja por características físicas do suporte, como tamanho e luz, quer seja pelo manejo do texto no espaço da tela ou outras demandadas por *pop-ups* ou notificações automatizadas, esses números sugerem um custo cognitivo maior para o uso da tela e uma consequente fragilização da leitura e da compreensão dos textos.

Quando combinadas, as variáveis grupo e suporte produziram efeitos sobre o tempo de desempenho da tarefa, na expressão de apenas duas condições experimentais contrastadas ($k = 11,92083407$, $p = 0,02574$), a saber: A+tela e C+tela. Todos os demais contrastes entre condições falharam em produzir efeito.

A variável grupo e suporte A+tela apresentou um desempenho de 42,3% de acertos no menor tempo entre os grupos, em média, 22 minutos. Em contraste, C+tela pontuou com 73,3%, porém, com cerca de 9 minutos a mais, em uma média de 31,46 minutos. Destaca-se também a comparação entre papel e tela no grupo C, embora o total de acertos do grupo C em papel e em tela seja o mesmo, 73,1% e 73,3%, respectivamente. Em papel, o grupo fez uso de 24 minutos para realizar a tarefa, contra 31,46 minutos na tela, denotando um custo cognitivo muito maior para o alcance de resultados semelhantes. Além disso, é notável que, em B+tela, os acertos tenham atingidos apenas 12,3%, ao passo que uma média de 28,3 minutos tenha sido demandada pela tarefa, ou seja, embora com baixíssima pontuação, os participantes dedicaram um tempo significativo à realização do questionário, afastando a possibilidade de desengajamento na tarefa.

Considerações finais

O experimento demonstrou que o suporte tem papel fundamental no desempenho da leitura, destacando-se a preferência pela leitura em papel. Independentemente do grupo e do gênero textual, a realização da tarefa com suporte em tela resultou em mais erros, evidenciando a fragilidade desse suporte e corroborando as previsões iniciais da pesquisa.

Textos narrativos e dissertativos com extensão de uma página foram percebidos como desafiadores para a leitura, assim como textos que incluem gráficos. Textos multimodais não foram compreendidos no suporte tela pelos grupos A e B. Textos dissertativos mais extensos apresentaram uma taxa de acertos mais baixa, sendo considerados os mais difíceis de serem lidos. Além

disso, a análise de tempo sugeriu um custo cognitivo maior para o uso da tela e uma conseqüente fragilização da leitura e da compreensão dos textos.

Em suma, observou-se que as fragilidades demonstradas no grupo A possivelmente se relacionam às habilidades potencialmente menos desenvolvidas em seu nível de ensino, bem como os bons *scores* e maior consistência demonstrados no grupo C se devem à maturidade e à formação acadêmica. No entanto, o grupo B se apresentou frágil e deficiente, expondo grandes problemáticas que envolvem o Ensino Médio e a educação da respectiva faixa etária. Globalmente, o suporte tela foi percebido como mais frágil, correspondendo à predição do experimento.

Referências

APA. *Multitasking: switching costs*. Washington, DC: American Psychological Association, 2016.

BORST, J. *et al.* What makes interruption disruptive? In: *Proceedings of the 33rd Annual ACM Conference on Human Factors in Computing Systems*. Seoul: Association for Computing Machinery, 2015.

CARR, N. *Geração superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

CLINTON, V. Reading from paper compared to screens: a systematic review and meta-analysis. *Journal of Research in Reading*, v. 42, n. 2, p. 288-325, 2019.

DEHAENE, S. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica nossa capacidade de ler*. Porto Alegre: Penso, 2012.

DELGADO, P.; SALMERON, L. The inattentive on-screen reading: reading medium affects attention and reading comprehension under time pressure. *Learning and Instruction*, v. 71, article 101396, 2021.

DESMURGET, M. *A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças*. 1 ed. São Paulo: Vestígio, 2022.

LEE, B. *et al.* The effects of task interruption on human performance. *Human Factors and Ergonomics in Manufacturing & Service Industries*, v. 25, n. 2, p. 137-152, 2015.

LODGE, J. M.; HARRISON, W. J. The hole attention in learning in the digital age. *Yale Journal of Biology and Medicine*, v. 92, n. 1, p. 21-28, 2019.

MARK, G. *et al.* No Task Left Behind? *In: Proceedings of the Neuropsychol SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems*. Portland: Competing SIGCHI, 2005.

WOLF, M. *O cérebro no mundo digital*. São Paulo: Contexto, 2019.

ALFABETIZAÇÃO E DISLEXIA: O ESTÁGIO DA LEITURA EM ESPELHO

Lienise Lins Silva¹

Introdução

Este trabalho, parte de uma tese em desenvolvimento sobre o Transtorno de Aprendizagem de Dislexia, tem como objetivo analisar a importância da discriminação em espelho durante a leitura. Na literatura, sabe-se que a fase da leitura em espelho é prevista em leitores neurotípicos, todavia, disléxicos continuam a espelhar as letras durante a atividade de ler. Para tanto, a pesquisa, de caráter bibliográfico, pretende investigar as principais relações acerca da importância de não simetrizar (ou de simetrizar cada vez menos) as letras durante a leitura, isto é, de conseguir discriminar letras em espelho. Além disso, há a proposta de discorrer sobre o que há de específico na leitura atípica de disléxicos.

Referente à metodologia, segue-se uma orientação eminentemente teórico-descritiva, com base em textos acadêmicos e em obras de pesquisadores renomados, como, por exemplo, Stanislas Dehaene (neurocientista francês), Régine Kolinsky (especialista em psicologia), Felipe Pegado (médico-psiquiatra e neurocientista) e outros. Dessa forma, o conceito de leitura (relativo aos processamentos típico e atípico) e de “enantiomorfismo” (analisado como noção base para entender os sentidos de simetria e assimetria) são interpretados como conceitos-chave para a discussão aqui proposta. Estudos indicam que quanto mais a

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem, pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Kenedy, na linha de pesquisa Teoria e Análise Linguística. Bolsista CAPES. E-mail: lieniselins@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1804-7682>.

criança, durante o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, discrimina letras em espelho, mais aumenta também o seu nível de fluência em leitura. A pesquisa pode ser justificada, na medida em que aspectos envolvidos no processamento típico e atípico são cada vez mais necessários para a construção de efetivas mudanças (e avanços) para a alfabetização no Brasil.

Leitura

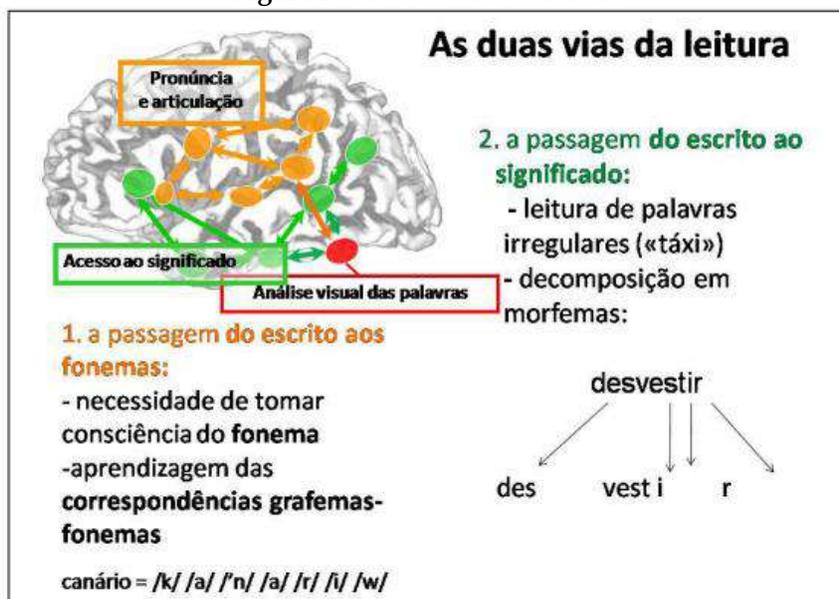
Em sentido restrito, “leitura” diz respeito à alfabetização, ao aprendizado formal de ler e de escrever. Em sentido amplo, vincula-se à ideia de atribuição de sentido; integra-se à noção de ideologia, já que se configura como uma maneira de ver o mundo. Com a leitura, é possível o acesso ao conhecimento produzido pela humanidade a partir da escrita (Navas; Pinto; Dellisa, 2009).

É importante ressaltar que o ato de ler é uma invenção cultural da humanidade. O cérebro humano não está pré-disposto naturalmente para a leitura, e, além disso, há necessidade de ensino explícito para ler (Cosenza; Guerra, 2011; Dehaene, 2012; Martins, 2021; Araújo, 2021). Segundo a hipótese de reciclagem neuronal, defendida amplamente por Dehaene (2012), neurônios que antes eram responsáveis pela identificação de rostos passam a responder a letras em uma região específica no cérebro, denominada “Visual Word Form Area” (VWFA), localizada no lobo occipital ventral esquerdo. Logo, a hipótese pressupõe uma adaptação de sistemas corticais pré-existentes à “nova tarefa”, a de conhecer palavras escritas (Botelho, 2018).

O processamento típico da leitura envolve a utilização de duas rotas, uma fonológica e outra lexical, acionadas durante a atividade (ver figura 1, abaixo). Dessa forma, a rota fonológica (ou sublexical) é mobilizada diante de pseudopalavras (palavras inventadas) ou de palavras novas, já que demanda uma conversão grafema-fonema. De maneira diferente, a rota lexical (ou ortográfica) é atuante quando palavras frequentes e/ou irregulares são lidas, uma vez que ela acessa o léxico visual do leitor – a palavra é lida,

portanto, como uma unidade. De maneira geral, ambas as rotas são utilizadas; no entanto, para que a fluência em leitura seja alcançada, espera-se que a sua decodificação seja mais automática, fazendo uso da rota lexical (Cosenza; Guerra, 2011; Martins, 2021). Uma decodificação efetiva, de acordo com Navas, Pinto e Dellisa (2009), é considerada um pré-requisito para a compreensão da leitura, que é altamente determinada pela automaticidade, que diz respeito à autonomia, à velocidade e ao pouco “esforço” durante a decodificação.

Figura 1 - As duas vias da leitura



Fonte: Dehaene (2013)².

A consciência fonológica (entendida como a capacidade basilar para a leitura, responsável pela manipulação dos sons da

² Adaptação da palestra “Reading in the brain”. Os neurônios da leitura, proferida em 13/07/2012, por Stanislas Dehaene, no Auditório Garapuvu da Universidade Federal de Santa Catarina. Publicada no periódico *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 148-152, em 2013, sob o título “A aprendizagem da leitura modifica as redes corticais da visão e da linguagem verbal”.

língua) e o processamento ortográfico (responsável pela aquisição, pelo armazenamento e pelo acesso às representações das formas das palavras) constituem papéis centrais no aprendizado e no desenvolvimento da leitura fluente (e da escrita) (Araújo, 2021).

Em contraste com leitores neurotípicos, leitores com dislexia apresentam, sobretudo, dificuldade em alcançar a fluência (e precisão) durante a leitura, o que indica ser um marcador persistente do transtorno. Assim, disléxicos ficam “presos” a estratégias de leituras mais rudimentares (Araújo, 2021). Na seção seguinte, o transtorno de aprendizagem é apresentado de modo mais detalhado.

Dislexia

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia³ (ABD), a dislexia do desenvolvimento⁴ é considerada um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurobiológica. Tem como característica principal a dificuldade no reconhecimento preciso da palavra, na decodificação e na soletração, que resulta de um déficit no componente fonológico da linguagem. A entidade sublinha que a definição é adotada também pela International Dyslexia Association (IDA) e pelo National Institute of Child Health and Human Development (NICHD). O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais⁵ (DSM-5-TR), que serve como um guia para profissionais na área da saúde, também define dislexia como um transtorno específico de aprendizagem.

Sob um ponto de vista comportamental, a dislexia se caracteriza como uma dificuldade no reconhecimento

³ Disponível em: <https://www.dislexia.org.br/>.

⁴ Usa-se a expressão “do desenvolvimento” para se referir à natureza neurobiológica, hereditária da dislexia. Quando se fala em dislexia “adquirida”, fala-se em um tipo específico causado por uma lesão no cérebro, como um traumatismo craniano, que causa danos à capacidade de ler e de escrever.

⁵ Cujas versão mais recente data de 2022, publicado pela American Psychiatric Association (APA).

preciso/fluyente da palavra, principalmente na habilidade de decodificação por meio da conversão grafema-fonema (Araújo, 2021). Nesse sentido, como uma possível explicação para esses obstáculos na leitura, a hipótese de déficit ou de falha no processamento fonológico é a mais aceita na literatura, em razão da não habilidade com os sons da língua que o leitor com dislexia apresenta (Deuschle; Cechella, 2009; Gabrieli, 2009; Maisog *et al.*, 2008; Shaywitz; Shaywitz, 2005; Dehaene, 2012).

De acordo com Mousinho e Navas (2016), a precisão e a fluência na leitura são consideradas aspectos centrais para o diagnóstico. Cabe ressaltar a importância de uma equipe multidisciplinar, ou seja, de uma rede de profissionais capacitados que atuem no diagnóstico e na intervenção em relação à dislexia, como neurologistas, fonoaudiólogos, psicopedagogos e outros (Kappes *et al.*, 2012). Além disso, destaca-se o papel do professor em sala de aula, principalmente os da educação básica, diante das dificuldades encontradas por alunos, que não podem ser explicadas somente como falta de instrução adequada, isto é, questões extrínsecas à criança.

Dislexia, alfabetização e “enantiomorfia”

Crianças com dislexia processam imagens visuais espelhadas como se correspondessem ao mesmo estímulo. Logo, leitores disléxicos apresentam um problema no processamento da orientação de estímulos espelhados (Botelho, 2018). A “leitura em espelho” (as inversões esquerda/direita na orientação das letras), apesar de muito comum, conforme citado, não é uma característica apenas de leitores disléxicos. No processo de aprendizagem da leitura e da escrita, todas as crianças passam pelo “estágio do espelho”, sendo, portanto, frequentes as “confusões” causadas pelo espelhamento. Nos anos iniciais da alfabetização, é habitual a ausência de atribuição de valor distintivo à direção das letras (Silva; Guaresi, 2021). Somente o prolongamento da criança nessa fase seria um dos sinais que indicariam a presença do transtorno de

dislexia (Dehaene, 2012). Dessa forma, há muito o que se descobrir acerca do espelhamento, com o intuito de romper com uma abordagem, muitas vezes, patologizante (Zorzi, 2003).

Segundo Kolinsky *et al.* (2011), entende-se como “enantiomorfia” a capacidade de dar diferentes respostas não enantiomórficas a cada imagem espelhada, identificando-se, por exemplo, uma diferença esquerda-direita em alguma dimensão de resposta. A “enantiomorfia” seria requerida desde o início da alfabetização para o sucesso na aprendizagem da leitura e da escrita.

Diversos estudos demonstram que tanto bebês quanto adultos apresentam dificuldades em diferenciar reflexos laterais/imagens em espelho. Nesse sentido, parece haver uma espécie de “generalização espelhada”, uma vez que a orientação esquerda-direita⁶ de um objeto é, geralmente, não significativa. Assim, a generalização parece caracterizar o sistema visual; no entanto, com a alfabetização, sobretudo com o aprendizado de um alfabeto latino, pela necessidade de considerar contrastes “enantiomórficos”, a criança precisa desaprender a generalização espelhada (Kolinsky *et al.*, 2011).

A simetriação é um produto da organização cerebral humana. Ao longo da história evolutiva da humanidade, essa capacidade de invariância foi necessária para a sobrevivência, ao desprezar “detalhes” de estímulos visuais, almejando-se uma resposta comportamental rápida. Como exemplo, cita-se a não necessidade de o ser humano reconhecer todos os lados da face de um animal, para reconhecê-lo como uma possível ameaça (Dehane, 2012).

Em relação ao sistema visual, segundo Botelho (2018), as capacidades visuo-perceptivas são imprescindíveis para a leitura, em virtude de o reconhecimento ortográfico ser, necessariamente, visual, uma vez que é iniciado com o processamento de estímulos visuais, isto é, das palavras escritas.

⁶ Segundo Kolinsky *et al.* (2011), há maior resistência de ocorrer a simetriação de traços verticais (cima-baixo) do que horizontais (esquerda-direita).

Como um exemplo em relação à discussão aqui proposta, cita-se o estudo de Kolinsky *et al.* (2011), no qual foram comparados adultos analfabetos, ex-analfabetos e alfabetizados (todos falantes nativos de português, quer seja a variante de Portugal ou a do Brasil). A amostra de ex-analfabetos foi importante para verificar se uma prática pequena na aprendizagem da leitura e da escrita era suficiente para desencadear a enantiomorfia, ainda que a alfabetização iniciasse de maneira tardia. Os pesquisadores esperavam observar desempenhos semelhantes nos dois grupos de alfabetizados e uma diferença significativa sobre o grupo de analfabetos (em relação a esses dois grupos de alfabetizados). Se encontradas tais observações, seria possível sugerir (i) fortes evidências para a hipótese de que a alfabetização, no alfabeto latino, é o fator mais decisivo para potencializar a enantiomorfia; e (ii) que essa capacidade de discriminação poderia se expandir para além das letras espelhadas, isto é, para outros materiais. Como resultado, os autores abordam que foi possível, a partir dos experimentos, reconhecer que pessoas que se alfabetizaram no alfabeto latino generalizam a enantiomorfia para materiais não linguísticos (como figuras geométricas). Além disso, as conclusões sugerem que uma prática pequena de leitura e de escrita é suficiente para fundar a enantiomorfia (no caso de ex-analfabetos/de alfabetização tardia). Embora a alfabetização não seja o único fator que desencadeia a enantiomorfia, o aprendizado da leitura e da escrita parece ser o mais estimulante, segundo a investigação apresentada. Logo, a aquisição da alfabetização estaria associada a uma redução na invariância em espelho e também, como consequência, a uma maior capacidade de discriminar imagens em espelho (Pegado *et al.*, 2014).

Em relação ao espelhamento no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, é difundida a ideia de que é típico que o fenômeno aconteça no início da alfabetização (ou quando esse processo ainda não está consolidado). Nesse sentido, percebe-se a necessidade da pesquisa científica acerca dos processos que envolvem a leitura e a escrita, uma vez que, de

maneira equivocada, muitas crianças foram/são diagnosticadas com dislexia quando manifestaram/manifestam o fenômeno. Na verdade, conforme Dehaene (2012), a fase ou estágio da leitura em espelho é preocupante quando se prolonga, isto é, quando a criança permanece nessa fase durante um tempo muito maior do que o “natural”/“esperado”; sugerindo, nesse caso, uma investigação sobre o porquê de a criança apresentar dificuldade em não simetrizar as letras/palavras.

Com a discussão sobre esse tema, pode-se refletir sobre o papel do sistema visual no processamento da leitura/da escrita, em virtude de o cérebro ser biologicamente evoluído para simetrizar as informações visuais. Assim, a simetria é entendida como um fator que atrapalha o aprendizado inicial da leitura e da escrita; ou seja, há uma tendência espontânea em reconhecer as formas como simétricas (Silva; Guaresi, 2021).

Considerações finais

Sabe-se que há dificuldades por parte da escola brasileira em cumprir sua tarefa de alfabetizar. Os contextos típico e atípico na área da educação são complexos e, muitas vezes, se encontram, infelizmente, distantes das pesquisas acadêmicas, dos achados científicos; o que torna mais desafiadora a tarefa de atuar na educação, a de ser professor/a.

Neste trabalho, foram discutidas questões referentes à discriminação de letras em espelho durante o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita em leitores neurotípicos e em leitores com dislexia. Conforme analisado, o estágio da “leitura em espelho” é previsto, por ser resultante de uma capacidade evolutiva do sistema visual; entretanto, com a imersão da criança no ensino formal, espera-se que haja redução da simetriação e, concomitantemente, aumento da discriminação de letras espelhadas. Quando isso não acontece, o transtorno de dislexia pode ser uma das possíveis explicações referentes aos impasses que a criança demonstra.

A partir das considerações levantadas, portanto, nota-se a extrema relevância de pesquisas que se proponham a contribuir com a alfabetização, por meio do olhar científico, como a visão da psicolinguística e da neurociência da linguagem, em relação aos aspectos cognitivos, visuais, linguísticos envolvidos no mundo da leitura e da escrita.

Referências

ARAÚJO, S. A Dislexia e a alfabetização: da evidência científica à sala de aula. In: ALVES, R. A.; LEITE, I. (org.). *Alfabetização baseada na ciência: manual do Curso ABC*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2021, p. 472-500.

BOTELHO, A. M. *A automatização da discriminação de letras em espelho: um estudo com alunos do 1º ciclo de escolaridade*. 2018. 79 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Évora, Évora, 2018.

COSENZA, R.; GUERRA, L. *Neurociência e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CRIPPA, J. A. S. (coord.). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR*. 5. Porto Alegre: Artmed, 2023.

DEHAENE, S. A aprendizagem da leitura modifica as redes corticais da visão e da linguagem verbal. *Letras de Hoje*, v. 48, n. 1, p. 148-152, 2013.

DEHAENE, S. *Os neurônios da leitura*. Porto Alegre: Penso, 2012.

DEUSCHLE, V. P.; CEHELLA, C. O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção. *Revista CEFAC*, n. 11, p. 194-200, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/vDx8fPdvsqVpt9YGgTQy3JR/>. Acesso em: 5 jan. 2024.

GABRIELI, J. D. E. Dyslexia: A new synergy between education and cognitive neuroscience. *Science*, n. 325, p. 280-283, 2009. Disponível em: <https://www.scirp.org/journal/paperinformation?paperid=57459>. Acesso em: 5 jan. 2024.

KAPPES, D.; FRANZEN, G.; TEIXEIRA, G.; GUIMARÃES, V. *Dislexia*. [S.l.: s.n.], 2012. Disponível em: HYPERLINK "<http://www.profala.com/artdislexia18.htm>"<http://www.profala.com/artdislexia18.htm>. Acesso em: 15 jan. 2024.

KOLINSKY, R.; VERHAEGHE, A.; FERNANDES, T.; MENGARDA, E. J.; GRIMM-CABRAL, L., MORAIS, J. Enantiomorphy through the looking glass: literacy effects on mirror-image discrimination. *Journal of Experimental Psychology*, v. 140, n. 2, p. 210-238, 2011.

MAISOG, J. M.; EINBINDER, E. R.; FLOWERS, D. L.; TURKELTAUB, P. E.; EDEN, G. F. A Meta-analysis of functional neuroimaging studies of dyslexia. *Annals of the New York Academy of Sciences*, n. 1145, p. 237-259, 2008.

MARTINS, M. As bases neurobiológicas da leitura. In: ALVES, R. A.; LEITE, I. (orgs.). *Alfabetização baseada na ciência: manual do Curso ABC*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2021. p. 63-86.

MOUSINHO, R.; NAVAS, A. L. Mudanças apontadas no DSM-5 em relação aos transtornos específicos de aprendizagem em leitura e escrita. *Debates em Psiquiatria*, v. 6, n. 3, p. 38-46, 2016. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/133>. Acesso em: 5 jan. 2024.

NAVAS, A. L. G. P.; PINTO, J. C. B. R.; DELLISA, P. R. R. Avanços no conhecimento do processamento da fluência em leitura: da palavra ao texto. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 14, p. 553-559, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/F9v9PCPmsLh6HQXs7xKcSfd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 jan. 2024.

PEGADO, F. *et al.* Timing the impact of literacy on visual processing. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 111, n.

49, p. 5233-5242, 2014. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1417347111>. Acesso em: 5 jan. 2024.

SHAYWITZ, S. E.; SHAYWITZ, B. A. Dyslexia (specific reading disability). *Biological psychiatry*, v. 57, n. 11, p. 1301-1309, 2005.

SILVA, L.; GUARESI, R. A (dis)simetrização na alfabetização inicial e sua possível associação com variáveis linguísticas e cognitivas. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 4, p. e26310412792, 2021.

ZORZI, J. L. *Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

INFLUÊNCIA DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS BILÍNGUES

Yeneisy G. Quintela¹

Objeto de pesquisa

A habilidade de integrar, codificar, decodificar e manipular os sons da fala é chamada de habilidades de consciência fonológica (Moojen *et al.*, 2003). O estudo dessas habilidades em dois códigos, isto é, no indivíduo utilizando duas línguas, tem sido motivo de interesse de pesquisa nas últimas décadas, proporcionando uma série de resultados que têm ajudado a uma melhor compreensão do processo de aquisição da linguagem no cérebro bilíngue.

A fonologia (ou sons da fala correspondente a uma língua específica) constitui o primeiro nível linguístico em que uma criança se apoia para adquirir as palavras. Toda criança precisa decodificar os sons da sua língua e faz isso desde que nasce (Costa, 2017) ou, ainda, com apenas poucas horas de vida (Gervain *et al.*, 2008; Peña *et al.*, 2008; Peña; *et al.*, 2003). As habilidades metafonológicas, isto é, aquelas que se referem especificamente aos sons das línguas, vão sendo desenvolvidas desde que nascemos e estão relacionadas com as habilidades de linguagem em geral (Alves; Finger, 2023). Tanto monolíngues quanto bilíngues se apoiam nelas para adquirir os sons que pertencem à(s) sua(s) língua(s). Finger e Ubiratã (2003, p. 56) defendem que, "antes mesmo de aprender a ler e a escrever, as crianças apresentam um certo grau de sensibilidade linguística".

¹ Doutoranda em em Estudos de Linguagem (UFF), sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Kenedy. Pesquisa financiada pelo CNPq. E-mail: yquintela@id.uff.br; Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-2147-9132>

A sensibilidade para realizar todas estas tarefas: analisar, decodificar, manipular e integrar os sons da fala é definida como consciência de sons ou consciência fonológica por Bryant, Bradley, Maclean e Crossland (1990). Dentro desse grupo, são consideradas habilidades específicas de consciência fonológica a rima, a aliteração, a síntese, a segmentação, a identificação de sílaba (inicial, medial, final) e a transposição silábica (Moojen *et al.*, 2003). Para Finger e Alves (2023), essas habilidades são de extrema importância por serem consideradas preditoras do desenvolvimento do processo de literacia nas crianças, principalmente no processo de literacia bilíngue.

No campo da fonoaudiologia, existem poucos estudos voltados para o conhecimento da aquisição da linguagem bilíngue. No entanto, quando pesquisamos sobre bilinguismo bimodal, percebe-se um maior número de pesquisas dentro da área nas últimas décadas (Bomfim; Souza, 2010). A linguagem bimodal bilíngue é aquela em que a criança com deficiência auditiva adquire a linguagem em duas modalidades diferentes. Ela adquire uma língua de sinais na modalidade visuo-espacial e uma língua oral na modalidade oral-auditiva (Quadro; Pizzio; Cruz; Sousa, 2016).

Assim, considera-se bilinguismo monomodal a aquisição bilíngue da linguagem em apenas uma modalidade, a oral-auditiva. Quando nos referimos, na literatura, ao bilinguismo monomodal dentro da fonoaudiologia, há uma escassez de dados sobre o tema; isso diminui a qualidade da prática clínica do profissional fonoaudiólogo. As pesquisas do bilinguismo monomodal são de extrema importância, pois nos permitem conhecer o desenvolvimento normotípico das crianças bilíngues sem alterações auditivas e conseguir detectar qualquer alteração durante o processo de aquisição bilíngue da linguagem em crianças que não acompanham o percurso esperado. Na prática fonoaudiológica, é ideal conhecer o desenvolvimento típico para poder intervir de forma adequada perante o atípico.

Definir bilinguismo monomodal é um tanto delicado, pois, na literatura, não encontramos um consenso sobre o tema. No nosso

estudo, adotamos o uso da linguagem como uma ferramenta de comunicação geral, a língua como um instrumento que permite ao indivíduo pensar, agir, interagir, refletir, conviver, fazer uso da sua individualidade em todos os ambientes nos quais se desenvolve. Sendo assim, concordamos com Grosjean e Li (2013, p. 12), quando afirmam que o bilinguismo pode ser considerado como o uso de duas línguas em diferentes ambientes com diferentes objetivos e diferentes atores, pois “os bilíngues geralmente adquirem e utilizam suas línguas para diferentes fins, em diferentes domínios da vida, com diferentes pessoas. Diferentes aspectos da vida muitas vezes requerem linguagens diferentes”.

Com respeito à aquisição de sons no bilinguismo, os pesquisadores se questionam de qual mecanismo ou aptidão os bilíngues conseguem extrair padrões linguísticos; e se realmente existe tal diferença entre monolíngues e bilíngues. No nosso estudo, questionamo-nos se as crianças bilíngues em processo de alfabetização conseguem obter um melhor desempenho nas tarefas que envolvem as habilidades de consciência fonológica em comparação com os seus pares monolíngues.

Para Bialystok (2001), não existe, na literatura, um consenso entre o que seria próprio do bilinguismo e o que estaria apenas relacionado à consciência fonológica. Para a pesquisadora, separar ou individualizar cada processo representa um desafio. Quer seja bilíngue ou monolíngue, ambos os processos se interrelacionam. As escassas evidências indicam que as habilidades metalinguísticas são produto da construção de um processo desenvolvimental. Para a autora (2001, p. 180), “o efeito do bilinguismo no desenvolvimento das crianças é aumentar a sua capacidade de prestar atenção a informações relevantes na presença de distrações enganosas”.

Um estudo comparativo, levado a cabo com 89 crianças monolíngues e bilíngues (alemão e português), revelou que bilíngues conseguem manipular com maior precisão os sons nas tarefas que envolvem a consciência fonológica (Lasch, 2008).

Outro estudo de revisão de literatura, levado a cabo por Werker, Byers-Heinlein e Fennell (2009), concluiu que, desde o nascimento, as crianças mostram sensibilidade apurada para distinguir os sons das línguas às quais estão sendo expostas, podendo ser desde uma até duas ou mais línguas.

Nas habilidades de metalinguagem, várias aptidões formam o repertório linguístico da criança, o que a habilita a se apropriar do seu sistema linguístico (Alves; Finger, 2023). A consciência de sons ou consciência fonológica é considerada um tipo de habilidade metalinguística. A investigação dessas habilidades se faz necessária pela sua relevância e influência no processo de alfabetização. A criança, durante a alfabetização, irá construir a sua literacia, em parte fazendo uso das habilidades de consciência metalinguística adquiridas previamente à entrada na escola, além das adquiridas na escola quando trabalhadas (Alves; Finger, 2023; Bialystok, 2001a; 2001b).

O processo de alfabetização é altamente complexo e envolve mecanismos de ordem superior no nosso cérebro. Quando as crianças estão aprendendo a ler, o cérebro precisa iniciar pelas menores unidades da palavra, o “fonema”, de modo a conseguir desvendar o som que essa letra representa dentro da linguagem oral. O nosso cérebro desenvolve a habilidade de converter cada grafema em um som falado na nossa língua, no caso da leitura, e converter cada fonema num grafema, representando-o na escrita. Línguas como o português, o espanhol e o italiano, chamadas de línguas transparentes ou menos opacas, possuem a característica de ter uma relação parcialmente unívoca para representar os sons da fala na escrita. Nessas línguas, considera-se a escrita como um subproduto da fala. Nesse caminho, a criança adquirindo o código escrito usa o que é chamado de “via fonológica”, na qual acontece a conversão do som da fala (fonema) em escrita (grafema), isso com base no código alfabético previamente apresentado para a criança. Conforme são aprimoradas essas habilidades de leitura, a criança passaria a usar menos essa via e a usar a “via lexical”, também chamada de acesso ao nosso dicionário mental, em que a leitura

acontece de forma mais automatizada ou direta, para acessar diretamente o significado da palavra (Deheane, 2012).

Segundo Deheane (2012, p. 191), a fonologia funciona como apoio para o pontapé inicial da leitura no português brasileiro. Primeiro, a criança inicia o caminho da leitura usando a via fonológica, para, de forma gradativa, passar para o uso da via lexical, sem, no entanto, deixar de lado o uso da fonológica. Uma via só não consegue oferecer todo o apoio que o leitor precisa para se tornar proficiente. As palavras de maior frequência serão lidas, no leitor proficiente, pela via lexical, enquanto as palavras inventadas, pseudopalavras, palavras novas, irregulares, neologismos serão lidos pela via fonológica. O nosso cérebro aprende a ler, dentre outros mecanismos, se apoiando nos sons da nossa fala, principalmente nas línguas menos opacas, como o português. As neurociências demonstram que o funcionamento das estruturas cerebrais está condicionado para aprender a manusear e a lidar com grafemas/fonemas como uma função adaptativa, na qual certas estruturas foram perdendo sua função para dar espaço a novos desafios, mas tudo com base na habilidade primitiva do homem de identificar traços, formas, linhas (p. 192).

A nossa pesquisa se propõe a pesquisar o bilinguismo monomodal dentro do campo da alfabetização, de modo a contribuir com dados normativos que sirvam como norteadores para o fonoaudiólogo dentro do seu raciocínio clínico e tomada de decisão na intervenção terapêutica com crianças bilíngues sem alteração sensorial-auditiva.

Esta pesquisa faz parte de um projeto de doutoramento que ainda será submetido à qualificação e que irá incorporar resultados empíricos e teóricos apenas em etapas futuras. Por esse motivo, esta pesquisa ainda não consegue incluir resultados ao presente documento.

O objetivo geral deste estudo será, então, conhecer o desempenho típico dos bilíngues nas habilidades de consciência fonológica durante o processo de alfabetização. Temos como objetivos específicos analisar a influência do bilinguismo nas

habilidades de consciência fonológica e comparar as habilidades de consciência fonológica de bilíngues adquirindo sua L2 em ambiente de educação formal às de monolíngues nativos do português.

Metodologia

Para levar a cabo o nosso estudo, será realizada uma pesquisa empírica comparativa. A amostra será composta por um total de 60 crianças, divididas em dois grupos de 30 cada um. Um grupo será formado por crianças bilíngues, e outro, por crianças monolíngues, cada um se desenvolvendo em contexto educacional dentro de cada modalidade.

Os participantes bilíngues serão recrutados de uma escola com currículo bilíngue do estado do Rio de Janeiro, com conteúdo educacional formal sendo oferecido em duas línguas, inglês e português. A escola deve ter um currículo bilíngue consolidado com experiência no ensino formal em modalidade bilíngue. Os participantes monolíngues serão recrutados de uma escola monolíngue, com conteúdo educacional formal sendo oferecido apenas em português, no estado do Rio de Janeiro.

Variáveis serão controladas emparelhando as amostras em termos de nível sociocultural e nível socioeconômico familiar. O controle dessas variáveis irá permitir minimizar possíveis vieses que possam existir na análise dos resultados da amostra. A variável gênero também será controlada, devendo formar, em cada grupo, 50% do gênero masculino e 50% do gênero feminino. A variável tempo de exposição também será contemplada. Todos os participantes do grupo bilíngue devem ter, em média, o mesmo tempo de exposição à sua segunda língua ou L2.

Em um questionário livre elaborado pela pesquisadora e aplicado em entrevista inicial com os pais, serão coletados dados sobre a quantidade de estímulo recebido para cada língua dentro de casa e no ambiente escolar, línguas faladas em casa (caso algum dos pais seja bilíngue ou fale alguma outra língua dentro do lar), língua usada pelo filho dentro de casa (no caso de eventualmente a

criança usar empréstimos da L2 adquirida na escola), além de outras informações que possam vir a ser relevantes para a análise geral do perfil dos participantes.

Como critérios de inclusão, serão contemplados participantes que tenham entre 5 anos e 11 meses e 6 anos e 11 meses. O critério para o recorte de idade se adotou por ser a idade em que as crianças iniciam o primeiro ano de alfabetização formal no Brasil; e, além disto, a literatura afirma que crianças dessa faixa etária já adquiriram a linguagem e apresentam um desempenho equiparável ao do adulto (Mousinho, 2008). Por outro lado, é por volta dos 6 anos de idade que a criança inicia o processo de literacia, e, antes desse período, ela deve desenvolver habilidades fonológicas específicas, que serão as bases para dar começo ao processo de forma satisfatória (Alves; Finger, 2023; Leite; Brito; Martins-Reis; Pinheiro, 2018).

Outro motivo para a escolha da faixa etária é que, para Dehaene (2012, p. 216), no final da fase pré-escolar, a criança se encontra em um patamar em que conhece as estruturas gramaticais complexas da sua língua, além de dominar seu sistema fonológico com destreza. A criança, antes de dar início ao processo de alfabetização, deve ter adquirido e desenvolvido habilidades prévias inatas de consciência de sons (rima, aliteração), apesar de que outras específicas (identificação de fonema inicial-final) sejam adquiridas apenas com o ensino formal durante a alfabetização. Por ser a consciência fonológica o nosso objeto de estudo, entende-se que essa idade apresenta uma janela significativa com maior sensibilidade para a testagem das habilidades que envolvem a consciência fonológica.

Outro critério de inclusão adotado serão as crianças na faixa etária acima mencionada que apresentam histórico de desenvolvimento típico do processo de aquisição de linguagem (essa informação será fornecida pelos pais na entrevista inicial).

Como critério de exclusão, não serão contempladas crianças com histórico de deficiência sensorial auditiva, com dificuldades de aprendizagem ou com alguma outra alteração que influencie a

aquisição da linguagem oral e/ou escrita; também não serão incluídas crianças que tenham menos de um ano de ensino em formato bilíngue.

Uma ferramenta que possibilita o rastreio do estado da consciência fonológica e que é validada como instrumento no Brasil é o CONFIAS. O CONFIAS é um instrumento que avalia a consciência fonológica de pré-escolares/escolares com alta sensibilidade para detectar possíveis dificuldades de linguagem, tanto oral quanto escrita. Pode ser aplicado a partir dos 4 anos de idade e, quando aplicado em crianças em fase de alfabetização, permite detectar dificuldades no aprendizado da leitura e da escrita. Além disso, o CONFIAS também pode ser usado na avaliação clínica fonoaudiológica de crianças que apresentam dificuldades escolares (dislexia), dificuldades na aquisição e no desenvolvimento da linguagem e da fala, dentre outras (Moojen *et al.*, 2003).

Por ser uma pesquisa que envolve a participação de humanos, será solicitada a sua aprovação ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Fluminense. Em razão dos envolvidos serem menores de idade, todos os responsáveis dos participantes na pesquisa deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para realizar a nossa pesquisa, será aplicado o teste CONFIAS. O teste deverá ser aplicado em um local silencioso (de preferência, dentro da própria escola), que permita a concentração da criança durante a sua execução. O teste CONFIAS será aplicado em português, e, apesar de as crianças bilíngues poderem dominar outra língua (L2), o teste será aplicado apenas em português para ambos os grupos. O que se visa com essa aplicação é obter dados sobre o estado da consciência fonológica na L1 das crianças, que, nesse caso, seria o português brasileiro. Sabemos da importância de testar ambas as línguas em estudos que envolvam bilíngues, mas a ferramenta escolhida dentro da nossa pesquisa está disponível apenas em português, e os estudos, na sua validação, foram

realizados apenas com a população brasileira infantil (Moojen; *et al.*, 2003).

Os pais deverão preencher um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme as normas do Comitê de Ética e Pesquisa. Os pais deverão responder um questionário socioeconômico, contendo perguntas sobre desenvolvimento da criança desde o nascimento, rotina diária da criança, línguas faladas em casa, tempo de exposição a eletrônicos, tempo de exposição à(s) língua(s), hábitos de literacia em casa, dentre outros pontos relevantes que permitam o pareamento da amostra e uma análise da mesma.

Após a aplicação dos testes, espera-se analisar, de forma comparativa, as métricas obtidas.

Resultados

Este é um estudo empírico experimental, que ainda será submetido à qualificação. Portanto, não há resultados disponíveis para serem apresentados de forma direta. No entanto, apresentamos resultados esperados para a nossa pesquisa.

Espera-se que, com o presente estudo, possam ser obtidos dados comparativos sobre o desempenho das crianças bilíngues e monolíngues nas tarefas associadas às habilidades de consciência fonológica; além de apresentar dados que contribuam ao entendimento das características da população bilíngue infantil.

Nosso estudo não se propõe a realizar uma comparação direta entre monolíngues *versus* bilíngues, pois entendemos que são processos diferentes, formados por populações com características diferentes. Não pretendemos normatizar o desempenho do bilíngue nos espelhando na norma obtida pelos monolíngues. O nosso movimento será o de analisar como os bilíngues se comportam nas tarefas que envolvem a consciência fonológica, tendo como contraparte crianças monolíngues.

Os nossos resultados obtidos irão permitir ao clínico, principalmente, ao fonoaudiólogo, conhecer o comportamento

normotípico da população bilíngue infantil brasileira nos testes de consciência fonológica.

Este estudo não pretende esgotar o tema, visto que é um vasto campo de pesquisa que envolve múltiplas nuances na sua interpretação. Por outro lado, nossa contribuição para a ciência se torna relevante ao lançar luz na relação entre bilinguismo e consciência fonológica na população infantil brasileira.

Conclusões

A serem desenvolvidas após a execução efetiva da presente pesquisa, que se encontra em curso no presente ano.

Referências

ALVES K., U.; FINGER, I. *Alfabetização em contextos monolíngues e bilíngues*. Petrópolis: Vozes, 2023.

BIALYSTOK, E. *Bilingualism in development: language, literacy and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a.

BIALYSTOK, E. Metalinguistic aspects of bilingual processing. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 21, p. 169-181, 2001b.

BOMFIM, R. O. D.; SOUZA, A. P. R. D. Surdez, mediação e linguagem na escola. *Psicologia USP*, v. 21, n. 2, p. 417-437, 2010.

BRYANT, P. E.; BRADLEY, L. L.; MACLEAN, M.; CROSSLAND, J. Rhyme and alliteration, phoneme detection, and learning to read. *Developmental Psychology*. v. 3, n. 26, p. 429-438, 1990.

COSTA, A. *El cerebro bilingüe: la neurociencia del lenguaje*. Barcelona: Debate, 2017.

DEHAENE, S. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Trad. Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

GERVANI, J. *et al.* The neonate brain detects speech structure. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 37, n. 105, p. 14222-14227, 2008.

GROSJEAN, F.; L. I, P. *The psycholinguistics of bilingualism*. Londres: Wiley-Blackwell, 2013.

LASCH, S. S. *Estudo comparativo da consciência fonológica de crianças com aquisição bilíngue e monolíngue da linguagem*. 2008, 98 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

LEITE, R.; BRITO, L.; MARTINS-REIS, V.; PINHEIRO, Â. Consciência fonológica e fatores associados em crianças no início da alfabetização. *Revista Psicopedagogia*, v. 35, n. 108, p. 306-317, 2018.

MOOJEN, S. *et al.* *Confias – consciência fonológica: instrumento de avaliação sequencial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MOUSINHO, R.; SCHMID, E.; PEREIRA, J.; LYRA, L. MENDES, L.; NÓBREGA, V. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. *Revista Psicopedagogia*, v. 25, n. 78, p. 297-306, 2008.

PEÑA, M.; MAKI, A.; KOVACIC, D.; DEHAENE-LAMBERTZ, G.; KOIZUMI, H.; BOUQUET, F.; MEHLER, J. Sounds and silence: an optical topography study of language recognition at birth. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 100, n. 20, p. 11702-11705, 2003.

QUADROS, R. M. D.; PIZZIO, A. L.; CRUZ, C. R.; SOUSA, A. N. D. Mosaico da linguagem das crianças bilíngues bimodais: estudos experimentais. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 1, n. 16, p. 1-24, 2016.

WRKER, J.; BYERS-HEINLEIN, K.; FENNELL, C. Bilingual beginnings to learning words. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological Sciences*, v. 364, n. 1536, p. 3649-3663, 2009.

Esta obra reúne os textos selecionados a partir dos trabalhos apresentados por discentes e egressos da Linha 1, Teoria e análise linguística, no XIV Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação (SAPPIL-Linguagem) & V Seminário de Egressos do Programa de Estudos de Linguagem da UFF (SEPEL). Tais pesquisas refletem a multiplicidade teórica e os diferentes olhares metodológicos da Linha 1 e são, por isso, representativas em relação à diversidade que nos caracteriza.

